

Uma Mordida Inesquecível

A Bite to Remember

Lynsay Sands



Regra nº1: Nunca se envolva com alguém que não estará disponível na manhã seguinte!

"Uma vez mordida, duas vezes ressabiada", disse para si mesma a investigadora particular Jackie Morrissey. Ela não está disposta a tentar novamente. Vincent Argeneau pode ser o homem mais lindo, atraente e maravilhoso que ela já conheceu, vivo ou morto, mas ela está ali para impedir um assassino de transformar aquele vampiro em pó, não para ter experiências com ele na cama.

Regra nº2: Nunca beije um vampiro.

Ele pode te morder! Vincent pode ter tido quatrocentos anos para aprimorar sua habilidade de beijar, e realmente fica tentador andando pela casa sem camisa. Ele pode ser charmoso, encantador, protetor. Mas Jackie precisa tomar cuidado, senão ela terá de criar uma nova regra: Se você se apaixonar por um vampiro, certifique-se de que seja uma mordida inesquecível!

Digitalização e Revisão:

Projeto Revisora



Querida leitora,

Quando Vincent Argeneau suspeita de sabotagem em sua empresa, seu primo manda chamar um investigador de polícia para averiguar o que está acontecendo. Mas Vincent se surpreende ao descobrir que o investigador, na verdade, é uma investigadora... e não só isso... além de ser mulher, ela é mortal!

Jackie está ciente da condição de Vincent... Ela sabe que ele é imortal e que precisa beber sangue para sobreviver... Ela abomina pessoas desse tipo, porém Vincent é seu cliente, e ela não está ali para gostar ou deixar de gostar, e sim para protegê-lo... Mas o que poderá acontecer se Vincent resolver querer tornar Jackie tão imortal quanto ele?...

Leonice Pompônio Editora

Copyright ©2006 por Lynsay Sands

Originalmente publicado em 2006 por HarperCollins Publishers

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARPERCOLLINS PUBLISHERS

NY,NY — USA

Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: A BITE TO REMEMBER

EDITORA

Leonice Pomponio

ASSISTENTES EDITORIAIS

Patrícia Chaves Silvia Moreira

EDIÇÃO/TEXTO

Tradução: Marcia Maria Men

Copidesque: Paula Rotta

ARTE

Mônica Maldonado

ILUSTRAÇÃO

Denis Scott/Getty Images

MARKETING/COMERCIAL

Andréa Riccelli

PRODUÇÃO GRÁFICA

Sônia Sassi

PAGINAÇÃO

Ana Beatriz Pádua

Copyright. © 2010 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Butantã, 500 — 9 andar — CEP 05424-000 — São Paulo - SP

www.novacultural.com.br

Impressão e acabamento: Prol Editora Gráfica

Capítulo I

— Vincent você está aí? Se estiver, atenda o telefone.

Vincent Argeneau se forçou a abrir um olho e espiou a sala escura. Olhou para seu escritório, discerniu a mesa através do feixe de luz que vinha da porta entreaberta.

— Vincent?

Ele sentou, procurando pelo dono daquela voz, então percebeu que estava vindo de sua secretária eletrônica. Balançando a cabeça, ficou de pé e tropeçou pela sala. Pegou o telefone sem fio, se jogou em sua cadeira e grunhiu:

— Bastien?

— Vincent? Desculpe acordá-lo tão cedo, primo. Esperei o máximo que pude antes de ligar.

Ele se recostou na cadeira, esfregando a mão livre sobre o rosto.

— Que horas são?

— Cinco da tarde aqui em Nova Iorque. Acho que são quase duas aí em Los Angeles.

— Duas — Vincent murmurou. Não era de se espantar que estivesse cansado. Estivera acordado até as nove da manhã falando ao telefone, para só então fechar as cortinas da sala e se deitar no sofá em vez de ir para cama. Não queria perder o telefonema do primo.

— Está acordado?

— Sim. — Ele esfregou a mão no rosto novamente, então esticou o braço para acender a luminária. — Estou acordado. Quando que você vai entrar em contato com aquele escritório de detetives que disse ser tão bom?

— Foi por isso que não poderia ligar mais tarde. Eles já estão a caminho. Na verdade, o avião estava agendado para chegar ao aeroporto há 15 minutos.

— Jesus! Essa foi rápida.

— Jackie não perde tempo. Expliquei a situação e ela comprou as passagens imediatamente. Felizmente para você, ela terminou um grande trabalho para mim e estava livre para viajar e usar todos os recursos do escritório.

— Uau — Vincent murmurou, então franziu a testa assim que percebeu o que Bastien havia dito. — Ela? O detetive é... uma mulher?!

— Sim, e é boa. Muito boa. Vai rastrear seu sabotador e resolver toda essa situação, rapidinho.

— Se você está dizendo... Obrigado, Bastien, fico muito agradecido.

— Sem problema, fico feliz em ajudar.

Vincent abriu a boca para falar, então parou ao ouvir uma voz abafada de mulher ao fundo. Abriu um sorriso.

— É a Terri falando?

— Sim, ela disse "olá", e disse para lhe avisar que... Vincent, mamãe está indo para aí também.

— O quê?! — Ele se levantou, abruptamente. As notícias eram mais que chocantes. Tia Marguerite não o visitava havia décadas. Normalmente, ele a visitava no Canadá. Ela escolhera a pior época para visitar a ensolarada Califórnia. — Por quê?

— Humm.... bem, isso é até engraçado. — Bastien deu uma risada nervosa. — Parece que mamãe chegou à conclusão de que você está sozinho e deprimido.

— Como é? — Ele se espantou.

— Sim, ela acha que sua estada aqui em Nova Iorque presenciando meu noivado com Terri, e minha amizade com os amigos dela, talvez o tenha incomodado. Afinal, você continua solteiro e tudo mais. Ela acha que talvez precise de alguém para animá-lo ou de alguma ajuda, devido à situação.

— Meu bom Deus — Vincent resmungou, passando uma das mãos pelos cabelos.

— Sim, imaginei que você fosse reagir dessa maneira — Bastien foi logo dizendo. — Eu ainda tentei dissuadi-la, mas... sabe como minha mãe é depois que coloca uma ideia na cabeça.

— Meu bom Deus — Vincent repetiu.

— O dela é um voo um pouco mais tarde — Bastien o informou. — Não vai chegar até as seis em ponto no horário local e também já acertou o aluguel de um carro, então não será preciso ir buscá-la no aeroporto.

— Ela sabe algo sobre o que está acontecendo aqui?

— Não, e a não ser que a queira interferindo, sugiro que não conte nada.

Vincent gargalhou. Interferir era pouco. Se Marguerite Argeneau soubesse que alguém estava sabotando os negócios de seu sobrinho, certamente se incumbiria de rastreá-lo e eliminá-lo. Era muito protetora com aqueles a quem amava, e ele era sortudo o bastante para se considerar nessa categoria.

— Meu bom Deus — disse, insatisfeito.

— Apenas a coloque em um quarto de hóspedes, dê-lhe alguns panfletos de turismo, e deixe-a se entreter — Bastien sugeriu. — Ela vai se entediar e ir embora em alguns dias.

Vincent fez uma careta, pensando que nada era tão fácil assim.

— Acho que não tenho que pegar essa tal Jackie e... — calou-se, tentando se lembrar do outro nome que Bastien havia mencionado.

— Tiny — ele completou. — Não, eles alugaram um carro também. Senão, eu teria telefonado antes.

— Certo. — Vincent suspirou.

— Você deve ter meia hora até eles chegarem. Acho que é tempo suficiente para se preparar.

— Sim — concordou.

— Certo, vou deixá-lo acordar antes que eles cheguem.

— Tudo bem. Ei, diga a Terri... — Vincent olhou para o corredor, enquanto alguém batia na porta da frente. Franzindo a testa, levantou-se e saiu do escritório, levando o telefone com ele. — Espere um pouco, tem alguém na porta.

— Provavelmente é um pacote que mandei para mamãe — Bastien disse. — Se for, você tem que colocá-lo no refrigerador imediatamente.

— Deve ser legal ter suas refeições preparadas e entregues em casa — Vicente murmurou, sarcasticamente, atravessando o saguão.

— Ainda vamos resolver seu problema, primo — anunciou o outro calmamente, e Vincent se sentiu culpado por reclamar de barriga cheia. Bastien havia colocado seus cientistas para trabalhar na cura de seu problema anos atrás. Se ainda não havia uma, não era por falta de tentativas.

— É o sangue? — Bastien perguntou, enquanto Vincent abria a porta.

— Hum... não — ele respondeu. Pousou os olhos na dupla que estava na escada de mármore à sua frente. Nunca havia colocado os olhos em um par tão incomum. A mulher era loira, o homem moreno. Ela era muito baixa e curvilínea, e estava vestida com uma roupa social preta e uma camisa branca de renda por baixo. Ele era mais parecido com um touro. Tinha dois metros de altura, no mínimo, usava trajes casuais e um suéter creme. Era um estudo sobre contrastes.

— Vincent Argeneau? — a mulher perguntou. Quando ele assentiu, ela lhe estendeu a mão.

— Sou Jackie Morrissey e este é Tiny McGraw. Acredito que Bastien o tenha avisado sobre nós.

Vincent olhou para a mão dela, mas em vez de apertá-la, fechou a porta e levou o telefone de volta até a orelha, enquanto se virava.

— Bastien, ela é uma mortal.

— Você acabou de fechar a porta na cara de Jackie? — Bastien perguntou com assombro. — Eu ouvi a pancada, Vincent. Jesus! Não seja tão rude.

— Alô-ô! Ela é mortal! Já era ruim o suficiente que fosse uma mulher, mas eu precisava de alguém que soubesse de nossa condição especial para lidar com o assunto. Ela...

— Jackie sabe — Bastien interrompeu-o, de forma áspera. — Você acha que eu lhe mandaria uma mortal não iniciada? Tenha um pouco mais de fé. Veja, o pai dela começou a agência de detetives Morrissey e fez vários trabalhos para nós. Ela sabe de tudo desde que tinha dez anos de idade, e sempre manteve segredo. Jackie está à frente do escritório desde a morte do pai. Ela não tem uma boa atitude quando se trata da nossa espécie, mas é a melhor no que faz. Agora abra a maldita porta para a mulher.

— Mas ela é uma humana e.... uma garota. — Vincent estava completamente insatisfeito com a situação.

— Estou desligando, Vincent — Bastien avisou. E desligou.

Vincent olhou para o telefone e quase retornou a ligação, mas então pensou melhor e foi até a porta. Precisava de ajuda para rastrear o sabotador antes que este o arruinasse. Daria a srta. Morrissey e seu gigante uma chance. Se eles resolvessem aquela bagunça, muito bem. Se não, importunaria Bastien pelo ocorrido por séculos.

Rindo da ideia, Vincent levou a mão à maçaneta.

— A audácia do sujeito! — Jackie olhou com raiva a porta que acabara de fechar em sua cara. Estava exausta da longa viagem de avião e esta era a última recepção que esperava receber, depois de largar tudo e voar para ajudar Vincent Argeneau.

— Esta não foi a recepção mais calorosa que já recebemos — Tiny concordou, sua voz tão profunda e poderosa quanto as encostas das montanhas.

Jackie bufou diante do pouco-caso do sujeito, então olhou para o grandalhão enquanto ele se afastava pela larga varanda de mármore sob a entrada da mansão de dois andares. Ergueu a sobrancelha, curiosa, enquanto ele olhava por uma das grandes janelas laterais, mas foram distraídos pelos murmúrios que vinham do outro lado da escura porta de carvalho.

Franzindo a testa, Jackie se inclinou e pressionou uma orelha contra a madeira, tentando ouvir o que Vincent Argeneau estava dizendo. Seus olhos se estreitaram e ela começou a irritar, ao ouvir o protesto por ela ser uma mortal e uma mulher.

A porta se abriu repentinamente, e Jackie se endireitou. Seu rosto começou a corar por ter sido pega ouvindo atrás da porta, o que a deixou mais irritada ainda. Isso a colocou na ofensiva. Antes que Vincent pudesse dizer uma palavra, ela começou a cuspir os fatos do arquivo que havia estudado no avião.

— Você nasceu em 1592 de Victor e Marion Argeneau, ambos vampiros... ou imortais, como preferir. Marion era muito amiga de sua cunhada Marguerite Argeneau, e você nasceu dois meses antes do filho de Marguerite, Bastien. Os dois passaram

muito tempo juntos durante a infância, e são como irmãos. Sua mãe morreu em 1695, queimada na fogueira, grávida. Seu pai se tornou recluso desde então, passando a agir como representante do conselho. Você o vê muito pouco. Decidiu se tornar ator quando conheceu Shakespeare aos dez anos de idade. Viajou pelo mundo, permanecendo não mais que dez anos em um lugar antes de se mudar e começar tudo novamente. Esteve na Califórnia por oito anos, antes disso, dez anos na Inglaterra, e antes ainda, Rússia, Espanha e França. Tem participações nas empresas Argeneau, mas também possui a Incorporações V. A., com ramificações em vários outros segmentos. Um deles é sua própria empresa de produções artísticas, que no momento não está produzindo nada por causa dos vários eventos, os quais você pensa serem sabotagem. Isso o forçou a interromper toda e qualquer produção.

Jackie calou-se e sentiu prazer ao ver a expressão que Vincent Argeneau tinha no rosto. Ele parecia hesitante, inseguro. O sujeito bem que merecia! Ela só estava ali como um favor a Bastien. Tinha outros casos nos quais preferiria estar trabalhando, mas Vincent havia pensado nisso? Não, batera a porta na cara dela, e ainda tivera a pachorra de reclamar com Bastien sobre ela ser mortal e mulher! Ela estava acostumada com as pessoas a julgando pelo sexo e tamanho. Isso a incomodava às vezes, mas podia superar. Entretanto, ficava furiosa se alguém falasse mal de sua espécie. Era humana e orgulhava-se disso. Alguns desses sugadores de sangue eram muito esnobes, em sua opinião. Dormiam o dia todo, bebiam sangue embalado à noite, então agiam como superiores só porque não pegavam nem uma gripe comum e tinham uma saúde perfeita.

Tal pensamento lembrou Jackie de um ponto que deixara passar.

— Você herdou de seu pai a predisposição genética que não o permite se alimentar de bolsas de sangue como o restante da sua espécie. Em uma dieta restrita de sangue embalado, você morreria de fome. É forçado a caçar suas refeições e se alimentar de doadores vivos. — Ela arqueou a sobrancelha e adicionou: — Tiny e eu não estamos no menu. Se morder algum de nós, estaremos no próximo voo para Nova Iorque, entendido?

Jackie não esperou por uma resposta. Decidindo que havia desperdiçado muito tempo do lado de fora da porta, passou por ele, entrando na casa, atenta para que Tiny estivesse bem em seus calcanhares.

— Sua segurança aqui é inexistente — ela anunciou, olhando para cada sala que passava em sua caminhada pelo vestibulo. — O portão da frente está escancarado. Passamos direto por ele, qualquer um pode fazer o mesmo.

— A segurança de minha casa não está em questão — Vincent Argeneau pareceu irritado, ela notou, mas também parecia recuperado do recital de informações sobre sua vida.

— Deveria estar — Jackie o informou, então prosseguiu: — Agora que interrompeu suas produções, o sabotador perdeu seu alvo original. Ele vai procurar por outro, e sua casa é o primeiro lugar que vem à minha mente. — Jackie olhou para trás e

quando avistou o final do saguão não ficou surpresa ao ver Vincent espiando, preocupado, a porta de entrada. Ela não tinha ouvido o barulho da tranca quando ele fechara a porta um momento atrás. Vincent voltou para trancá-la, e ela sorriu de satisfação, enquanto se afastava da porta em direção a cozinha.

Tiny aguardava na sala e ela dava voltas, fechando e abrindo armários, enquanto esperava Vincent retornar. Estava espiando o interior da geladeira quando ele se apressou a entrar na cozinha.

— Você tem muito vidro nesta casa — ela comentou. — Portas francesas, portas deslizantes de vidro e janelas amplas. Tem pelo menos um sistema de segurança por aqui?

A hesitação de Vincent foi resposta suficiente.

— O que você está procurando? — ele perguntou, em vez de admitir que não tinha um sistema de segurança.

Jackie deu de ombros.

— Se Tiny e eu vamos ficar aqui, tenho que saber do que precisaremos. Como eu esperava, você não tem nenhuma comida nesta casa, sem mencionar pratos, talheres ou eletrodomésticos — acrescentou, secamente.

Fechando a geladeira, ela olhou para seu assistente.

— É melhor você começar a fazer uma lista, Tiny. Apenas anote tudo nela.

— Vocês vão ficar aqui? — Vincent perguntou, horrorizado.

— Se não tivesse cancelado suas produções, poderíamos alugar algum lugar e trabalhar em alguma de suas peças como disfarce enquanto investigássemos. Mas já que cancelou todas as suas peças e fez de você e sua casa os únicos alvos disponíveis, teremos que ficar aqui e escolher disfarces diferentes. — Virou-se para fitá-lo. — Acredito que não tenha uma assistente pessoal?

— Não — ele respondeu, relutante.

— Agora tem — Jackie o informou. Apontou para Tiny enquanto completava: — E também um cozinheiro e mordomo.

Vincent olhou para ela e então para Tiny, que assentiu solenemente.

Deixando-o absorver as mudanças que estavam para tomar conta de sua vida, Jackie se dirigiu para porta da cozinha.

— Vou fazer algumas ligações. Presumo que possa usar o telefone em seu escritório?

— Sim, claro. — As palavras soaram quase automáticas.

Vincent parecia confuso com tudo o que estava acontecendo.

— Quer que eu descarregue a bagagem? — Tiny indagou, assim que ela passou a seu lado.

— Sim, por favor. Precisarei de minha pasta que está no carro também. Depois de fazer as ligações, irei para o primeiro andar. Se não estiver no escritório, poderá me encontrar lá em cima.

— Certo, chefe — Tiny murmurou, enquanto a acompanhava pela cozinha.

Vincent não a seguiu desta vez, o que deixou seus ombros um pouco relaxados enquanto voltava para vestíbulo.

— Você está sendo meio dura com ele — Tiny comentou quando chegaram à porta, e ela encontrou o escritório no caminho.

Jackie deu de ombros.

— Ele precisa de um chacoalhão. Seres como ele chegam a uma certa idade e pensam que são invulneráveis. Este lugar é um paraíso para os ladrões. É sorte ele não ter sofrido um assalto, emboscada ou ataque... ainda mais agora que tem alguém lá fora querendo pegá-lo. Não há tempo para tratá-lo como um bibelô. Temos que deixar este lugar seguro rapidamente, assim poderemos nos concentrar em rastrear o sabotador.

— E ele foi rude ao bater a porta na sua cara — Tiny completou de forma seca, trazendo um sorriso aos lábios de Jackie. O gigante raramente a deixava mentir para si mesma.

— Sim — ela admitiu. — Ele foi rude, e duvidou de que eu daria conta do trabalho, e meu orgulho foi ferido. Mas o fiz repensar sua opinião.

— Você acha que ele repensou?

— Eu acho que ele está desejando nunca ter ligado para Bastien e pedido ajuda para encontrar alguém para ajudar a lidar com seus assuntos — ela concluiu, com um sorriso de prazer.

— Se ele está arrependido, então nosso trabalho aqui está terminado — Tiny disse, muito sério.

— Bem que eu queria — Jackie respondeu e se pôs a rir, enquanto Tiny ia em direção ao carro e ela, para o escritório. A habilidade do gigante de alegrá-la era impagável e ela agradecera a Deus por isso diversas vezes. Ela suspeitava de que fosse precisar dessa habilidade muitas e muitas vezes até terminar aquele trabalho.

Suspirando, sentou-se na cadeira do escritório e olhou para o telefone. Era sem fio, e agora que via a base vazia lembrou-se de que Vincent estava falando ao telefone quando atendera a porta. O aparelho ainda estava com ele.

Balançando a cabeça, levantou-se e começou a andar em volta da mesa, parando quando Vincent Argeneau apareceu de repente, com o telefone na mão. Depois de hesitar, Jackie estendeu a mão, mas ele continuou a segurá-lo.

— Peço desculpas por ter sido rude ao bater a porta na sua cara. Temo que por ter acabado de acordar ainda não estava muito lúcido, e... pelas informações que

Bastien havia me dado... eu só a esperava dentro de meia hora.

— Nosso voo pegou uma boa corrente de vento. Aterrissamos cedo — Jackie explicou.

Vincent meneou a cabeça.

— Fiquei assustado quando encontrei com você na escada, e ainda mais assustado por ser uma humana. Bastien não me avisou disso, e presumi que seria alguém de nossa espécie a lidar com a situação.

Jackie hesitou a princípio, para depois assentir.

— Desculpas aceitas.

— Bom, nesse caso talvez pudéssemos começar novamente. — Ele soltou o telefone e estendeu a mão com um sorriso conciliatório. — Olá, meu nome é Vincent Argeneau. Você deve ser a maravilhosa Jackie Morrissey que meu primo Bastien mandou para salvar minha pele. É um prazer conhecê-la. Agradeço toda ajuda que puder me dar neste assunto. Bem-vinda à minha casa.

Jackie imediatamente colocou sua mão na dele, então piscou com a leve sensação de alerta que o toque causou. Assustada, tratou de soltar a mão de Vincent. Suas palavras saíram rápidas e afiadas como sempre.

— Gostaria que alguém viesse e instalasse um sistema de segurança adequado. Vai lhe custar um bocado de dinheiro. Se você tiver algum problema com isso... — sua voz sumiu, enquanto ele meneava a cabeça em negativa.

— Se acha que é necessário, faça o que quiser, não importa o preço. Com essa preocupação fora do caminho, talvez você possa se concentrar no meu sabotador. Agora vejo que fui displicente quanto a essas coisas. Suponho que tenho muita sorte de não ter sido assaltado, emboscado ou atacado. Obrigado pelo chacoalhão.

Jackie ficou tensa ao reconhecer suas próprias palavras para Tiny alguns momentos atrás, e lembrou-se de repente que a espécie de Vincent tinha uma ótima audição. Eles podiam ler mentes também, pensou, temerosa. Tinha de ser cuidadosa e manter sua mente vazia quando ele estivesse por perto. Era um truque que aprendera alguns anos antes. Seu povo podia ler mentes, mas... felizmente, apenas se a pessoa estivesse pensando em algo. Manter a mente vazia ou recitar alguma cantiga boba sem parar, os deixava confusos. Precisava se lembrar disso com aquele homem por perto.

— Deixarei você com seus telefonemas e vou tomar um banho e me vestir.

As palavras de Vincent chamaram a atenção de Jackie para o peito nu dele, e ela piscou, surpresa, pensando como não havia notado aquilo ao chegar. O homem continuava parado ali, o cabelo preto bagunçado pelo sono e vestindo apenas uma calça de pijama azul-escura. Isso deixava o peito pálido, largo e extenso à mostra. Jackie estava tão nervosa com o comportamento dele ao atender a porta, que nem notara suas vestimentas, ou a falta delas. Ou quão bonito o rosto esculpido e os olhos azul-acinzentados eram.

Maravilhoso!, ela pensou, incrédula.

— Quando terminar com o pessoal da segurança, levarei Tiny e você para comprar as coisas de cozinha que irão precisar durante sua estada — ele anunciou. — Agora, se me permite...

Vincent Argeneau deixou a sala. Jackie foi até a porta e o observou. Seu olhar deslizou com interesse sobre a costa musculosa e o traseiro naquela calça de pijama, enquanto ele voltava para a escada. Percebendo o que estava fazendo, balançou a cabeça e foi rapidamente até a mesa.

— Nem pense nisso — reprimiu-se, procurando por uma lista telefônica a fim de ligar para empresas de segurança locais. — A última coisa de que precisa é começar a se apaixonar por um vampiro. Já estive lá, já fez isso, e tem as cicatrizes para provar.

— Já está falando sozinha? Este é sempre um mau sinal no trabalho.

Jackie ouviu as palavras de Tiny e olhou para cima para encontrá-lo na porta, com uma grande caixa nas mãos.

— O que é isso?

— Uma entrega da B.S.A. O caminhão de entregas chegou quando eu saía do carro.

— B.S.A.? — Jackie se preocupou, sabendo que aquilo poderia ser sangue que Bastien havia mandado do Banco de Sangue Argeneau para sua mãe se alimentar enquanto estivesse ali. Ele a avisara de que Marguerite Argeneau estava voando para se encontrar com Vincent, o qual ela tinha certeza de que estava sozinho e deprimido por estar solteiro em comparação aos primos, que estavam um a um encontrando suas caras metades.

Jackie, porém, não achava que ele parecia deprimido, mas não o conhecia o suficiente.

Tiny se moveu, atraindo seu olhar novamente para o fardo que carregava. Ela olhou para a caixa que com certeza continha um cooler cheio de bolsas de sangue, e decidiu que aquele trabalho definitivamente seria um desafio. Eles normalmente não precisavam viver tão perto de imortais e nem conviver com seus hábitos alimentares. Não achava que iria gostar.

Suspirando, Jackie encontrou uma relação de agências de segurança na lista, e começou a discar.

— Coloque tudo na cozinha e o avise. Ele vai querer guardar isso logo.

Concordando, Tiny deixou a sala, enquanto ela esperava que sua ligação fosse atendida.

Duas horas depois, Allen Richmond da Richmond Segurança estava tagarelando sobre todas as melhorias que deveriam ser feitas, e os itens que deveriam ser instalados para tornar a casa de Vincent Argeneau segura. Para cada ponto que ele

mencionava, Jackie fazia uma nota mental, ticando cada item da lista que tinha em sua cabeça. Allen era o terceiro homem que tinha vindo ver a casa nas últimas duas horas, e o primeiro que não havia deixado passar nada. Então, era a companhia certa a contratar.

— Você pode fazer isso hoje? — perguntou quando ele terminou.

— Vai sair caro — Allen avisou, passando a mão pelo cabelo grisalho. — Terei que dispensar outro trabalho, usar equipamento de outro trabalho também. Meus homens terão que trabalhar além do horário e... — Parou para examinar o bloquinho em que vinha fazendo anotações, enquanto andavam pela casa e pela propriedade.

Em seguida, ele mencionou um número que faria a maioria das pessoas empalidecer. De qualquer maneira, não era mais do que Jackie esperava, então olhou para Vincent, que havia se juntado a eles no final da inspeção.

— Você consegue pagar? — perguntou, seca. Vincent olhou como que ofendido, então resmungou:

— Faça.

Jackie voltou para Allen e assentiu.

— Ligarei para o escritório e trarei os homens e os equipamentos aqui na próxima hora. — Allen Richmond foi em direção ao seu carro, e puxou um telefone celular do bolso enquanto saía.

— Bem... — Vincent franziu a testa — Acho que isso coloca um fim nos nossos planos de fazer compras.

— Eu posso ficar de olho na casa enquanto você e Jackie fazem compras — Tiny opinou, juntando-se a eles na entrada da casa.

Jackie franziu a testa ao pensar na sugestão. Detestaria fazer compras com Vincent Argeneau. Infelizmente, já eram quatro em ponto e o horário do jantar se aproximava.

Eles precisariam de comida... e café. Ela era movida pelo líquido negro, e não conseguiria atravessar a noite sem ele. Dando o braço a torcer com um suspiro, disse:

— Vou pegar minha bolsa.

— Devo lhe avisar, Jackie odeia fazer compras — Tiny informou a Vincent, enquanto ela entrava na casa.

Jackie virou os olhos ao ouvir o comentário, mas não teve a oportunidade de responder. O telefone estava tocando quando abriu a porta.

— Eu atendo. — Vincent passou correndo por ela em direção ao escritório.

Jackie o seguiu e pegou a bolsa de cima da mesa, enquanto ele tirava o telefone da base. Virava-se para deixar o escritório quando ele disse: "O quê?!" com tanto sofrimento que ela parou e olhou, preocupada.

O homem parecia horrorizado.

— Então a ligação era da sua assistente de produção, dizendo que o ator principal da peça que devia estreiar hoje à noite se demitiu e a peça não vai poder estreiar?

— Sim — Vincent respondeu, cautelosamente, olhando a estrada à frente. Jackie estava dirigindo, e ele a estava levando até algum lugar onde vendesse equipamentos de cozinha. Contudo, não tinha a menor ideia de onde as pessoas compravam esse tipo de coisa. Mas não disse nada, torcendo para encontrar uma loja adequada antes dela.

— Achei que você tinha cancelado todas as suas peças até descobrir quem as está sabotando.

— Não exatamente — ele murmurou, divagando sobre o que Bastien havia lhe contado. Mas antes que pudesse perguntar, Jackie já estava respondendo:

— Bastien não foi muito específico. Só disse que alguém estava sabotando suas peças. Eu estava esperando que Tiny e eu pudéssemos conversar com você mais tarde para obter maiores detalhes, porém queria resolver as urgências primeiro.

— Devo entender por urgências, deixar minha casa segura e fazer as compras — concluiu Vincent com um sorrisinho nos lábios.

— Bem, você pode até funcionar sem comida, mas nós não — defendeu-se Jackie. — E eu, definitivamente, não funciono sem café.

— Claro que não. Não esperaria isso — ele assegurou. — É natural cuidar das prioridades antes. Afinal, um teto seguro sobre nossas cabeças e comida são necessidades básicas.

— Não para você. Pelo menos, não a parte da comida — destacou Jackie. Antes que ele pudesse comentar, ela freou subitamente e entrou no estacionamento de um shopping.

— Desculpe, eu me distraí — murmurou Vincent ao olhar para o enorme complexo.

— Sem problemas — respondeu ela, estacionando. — Eu mesma quase não vi, e estava prestando atenção.

Vincent deu um grunhido e saiu do carro para segui-la até a loja. Achou que os momentos que se seguiriam seriam chatos, talvez até irritantes, mas logo percebeu que não era bem assim. Enquanto se concentrava em escolher itens para a cozinha, notou que sua frustração começava a ceder.

— Não sei por que você não gosta de fazer compras — comentou, enquanto tomava a cafeteira barata de plástico branco das mãos de Jackie, colocando-a de volta na prateleira. Pegou a mais cara, preta e cromada, e a colocou no carrinho.

Sem saber exatamente o que precisava na cozinha, Vincent estava pegando um

item de cada de tudo o que via: um liquidificador, um mixer, um filtro, um espremedor, e daí por diante. Tinha perguntado a Jackie o que seria necessário, mas Tiny não estava brincando quando dissera que ela odiava fazer compras. Jackie respondia suas perguntas com pouco-caso e resmungava sozinha desde que haviam chegado. Ele achou engraçado. Jackie era como um chiuaua rosnando... porém muito mais bonitinha.

— Por favor, não me diga que você é um deles. Jackie parecia enojada, e ele hesitou, cauteloso.

— Deles quem?

— Esses que acreditam em terapia das compras — ela falou de modo seco, pegando uma torradeira.

— Não sei. Mas parece mesmo estar me relaxando — Vincent admitiu. Pegou a torradeira das mãos dela e a trocou por outra.

— O que estava errado com a outra?

— Esta é melhor — ele respondeu, fingindo indiferença, enquanto colocava a torradeira no carrinho. — É preta e cromada, e combina com o restante dos aparelhos.

— A primeira também combinava — ela retrucou, impaciente.

— Mas esta tem um belo design, e torra quatro fatias. Jackie rolou os olhos.

— Mas somos apenas dois. Não precisamos de uma torradeira para quatro fatias.

— Seremos quatro. Você se esqueceu da minha tia e de mim — lembrou ele.

— Mas vocês não comem — disse Jackie, exasperada.

— Eu como, sim — Vincent a corrigiu. Não com frequência, reconheceu para si mesmo, mas começaria a comer mais enquanto ela estivesse por ali. Pousou o olhar no aparelho seguinte sobre a gôndola, e sua expressão se iluminou. — Veja, uma máquina de fazer waffles! Eu já comi waffles. São gostosos. — Empurrou o carrinho para a frente a fim de olhar a caixa.

— Como assim, você come? — Jackie deixou escapar, enquanto o seguia. Um pouco de seu aborrecimento parecia ter sumido, substituído por confusão. — Sua espécie não come, só suga sangue.

Vincent sorriu para uma mulher mais velha que passou por eles empurrando um carrinho. As palavras de Jackie a fizeram se enrijecer e olhá-los, chocada.

— Estamos ensaiando as falas para uma peça — mentiu, com um sorriso encantador. A mulher relaxou e sorriu de volta um pouco insegura. Ele esperou até que ela se afastasse antes de se voltar para Jackie com uma sobrelance arqueada. Nem precisava ter se incomodado, pois ela já estava corada pelo deslize.

— Desculpe — resmungou ela, tomando a máquina de waffles da mão dele e colocando-a no carrinho. — Mas vocês não comem. Nenhum de vocês come... Exceto

Bastien. Ele costuma comer em reuniões de negócios, mas pelo que entendi isso tem algo a ver com Terri.

— Bem, eu como — Vincent a informou.

— Então por que não há nenhuma comida na sua cozinha?

— Eu sempre vou comer fora — ele falou, e, deixando-a digerir essa informação, moveu-se pelo corredor para a aquisição seguinte, uma máquina de fazer sorvete. — Você gosta de sorvete?

Voltando-se para ela, percebeu que sua expressão rabugenta tinha sumido por um instante, sendo substituída por algo próximo da luxúria.

Percebendo que era observada, Jackie disfarçou, fingindo indiferença.

— Sorvete é legal.

Vincent não se deixou enganar. Sorrindo para si mesmo, colocou a máquina dentro do carrinho.

— Acho que já pegamos tudo. Vamos embora, ainda temos que comprar comida — Jackie o lembrou.

— Ainda tem mais um corredor. Devíamos...

— Confie em mim, Vincent. Acho que você pegou quase tudo que eles têm para vender. Não é possível que ainda precise de alguma coisa — disse ela, impaciente. Franziu a testa ao ver o jeito como ele lhe sorria. — O que foi?

— Gosto da maneira como você fala o meu nome. Tão rápida, tão concisa...

— Tão irritada — ela retrucou, exasperada. E acrescentou: — Nós já temos tudo. Você pegou um aparelho de cada na loja.

— Acho que tem razão — cedeu Vincent, com pena da expressão pesarosa que Jackie apresentava. — Já podemos ir.

Empurrou o carrinho para a frente da loja e parou, olhando para os caixas, até encontrar o gerente sorridente acenando para ele em um corredor onde seus dois outros carrinhos já estavam sendo descarregados no caixa.

— Excelente atendimento — Vincent elogiou, quando o funcionário e o gerente começaram a ajudá-lo a descarregar.

— Casa nova? — o gerente perguntou, sorrindo.

— Bom palpite — Vincent fez um meneio de cabeça, o que poderia ser uma concordância ou não.

— Não é tanto um palpite. — Riu o homem. — Só pode ser isso. Praticamente, a única coisa que falta é um micro-ondas.

Vincent congelou, voltando-se com um olhar acusatório para Jackie. Suspirando, ela lançou as mãos para o ar, e voltou para a seção de eletrodomésticos.

Meia hora depois, ela observava, impaciente, enquanto os últimos itens da compra eram embalados... inclusive um microondas preto e cromado.

— Não temos espaço no carro para tudo isso — ela frisou. — E ainda temos que comprar comida.

— Eu ficaria feliz em mandar um dos rapazes entregar suas compras — o gerente falou, conciliador.

— Ah, que ótimo! — Vincent sorriu, e Jackie revirou os olhos. Era de se imaginar que ele iria adorar fazer compras. O sujeito estava relaxado e alegre nas duas horas horríveis que haviam passado dentro da loja. Ela teria se contentado em pegar uma cafeteira e pratos descartáveis, mas Vincent não.

Suspirando de impaciência, ela mudou o peso de um pé para o outro, enquanto Vincent entregava ao caixa seu cartão de crédito.

— Agora, podemos ir? — perguntou ao vê-lo guardar o cartão na carteira. Achando tudo para lá de exasperante, ela encaminhou-se para a saída.

— Voltem sempre! — o gerente se despediu alegremente quando Vincent foi atrás dela.

— Não vamos fazer a mesma coisa no supermercado — ela disse, nervosa, ligando o carro. — Não vamos levar a loja inteira. Você é um vampiro, nem devia comer.

— E você é uma mulher, portanto devia gostar de fazer compras — respondeu ele, tranquilamente. — Acho que as coisas nem sempre são como deviam ser, não é?

Em sua impaciência, Jackie conseguiu deixar o carro morrer.

Sentindo-se corar de vergonha, cerrou os dentes e deu a partida novamente. Fazendo uma pausa, respirou fundo para se acalmar.

— Deve ser o fuso horário — resmungou, saindo da vaga.

— Sem dúvida — concordou Vincent.

— Você é sempre tão insuportavelmente alegre? — ela indagou, irritada.

— Quase sempre — Vincent assegurou, sorrindo. Jackie soltou um suspiro.

— Você não é nada parecido com Bastien. Ele é...

— Sério? Sóbrio? Solene? E todos os outros "esses"? — sugeriu ele, divertido.

— Adulto — ela respondeu, seca.

— Bastien é um executivo. Eu sou um ator — declarou Vincent, como se isso explicasse tudo.

Ela ficou intrigada. Tinha se esquecido, mas ele também era um executivo, com sua própria companhia. O que a fez pensar quanto daquele comportamento alegre e despreocupado era só pose.

— Você está com a lista de Tiny? — Vincent perguntou ao entrarem no

supermercado, dez minutos depois.

Jackie pôs a mão no bolso e puxou de lá o pedaço de papel que Tiny lhe entregara quando saíram. Desdobrou-o, leu a única palavra escrita ali, piscou e começou a rir.

Curioso, Vincent tomou a lista das mãos dela e sorriu.

— Bem, foi você quem disse a ele para escrever "tudo" aí.

— Sim — concordou Jackie com um suspiro, reconhecendo que não iriam entrar e sair tão rápido quanto gostaria. Precisavam mesmo de tudo: a casa de Vincent não tinha nem o básico, como sal e pimenta.

— Aqui. — Ele pôs a mão no bolso e tirou um pouco de dinheiro. Entregando-o a ela, indicou o fundo da loja. — Por que você não vai buscar café para nós, e eu começo as compras?

Jackie olhou na direção indicada, vendo o letreiro da cafeteria nos fundos, e assentiu, aliviada. Uma dose de cafeína tornaria tudo mais suportável.

— Como gosta do seu café?

Ele piscou, em dúvida.

— Normal? — acabou respondendo. Ela arqueou as sobrancelhas. Aquilo só podia significar que ele realmente não costumava tomar café. Mas, já que estava lhe dando uma folga das compras, deixou passar, indo para a cafeteria.

Dez minutos depois já tinha tomado metade de seu cappuccino, e se sentia muito melhor. Nem se importou com o fato de Vincent querer olhar tudo o que estava nas prateleiras. O homem estava praticamente salivando ao olhar para fotos de comida nos rótulos. Suas reações a fizeram pensar que tinha razão, e ele normalmente não comia como ela havia suspeitado.

As compras para a cozinha haviam sido entregues, e Tiny já tinha guardado a maioria das coisas quando eles chegaram. O que ainda deixava as compras do supermercado para arrumar. Jackie e Vincent ajudaram o gigante na tarefa, antes que ela pegasse sua pasta e a colocasse sobre a mesa.

Pegando ali um bloquinho e uma caneta, fechou-a novamente e a pôs no chão, sentando-se e encarando os dois homens. Vincent e Tiny estavam tentando descobrir como a máquina de sorvete funcionava... sem se incomodar em ler o manual de instruções, ela notou, e escondeu um sorriso. Era tão tipicamente masculino, que quase se podia esquecer que um deles era um vampiro.

O pensamento a preocupou. Não devia se esquecer daquele fato. Vincent era encantador, atraente, mas... era um vampiro. Precisava manter esta última qualidade dele em mente e ignorar o resto. Para seu próprio bem.

Apertando os lábios, observou os dois mais um pouco, depois chamou:

— Vincent?

— Sim? — Ele atendeu, os olhos questionadores.

— Bastien me deu um resumo muito breve do que está acontecendo aqui, mas como sabe, não foi muita coisa. — Ela estava cansada demais para tentar esconder sua insatisfação. — Tiny e eu precisamos dar uma repassada nos fatos com você para entender tudo.

— É hora de trabalhar — murmurou Tiny, pesaroso, largando a máquina de lado. — Vocês dois, vão em frente. Eu vou fazer café e começar o jantar. Ela sempre fica rabugenta quando passa muito tempo sem comer.

Jackie irritou-se com o comentário. Não estava sendo rabugenta. Pesando tudo, estava reagindo até que bastante bem. Era mais de sete da noite, pelo amor de Deus! Tinha passado a maior parte do dia em aeroportos e aviões, comendo bobagens e bebendo cafés horríveis, depois chegara e fora fazer compras. Ela...

Tudo bem, jantar seria ótimo!

— Vou preparar algo rápido. — Tiny foi até o refrigerador. Sorrindo, Vincent juntou-se a Jackie, o olhar indo da caneta que ela segurava para o bloquinho sobre a mesa.

Jackie resistiu à vontade de cobrir suas anotações e o fitou.

— Como mencionei, pelo que Bastien nos disse, entendi que você tinha decidido cancelar suas peças por causa das tentativas de sabotagem.

— Sim e não. Nenhuma delas está em cartaz no momento, e eu as cancelei, pelo menos temporariamente, mas não foram todas de uma vez, e certamente não por escolha minha — ele resmungou, descontente, enquanto se sentava em frente a ela. — Uma por uma, tive que adiar as estreias agendadas, e temporariamente cancelar peças que já tinham estreado.

— Por quê? Bastien mencionou acidentes e pequenas catástrofes.

— Sim. — Vincent passou a mão pelos cabelos, cansado, enquanto pensava nos eventos que tinham ocorrido nas últimas semanas. — Tivemos pequenos incêndios em duas peças, um acidente no qual espirrou tinta em cada uma das roupas do figurino de outra peça...

— Devagar, devagar! — pediu Jackie, franzindo a testa. Tinha começado a fazer anotações conforme ele falava, mas estava indo rápido demais e ela não conseguia acompanhá-lo. — Acho que devemos passar pelos acidentes na ordem em que aconteceram, um de cada vez. Qual foi o primeiro incidente que você acha estar ligado a tudo isso?

— Foi aqui em Los Angeles. Uma lata de tinta foi derrubada no departamento de figurino e espirrou em cada roupa que estava ali. Ninguém sabe como a tinta foi parar lá, ou por que estava destampada, ou quem a derrubou.

Jackie pensou no assunto, imaginando que poderia ter sido um acaso.

— Depois houve um incêndio em um dos teatros no Canadá — Vincent prosseguiu. — Foi coisa pequena. Não causou muitos danos ao teatro em si, mas nosso cenário ficou arruinado. Isso também pareceu um acidente na época, um cigarro em uma lata de lixo. Foi só quando outras coisas começaram a ocorrer que eu pensei que talvez estes dois incidentes não fossem obra do acaso.

Quando Jackie apenas meneou a cabeça, ele continuou:

— Em seguida, mais um incêndio, este em Los Angeles. Foi maior do que o do Canadá.

Ela ficou alerta.

— Alguém ferido?

— Não, felizmente o prédio estava vazio naquele momento, mas o fogo destruiu tudo, inclusive nossos cenários e figurinos — Vincent disse, amargo.

Ela acrescentou outra nota em seu bloquinho.

— O evento seguinte foi na segunda peça no Canadá. Disseram que um cabo se soltou, e parte do cenário caiu sobre a atriz principal. — Ele fez uma careta. — Ela quebrou o braço. Tive que substituí-la.

Jackie fez mais uma anotação, com um asterisco do lado.

— Então o ator principal de outra peça aqui em Los Angeles caiu de um lance de escadas e quebrou a perna. Eu ainda achava que era uma maré de azar — Vincent admitiu, com uma carranca, e balançou a cabeça. — Dan Henson, o ator, afirmou que alguém o empurrou, mas só depois fui acreditar nele.

— Por quê? — ela indagou.

— Porque ele bebe, e estava bêbado quando tudo ocorreu. Pensei que era apenas...

— Um acidente — completou Jackie, de modo seco. — Quando percebeu que esses acidentes poderiam não ser obra do destino?

— Quando os membros do elenco da peça de Nova Iorque, do qual eu participava, começaram a cair doentes, um após o outro, com anemia contagiosa.

Jackie o encarou, incrédula.

— Anemia contagiosa?

— Sim. — Ele deu uma risada curta, sem humor. — Acho que minha família pensou que eu estava me alimentando deles.

— E estava?

Vincent ficou rígido, encarando-a friamente.

— Não. Não me alimento do meu elenco nem da equipe. Na verdade, não me alimento de pessoas que eu conheço, ou de meus empregados. Normalmente —

finalizou, seco, como se pensasse em abrir uma exceção no caso dela.

Jackie deu de ombros. Tinha que perguntar.

— Então, seu elenco começou a ficar doente, com anemia, e você cancelou a peça e voltou para a Califórnia.

— Não tive escolha. Preciso de um elenco para ter uma peça. — Depois ele acrescentou, pesaroso: — Mas odiei fazer isso. Teria sido um grande sucesso.

Jackie o encarou, em dúvida.

— Creio que Bastien tenha dito que a peça de Nova Iorque se chamava *Drácula*, um *Musical*, é isso?

— É. — Ele suspirou. — Era boa. O próximo *Rocky Horror Picture Show*.

— Certo. — Ela nem se preocupou em disfarçar sua descrença. — O que aconteceu para convencê-lo a cancelar todas as peças? Foi só a combinação de acidentes?

Vincent fez uma careta, mas admitiu com relutância:

— Tenho vergonha de dizer, mas não foi isso. Estou neste ramo há muito tempo, essas coisas acontecem. Geralmente, não uma após a outra, mas sei como lidar com este tipo de ocorrência, e cuidamos de cada uma conforme foram surgindo.

— Então, o que o fez cancelar?

Ele franziu a testa, começando a remexer no canto do bloquinho.

— Os atores e atrizes. Em cada peça pelo menos um, às vezes dois, dos atores principais e seus substitutos desistiram, ou se demitiram repentinamente. Tivemos que correr para substituí-los e adiar as estréias, ou temporariamente cancelar as apresentações, para permitir que os novos contratados aprendessem os papéis.

Jackie pensou nisso por um instante, e perguntou:

— Quantas peças foram atingidas pelas desistências?

— Todas. Duas em Nova Iorque. Duas aqui, na Califórnia. E duas no Canadá.

— Seis — concluiu ela, preocupada. — E o ator ou atriz principal subitamente desistiu de cada uma delas?

— Sim.

— Eles estavam sob contrato?

— Sim.

Ela ficou ainda mais séria.

— Presumo que haja cláusulas para desestimular essas coisas, não?

— Ah, sim — respondeu ele, com um riso áspero. — Eu poderia processar cada um deles, deixando-os na pobreza para o resto de suas vidas, mas nenhum deles

parece se importar com isso. Não que faça alguma diferença. Processá-los não vai colocar minhas peças funcionando outra vez.

— E agora uma das novas contratadas desistiu também? — Jackie murmurou, pensando na ligação que ele havia recebido mais cedo.

— Sim. Foi de uma das peças aqui da Califórnia, e era a primeira das seis agendadas para reestreia. A nova atriz, e sua substituta, se demitiram hoje de manhã — disse ele, amargo.

— Humm... Não acho que isso possa ser uma coincidência.

— Não — ele murmurou. — Estou neste ramo há quatrocentos anos. Ter uma peça cancelada porque um ator e seu substituto desistiram já é raro, mas seis de uma vez? — Vincent balançou a cabeça. — Definitivamente, não é por acaso. Alguém está tentando me arruinar.

Jackie mordeu o lábio, vendo que estava desenhando círculos à toa no bloco enquanto raciocinava. Finalmente, olhou para ele e disse:

— Você tentou ler as mentes deles? Para descobrir o motivo da desistência?

— As mentes deles estavam em branco sobre este assunto. Só sabiam que tinham que desistir.

— Elas foram apagadas, você quer dizer — ela concluiu. — O que significa que seu sabotador é outro vampiro... ou alguém com o apoio de um. Embora eu creia que a anemia contagiosa tenha deixado isso óbvio.

Vincent assentiu, consternado. De algum jeito, o fato de que alguém de sua espécie estava por trás da sabotagem fazia tudo piorar.

Jackie afundou-se na cadeira com um suspiro. Considerou cada um dos eventos. Atentado à propriedade, depois incêndio proposital, agressão, alimentar-se abertamente das pessoas, e agora controlá-las e fazê-las se demitir. Parecia que os incidentes estavam se acelerando e ficando cada vez mais graves.

— Quanto tempo se passou entre o incêndio e o acidente no palco em que a atriz quebrou o braço?

— Uma semana — respondeu Vincent, com expressão curiosa. — E entre este acidente e o do ator sendo empurrado na escada?

Vincent parou para pensar.

— Aproximadamente cinco dias.

— E entre isso e o início do surto de anemia?

— Três ou quatro dias, talvez. Mas então eles começaram a cair como moscas, um depois do outro.

Jackie meneou a cabeça e fez outra anotação.

— Os incidentes foram ficando cada vez mais próximos — Vincent percebeu.

— Sim — concordou Jackie, depois se levantou e saiu da cozinha. Sentiu, mais do que ouviu, Vincent vindo atrás dela. O homem era tão silencioso quanto uma sombra.

Encontrou Allen Richmond na sala, supervisionando o trabalho nas janelas e portas dali.

— Quanto tempo falta para terminar? — Jackie perguntou, parando ao lado do sujeito.

— A maior parte será terminada ainda esta noite. O térreo, pelo menos. Teremos que voltar amanhã para terminar com o primeiro andar — ele respondeu prontamente.

Jackie assentiu.

— E o portão?

— Já está pronto — asseverou ele.

— Fechado e trancado?

Allen estreitou os olhos, obviamente percebendo que ela não estava só puxando assunto.

— Deixei aberto para que os homens pudessem entrar e sair. Já vou pedir para que fechem.

Satisfeita, Jackie seguiu adiante, levando Vincent para fora da sala exatamente quando Tiny abria a porta da cozinha para procurá-los.

— O jantar está pronto — o gigante anunciou. Assentindo, ela forçou-se a não correr até a cozinha.

Estava faminta, e muito feliz que Tiny soubesse cozinhar. Tinham começado a trabalhar para seu pai no mesmo verão, e desde então estavam juntos. A maioria das pessoas achava que o tamanho de Tiny tinha sido o fator decisivo, e Ted Morrissey esperava que o gigante pudesse manter sua filha a salvo. Mas Jackie sabia que não era bem assim. A personalidade dele fora o principal. Com todo aquele tamanho, ou talvez por causa dele, Tiny era a pessoa mais tranqüila e calma do mundo. Um contraste extremo com a atitude dela, hiperativa, impaciente, prática e sempre pronta a se provar para o mundo. Tiny era sua rocha, acalmando-a quando perdia a paciência, deixando-a mais gentil quando se mostrava dura demais. Eram amigos, e embora fosse sua chefe, ele ainda a cutucava quando começava a ficar um tanto tirânica. Era algo que ela sabia precisar.

— Ah, Tiny, isso parece maravilhoso! — Vincent elogiou, seguindo Jackie para a cozinha e vendo a comida na mesa.

— Fiz carne e vagens ao molho de soja: — disse Tiny, modestamente. — Era rápido e fácil.

— Hum... — Vincent puxou uma cadeira para Jackie. — Bem, o cheiro está delicioso.

Jackie o espiou com suspeita, enquanto se sentava no lugar tão gentilmente oferecido. Ainda não acreditava que o vampiro consumisse comida normalmente. O sujeito não tinha nem uma colher de chá na cozinha!

Vincent sentou-se em frente a ela, que se servia de uma boa porção de vegetais e carne. Em seguida, ofereceu a ele a travessa para se servir, enquanto Tiny colocava um copo de água ao lado de cada um.

Ele se serviu antes de passar a travessa para o gigante, que se juntava a eles à mesa. Tiny e Jackie observaram enquanto Vincent levava a primeira garfada à boca. A expressão dela era cínica; a dele, expectante.

A primeira reação de Vincent foi de surpresa ao fechar os lábios ao redor da comida. Em seguida seu rosto se iluminou de prazer.

— Isto é bom!

Tiny relaxou na cadeira; Jackie balançou a cabeça. O homem não costumava comer, de jeito nenhum. Podia apostar sua vida nisso, mas não fez comentários, limitando-se a jantar. Estava mesmo muito bom.

Jackie terminou primeiro, apressada como fazia com todo o resto, sempre fazendo tudo rápido para passar à próxima tarefa. Tiny, claro, comia como vivia, saboreando cada momento e calmamente aproveitando tudo. Vincent estava em algum lugar no meio do caminho, engolindo tudo a princípio, depois ficando mais lento ao ficar satisfeito. Se não tivesse comido por décadas, como ela suspeitava, seu estômago devia ter encolhido, pensou, mas não disse nada. Era ele quem insistira que comia, podia sobreviver às conseqüências.

Jackie agradeceu Tiny pela refeição, levantou-se e levou seu prato até a pia e o enxaguou antes de colocar na lavadora. Olhou para a cafeteira, e se alegrou ao vê-la cheia.

— Ah, Tiny, você é um anjo! — disse com um sorriso, encontrando uma das novas xícaras e se servindo. — Alguém quer café?

— Eu, por favor — Tiny pediu, terminando seu prato e ficando de pé. — Fiz sorvete para a sobremesa.

— É mesmo? — ela perguntou, interessada, procurando a máquina de sorvetes.

— Eu pego — insistiu ele, enxaguando seu próprio prato.

— Leve as xícaras para a mesa.

Deixando-o ali, Jackie obedeceu. Vincent não pedira por um, então ela não o servira.

— Prontinho! — Tiny colocou um pratinho de sorvete em frente a ela e anunciou: — Chocolate com cerejas.

Jackie pegou a colher e tirou um pouco, gemendo de prazer quando sentiu o sabor.

— Está bom? — Vincent perguntou.

Ela assentiu, engolindo, depois provocou:

— Sem sobremesa até acabar seu jantar! Honestamente, ele pareceu tão decepcionado quanto uma criança ao ouvir aquilo, mas continuou sua refeição, determinado.

— Ele não tem que limpar o prato! Pegou comida demais. — Tiny recolheu o prato pela metade de Vincent, substituindo-o por um de sorvete. — Coma.

Vincent sorriu para o gigante, e pôs-se ao trabalho com o sorvete.

Jackie fez uma careta quando ele suspirou de prazer.

— Srta. Morrissey?

Ela se moveu na cadeira e olhou por sobre o ombro para Allen Richmond, que tinha colocado a cabeça para dentro da cozinha.

— Um carro seguiu um dos homens pelo portão quando ele voltava de seu descanso. Tem uma mulher procurando pelo sr. Argeneau.

Jackie se levantou para dar uma olhada na mulher que estava procurando Vincent, dando de cara com uma morena alta e curvilínea que tirou Allen Richmond do caminho e entrou na cozinha. Jackie a encarou: a mulher era linda. Também parecia extremamente familiar, mas só entendeu porque quando Vincent exclamou:

— Tia Marguerite!

Esta era Marguerite Argeneau, mãe de Bastien e tia de Vincent. Havia um retrato seu na sala do apartamento de Bastien em Nova Iorque. Jackie o encontrara lá uma ou duas vezes, e sempre achara a mulher do retrato fascinante, com seu vestido medieval e olhar distante. Era ainda mais bonita pessoalmente e, a despeito de saber tanto sobre os imortais, Jackie ainda tinha dificuldades em aceitar que ela tinha mais de setecentos anos.

Embora fosse mais velha que Vincent, ainda era muito jovem para os padrões imortais. A história deles era anterior à história escrita, datando da Atlântida e, de acordo com os arquivos de seu pai, ainda havia pelo menos um punhado de imortais que tinham realmente fugido da queda da cidade.

Parecia que o local mítico existira de fato, e havia sido tão cientificamente avançado quanto se sugeria. Tão avançado, que seus habitantes tinham conseguido combinar nanotecnologia com bioengenharia para criar nanos especializados. Quando introduzidos em um corpo, estes nanos usavam o sangue do hospedeiro para reparar tecidos danificados e combater doenças, bem como reproduzir e regenerar a si mesmos.

Eles tinham sido programados para desligar e se desintegrar quando terminassem o trabalho. Entretanto, o corpo humano estava sob constante agressão, fosse pela luz do sol, o meio ambiente ou simplesmente pelo envelhecimento. Sempre

havia reparos a fazer. Então os nanos não desligaram, continuando a se regenerar para manter seu hospedeiro na melhor forma física. Aqueles nanos eram o equivalente a beber da fonte da juventude.

Infelizmente, havia alguns pontos negativos. Os nanos usavam mais sangue do que o corpo humano conseguia produzir, alterando seus hospedeiros para que conseguissem o sangue de que precisavam. Fizeram deles o predador perfeito, dando-lhes força e velocidade melhoradas, e presas para retirar o sangue. E como a luz do sol desidratava o corpo e aumentava a necessidade de alimento, também lhes deram visão noturna ampliada, para que pudessem viver e caçar à noite, evitando os danos dos raios solares. Na verdade, tornando-os vampiros.

— Obrigada, Allen — Jackie murmurou, enquanto Vincent cumprimentava a tia.

Assentindo, o homem saiu da cozinha, fechando a porta.

— Como foi o voo? — Vincent perguntou, quando interromperam o abraço.

— Foi bom. Mas tivemos um atraso de duas horas, e é por isso que me atrasei para chegar.

— Ah, sim! Bastien disse que seu avião chegaria as seis — lembrou-se ele.

Jackie olhou para o relógio de pulso. Já passava das oito. Obviamente, ambos tinham esquecido Marguerite. O fato de que a mãe de Bastien estava voando para a Califórnia tinha fugido completamente de sua mente. Queria que tivesse fugido da dela também. Não tinha pensado que a visita poderia ser um problema, até Bastien sugerir que ela não deveria mencionar o que estava acontecendo à mãe, se não quisesse a interferência dela.

Jackie não gostava de ninguém interferindo, mas jamais seria rude com a mãe de Bastien. Não falar nada parecia a melhor coisa a fazer. Só esperava que Vincent tivesse o bom-senso de manter a boca fechada também.

— E quem são esses?

Forçou um sorriso quando Marguerite voltou seus olhos brilhantes e curiosos para ela e Tiny.

— Ah... — O sorriso de Tiny era rígido ao apresentá-los. — Esta é Jackie, minha...

— Assistente de produção — Jackie o interrompeu, rapidamente, lançando um olhar cheio de significado. Em seguida sorriu e estendeu a mão. — É um prazer conhecê-la, sra. Argeneau.

— Obrigada, querida. É um prazer conhecer você também — ela respondeu, aceitando a mão estendida. — Por favor, me chame de Marguerite.

O sorriso de Jackie congelou ao sentir um adejar em sua mente. Suas defesas imediatamente dispararam e Jackie ergueu um muro de proteção, depois começou a recitar "A velha a fiar" num esforço para manter a mulher fora de seus pensamentos.

Os olhos de Marguerite se arregalaram de leve, depois se estreitaram, mas Jackie apenas ampliou seu sorriso. Em sua opinião, era muito rude penetrar nos pensamentos das pessoas. Não que a maioria pudesse percebê-la fazendo isso.

Marguerite palpitou nas bordas de sua mente por mais um momento, depois soltou a mão de Jackie e voltou-se para Tiny.

— E este é meu... ahnn... cozinheiro, Tiny — completou Vincent, com uma expressão sofrida.

Jackie observou Tiny, relaxando ao ver os lábios mexer quando ele deu a mão para Marguerite. Estava recitando "O Cravo e a Rosa". Pelo menos havia sido o que ele lhe dissera que fazia quando achava que um vampiro estava tentando ler seus pensamentos.

Os esforços de ambos talvez pudessem manter Marguerite fora de suas cabeças, mas não dava para ter certeza. Infelizmente, o próprio fato de tentarem tinha o efeito colateral de fazer a mulher suspeitar deles. Jackie podia ver isso na maneira como Marguerite olhava de um para o outro. Depois de um momento de silêncio tenso, a vampira voltou-se subitamente para Vincent.

— Bastien enviou um pacote adiantado, como prometeu?

— Sim, chegou esta tarde — ele respondeu. — Ah, mas é claro... Deve estar com fome, depois do voo. — Ele atravessou a cozinha até o refrigerador e o abriu, revelando sangue em bolsas, organizadamente guardadas em pilhas entre o queijo e os vegetais. — Uma bolsa ou duas?

— Duas, por favor. Vou tomá-las no meu quarto — acrescentou ela, aparentemente desconfortável em se alimentar na frente deles.

Vincent pegou um par de bolsas, em seguida conduziu a tia para fora da cozinha.

— Ela é bonita — Tiny comentou, sentando-se novamente para retomar a colher e o sorvete.

— Ela é velha — Jackie respondeu, seca. — Super velha. Aproximadamente setecentos anos. Velha demais para você.

— É... — Ele suspirou. — Provavelmente pensa em mim como um molequinho.

— Provavelmente — concordou Jackie, imaginando se era assim que Vincent e os outros vampiros a viam... como uma menininha. Não gostava da idéia, mas presumiu que isso explicasse a arrogância que às vezes percebia neles. Por outro lado, pensou, podiam até pensar nela como uma menininha. Contudo, era a ela quem chamavam quando tinham um problema.

— Então, quem são Jackie e Tiny? — Marguerite indagou, seguindo Vincent para um dos quartos de hóspedes.

— Minha assistente de produção e meu cozinheiro — ele respondeu, rapidamente, mas teve que esconder sua expressão quando ela colocou a mala sobre a

cama. Tia Marguerite sempre notava quando ele estava mentindo.

— Hum... —Ela não pareceu convencida. — E quando foi que você começou a comer?

Vincent nem tentou dizer que sempre comera. Enquanto Jackie e Tiny não o conheciam e não podiam ter certeza, Marguerite o conhecia até demais. Havia ficado no apartamento dela quando tinha ido a Nova Iorque, e não comera nada no tempo que permanecera ali. O que o lembrou de uma conversa que teve com o filho de Marguerite, Lucern, durante seu casamento com Kate algumas semanas antes, e lhe deu uma idéia.

— Lucern estava me contando que acha que a comida o ajuda a reconstruir seu sangue, de forma que ele precisa se alimentar menos. Pensei em tentar. — Não era mentira. Lucern tinha mesmo lhe contado que era por isso que comia, enquanto o restante deles não fazia. Isso o ajudava a manter a massa muscular, assim como reconstruir o sangue. Vincent tinha considerado consumir comida além de sangue para ver se diminuía, a quantidade de vezes que precisava se alimentar durante o dia, mas entre uma coisa e outra, não tivera tempo de tentar. Até agora.

— E como sua assistente e seu cozinheiro sabem a nosso respeito? — perguntou Marguerite, parando perto da cama e voltando-se para fitá-lo.

— Da mesma maneira que a sua empregada e o marido dela sabem. Eu lhes disse, ora. Assim, me poupa de ter que fingir quando estiver em casa.

A boca de Marguerite se comprimiu numa fina linha.

— E esses homens andando pela casa toda?

— Estão instalando um sistema de segurança. O crime está grassando por aqui. Não dá para descuidar. — Vincent esperou pela próxima pergunta. Estava claro que sua tia não acreditava em uma palavra sua, e ele queria muito poder lhe contar a verdade, mas tê-la se intrometendo por ali, realmente não seria aconselhável.

— Você já tentou ler a mente dela?

Ele ficou perplexo. Não era bem essa a questão que esperava.

— Não — admitiu. Não costumava ler a mente dos humanos ao seu redor. Parecia uma intromissão, e não penetrava nas mentes de seus amigos. Quanto aos não amigos, a ambição estava nos pensamentos de todos, principalmente no mundo do teatro. Depois de descobrir pela centésima vez que a bela dama flertando tão encantadoramente com ele estava mais interessada no que ele poderia fazer pela carreira dela do que propriamente nele... Bem, parecia muito melhor não se incomodar em lê-los. Não que isso fosse uma preocupação com Jackie. E mais, não tinha nenhum motivo para tentar.

Marguerite apenas meneou a cabeça.

— Acho que vou desfazer as malas e tomar uma ducha. Entre a espera no

aeroporto e o ar reciclado no avião, sempre me sinto empoeirada depois de viajar.

— Tudo bem. Vá para o térreo quando estiver pronta, e eu lhe mostrarei a casa com mais detalhes — Vincent disse, deixando-a sozinha.

Jackie e Tiny ainda estavam na cozinha quando ele voltou. Sentou-se em seu lugar, pegou a colher e franziu a testa ao ver o sorvete derretido.

— Vou pegar mais um pouco — Tiny recolheu a tigela e levantou-se para levá-la até a pia.

Vincent notou que Jackie franzira o cenho para o gigante, e presumiu que ela não gostava que Tiny o estivesse servindo. O título de cozinheiro-mordomo era só um disfarce, afinal. Ela nada disse ao gigante, entretanto, virando-se para Vincent a fim de perguntar:

— Então, o que você fez para irritar alguém de sua espécie? Ele piscou, sem entender.

— Não entendi.

— Bem, deve ter feito alguma coisa. Certamente há um motivo para sabotarem você desse jeito.

— Não tem que ser um imortal — disse ele, ressentido. Jackie arqueou uma sobrancelha.

— Não, claro que não. Talvez seja uma coincidência que o elenco inteiro de sua peça tenha ficado anêmico. Embora, até onde eu saiba, essa coisa de anemia contagiosa não existe.

Os ombros de Vincent caíram.

— Sim... Isso indica que alguém de minha espécie está por trás de tudo — reconheceu ele. — Mas eu estava torcendo que fosse um humano que tivesse contratado, ou conseguido ajuda de algum imortal.

— Isso faz alguma diferença? — ela perguntou, calmamente. — De qualquer jeito, um imortal está envolvido, e eles por certo não costumam se aliar aos humanos contra sua própria espécie, não é?

— Não — ele concordou. — E já tentei pensar em quem poderia estar por trás disso, ou mesmo envolvido, mas não consigo me lembrar de ninguém.

Jackie relaxou na cadeira, comprimindo os lábios, enquanto Tiny voltava com uma tigela de sorvete.

— Bem, pense um pouco mais. Se lembrar de alguma coisa, me avise.

Vincent assentiu, perguntando:

— Então, por onde nós começamos?

— Nós não faremos nada. Você vai seguir sua vida. O sabotador é um problema para Tiny e eu. — Ela afastou a cadeira e se levantou. — Vou checar como os homens

estão indo com o sistema de segurança.

Ele a observou sair, apreciando a vista.

— Jackie tem razão. É melhor deixar a investigação para os detetives — Tiny disse, chamando sua atenção. — E nós deixaremos a atuação com você.

Vincent tomou uma colherada de sorvete, saboreando, e imaginou por que tinha parado de comer tanto tempo atrás. Tinha mesmo ficado entediado de comida? Engraçado como, agora, isso não parecia nada entediante.

— Então... — falou, após um tempo. — Conte-me sobre Jackie.

Tiny levantou as sobrancelhas e deu de ombros.

— Ela é esperta, atenta e um pouco cínica. Também é minha chefe..

A última parte foi dita como um aviso de sua lealdade, e Vincent meneou a cabeça para assinalar que respeitava aquilo.

— Bastien disse que foi o pai dela que fundou a companhia.

— Sim, o Ted. Ele era realmente durão. Esperava muito de todos... inclusive da filha. E Jackie jamais o desapontou.

— Nunca?

— Nunca, nos dez anos em que a conheço — Tiny completou, solene.

Vincent pensou naquilo por um instante, depois indagou:

— O pai dela morreu?

— Sim, de câncer — o gigante respondeu, sério. — Há dois anos.

— Então ela está no comando da empresa há dois anos?

— Três — Tiny corrigiu. — Ted esteve muito doente no último ano. Jackie praticamente tomou conta de tudo. Ele era só a figura de proa.

Vincent assentiu.

— Deve ter sido duro. Digo, quando se fala em detetives, as pessoas presumem que será um homem no comando. Acredito que a maioria dos homens gostaria de um homem no serviço.

Tiny sorriu, debilmente.

— Hoje em dia, nem tanto. As mulheres estão em todos os ramos, e é mais comum vê-las na chefia. Na verdade — ele acrescentou, divertido —, com bastante frequência, os únicos que a fazem passar por apuros são da sua espécie.

O vampiro ficou surpreso, e Tiny deu de ombros.

— Muitos imortais são antigos, de um tempo em que as mulheres não tinham posições de poder. Nem sempre ficam confortáveis com ela no comando. Como você, ao fechar a porta na cara dela. Jackie geralmente trabalha duas vezes mais duro para

ganhar o respeito destes.

Agora Vincent estava embaraçado por tê-la feito passar por aquilo.

— Mas não Bastien — o gigante prosseguiu. — Ele a trata com o mesmo respeito que dava a Ted. E sempre intercede se um vampiro lhe dá muita dor de cabeça... ou tenta. Jackie geralmente não permite que ele a ajude.

Vincent podia acreditar nisso. Ela parecia do tipo teimoso, determinada a vencer por seu próprio esforço. Presumiu que tinha de ser assim. A despeito do que Tiny afirmara, sabia que ainda existia muito preconceito no mundo dos negócios, e não apenas entre os imortais.

Mergulhou a colher na tigela, descobrindo-a vazia. Tinha acabado com o sorvete.

— Isso estava muito bom, Tiny. Obrigado. — Levantando-se, carregou a vasilha até a pia e a enxaguou antes de colocar na lavadora como vira os dois fazerem, depois foi para a porta. — Tenho que sair.

— Sair? Sozinho? — Tiny fungou, obviamente descontente.

— Sair — ele repetiu, com firmeza. — Sozinho.

— Acha mesmo que deveria? Se o sabotador estiver com a atenção voltada para você... Talvez devesse dizer a Jackie...

— Jackie disse que eu devia seguir a minha vida, Infelizmente, tenho que me alimentar duas ou três vezes por dia. Então, é o que vou fazer — declarou.

Tiny hesitou, depois assentiu, questionando:

— O que digo à sua tia, se ela vier procurá-lo? Vincent parou com a mão na maçaneta, enquanto pensava.

— Acho que é melhor ver se ela quer ir comigo. Seria rude abandoná-la em sua primeira noite aqui. Vou levá-la a alguns clubes, mostrar a vida noturna. Não devemos nos demorar.

— Eu digo a Jackie. Divirta-se — Tiny murmurou ao ver Vincent sair da cozinha.

— São dez e quatro — anunciou Tiny. — Dois minutos a mais que da última vez que olhou.

Jackie tirou os olhos do relógio e bufou para seu amigo e parceiro. Olhando, parecia que ele estava completamente concentrado em sua tarefa no notebook sobre a mesa da cozinha. Pelo visto, não era bem assim. Se estivesse tão concentrado, não perceberia o jeito como os olhos dela continuavam repetidamente conferindo as horas.

— Ele está bem — Tiny assegurou, levantando-se e começando a abrir e fechar as portas dos armários. — O sabotador não o atingiu pessoalmente em nenhum dos outros ataques.

— Sim, mas os negócios dele estavam sendo visados. E Vincent impossibilitou

esses alvos ao cancelar as peças. Ele e sua casa são os únicos alvos que restaram ao sabotador — ela frisou. — Além disso, não estou preocupada com ele, estou só... ansiosa. O que você está procurando?

— Estou conferindo quais ingredientes temos aqui. Tem uma receita que eu queria tentar.

Jackie rolou os olhos e começou a tamborilar os dedos na mesa, depois percebeu o que fazia e cruzou os braços para impedir-se de continuar. Após um momento, levantou-se.

— Vou dormir.

— Mas mal passa das dez horas — disse Tiny, surpreso. Ela nunca ia para a cama antes das onze.

— E, mas esse é o horário daqui. Em Nova Iorque, onde acordamos hoje de manhã, já passa da uma.

— Ah, é... — Ele assentiu e voltou-se para os armários. — Bem, eu ainda não estou cansado, então vou fazer uns bolinhos para o café da manhã. Deve levar só uma hora. Depois disso, provavelmente também vou dormir.

Jackie parou na porta e olhou para trás, vendo-o colocar o avental cor-de-rosa no qual se lia: "Sou o cozinheiro!" que Vincent insistira em comprar. Vê-lo naquela coisa ridícula só aumentou sua irritação.

— Você não tem que cozinhar, Tiny. Esse é o seu disfarce, não seu trabalho.

— Eu sei — ele respondeu, calmo. — Gosto de cozinhar. Acho que me acalma.

— Certo — Jackie murmurou, e sabia que era verdade. Tiny tinha feito um curso de cozinha gourmet anos atrás, e ela freqüentemente o via folheando revistas femininas e olhando receitas. — Mas que par — resmungou baixinho, saindo para o saguão, espantando-se ao ouvir como a voz tinha soado alta na casa silenciosa. Os homens da segurança tinham terminado o trabalho no piso térreo e saído fazia pouco menos de uma hora. Allen Richmond prometera trazê-los de volta de manhã cedinho para começar o serviço no primeiro andar. Jackie tinha ficado feliz com a declaração dele, mas agora percebia que isso podia não ser muito conveniente. Marguerite e Vincent eram vampiros. Dormiam durante o dia, e não acordariam tão cedo para os rapazes trabalharem em seus quartos.

Pensando nisso, subiu a escada e contou silenciosamente as portas naquele andar: o quarto principal, o seu, o de Marguerite,, o de Tiny, e mais dois que estavam desocupados. Com ela e Tiny de pé, isso dava aos homens quatro quartos para trabalharem até que Marguerite e Vincent despertassem. Teria que avisá-los para fazer tudo em silêncio a fim de não acordar os dois.

Era a coisa mais sensata a fazer, mas parte dela se ressentia dessa necessidade. Nunca ficava confortável trabalhando com vampiros. Bastien a provocava, dizendo que tinha preconceito com sua espécie, e não estava errado. Felizmente,

Bastien Argeneau conhecia seus motivos, e era compreensivo o bastante para tolerar. Imaginou se Vincent seria tão benevolente. Ele parecia inteligente, bom, bem humorado... também parecia se dar muito bem com Tiny, cujo julgamento ela sempre confiara.

Além disso, era lindo de morrer, com um belo sorriso e um olhar azul-prateado muito sensual.

Ele é um vampiro, lembrou-se Jackie. Era algo que ela não podia e não devia esquecer. Temia ser tola o suficiente para começar a gostar do sujeito de uma maneira além do profissional, e não queria isso *de jeito nenhum*. Aprendera sua lição ainda jovem, e bem, com Cassius.

Cerrou os dentes à menção do vampiro com quem se envolvera aos dezenove anos. Uma imagem dele surgiu em sua mente: um metro e noventa, com cabelos dourados na altura dos ombros. Tão lindo quanto um deus grego.

Instintivamente começou a afastar a lembrança, mas depois deixou-a fluir. Não como punição, mas na esperança de que reviver a memória a impediria de fazer algo tolo agora, onze anos depois. Suspeitava de que seria bom refletir sobre a lição que aprendera, especialmente considerando-se o fato de que estava vivendo na casa de um vampiro que achava muito atraente.

— Pronto! Você admitiu — murmurou com um suspiro, entrando em seu quarto e fechando a porta. — Acha Vincent Argeneau atraente.

Era uma declaração assustadora, e aquilo imediatamente a fez se sentir vulnerável. Não sentira nada além de desdém e raiva por um vampiro desde Cassius.

Tinha sido uma boa estudante e uma filha diligente até o verão em que o conhecera. Era uma criança, inocente e tola... mas achava que já era uma mulher. Conhecera o vampiro quando ele viera até a casa dela falar com seu pai sobre um caso para o qual o contratara. Aos olhos dela, Cassius era um deus loiro e pálido, com a aparência de Adônis.

Boquiaberta pela beleza dele, ela o havia venerado com os olhos, enquanto gaguejava que o pai não estava em casa. Ainda se lembrava do sorriso divertido que curvara os lábios dele naquela hora. Não compreendera na época, mas agora ela entendia. Cassius estava rindo silenciosamente de sua tímida adoração.

Mal pudera acreditar em sua sorte quando ele perguntara se podia esperar pelo pai dela. Corando, sorrindo e tagarelando, ela o colocara sentado na sala, depois saíra para fazer chá, nervosa demais para se lembrar de que vampiros não bebiam chá. Algo que sabia desde que tinha dezoito anos e começara a trabalhar na empresa do pai.

Ted Morrissey ficara excitado e ansioso quando recebera a primeira ligação de Bastien Argeneau com um trabalho do qual queria que ele cuidasse. Sua empresa era pequena na época, e a referência de outro cliente para o dono de uma companhia internacional tão importante fora como ganhar na loteria. Entretanto, pouco tempo

depois o pai havia parado de comentar sobre seus casos, ao menos os que envolviam os Argeneau ou alguém ligado a eles. Jackie não compreendera a razão até seu primeiro dia de trabalho, quando ele a levava até seu escritório, pediu que se sentasse e disse que o que estava prestes a contar não podia ser revelado a ninguém... Vampiros realmente existiam.

Jovem e ansiosa para crer no inacreditável, Jackie superara o choque rapidamente, e então tinha passado as primeiras duas semanas de seu aprendizado lendo cada arquivo de seu pai sobre os imortais. Quando tinha dezenove e encarou o belo Cassius, se considerava algo como uma especialista nos imortais.

Ah, a arrogância da juventude, pensou Jackie com tristeza. Estava remexendo na bandeja de chá quando Cassius se juntara a ela na cozinha. Ele lhe disse que não precisava se incomodar, depois colocou a mão gentilmente em seu rosto e olhou-a nos olhos. Jackie ficou sem fôlego, a boca subitamente seca. Ainda se lembrava do estremecimento em seu corpo, deixando-a trêmula e fraca, de modo que teve de se apoiar na pia para continuar de pé.

Quando ele a beijara, sua mente tinha se enchido de uma paixão com que nunca sonhara; uma onda de desejo pareceu consumi-la. Estava perdida.

Cassius interrompera o beijo quando ouviram a porta da frente se abrir. Quando seu pai os encontrou na cozinha, Jackie terminava de arrumar a bandeja, e Cassius estava sentado à mesa, mas Ted Morrissey os olhara com uma ansiedade que denunciava suas suspeitas. Contudo, ele não disse nada, não naquele momento. Disse para Jackie esquecer o chá e levou o vampiro para seu escritório.

Jackie tinha desabado contra a pia assim que ficara sozinha, a mão sobre o coração. Estava certa de ter encontrado o homem de seus sonhos, e ficara horrorizada quando ele tinha ido embora e seu pai viera lhe dizer para ficar longe de Cassius. Era para o bem dela.

A obediência de Jackie terminara ali. Quando Cassius a convidou para sair, ela mentiu e saiu escondida para vê-lo, ressentida com o pai por ele não entender o amor. De certo modo, as mentiras e fugas deixavam tudo mais excitante.

Ele a levava a restaurantes finos e ao teatro. Jackie se sentia incrivelmente sofisticada a seu lado, e embora tivesse ficado nervosa e ansiosa quando ele começara a fazer amor com ela na limusine, voltando para casa, aquilo logo deu lugar à paixão insensata. Quando saía daquela limusine, tinha certeza que estava apaixonada.

Cassius parecia igualmente apaixonado. Parecendo incapaz de manter as mãos longe dela, começava coisas nos locais mais inapropriados. Beijando-a e deslizando as mãos sob sua saia em restaurantes, com apenas a mesa para esconder o que estava fazendo. Puxando-a para becos e fazendo amor com ela contra as fachadas dos prédios, com a cobertura apenas da noite. E, finalmente, fazendo amor em seu camarote no teatro, onde qualquer um que olhasse naquela direção poderia ver. Jackie era sempre reticente quando ele iniciava esses encontros, mas logo se via sobrepujada

pela paixão e ansiosa a fazer o que o agradasse. Cassius era como uma droga, e ela, uma viciada que nunca estava satisfeita.

Seu pai logo descobriu que estavam saindo escondidos. Como poderia não descobrir? Os encontros eram sempre em locais públicos, e alguém acabaria por denunciá-los. Certo dia, Jackie voltava para casa do que seria seu último encontro, quando foi confrontada por seu pai. Tiveram uma briga terrível, que terminou com ela gritando que o odiava e dizendo que continuaria a se encontrar com Cassius, e ele não podia fazer nada a respeito. Então saiu e pegou um táxi direto para o apartamento dele. Tocou a campainha e a porta imediatamente se abriu, porém o lugar estava cheio de estranhos. Cassius estava dando uma festa, qualquer um poderia ter atendido a campainha, e o vampiro provavelmente nem sabia que ela estava ali.

Forçando um sorriso, cumprimentou a todos como se soubesse sobre a festa, enquanto abria caminho entre a casa cheia, procurando por Cassius. Seu escritório foi o último lugar em que ela procurou, e também parecia vazio a princípio. Confusa e desesperada para encontrá-lo, Jackie estava saindo quando uma risada a fez parar e olhar para trás. Foi só então que notou a porta semiaberta para a sacada. Percebendo que Cassius devia estar ali, atravessou a sala até a porta, depois parou ao ver que ele não estava sozinho. Não reconheceu os dois homens com ele, mas o brilho em seus olhos revelou que também eram imortais. Estendendo a mão para a porta, ia abri-la um pouco mais para revelar sua presença, porém um dos homens disse algo que a fez parar.

— Você parece estar saindo bastante com aquela tal Jackie.

— Humm... Eu estava — concedeu Cassius, depois deu de ombros. — Mas estou ficando entediado. Ela é muito simplória. Sua adoração foi divertida no começo, mas está ficando aborrecida. — Ele deu um sorriso vago. — Porém gosto de forçá-la a fazer coisas que não quer. Sua mente é tão maleável quanto argila, e facilmente controlável. Mal tenho que me esforçar para entrar em seus pensamentos e convencê-la de que quer, sim, fazer sexo comigo em meu camarote, onde qualquer um pode nos ver.

— Você me surpreende, Cassius. Pelo que estava me dizendo, tinha se entediado com o sexo...

— Mas não é sobre sexo — interrompeu ele, impaciente. — Embora isso fique muito mais interessante quando você sabe que ela está fazendo coisas que vão contra seus princípios. Entretanto, estou me entediando com o jogo, e acho que vou terminá-lo em breve. Algo magnífico. Talvez interromper uma das reuniões de negócios de Ted Morrissey e fazer sexo com ela na mesa do escritório, em frente a clientes importantes. Imagine a humilhação dele enquanto a filha guincha como uma cadela no cio.

— Diabos, Cassius, eu sabia que você não gostava do Ted, mas isso é...

— Ele não me demonstra o respeito apropriado — disparou Cassius, mostrando

uma raiva que Jackie nunca testemunhara. — Age como se fosse tão bom quanto um de nós, e não é. Nenhum deles é. São crianças simplórias, de quem nos alimentamos à vontade, e ele precisa entender isso.

Anestesiada pelo choque, e subitamente aterrorizada de ser descoberta ali, Jackie recuou e se apressou para fora do escritório. Olhava ansiosamente por sobre o ombro a cada segundo durante a fuga, sabendo que se Cassius a visse antes de sair, haveria problema. Ele leria sua mente, e saberia que ela ouvira tudo... Não a deixaria escapar, sabendo o que sabia. Tomaria o controle da mente dela, como aparentemente andara fazendo, e a manteria com ele até que a obrigasse a fazer algo que humilharia publicamente ela mesma e seu pai.

O pavor diminuiu assim que ela entrou em um táxi para casa, mas não desapareceu completamente. Cassius estivera controlando-a e faria novamente se tivesse a chance. Por isso, seria melhor certificar-se de que ele não conseguisse. Uma Jackie muito mais humilde aproximou-se do pai na volta. Contou tudo a ele, e quando terminou, ele soube o que fazer. Ligou imediatamente para Bastien Argeneau, que veio até a casa deles conversar sobre o assunto...

Jackie se sentira terrivelmente embaraçada na época, mas olhando para trás, Bastien fora extremamente gentil. Assegurou-lhe que nem todos de sua espécie desprezavam os humanos, e que ela não fora tola ou estúpida, pois Cassius usara de habilidades para controlar seu comportamento, e ela não devia sentir-se embaraçada por nada do que pudesse ter feito. Disse também que ela não precisava temer que Cassius tivesse uma oportunidade para controlá-la novamente. Eles a enviariam para longe por algum tempo, enquanto resolviam a questão.

Jackie, então, se viu em um avião para a Europa na manhã seguinte. Frequentou a Universidade de Oxford por um ano antes de voltar para trabalhar na empresa do pai. Nunca perguntou o que tinham feito com Cassius. Pelo que ouvira durante os anos, soube que ele subitamente achou interessante sair de Nova Iorque. Também soube que fora avisado para nunca mais incomodar a ela ou a sua família outra vez.

Jackie caiu na cama com um suspiro. A lembrança daquelas breves semanas em sua vida já não lhe causava a mesma dor de antes. Ficara arrasada na época, dolorida e humilhada enquanto tentava descobrir que parte, se é que havia alguma, de sua paixão e seus sentimentos pertencia a ela, e qual fora forjada por Cassius. Tinha uma razoável certeza de que a atração inicial por ele fora real. Mesmo agora, reconhecia que ele era um belo homem. Mas suas palavras a fizeram duvidar de todo o resto. Alguma parcela daquela paixão avassaladora tinha sido real? Ou ele tinha plantado aquilo em sua mente, controlando-a?

Ela ainda não sabia a resposta para essa pergunta. Tudo o que sabia era que vampiros eram perigosos, capazes de subverter a vontade de um humano. E passara anos lutando para se fortalecer contra a habilidade deles de ler pensamentos, sabendo o tempo todo que, no final, se eles realmente quisessem, poderiam vencer suas defesas e não apenas ler, mas controlar sua mente. Este conhecimento a fazia temê-

los instintivamente. O que, por sua vez, a deixava com raiva.

Bastien Argeneau era o único vampiro em quem ela chegou perto de confiar desde então. Jackie realmente acreditava que ele não desprezava humanos. Tinha menos certeza quanto ao restante deles. Entretanto, ficava na defensiva com todos. Parecia o modo mais seguro de lidar com as coisas.

Capítulo II

Vincent abriu os olhos e espiou o relógio de cabeceira, franzindo o cenho ao ver o horário. Onze e quarenta e oito. Por Deus, não era nem meio dia! Geralmente dormia até as seis ou mais para evitar a luz do sol.

Algo obviamente o acordara. Sua mente entorpecida tentava descobrir o que poderia ter sido, quando ouviu vozes abafadas. Concentrou-se. Eram duas vozes masculinas, ficando mais altas conforme os sujeitos se aproximavam. Ficou tenso quando chegaram à sua porta, depois seguiram para o saguão, as vozes começando a desaparecer novamente.

— Mas que diabos? — Afastando os cobertores e lençóis, colocou os pés para fora da cama e se levantou. Não se incomodou em se vestir. Foi até a porta e olhou para fora, arregalando os olhos ao ver vários homens entrando e saindo das portas no vestíbulo.

Saindo do quarto, Vincent verificou cada porta do corredor a caminho para a escada. Apenas uma delas ainda estava fechada, atrás da qual tia Marguerite estava dormindo. Imaginando como ela conseguia dormir com toda aquela bagunça, ele desceu a escada, os pensamentos mudando de direção ao ver o térreo todo iluminado. Havia uma cortina em cada janela da casa, barrando a luz, e tornando seguro para ele se mover durante o dia quando necessário. No momento, cada uma delas parecia ter sido aberta para permitir que o sol se espalhasse pelo piso de madeira.

Grunhindo, Vincent foi até a cozinha, procurando Tiny, mas ele não estava ali. Voltou pelo saguão, olhando em cada canto por onde passava, buscando por Jackie e uma explicação para o bando de homens que tinham invadido sua casa. Encontrou Tiny e Jackie no escritório.

— Bom dia — o gigante o cumprimentou, depois se voltou para a chefe, que estava ao telefone.

— Já expliquei quem sou eu. Sou a nova assistente pessoal do sr. Argeneau, e

ele me pediu para ligar e solicitar que me enviasse esta informação. E só puxar o arquivo e passá-lo por fax para mim. — Jackie parecia descontente com a resistência encontrada do outro lado da linha. — Ele acaba de entrar no escritório. Aguarde um instante, por favor. — Inclinando-se para ele, pressionou o botão para colocar a chamada na espera. — Sua assistente de produção está sendo difícil. Por favor, diga a ela para passar um fax com a lista de funcionários da produção de Nova Iorque — disse, depois apertou o botão novamente, entregando-lhe o aparelho.

Vincent hesitou, desabituaado a receber ordens, mas suspirou e pegou o fone.

— Lily?

— Ah, sr. Argeneau, essa mulher disse que...

— Sim, sim — ele interrompeu. — Sim, Lily. Jackie é minha assistente pessoal, e eu pedi a ela que entrasse em contato com você. Mande o que ela pediu, e qualquer outra coisa que solicitar no futuro. Tudo bem? Obrigado.

Vincent devolveu o fone para Jackie sem esperar uma concordância, depois escutou, impaciente, enquanto ela repetia as ordens que obviamente já havia dado várias vezes. Quando terminou, desligou e lhe agradeceu.

Ao ver a boca de Vincent se apertar, Tiny examinou seu rosto exausto e anunciou:

— Acho que vou dar uma olhada no almoço. Jackie o observou sair e disse:

— Obrigada, de verdade. Essa Lily estava sendo insuportável.

— Como você encontrou o telefone dela?

— Não foi difícil: você anotou no "A", de assistente de produção, em sua agenda — ela destacou, se divertindo com a pergunta. — Encontrá-la não foi o problema, conseguir falar com ela é que custou.

— Ela não tinha que atender — murmurou Vincent. — Normalmente, só começa a trabalhar no mesmo horário que eu.

— O que me lembra, o que está fazendo de pé tão cedo? — ela perguntou, intrigada. — Achei que fosse dormir até a hora do jantar.

A questão o lembrou de que estava irritado.

— Por que esse bando de homens está na minha casa?

Jackie pareceu surpresa.

— Você sabe muito bem porque eles estão aqui. São a equipe de segurança. Estão terminando de instalar o sistema de alarme e câmeras nas janelas e nas portas do primeiro andar.

— Não podiam ter vindo um pouco mais tarde? Eles me acordaram.

Jackie recostou-se na cadeira, suspirando.

— Quanto antes tudo estiver em seu lugar e funcionando, melhor. Eu cheguei a pedir que fizessem o mínimo de barulho — acrescentou ela, pedindo desculpas. — Vou falar com eles novamente, para que possa dormir mais um pouco.

— Não, não. Agora já estou acordado. — Vincent passou o peso de uma perna para a outra, impaciente, olhando para Jackie e reparando que ela vestia outro terninho. Este era cinza com uma blusa vermelha por baixo. Muito bonito nela, pensou, olhando a parte do pescoço exposto pelos dois botões abertos. Viu-se encarando a pele alva, fascinado. Para ele, era o equivalente a esfregar uma pizza sob o nariz de um esfomeado. Sem pensar, deu um passo à frente, parando apenas quando suas coxas bateram na quina da mesa.

— Pelo amor de Deus, pare de me olhar como se eu fosse o almoço! — Jackie falou, irritada, levantando-se. — E você tem que andar por aí sempre sem camisa?

Vincent piscou e olhou para si, só então notando que estava usando apenas as calças do pijama. Aparentemente, ela se incomodava com sua nudez, ele notou, e a encarou a tempo de vê-la olhando para seu peito. Ele sentiu uma súbita vontade de alongar e flexionar alguns daqueles músculos que ela observava com tanto interesse, mas antes que pudesse fazer isso, Jackie piscou como se despertasse de um sonho e o encarou.

Ela corou ao ser pega olhando tão descaradamente, e ele rapidamente fez uma pergunta para impedir que ficasse nervosa novamente.

— Então, o que é tudo isso?

Jackie olhou para as pilhas de papel na mesa. Suspirando, passou uma mão pelos cabelos e relaxou visivelmente.

— Isto é a sua correspondência, sr. Argeneau.

— Humm... Correspondência. — Vincent ignorou a volta do tratamento formal e meneou a cabeça, olhando as pilhas. Nunca abria suas cartas. Apenas amontoava tudo na mesa, do corredor até não caber mais, depois jogava tudo dentro de uma caixa.

— Você tinha o equivalente a três meses de correspondência no saguão — Jackie informou. — Abri e separei tudo, empilhando em ordem de data, com as mais velhas por cima. Esta pilha é só de recibos. Pelo que entendi, todas as suas contas são em débito direto?

— Isso — respondeu ele, distraído, o olhar se desviando da pilha em questão para a pele clara do pescoço dela.

Jackie meneou a cabeça.

— Vou arquivá-las mais tarde, se puder me dizer onde mantém seus arquivos.

— Eu geralmente as jogo em uma caixa que fica no armário — ele admitiu, gesticulando para uma porta à direita.

Os olhos de Jackie se arregalaram de incredulidade.

— E quando chega a hora de declarar os impostos? Você não...

— Eu envio as caixas para meu contador — Vincent respondeu. — Ele não precisa da maioria delas, mas deixo que faça a separação.

— Mas isso é... é... — Jackie parou, pigarreando antes de continuar. — Contadores, cobram por hora para fazer esse tipo de coisa.

Vincent deu de ombros, despreocupado. Dinheiro não era um problema. Entre suas ações nas empresas Argeneau, sua própria companhia e os investimentos que fizera nos últimos quatrocentos anos, tinha o suficiente para viver bem.

— Você é quem sabe — resolveu ela, finalmente. — Vou colocá-las na caixa.

— Claro. — O olhar dele continuava voltado para o pescoço de Jackie. Realmente tinha que ir se alimentar. — O que é o resto?

Jackie apontou para a pilha seguinte.

— Isso tudo é correspondência de fãs: É bastante óbvio que não responde a eles.

Ele podia sentir a desaprovação em sua voz, e adiantou a conversa indicando novamente as últimas duas pilhas.

— E essas, o que são?

— Esta pilha é de cartas comerciais — respondeu Jackie, apontando para a maior das duas. — Cartas do seu agente, diretor, e etc. Esta é a mais relevante. Era o que eu estava procurando quando abri sua correspondência, para começar.

— O que são? — Vincent indagou, pegando a carta de cima.

— São cartas estranhas de fãs, de funcionários nervosos por terem sido demitidos, e atrizes e atores chateados por não terem sido escolhidos. Todos são possíveis suspeitos.

Ele leu a carta que tinha pegado. Tinha apenas duas linhas. Leu, releu, esquecendo subitamente sua fome.

Eu sei quem você é. Sei o que você é.

Franzindo a testa, deu uma olhada no envelope que Jackie tinha grampeado junto à carta. O selo era local, datado de pouco mais de dois meses, e o endereço remetente era o seu. Passou a carta e o envelope para a base da pilha e leu a próxima, e a seguinte. As outras eram iguais. Curtas. Simples.

Eu sei quem você é. Sei o que você é.

Então achou uma que dizia:

Opa! Alguém teve um acidente.

Vincent ficou tenso e olhou o envelope. A data era um dia após o acidente do palco em que a atriz quebrara o braço. Franzindo o cenho, colocou-a de lado e leu

aproxima. Dizia:

Opa, alguém tropeçou.

Sabia o que encontraria antes mesmo de ver o envelope, mas olhou mesmo assim, e sua boca ficou rígida ao ver que tinha sido postada um dia após Dan Henson quebrar a perna.

— Estas são dele? — perguntou, colocando a carta na pilha e revelando a próxima.

Alguém estava com sede.

Não ficou surpreso ao ver que a postagem era de Nova Iorque, datada no meio da epidemia de anemia nos membros do elenco.

— É, parece que sim — Jackie confirmou. — Mas pode ser que não sejam. São assustadoras, mas não fazem ameaças. E todas foram postadas um dia após os eventos. Pode ser apenas alguém com um senso de humor doentio.

Quando ele suspirou, ela deu de ombros.

— Não quero tirar conclusões apressadas. Qualquer carta pode ser dele. Tiny e eu vamos investigar todas elas.

Vincent concordou e quis saber:

— Por que quer a lista de funcionários?

— Vou ter que checar todos que trabalham para você, mas quero começar com quem estava na peça de Nova Iorque.

— Por que especialmente essa?

— Quatro peças já tinham estreado quando as atrizes ou atores desistiram, e qualquer um que fosse assisti-las podia ver quem era o ator principal. Mas não foi assim com duas delas: a do Canadá e a de Nova Iorque. Você ainda não tinha publicado quem estaria em *Drácula*, um *Musical*, tinha?

— Não. Estávamos ensaiando e preparando a promoção, mas não tínhamos liberado nenhuma informação ainda.

— Os ataques em Nova Iorque teriam que ser executados por alguém com acesso aos sets e aos atores. Para morder seu elenco, primeiro tinha que saber quem estava no elenco. Suponho que os ensaios não eram abertos a qualquer um que estivesse passando, não é?

— Não. — Vincent suspirou. — Havia seguranças nas portas do teatro que usávamos em Nova Iorque para ter certeza que ninguém entrasse.

— Claro, alguém de sua espécie poderia controlar as mentes deles para conseguir entrar. Se for este o caso, a lista não vai ajudar. Temos que torcer para que ele tenha arrumado um emprego na equipe para garantir o acesso. Se não, teremos muita dificuldade em encontrá-lo. — Quando o viu preocupado, ela acrescentou: —

Vamos nos preocupar com isso depois de passarmos pelas pessoas da lista, o que faremos assim que sua assistente de produção enviar o fax. Isso pode demorar um pouco. A tal Lily tem que ir fisicamente até o escritório e ainda encontrar os arquivos.

Pegando a primeira pilha de cartas, Jackie contornou a mesa, passando por Vincent a caminho do armário. Ele inalou a fragrância que ela deixou ao passar, os olhos se fechando brevemente ao sentir o cheiro de especiarias e pele. Deus, como ela cheirava bem! E ele estava tão faminto... Estava sempre com fome quando acordava, mas isso ia além do habitual. Quanto mais se demorava ali, olhando para ela e sentindo seu cheiro, mais faminto ficava. Já estava quase insuportável. Se não saísse logo, poderia fazer algo irrefletido, e isso nunca era bom.

Forçando-se a abrir os olhos, Vincent viu Jackie emoldurada pela porta do armário. Ela estava resmungando sozinha, balançando a cabeça, enquanto se abaixava para vasculhar a caixa de correspondências no chão. O olhar dele percorreu aquele traseiro, sobre o qual a saia cinza se ajustava, e lambeu os lábios ao se imaginar chegando mais perto, correndo as mãos por aquelas curvas suaves, depois deixando as mãos subirem, enlaçando-lhe a cintura, enquanto ela se endireitava, surpresa, à sua frente.

Ele quase podia ouvir o murmúrio espantado quando a puxasse de costas contra seu quadril. Abraçando-a, deixaria seus dedos deslizarem pela barriga dela, abrindo a jaqueta para poder afagar os seios através da seda da blusa vermelha. Ele os seguraria enquanto ela se arqueasse de encontro à carícia, depois jogaria o longo cabelo para o lado, desnudando o pescoço. Então ele a beijaria...

Interrompeu os pensamentos abruptamente, sentindo as presas deslizarem para fora. Piscou, surpreso, percebendo que não era a única parte de seu corpo reagindo à imaginação. Estava exibindo uma tenda na parte da frente das calças do pijama de algodão. Mais surpreendente ainda, enquanto ele imaginara o que gostaria de fazer, seus pés o haviam levado até ficar exatamente atrás de onde Jackie estava. Estava perto o bastante para sentir o doce perfume, e era uma tortura que só aumentava sua fome... nos dois sentidos.

Dando-se um chacoalhão mental, recuou e girou sobre os calcanhares e seguiu para a porta. Tinha que se alimentar. *Agora.*

Relanceou o olhar para Jackie ao abrir a porta, mas ela ainda estava ocupada no armário. Deixando-a, saiu silenciosamente para fora do escritório.

Jackie olhou para a caixa cheia de correspondência no armário do escritório e balançou a cabeça. Como Vincent podia ganhar dinheiro estava além de sua compreensão. Não respondia às cartas dos fãs, nem mesmo olhava as de negócios, e seu contador devia estar cobrando os olhos da cara para separar a bagunça daquele armário.

Ela parou e fez uma carranca ao ver o cômodo vazio. O homem tinha saído tão silenciosamente quanto um ladrão, enquanto ela estava de costas. Intrigada, foi para o

corredor a tempo de vê-lo parar um dos rapazes da segurança no primeiro andar. Olhou com atenção enquanto ele conversava com o homem, a quem guiou até uma porta um pouco mais à frente. E guiar era exatamente a palavra. Jackie visualizou o rapaz como um cordeiro sendo levado para o sacrifício. Não que achasse que Vincent iria matá-lo. Iria apenas se alimentar dele, tinha certeza.

Jackie saiu do escritório, movendo-se com rapidez pelo saguão e parando do lado de fora da porta pela qual ambos tinham entrado. Olhou ao redor para ter certeza de que ninguém a veria, depois encostou a orelha na madeira e segurou o fôlego, tentando ouvir.

Nenhum som vinha do recinto. Nem uma palavra, ou um murmúrio. Nada.

E abriu a porta, devagar. Divisou Vincent e o trabalhador no mesmo instante. O homem da segurança estava na janela, olhando para fora. Vincent estava de pé atrás dele, os dentes afundados no pescoço do sujeito.

— A-há! — gritou ela, fechando a porta atrás de si.

Vincent enrijeceu e se voltou para encará-la, o rosto culpado e uma gota de sangue no canto da boca. O trabalhador não reagiu.

— Pensei que tivesse dito que não se alimentava de seus funcionários! — Jackie disparou, as mãos no quadril.

A boca de Vincent se curvou para baixo, descontente.

— E não me alimento. Ele não é meu funcionário.

— Ah, isso é apenas semântica — protestou ela. — Ele está a serviço de uma companhia que trabalha para você. Isso faz dele seu funcionário, ainda que indiretamente.

Ele abriu a boca para responder, mas calou-se e olhou para seu jantar. O trabalhador imediatamente começou a se mover. Com o rosto absolutamente inexpressivo, ele se voltou e atravessou a sala.

Sabendo que Vincent o controlava e estava provavelmente enviando-o de volta para o lugar de onde tinha saído, Jackie abriu a porta para que ele saísse, mas encarando o vampiro com uma sobrancelha arqueada. Vincent ignorou seu olhar questionador mais um instante, prestando atenção total no rapaz. Ela sabia que ele estava rearranjando as lembranças e pensamentos do rapaz, e esperou pacientemente até que olhasse para ela e meneasse a cabeça.

Fechou a porta tão silenciosamente quanto possível, e esperou Vincent falar.

— Eu estava faminto.

— É isso? É tudo o que tem a dizer em sua defesa? Vincent deu de ombros.

— Estava faminto, então me alimentei. O que você faz quando está com fome?

— Não é a mesma coisa, nem de longe.

— Por quê? Porque você se alimenta de vacas e galinhas, e eu me alimento de humanos?

Como resposta, ela apenas o encarou.

— Pelo menos eu não preciso matar minha refeição — destacou Vincent, de modo seco.

Jackie piscou, sem palavras. Nenhum argumento lhe vinha, e por momentos a frustração a invadiu, mas acabou percebendo que não havia argumento para aquilo. Ela e sua espécie, os humanos, matavam para comer. A dele não precisava matar para sobreviver. De fato, imortais faziam muito menos mal para suas refeições do que os humanos, percebeu, e subitamente se sentiu desamparada quando toda sua raiva sumiu como fumaça.

Antes que pudesse juntar suas defesas, ele prosseguiu:

— Eu estava faminto. Sempre acordo faminto, e você tem um cheiro tão delicioso quanto os biscoitos do Tiny. Mas ambos estão proibidos, então mordi um dos funcionários da empresa de segurança. Como você mesma viu, ele saiu andando. Não foi ferido e nem vai se lembrar. Estou saciado por enquanto, e ninguém se feriu, exceto talvez sua sensibilidade delicada.

Jackie teve que se esforçar para não recuar um passo quando ele parou à sua frente.

— Minha sensibilidade delicada? — Conseguindo tirar os olhos daquele peito largo e tão próximo, ela fez uma carranca para Vincent. — Isso é algum tipo de insulto?

Ele ergueu as sobrancelhas, parecendo tão arrogante e condescendente quanto um vampiro podia ser.

— De maneiras, nenhuma. Estou, simplesmente surpreso de que alguém que sabe tão bem o que somos, fique tão chocada e ofendida ao nos ver fazendo o que é de nossa natureza fazer.

— Fazendo o que é de sua natureza fazer — Jackie repetiu, raivosa. — Os outros de sua espécie bebem sangue de um copo, ou até mesmo direto da bolsa, mas você é o único que realmente morde gente.

— Dificilmente seria o único — respondeu ele, gesticulando e chamando a atenção dela para seu peito desnudo. — Apenas o único que você conhece.

Jackie sabia que era verdade, mas estava achando terrivelmente difícil pensar com ele ali, tão perto.

— Além disso, você não teria visto nada, se tivesse ficado tomando conta da sua vida, em vez de ter me seguido até aqui.

Aquilo, infelizmente, também era verdade. Ela o seguira até ali esperando pegá-lo no ato, até mesmo desejara que isso acontecesse, mas era a casa dele, e aquilo não

era da sua conta. Inclinando a cabeça, cedeu à curiosidade.

— Prefere homens ou mulheres? — perguntou, e quando o viu se enrijecer, acrescentou apressadamente: — Para morder?

Vincent relaxou e deu de ombros.

— Prefere carne de boi ou de vaca?

— Não tem diferença — disse ela, confusa. — Bife é bife.

— Para mim, funciona do mesmo jeito. Quando estou com fome, não ligo. O que for mais prático ou fácil de conseguir, é tudo sangue, seja de fêmea ou macho.

— Ah... — Embora pudesse compreender que sangue era sangue, Jackie ainda se espantava que, para ele, isso era apenas um alimento. Nenhum de seus arquivos tinha entrado tão fundo nos hábitos alimentares. A maioria era cheio de informações sobre a história deles, a de cada indivíduo, e assim por diante.

A única coisa que algum dos arquivos tinha sobre os hábitos alimentares imortais era que podiam sobreviver de sangue, sem comer, mas não de comida sem tomar sangue. Que eram restringidos, pelo conselho a se alimentarem apenas de sangue embalado em vez de doadores vivos, exceto em casos de emergência ou de necessidade, como era com Vincent e seu pai, Victor.

— Acho que fui influenciada pelos livros e filmes ao longo dos anos. Eles sempre retratam o ato mais como... Bem, parece um tanto... íntimo e sensual, mas você faz parecer com sentar-se na frente da TV com, um sanduíche.

— Pode ser as duas coisas — reconheceu Vincent. — Embora com mais frequência seja parecido com o sanduíche. Estou com fome, então como.

— Você sempre morde por trás? — ela perguntou.

— Prefiro me aproximar dos homens por trás. Torna mais fácil alterar suas memórias. Eles podem olhar para a televisão ou para um cenário, e eu coloco em suas mentes a lembrança de que, enquanto faziam isso, eu estava falando sem parar sobre algo terrivelmente chato.

Quando viu que Jackie estava confusa, explicou:

— Homens têm uma natureza mais visual, e raramente ouvem a uma conversa que acham entediante. Suas mentes viajam, e eles focam em outra coisa, geralmente no que estão olhando. Eles aprendem a simplesmente responder do modo que parece apropriado com as mudanças de tom.

— E as mulheres? — Jackie perguntou, curiosa sobre sua visão do sexo feminino.

— As mulheres prestam mais atenção à conversa. A comunicação é muito importante para elas. Enquanto os homens se satisfazem com uma memória vaga de um falatório chato, as mulheres ficariam loucas de não se lembrar qual era o assunto. É mais fácil me aproximar delas cara a cara e abraçá-las enquanto mordo, depois lhes

dar uma lembrança vaga de um momento de paixão.

Embora Jackie concordasse que os homens eram menos verbais que as mulheres, o conceito de que elas tendiam a se lembrar menos do contato físico parecia estranho.

— Até acredito que as mulheres achem a conversa mais importante, mas certamente se tiverem só uma vaga lembrança, elas vão ficar loucas com isso também, não?

— Por incrível que pareça, não. A maioria fica menos preocupada com os detalhes íntimos de onde foram tocadas e coisas do tipo, e tendem a só se lembrarem como se sentiram, e como foi bom.

Jackie quis argumentar, mas enquanto tentava pensar em seu último namorado e lembrar seus beijos e carícias, tudo parecia um borrão. Tinha uma vaga recordação de estar de pé em sua cozinha, com ele pressionando suas costas contra a pia enquanto a beijava, mas além dessa parte, tudo virava uma vaga lembrança de sensações e das respostas de seu corpo. Isso a fazia pensar se os homens se lembravam mais claramente. Embora estivesse curiosa a respeito, ela não teve coragem de perguntar a Vincent e se tranqüilizou com a promessa de talvez perguntar a Tiny em outra hora... talvez.

Piscando para afastar seus pensamentos, encontrou-se olhando para o peito dele. Seu olhar deslizou por ele, observando a pele perolada que raramente tinha visto a luz do sol. Seus olhos tracejaram a largura dos ombros, depois desceram pelos peitorais e um abdômen admiravelmente reto, até a cintura da calça do pijama de algodão. Era larga e confortável, mas não tinha como se enganar de que ele tinha um equipamento bastante saudável. Foi quando outra questão lhe ocorreu.

— Você disse que lhes dá uma lembrança de... momentos de paixão. Isso significa que não faz realmente amor com elas sempre que... — Ela fez uma pausa, abruptamente, quando a saliência na calça ficou mais perceptível, e ela percebeu que não apenas o estava encarando de forma sugestiva, mas estava fazendo uma pergunta bastante rude e também intrometida.

Tirando os olhos da área inferior do corpo dele, Jackie espiou-lhe o rosto, para encontrá-lo com uma sobrancelha arqueada por causa da impertinência da questão. Imediatamente começou a recuar, ao sentir o rosto ser invadido por um rubor.

— Quero dizer, é claro... embora você obviamente não faria todas as vezes...

Ele continuou a encará-la em silêncio, e Jackie trocou o pé em que se apoiava, nervosa consigo mesma por ser tão estúpida. Depois de um momento, entretanto, chegou à conclusão de que era culpa dele. Era Vincent quem andava por aí seminu, dando-lhe essas idéias. Movendo-se, impaciente, voltou-se para a saída e foi em direção à porta.

— Para onde, você vai agora? — Vincent perguntou, seguindo-a para o saguão.

— Almoçar — ela respondeu, ácida. — Tiny começou a fazer chili hoje de manhã, e prometeu que estaria pronto para o almoço.

— Chili? — ele perguntou, interessado, mantendo-se ao lado de Jackie, quando tudo o que ela queria era se afastar dele e do efeito irresistível que tinha sobre seus pensamentos normalmente sensíveis.

Ela o olhou de relance, depois balançou a cabeça.

— Não quero ser rude, Argeneau, mas se vai se juntar a nós para o almoço, podia colocar algumas roupas. Não posso pensar em nada menos apetitoso que seu peito triste e branco me encarando do outro lado da mesa.

Vincent fez uma carranca e parou de andar. Deixando-o atrás de si, ela entrou na cozinha e deixou a porta se fechar.

Ele continuou ali de pé por alguns instantes, depois lembrou o jeito como os olhos dela tinham deslizado por seu peito quando entrara no escritório. Sua tensão imediatamente começou a ceder.

Jackie podia dizer que seu "peito branco e triste" acabava com o apetite, mas seus olhos haviam dito algo completamente diferente... o que significava que ela não o queria seminu à mesa por outro motivo, talvez por achá-lo atraente até demais.

Bem, ela teria que agüentar este peito triste e branco encarando-a do outro lado da mesa hoje. De fato, iria começar a andar mais tempo sem camisa. O tempo todo, talvez. Sorrindo para si mesmo, seguiu para a cozinha. De repente, estava cheio de apetite por chili.

Jackie encarou seu chili, cerrando os dentes. Tinha estado tão certa de haver convencido Vincent a colocar alguma roupa quando ele parara no saguão, ouvindo seus insultos... Mas parecia ter se enganado. O sujeito a seguira rapidamente para a cozinha, alegre como sempre... e ainda seminu.

Diabo de homem, pensou, irritada. Era lindo e sabia disso. Havia se espreguiçado e alongado os peitorais durante todo o almoço, tornando difícil para ela se concentrar no que estava comendo. Se fosse areia, não teria notado.

— Jackie, este é um dos copos que compramos?

Olhou para cima, vendo Vincent apontar para um copo solitário na pia. Encarou o objeto, inexpressiva, depois voltou a olhar para ele e respondeu:

— Sim, claro que é.

— Ah! Acho que parece diferente, nessa luz. — Vincent lentamente recolheu a mão e deu de ombros, chamando a atenção dela para o movimento de seu peito. Ela encarou os músculos por um tempo, depois percebeu o que estava fazendo e levantou os olhos de repente para o rosto sorridente dele...

O vampiro irritante sabia exatamente o efeito que tinha sobre ela. Seus olhos se estreitaram, mas antes que pudesse dizer algo, a porta da cozinha se abriu e

Marguerite entrou.

— Boa tarde! — ela cantarolou.

Estava sorridente e alegre, mas Jackie ainda franziu a testa, se desculpando:

— Sinto muito, Marguerite. Os homens a acordaram? Eu quis dizer a eles para ficar em silêncio enquanto trabalhavam, mas...

— Não, não — ela interrompeu. — Ninguém me acordou, eu coloquei o despertador para o meio-dia. Queria acordar cedo para ajudar você.

— Para me ajudar? — Jackie perguntou, alarmada.

— Sim. Com o sabotador, você sabe.

A cabeça de Jackie se voltou para Vincent, o rosto acusatório.

— Ela leu minha mente na noite passada, enquanto estávamos fora — resmungou ele, como uma desculpa.

— Vincent nunca conseguiu mentir para mim — anunciou Marguerite, com um sorrisinho.

Jackie apertou os dentes e se forçou a contar até dez. Seu primeiro instinto era protestar com veemência. Infelizmente, Marguerite era mãe de Bastien Argeneau, por isso ela nunca se arriscaria a ofendê-la. Tinha que cuidar disso com delicadeza.

— Bem, isso vai ser ótimo — declarou, notando que os olhos de Marguerite tinham se estreitado e o rosto de Vincent estava cheio de suspeita. Ignorando suas reações, ela continuou: — Estava pensando hoje de manhã que seria bom se Vincent saísse e falasse com a atriz que saiu da peça ontem, pela possibilidade de que o sabotador tenha negligenciado apagar a mente dela tão bem quanto as dos outros. Contudo, não queria que fosse sozinho, caso seja o novo alvo do sabotador. Pensei que teria que acompanhá-lo e adiar a verificação das cartas para eliminar o que não for essencial. Assim, você pode ir com ele e Tiny, e eu ficarei para verificar as cartas.

— Adorável. — Sorriu Marguerite, e Jackie estava começando a relaxar quando a outra prosseguiu: — Entretanto, como você disse, o sabotador pode voltar suas atenções para ele, agora que suas peças não são mais um alvo, e se for assim, talvez ele deva ficar aqui e repassar as cartas com você enquanto Tiny vai comigo.

Os olhos de Jackie se arregalaram. Tinha esperado se livrar dos dois, não ficar presa a Vincent. Sozinha.

— Ah, eu...

— Além disso, quanto mais luz do sol ele evitar, melhor. Eu posso simplesmente pegar uma bolsa de sangue, e ele não — disse Marguerite, e Jackie sentiu os ombros afundarem, derrotada. Reconhecendo a vitória, a mulher se moveu, passando a mão pelo braço de Tiny. — Venha comigo, Tiny. Aluguei uma gracinha de carro esportivo... Você pode dirigir, se quiser.

O grandalhão espiou Jackie em dúvida, mas relaxou e permitiu que Marguerite o conduzisse para fora quando ela assentiu.

— Bela tentativa, mas tia Marguerite sempre consegue o que quer. Ou quase sempre — Vincent comentou, observando a porta se fechar atrás do par.

Jackie fez uma carranca.

— Se você não tivesse contado a ela...

— Eu mantive a história oficial — ele a interrompeu. — Ela leu minha mente na noite passada enquanto estávamos fora.

— Bem, você não tinha como impedi-la? Certamente imortais podem impedir que outros invadam suas mentes, não?

— Sim, se nos concentrarmos e proteger nossos pensamentos, podemos evitar que sejam lidos — Vincent admitiu, mas antes que Jackie pudesse usar isso contra ele, acrescentou: — Mas ninguém pode ficar concentrado o tempo todo. Ela sabia que eu estava mentindo, e no instante em que baixeí minha guarda, ela estava lá vasculhando meus pensamentos.

Jackie balançou a cabeça, desgostosa.

— Parece um jeito desconfortável de se viver, se tem que estar constantemente em guarda contra os outros para proteger seus pensamentos.

— E é — reconheceu ele. — Por isso, muitos de nós são solitários por natureza, até encontrarmos nossos parceiros eternos. Quando alcançamos a idade adulta, a maioria vai morar sozinha a fim de ter um lugar para relaxar depois do trabalho, sem estar constantemente em alerta.

Jackie olhou para ele, curiosa.

— Depois do trabalho? Você trabalha mais com imortais, então?

— A maioria dos atores e atrizes é humana, mas muitas pessoas da produção e funcionários do escritório da produtora são imortais.

Ela franziu o cenho. Isso significava que havia muito mais suspeitos que imaginava. Suspirando, levou seu prato até a pia para lavar e seguiu em direção à porta.

— Estarei no escritório.

— Vou tomar banho e estarei lá em seguida — Vincent avisou.

— Você não precisa me ajudar realmente com as cartas. — Jackie parou na porta. — Posso dar conta delas sozinha.

— Claro que pode, mas vai ser mais rápido fazendo em dupla — Vincent argumentou.

O olhar de Jackie deslizou sobre o corpo dele, que se aproximava, então ela se virou rapidamente e saiu. Estava quase correndo quando passou pelo saguão, e entrou no escritório, antes que ele conseguisse deixar a cozinha.

Fechou a porta, aliviada, e olhou para as pilhas de cartas na mesa. Apanhou as que não tinham nada a ver com o caso e as arquivou em uma caixa no closet. Voltando a atenção para as cartas que decidira serem de prováveis suspeitos, começou a eliminar suspeitos. Claro, as oito do remetente anônimo que só repetiam "eu sei quem você é. Eu sei o que você é." seriam difíceis de eliminar. Não tinham uma assinatura, nem endereço de remetente, mas já podia começar eliminando as outras.

Suspirando, pôs-se ao trabalho, e estava concentrada nisso quando Vincent entrou. Teve que parar e dizer a ele o que fazer e então prosseguiu com sua análise.

Trabalharam nisso pela tarde adentro, e conseguiram juntar informações suficientes em metade dos remetentes para eliminá-los como possíveis sabotadores. Era quase cinco da tarde quando Vincent avisou que ia pegar uma bebida e saiu. Jackie continuou a trabalhar por mais alguns minutos antes de uma série de bocejos a fazer parar.

Torcendo para que um pouco de ar fresco a revigorasse, ela se levantou e abriu uma das portas de vidro. Seu olhar foi para a entrada, onde avistou um carro. Olhou para o veículo, certa de não ter ouvido a campainha do portão tocar.

Observou o veículo estacionar atrás do utilitário de Allen Richmond. As portas imediatamente se abriram para permitir a saída de duas mulheres, que seguiram na direção da casa.

Ambas eram altas e loiras, porém uma delas tinha um corpo cheio e curvilíneo, enquanto a outra tinha o corpo magro e desajeitado de uma adolescente.

— Não sei por que você não me deixou simplesmente passar isso por fax, Sharon. Ela me disse para passar por fax — falou a mais magra, e Jackie percebeu que devia ser a assistente de produção, Lily.

— Porque se você os passasse assim, não teríamos uma desculpa para vir dar uma olhada nessa tal de Jackie — respondeu a mulher chamada de Sharon.

— E quem liga? — fungou Lily. — Eu não quero conhecê-la.

— Bem, mas eu quero — contrapôs Sharon. — Como secretária de Vincent, devo ser informada dessas coisas. Além disso, se você realmente não ligasse e não quisesse conhecê-la, podia ter me entregado os papéis, e eu mesma traria.

— Fui eu que recebi as ordens de enviá-los para ela. Se é para trazê-los, então eu mesma trago, para me certificar de que foi feito — Lily disse, nervosa.

O par adiantou-se, tão ocupadas discutindo uma com a outra que não notaram as portas de vidro abertas, ou Jackie atrás da porta fechada. Saindo dali, ela foi para o saguão e abriu a porta da frente quando Sharon estendia a mão para a campainha. Ambas ficaram tão tomadas pela surpresa que nenhuma delas sabia o que dizer.

— Sharon e Lily. — O cumprimento de Jackie apenas aprofundou o espanto. As duas olharam uma para a outra, depois de volta para Jackie em silêncio.

Ela imediatamente sentiu um adejar nas bordas de sua mente. Encarou Lily que tinha bonitos olhos castanhos. Não era a vampira, então. Todos os imortais tinham um brilho metálico nos olhos, como prata ou bronze. Tinha algo a ver com a visão noturna aguçada, e era sua feição mais denunciadora.

Fitou Sharon, estreitando os olhos. A secretária tinha olhos verde-prateados, definitivamente uma vampira... e estava tentando vasculhar seus pensamentos. Começando um silencioso recital, estendeu a mão para Lily, sorrindo ao dizer:

— Esta seria a lista de funcionários que solicitei? A moça assentiu.

— Ela teve que esperar que eu chegasse até o escritório para descobrir onde estava arquivada — falou Sharon, como explicação para a demora, — E como não dirige, eu a trouxe.

— Humm. — Embora tivesse ouvido a verdadeira razão pela qual estavam ali, Jackie não fez nenhum comentário. Simplesmente esperou, paciente, com a mão estendida, pelos papéis que Lily segurava.

— Não sabia que Vincent estava contratando uma assistente de produção — comentou Sharon, quando o silêncio se estendeu.

— Nem eu, até ele me contratar — respondeu Jackie. Sharon franziu a testa.

— Ele geralmente me faz ligar para as agências para enviar candidatos quando quer contratar alguém.

— Que interessante — Jackie disse, sossegada, mas cerrou os dentes quando o adejar continuou, persistente, em seus pensamentos.

Insatisfeita com o rumo do interrogatório, Sharon tentou outra linha.

— Não sei para que Vincent quer a lista de funcionários. Pensei que tivesse fechado essa peça definitivamente. Ele está pensando em retomar?

— Não faço idéia — mentiu Jackie com tranquilidade. — Mas não é meu trabalho imaginar. Só faço o que me mandam — acrescentou, olhando em seguida para Lily. — Pode me dar a lista?

— Ah, sim. Desculpe. — Lily a entregou, depois olhou para Sharon.

Jackie teve a impressão de que a garota estava silenciosamente implorando para ir embora. Se fosse isso, a resposta foi um sonoro não, pois a outra prosseguiu:

— Bem, Meredith, da contabilidade, cuida dos pagamentos — explicou ela. — E também não ouviu falar de você.

— Tenho certeza de que o sr. Argeneau vai cuidar disso no momento certo — respondeu Jackie, fazendo uma anotação mental para cobrir esse tipo de deslize.

— Bem, é melhor se assegurar de que ele cuide, se quiser receber um cheque no dia do pagamento. — Sharon estava se mostrando um aborrecimento. Era curiosa, e determinada a satisfazer essa curiosidade.

— Vou anotar um recado para lembrá-lo disso — murmurou Jackie.

— Um recado sobre o quê? — Vincent perguntou atrás dela, e Jackie quase pulou de susto.

Virando-se, ela disse:

— Sharon estava apenas me informando que ainda não fui incluída na lista de pagamentos.

Os olhos de Vincent se arregalaram e ele forçou um sorriso.

— Isso porque será paga com o pessoal da casa, como Tiny.

— Quem é Tiny? — Sharon indagou, sem se conter.

— Meu novo mordomo — informou Vincent.

As sobrancelhas de Jackie se arquearam ao notar que ele tinha omitido a parte do "cozinheiro". Ignorando seu olhar, ele continuou:

— Obrigado por trazerem os arquivos, senhoras. Aparentemente tinha decidido mandá-las embora, mas Jackie ainda tinha mais uma pergunta.

— Alguém atendeu o portão para vocês? Eu não ouvi a campainha.

— Eu tenho um controle-remoto — anunciou Sharon.

— Ela tem que deixar coisas aqui com frequência, e é mais fácil que tenha um controle-remoto — falou Vincent, no silêncio que se seguiu.

— Claro. — Jackie sorriu, agradavelmente. — Podem me dar licença?

Deixando as mulheres aos cuidados de Vincent, Jackie se virou e subiu as escadas para encontrar Allen Richmond. Encontrou-o no quarto de Vincent, supervisionando o trabalho ali. Enquanto esperava que terminasse de instruir um dos rapazes, ela deu uma espiada no quarto. Tinha dado uma olhada rápida no dia anterior, quando conhecera o primeiro andar, mas agora conferia em mais detalhes. Vincent Argeneau tinha um gosto tendendo ao decadente. O quarto era enorme, e decorado em bronze e vermelho profundo. Havia um grande sistema de entretenimento, com uma televisão imensa e um aparelho de som, mas a cama king-size era o foco central. Era um oceano de lençóis vermelhos, brilhantes, sugerindo algum tipo de cetim.

— Srta. Morrissey! Posso ajudar?

Jackie largou seu exame do quarto para olhar Allen se aproximando. Foi direto ao ponto:

— Quando arrumou o portão, não mudou o sensor nem a senha, não é?

— Não. Não me foi pedido.

— Pode mudá-los agora?

— Sim, posso. Algum problema?

— Temo que alguém que não devia tem um controle-remoto — explicou Jackie.

— Seria mais barato pedir o controle de volta e mudar só a senha — sugeriu Allen.

— Sabia que a encontraria aqui — Vincent disse, de modo seco, entrando no quarto. — Não há necessidade de mudar a senha e o sensor.

— Você pode recuperar o controle-remoto? — Jackie perguntou, voltando-se para ele.

— Eu poderia — ele disse devagar, obviamente nada feliz com a idéia.

Quando o viu se encolher, Jackie meneou a cabeça e voltou-se para Allen.

— Mude as duas coisas, e consiga outro controle para Vincent.

— Mas Sharon pode se ofender... — ele começou a protestar.

— Sharon não vai saber até tentar usar o controle de novo, então você simplesmente a avisa de que mudou todo seu sistema de segurança e se esqueceu de avisar — Jackie argumentou.

Suspirando, ele assentiu para Allen Richmond.

— Faça.

— Sem problemas. Como o cliente preferir — disse Allen, divertido, e saiu do quarto.

Jackie o seguiu rapidamente. Estava desconfortável com a presença de Vincent no quarto exuberante.

— Estou surpreso de que não tenha insistido que retomasse o controle-remoto de Sharon — Vincent comentou subitamente, ao ir atrás dela.

— Ela não parece a criatura mais compreensiva do mundo — Jackie observou, descendo a escada. — E não há nada mais capaz de provocar tumulto do que uma secretária brava com o chefe. A última coisa de que precisamos na atual conjuntura é de confusão. Mudar o sensor e a senha era a solução mais simples.

— Bem pensado — murmurou ele. — Sharon às vezes é um pouco difícil.

— E por que a mantém, então? Vincent hesitou, depois deu um suspiro.

— Ela era a esposa de um amigo meu. Quando ele morreu, ela ficou sem nada e teve de recomeçar do zero. — Encolheu os ombros. — Precisava de um emprego, e eu, de uma secretária. Não poderia demiti-la.

Jackie rapidamente desviou o olhar de seu belo rosto e suspirou. Vincent era muito bonzinho. Infelizmente, o que menos queria era que ele fosse assim. Tornava difícil não gostar dele.

Forçou um sorriso ao abrir a porta da cozinha e encontrar Tiny e Marguerite. Tiny estava levando algo do refrigerador para o forno e Marguerite parecia estar saindo, mas mudou de idéia ao vê-los entrar.

— Ah, aí estão vocês. Estava indo procurá-los.

— Estávamos no andar de cima, conversando com Allen — explicou Jackie. — Descobriram alguma coisa?

— Nada — respondeu Tiny. — O cérebro da mulher era uma tábua rasa.

— Em mais de um sentido — comentou Marguerite, seca. Jackie sorriu.

— Bem, tivemos um pouco mais de sorte. Eliminamos pelo menos metade dos remetentes da lista de suspeitos, e a assistente trouxe a lista de funcionários.

— Ela trouxe a lista? — Tiny perguntou, interessado.

— Sim. A secretária de Vincent queria dar uma conferida em mim.

— Não, ela não queria — discordou Vincent, se divertindo. Depois que você saiu, Sharon explicou que o fax estava com problema. Lily não dirige, então ela se ofereceu para trazê-la.

— Foi o que ela lhe contou? — Jackie perguntou; seca. — Bem, odeio arruinar suas ilusões, mas as ouvi conversando enquanto passavam pelo escritório e escutei claramente Sharon dizer que o motivo pelo qual tinha trazido Lily aqui foi por querer dar uma olhada em mim. — Quando ele pareceu estupefato, ela comentou: — Estou surpresa que ela tenha mentido para você, quando poderia ler a mente dela e saber que estava mentindo.

— Eu já falei, nós só lemos outros imortais se eles não estiverem protegendo seus pensamentos — resmungou Vincent, contrariado. — E não saio por aí lendo a mente dos meus empregados, de qualquer maneira. Não leio ninguém. E rude e intrometido.

— Vincent ainda é jovem — intercedeu Marguerite, quase a pedir desculpas. — Depois de mais alguns séculos, vai achar mais fácil usar as habilidades, que tem.

— Esse secretária, Sharon, é uma imortal? — Tiny perguntou.

— Sim — respondeu Jackie. — E é bem geniosa.

— Não é, não — Vincent contrapôs, surpreso. — Ela é legal.

— É forçada, rude e intrometida — Jackie disse, irritada. Coerente ou não, se Sharon tentasse outra vez invadir seus pensamentos, iria acertá-la de jeito.

Vincent franzia o cenho.

— Essa não parece a Sharon que eu conheço.

— Isto é Hollywood. Todos são atores por aqui — afirmou Jackie, dando de ombros. O comentário era direcionado tanto a ele, quanto a si mesma. Tinha que parar de pensar que ele era gentil. *Mas nada disso altera o fato de que ele é gentil por natureza. Vincent é um homem bom.*

Jackie olhou atenta para Marguerite quando essas palavras flutuaram por sua mente. A mulher as havia projetado ali. Lera seus pensamentos e as enviara

silenciosamente como resposta, de modo que os rapazes não ouvissem. Ela queria ficar brava, mas, em vez disso, estava temerosa. Marguerite a estava incentivando a gostar de Vincent, e a última coisa de que precisava era encorajamento. Já tinha problemas em combater o sentimento sem isso.

— Como era a assistente de produção? — Tiny perguntou, e Jackie voltou-se para ele, aliviada de ter algo com que ocupar sua mente além das palavras de Marguerite.

— Lily parecia legal — comentou. — Mas é muito jovem, parece uma adolescente.

— Lily tem bem mais que dezoito anos, não é nenhuma criança — Vincent assegurou, parecendo aborrecido.

— Humm — murmurou ela, em dúvida. — Mal posso esperar para conhecer o restante de sua equipe.

— Por que, precisaria conhecer minha equipe? — Vincent pareceu perplexo.

— Qualquer um em sua empresa poderia ter acessado estas listas de funcionários. — Jackie indicou os papéis que tinha recebido de Lily e que ainda segurava.

— E daí?

— Daí, que qualquer um poderia descobrir quem estava em seu elenco de Nova Iorque. O que os torna suspeitos.

— Meu pessoal não...

— Vincent — ela interrompeu, paciente. — Alguém está bravo com você para estar causando estes problemas. Parecem estar tentando arruiná-lo.

— Sim, mas eu nunca magoei ninguém em minha vida.

— Você tem mais de quatrocentos anos. Pode ter desprezado alguém, ou partido o coração de alguém há dois ou três séculos e nem se lembrar.

— Não creio que isso seja sobre alguém que eu tenha desprezado há duzentos ou trezentos anos — ele respondeu, rigidamente. — E eu nunca parti o coração de ninguém. Não pode ser isso, também.

— Então sobre o que seria? — perguntou Jackie, concisa. Vincent balançou a cabeça, expressando sua frustração.

— Não sei.

— Nesse caso, deve ser algo de que esqueceu porque foi insignificante para você — ela concluiu.

— Não sou um canalha, Jackie. Dificilmente me esqueceria de algo que tivesse magoado alguém o bastante para desencadear isso tudo.

Jackie deu de ombros.

— Canalha, imortal. Dá tudo no mesmo,

— O jantar está pronto! — Tiny postou-se entre eles, colocando um prato de frango na mesa.

Jackie piscou ao ver a refeição.

— Quando você teve tempo de cozinhar?

— Eu não sabia qual seria nossa agenda, então cozinhei de manhã e coloquei para esquentar assim que chegamos — ele explicou. — Está quente. Comam.

— Obrigado, Tiny, parece delicioso — disse Vincent. — Entretanto, acho que não estou com fome.

Tiny suspirou quando o vampiro saiu, depois se voltou para Jackie.

— Ele não é Cassius.

Ela deu um pulo, surpresa.

— Como?... Você...

— Seu pai me contou sobre Cassius durante o último ano, quando estava doente — ele admitiu, tranqüilamente. — Ele temia que por causa disso, você pudesse um dia julgar mal algum caso, ou algo assim. Pensou que, se eu soubesse a respeito, poderia impedir que isso acontecesse.

— Entendo. —, as emoções de Jackie estavam confusas.

Estava brava por seu pai ter contado a Tiny, além de embaraçada por seu amigo saber como fora controlada e usada por Cassius.

— Está me dizendo que estou permitindo que meu passado me faça cometer enganos neste caso? Não acha que é um vampiro quem está sabotando Vincent?

—Ah, eu acho que você tem razão sobre ser um imortal.

— Então o que...

— Mas acho que está julgando Vincent mal — completou, sério. — Aquela comparação foi maldosa. — Tiny foi franco. — E você não é assim. Mesmo quando detesta alguém, você é sempre polida, fria e profissional. Mas não age dessa forma com Vincent. Acho que é por estar atraída por ele, e isso a assusta por causa da experiência com Cassius. E também acho que está sendo desagradável em um esforço para mantê-lo distante.

Jackie o encarava, sentindo-se exposta e vulnerável. Antes que pudesse dizer algo, um movimento chamou sua atenção para a porta, por onde Marguerite entrava.

Gemeu ao perceber que a mulher tinha ouvido tudo, ou quase tudo, e lido sua mente. Não estava exatamente escondendo os pensamentos. Aquele definitivamente não era seu dia, e já desejava nunca ter aceitado esse caso. De um jeito ou de outro, começava a crer que sairia machucada.

— Acho que também não estou com fome, Tiny — falou, cautelosa. — Vou tomar um banho e colocar uma roupa mais confortável, depois voltar ao trabalho.

Tiny suspirou ao olhar para a refeição que preparara, mas não falou nada para dissuadi-la.

Vincent estava na sala, andando de um lado para o outro, a mente em turbilhão quando Marguerite o encontrou. Ela notou sua postura rígida e perguntou:

— Já tentou ler a mente de Jackie? Ele dispensou a questão, irritado.

— Não, como disse na cozinha, não gosto de ler os pensamentos das pessoas.

— Bem, você devia tentar superar sua resistência e ler os de Jackie — Marguerite aconselhou com firmeza. — Há algo no passado dela que causa essa desconfiança de imortais, e acho que iria ajudar se você soubesse o que aconteceu. Vincent ficou ainda mais tenso.

— Ela não confia em nós?

— Não confia em ninguém com sangue imortal — a tia confirmou. — Exceto, talvez, Bastien, e mesmo assim só até certo ponto.

Vincent franziu a testa.

— Por quê?

— Tente ler a mente dela e descobrirá — sugeriu Marguerite. — Senão, tente ler Tiny.

— Tentar ler a mente dela? — ele repetiu ao lembrar-se de que Bastien havia lhe dito que Marguerite viera visitá-lo por achar que ele estava solitário, e talvez precisasse se alegrar, ou mesmo resolver essa situação. — Ah, não — disse, nervoso. — Não, não mesmo. Nem comece com isso!

— Isso o quê? — indagou ela, inocentemente.

— Não comece a bancar o Cupido. Eu poderia ler Jackie, mas ela não é minha parceira eterna.

— Não sei, Vincent. Já vi isso acontecer quatro vezes nos últimos dois anos. Há uma certa química entre parceiros eternos, e vocês dois parecem ter.

— Tia Marguerite... — ele alertou.

— Então, prove que estou errada. Tente ler a mente dela — desafiou-o.

Vincent raciocinava furiosamente. Uma parte dele estava empolgada pela idéia de que Jackie pudesse ser sua parceira eterna. A outra parte estava completamente apavorada. Tinha vivido mais de quatrocentos anos sozinho. Era tempo demais para vagar pela Terra em busca de uma parceira, e era o que ele havia feito.

Queria uma parceira eterna. Desejava alguém com quem dividir suas esperanças, sonhos e até suas dores. A relação de seus pais tinha sido cheia de amor, apoio e carinho. Queria aquilo para si. Ansiava por alguém com quem rir e chorar, a

quem abraçar na escuridão da noite e na luz cruel do dia.

Durante seus primeiros trezentos anos, ele havia construído uma reputação de mulherengo. Foi só nos últimos cinquenta anos, que começou a se cansar da caça e começou a temer que nunca a encontraria. Nem todos os imortais conseguiam.

Agora, sua tia lhe despertava novamente a esperança, e ele estava com medo. Estranhamente, não estava com medo apenas de conseguir ler os pensamentos dela, o que significaria que não era sua parceira eterna. Também temia não conseguir, um sinal certo que era ela.

Gostava de Jackie, achava-a inteligente, divertida, sexy, e, inclusive, apreciava sua força e determinação.

— Vá e tente ler a mente dela — incentivou Marguerite. — Se conseguir, não há nada a temer ou com que se preocupar. Se não conseguir... Então pode começar a cogitar as possibilidades.

Vincent assentiu lentamente, depois se voltou e foi para a cozinha. Tentaria ler Jackie. Se pudesse, nada havia mudado. Se não... Tudo seria diferente.

Vincent ficou desapontado ao voltar para a cozinha e descobrir que Jackie já tinha saído. Sua decepção, entretanto, foi misturada com o alívio. Teria um pouco de tempo para se adaptar à possibilidade de que ela pudesse ser sua parceira. E iria aproveitar esse tempo.

— Ah, olá! — Tiny sorriu e se levantou ao vê-lo entrar. — Se está com fome, sobrou bastante frango.

Vincent abriu a boca para dizer "não, obrigado", mas acabou mudando de idéia. Estava mesmo com fome. Não tinha sentido fome de nada além de sangue por um longo período, mas agora estava sentindo dores de fome ao pensar no aroma delicioso do frango que Tiny havia preparado.

— Obrigado — murmurou, enquanto o outro o servia de frango com salada. Pegando seu prato, sentou-se à mesa em frente a Tiny para comer. Mordeu o primeiro pedaço de frango e suspirou quando o delicioso sabor atingiu sua língua. — Humm... Se você um dia resolver abandonar a carreira de detetive e abrir seu próprio restaurante, é só me avisar, que eu entro com o dinheiro.

Tiny apenas sorriu ao cumprimento, comendo também. Ficaram em silêncio por instantes, depois Vincent disse:

— Então... se eu perguntasse qual é o problema de Jackie com os imortais, você me contaria?

O silêncio do outro foi tão longo, que ele começou a pensar que não haveria resposta. Enfim, o detetive indagou:

— Qual sua opinião sobre ela até agora?

— Acho que ela é bonita, inteligente e interessante. Parece ser durona, mas

acho que não é tanto assim. E, pela primeira vez em muito tempo, encontrei uma mulher que eu gostaria de conhecer melhor.

Tiny assentiu, mas continuou quieto. Terminou de comer antes de finalmente responder:

— Ela é bonita, inteligente e interessante. E realmente *não* é tão durona quanto faz todo mundo acreditar que seja. Claro, há uma razão para aquela atitude, mas eu não poderia dizer a você. Isso seria trair uma amiga, e eu não faria isso... mesmo para seu próprio bem.

O desapontamento estava invadindo Vincent quando o outro acrescentou:

— Gosto de você. E acho que é o tipo de homem que poderia fazê-la feliz.

Vincent arqueou a sobrancelha, mas continuou em silêncio, esperando. Sua paciência foi recompensada quando Tiny prosseguiu:

— Quando somos apresentados a imortais, Jackie e eu sempre ficamos alertas para a possibilidade de que eles leiam nossas mentes. Ela fica assim por causa de uma experiência que eu não poderia divulgar sem trair sua confiança. Eu, entretanto, tendo a relaxar minha guarda se fico à vontade com o imortal... como com você, por exemplo.

Vincent piscou, imaginando se Tiny estava sugerindo o que ele achava que estava.

— Claro, se você lesse meus pensamentos e ficasse sabendo sobre Jackie, eu não estaria traindo nossa amizade — disse ele, calmamente. — Contudo, se eu lhe contasse iria me sentir culpado por não guardar meus pensamentos adequadamente.

Vincent teve que conter uma risada, mordendo mais um pedaço de frango. Enquanto mastigava, limpou sua mente e começou a sondar os pensamentos que Tiny lhe oferecia.

— Estou surpreso que não tenha feito Allen Richmond instalar um muro mais alto, com uma cerca elétrica no topo — Tiny provocou, enquanto ele e Jackie andavam pelo perímetro do quintal, seguindo o alto muro de tijolos que circundava a propriedade de Vincent.

Jackie sorriu, mas tinha considerado a possibilidade seriamente. Não seria uma má idéia, agora que sabiam que o sabotador tinha voltado sua atenção para Vincent.

Fez uma careta ao pensar na carta que chegara naquele dia. Encontrara a missiva quando saía do banho. Tinha avistado uma pilha de cartas na mesa do saguão ao passar por lá. Pegou a pequena pilha e folheou os envelopes, enquanto ia até o escritório. Havia duas cartas de bancos, uma conta do cartão de crédito, a conta de luz, e mais uma carta daquele que ela acreditava ser o sabotador.

Jackie se enrijeceu ao ver o endereço do remetente, idêntico ao de entrega. Rapidamente a abriu e leu:

Pronto para jogar?

Os pelos de sua nuca se arrepiaram, e a adrenalina a invadiu. Apertando o papel na mão, correu até a cozinha, encontrando Tiny sozinho.

Passaram um bom tempo discutindo as implicações daquela carta. Havia uma mudança no padrão. As anteriores tinham sempre a data de um dia após algum evento, torturando Vincent após cada ocorrência. Esta parecia implicar em uma ameaça de algo ainda por vir. Isso preocupou Jackie, mas não sabia exatamente com o quê. Não tinha nenhuma pista de qual seria o plano do sabotador.

Após discutir o assunto, Tiny sugeriu uma volta pelo perímetro da propriedade. Jackie sabia que isso era só uma desculpa para gastar um pouco da tensão e da ansiedade causadas pela carta. Não esperava encontrar nada interessante ao seguir o muro.

— Duvido que um muro maior ou uma cerca elétrica resolvesse muito — ela comentou. — Imortais podem saltar mais alto que nós.

Tiny olhou o muro, pensativo.

— E, sem dúvida, podem subir em árvores também. Há varias, por dentro e por fora.

Jackie assentiu.

— A segurança de verdade são as câmeras com sensores de movimento e os alarmes na casa. Vamos torcer para que isso ajude.

Tiny resmungou, concordando, depois ficaram em silêncio. Quando ele falou de novo, foi para mudar de assunto.

— Marguerite é uma mulher interessante. E gosta bastante de Vincent. Parece que ela o acha bastante solitário.

Jackie o encarou, surpresa.

— Solitário?

— Sim. Marguerite acha que ele está perdendo o interesse na vida. Aceita papéis para atuar cada vez com menos frequência, e parece passar cada vez mais tempo em casa. Ela pensa que ele também não está se alimentando o bastante, e notou que perdeu peso desde que o viu em Nova Iorque.

Jackie tinha passado tempo suficiente com imortais para saber que aquele tédio era o pior inimigo deles. Quando perdiam a paixão pela vida, se alimentavam menos e se tornavam reclusos. Isso poderia levá-los à indiferença e à depressão, depois a um comportamento autodestrutivo. Não gostava de pensar que Vincent podia estar se afundando na depressão.

Distraiu-se quando Tiny subitamente puxou-a pelo braço. Jackie olhou ao redor, percebendo que não tinham ainda alcançado o portão para a rua, e ele estava indicando a direção da casa.

As luzes do térreo estavam acesas, mas Vincent e Marguerite ainda não tinham retornado. Jackie ficou contrariada ao saber que ele estava longe da segurança da casa justamente agora, quando ela tinha a impressão que algo estava para acontecer.

— Você teve aquela sensação esquisita — adivinhou Tiny. Ela assentiu e expirou, sibilando.

— Estou, e a caminhada não ajudou muito.

— Por que não vai mergulhar? — ele sugeriu.

— Talvez eu vá — murmurou Jackie.

— Na piscina ou no mar? — indagou Tiny. Embora a casa ficasse em frente ao mar, também havia uma piscina aquecida.

— Piscina — ela resolveu.

— Então vou com você.

Entraram na casa e foram para seus respectivos quartos e mudar de roupa, concordando em se encontrarem na piscina. Jackie tirou rapidamente suas roupas e colocou seu maio vermelho. Desceu novamente as escadas e chegou à cozinha antes de Tiny.

Parando em frente ao painel, de segurança, digitou a senha para que a porta da cozinha não disparasse o alarme. Saiu para o pátio e hesitou.

O ar ainda estava quente, mas já era noite, e pensou se deveria acender as luzes da piscina ou não. No fim, decidiu que as da cozinha bastariam. Não era tão claro quanto o dia, mas o suficiente para que não batessem a cabeça na lateral da piscina.

O piso do pátio era frio sob seus pés descalços. Largou a toalha que tinha levado consigo, depois foi se sentar na beira da piscina. Colocou os pés na água, e inclinou-se para trás, olhando para o céu estrelado, os pensamentos vagueando. Depois de um tempo, olhou na direção da casa, imaginando por que Tiny demorava tanto.

Estava prestes a ir procurá-lo quando a porta da cozinha se abriu e Tiny saiu vestido em uma bermuda larga com a estampa do Frajola. Ela sorriu, divertida, e balançou a cabeça. O tamanho do homem assustava a maioria das pessoas, mas ninguém ficaria assim se o conhecesse de verdade.

— O que está esperando? — Tiny perguntou, atravessando o pátio. — Está morrendo de vontade de mergulhar! Vá lá!

Rindo, Jackie pulou, ofegando quando a água a envolveu. Estava aquecida, mas ainda era mais fria que a temperatura do corpo. Rapidamente mergulhou para se molhar completamente. Quando emergiu e olhou ao redor, Tiny estava na água, nadando. Relaxou um pouco, apenas batendo os pés, depois começou a dar voltas na piscina.

Uns vinte minutos depois, Tiny saiu da água e começou a se secar.

— Já parou? — ela perguntou.

— Estou aqui. Continue nadando — Tiny incentivou, sentando-se com a toalha sobre os ombros.

Assentindo, Jackie continuou dando voltas. Da próxima vez que parou, ele já não estava na cadeira, e ela procurou ao redor para ver aonde teria ido. Viu então uma figura se movendo em sua direção através da água, e deu uma risadinha.

Um instante depois, sua diversão deu lugar à confusão e até ao medo, quando percebeu que a forma era pequena demais para ser Tiny. Quando já estava pronta para sair da piscina, o nadador emergiu à sua frente, e ela piscou ao ver a cabeça e os ombros de Vincent saírem da água.

— Você já está em casa?

Ele riu da surpresa de Jackie.

— Chegamos há alguns minutos. Quando vi que vocês estavam aqui nadando, troquei de roupa e vim me juntar a vocês.

Jackie assentiu, olhando na direção da casa.

— Aonde Tiny foi?

— Entrou para se secar e colocar outra roupa, agora que você não está mais sozinha.

— Ah! — Jackie se moveu na água. Embora não quisesse sair quando Tiny estava ali, agora que era Vincent que a acompanhava, tudo em que podia pensar era em ir embora dali.

Ela nadou até a escada, mas lembrou-se do que Tiny dissera mais cedo sobre seu medo, e o fato de Vincent não ser Cassius. Ele gostava do vampiro, e Jackie confiava em seu julgamento. Decidiu ficar e tentar ser agradável. Podia lidar com isso, e determinadamente ignorou seus instintos lhe dizendo para fugir, ou insultá-lo, ou fazer o que fosse necessário para sair da esfera de influência dele.

Como se sentisse o desconforto dela, Vincent começou a se afastar, dando-lhe espaço.

— Estou surpreso por ter preferido a piscina em vez do oceano — ele comentou.

Ela o olhou, depois começou a nadar lentamente enquanto respondia:

— Gosto de ver o que há ao meu redor. Vincent riu, suavemente.

— Suspeito de que você goste de nadar no oceano à noite, não?

— Sim. Raramente uso a piscina. — Ficaram em silêncio por um minuto, então ele perguntou: — O oceano é frio para se nadar durante o dia?

— Você nunca nadou durante o dia?

— Não, nunca — respondeu Vincent. — É melhor que à noite? Jackie franziu a testa, pensando.

— Melhor não, só diferente. Sente falta da liberdade de sentir a luz do sol?

— Não se pode sentir falta do que nunca se teve — afirmou ele.

Isso a fez pensar de que mais Vincent não sentia falta por não conhecer. Tentou pensar em coisas que eram exclusivamente diurnas, mas viu que não se lembrava de nada.

— Como é viver por tanto tempo? — indagou, de repente.

Vincent parou de nadar e foi para a lateral da piscina para segurar-se ali, enquanto pensava na questão. Depois de um momento, balançou a cabeça.

— Não sei o que dizer. E tudo o que conheço, não tenho como comparar com não viver por tanto tempo. — Olhou para ela, pensativo. — No começo era muito divertido, e eu sentia pena dos mortais que viam sua beleza e juventude sumir com cada ano que se passava, enquanto eu continuava jovem e sadio.

Quando ele parou, Jackie comentou:

— Mas deve ser incrível. Viajar pelo mundo, ver as diferentes épocas, conhecer pessoas famosas, como Shakespeare.

Vincent deu um sorriso fraco.

— Se pelo menos você *soubesse* que eram famosas quando os conhecesse...

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Como assim?

— Bem, *agora*, quatrocentos anos depois, Shakespeare é "o bardo", mas na época, ele era só mais um dramaturgo... bem sucedido, mas ainda assim, só um dramaturgo. Quando o conheci, não fazia idéia de estar na presença de alguém que seria tão importante historicamente. Se *soubesse*, talvez o tratasse com mais respeito.

— Você era uma criança quando o conheceu — apontou Jackie.

— Uma criança mimada — corrigiu ele, balançando a cabeça.

— O arquivo que a agência de meu pai reuniu sobre você diz que Shakespeare o convenceu a ser ator. — Havia arquivos sobre vários imortais na agência, todos contendo pedaços de informação coletados ao longo dos anos.

Vincent riu.

— Então seu arquivo está errado. Não foi tanto por conhecê-lo quanto por ver as belas damas que acompanhavam o teatro e admiravam os atores. Também ajudou que a Igreja estivesse brigando com o teatro na época, chamando-o de imoral e indecente. Isso só o tornou mais atrativo.

— A revolta da juventude — concluiu Jackie, divertida.

— Talvez — ele concedeu. — Mas sempre fiquei do lado dos mais fracos, e sem o

apoio da realeza e dos nobres, o teatro teria sido esmagado pela Igreja. O teatro era especial na época, tanta energia, tanta animação...

— E agora?

— Agora... — Ele franziu a testa. — Agora é um monte de ambição fria e a busca pelo dinheiro. Muito pouco parece novo e criativo, especialmente em Hollywood onde, em vez de criar novos roteiros brilhantes, eles apenas repetem o que faz sucesso ou levam videogames para as telas.

Jackie ficou preocupada. Vincent realmente parecia cansado, e imaginou se os temores de Marguerite não eram justificados, afinal.

— Se você gosta tão pouco de Hollywood, por que mora aqui? Por que não se muda para perto de sua família?

— Tenho pensado nisso, ultimamente — admitiu ele.

— Verdade? — Jackie questionou, surpresa.

— Bem, você sabe, os pais querem que seus filhos sigam sua carreira.

— E os filhos com frequência se revoltam — ela completou, com um sorriso que sumiu quando acrescentou: — Seu pai é um guardião do conselho.

Vincent arqueou uma sobrancelha, e Jackie percebeu que sua voz mostrava um pouco de raiva. O conselho era o corpo de governo dos imortais, e os guardiões eram como sua polícia. Jackie sempre se ressentira de que os imortais se achassem acima das leis humanas, sentindo-se no direito de ter suas próprias leis e guardiões.

Por outro lado, sabia que a polícia humana não poderia forçá-los a obedecer as leis mortais. A idéia era risível. Se Vincent, ou qualquer outro imortal, fosse parado por excesso de velocidade, tudo o que precisaria fazer era entrar na mente do policial e convencê-lo de que não estava rápido demais. E assim seria com as outras leis. Por já ter tido a mente controlada e sabendo o que podiam forçar os humanos a fazer, Jackie sabia como essas habilidades eram assustadoras. Um vampiro provavelmente poderia matar alguém em frente a uma sala cheia de testemunhas e fazer todas elas esquecerem o que haviam visto. Os guardiões eram necessários.

Quanto à sua coleção exclusiva de leis, embora Jackie quisesse que eles seguissem todas as leis humanas, compreendia que os imortais estavam tão espalhados que os guardiões não poderiam manter todos na linha. Então, decidiram quais leis eram importantes, como a que os restringia ao sangue embalado, a que proibia de se alimentar de humanos exceto em caso de emergências e em casos de problemas médicos que requeressem doadores vivos. A maior parte do restante de suas leis parecia existir simplesmente para impedir que superpovoassem a terra. Restringindo-os a ter apenas um filho a cada cem anos, e permitindo que cada imortal transformasse apenas um mortal em sua vida.

Jackie sabia que a quebra dessas leis era punida com uma morte nada agradável. De acordo com os arquivos de seu pai, o último imortal a tentar transformar mais do

que a sua cota tinha sido queimado na Califórnia. Fora deixado debaixo de um sol inclemente ao longo de um dia, depois decapitado ao anoitecer. E a decapitação provavelmente havia sido a parte bondosa do ato. Deixá-lo ao sol o dia todo para que desidratasse, e seus nanos comessem a devorar seus órgãos em busca do sangue necessário tinha sido a real punição. De acordo com Bastien, não havia tortura pior para um imortal, e o este ficaria grato pela decapitação quando ela chegasse.

— Quantos guardiões existem? — Jackie perguntou, repentinamente. Era um assunto que sempre a intrigara.

— Não tenho certeza — Vincent admitiu. — Talvez uma dúzia, mais ou menos, aqui na América do Norte.

— Quantos existem da sua espécie?

— Para ser sincero, também não estou certo disso. Acho que aproximadamente quinhentos na América do Norte.

— E na Europa?

— Muito mais — ele respondeu.

Jackie assentiu. Sabia que os imortais europeus eram governados por um conselho diferente, e que houvera atrito entre os dois conselhos durante séculos. Isso vinha desde que os primeiros imortais tinham vindo para a América, com medo da caça às bruxas na Europa. O conselho europeu sentia que os imigrantes ainda lhes deviam obediência, mas as famílias exiladas tinham problemas diferentes, e sentia que os europeus estavam distantes de suas necessidades. Queriam ter seu próprio governo e polícia.

De acordo com Bastien, a batalha que se seguira ocorreu paralelamente à batalha pela independência, mas em menor escala. No fim, o conselho europeu lavara as mãos sobre o seu povo no novo mundo. Não que tivessem muita escolha: não estavam na América para garantirem seu controle.

Jackie afastou o assunto dos conselhos e perguntou algo que sempre a intrigara, desde que chegara à Califórnia.

— De quanto sangue vocês precisam por dia?

— A maioria toma três ou quatro bolsas por dia — Vincent respondeu um tanto hesitante. — Alguns precisam de mais.

— E você — indagou ela. — Quantas pessoas você morde por dia?

— Agora, só uma ou duas por dia.

— Por que você precisa de menos sangue?

— Não é que eu precise de menos, mas... — Ele deu de ombros com indiferença. — Eu só me alimento o suficiente para sobreviver.

— O suficiente — repetiu Jackie, lembrando-se de Tiny dizendo a opinião de

Marguerite, de que Vincent perdera peso desde que o vira em Nova Iorque. Obviamente, alimentar-se "só o suficiente" não era o bastante. — Por quê?

Vincent não fingiu não entender a pergunta, mas evitou seu olhar ao dizer:

— Começo a achar a caçada um incômodo terrível.

— Um incômodo? — Jackie questionou, preocupada.

— Tudo parece ser um incômodo hoje em dia — admitiu ele, insatisfeito. — Você estava certa. Eu não comia antes de você e Tiny chegarem. Parei de comer há uns trezentos anos. Não devia ter parado, porque isso ajuda a reconstruir meu sangue e reduz a quantidade de sangue necessária, mas ter que consumir comida além de caçar ficou bastante inconveniente. A comida virou um tédio, não valia o esforço.

— A comida ficou entediante? — Jackie gargalhou, certa de que ele estava brincando.

Vincent riu da reação dela.

— Ficou.

— Então todos vocês param de comer em algum momento, por causa de tédio?

— Alguns param de comer, outros não. Meu primo Lucern nasceu dois séculos antes de mim, em uma época na qual tamanho e força eram importantes. Era um guerreiro, grande e musculoso. Muito alimento é necessário para manter a massa muscular. Ele sempre consumiu comida e sangue, e mesmo quando se cansa de comer, ainda o faz por necessidade, para manter sua massa muscular. Por outro lado, minha prima Lissianna não tem esse tipo de preocupação. Quando se cansou de comer, simplesmente parou... embora tenha voltado a comer desde que conheceu Gregory.

— E você não está preocupado com sua massa corporal? — perguntou ela.

Vincent sorriu e estendeu os braços.

— Quando eu nasci, habilidade era mais importante do que força em qualquer batalha. Duelávamos com floretes ou pistolas. Eu não precisava da mesma massa muscular de Lucern para segurar sua espada, e nunca quis tê-la. Então, quando me cansei de comida, simplesmente parei de comer.

Jackie inclinou a cabeça e o encarou.

— Ainda acho difícil acreditar que pode ter se entediado com comida.

Vincent riu novamente da expressão dela.

— Muitas coisas podem ficar entediadas depois de alguns séculos.

— Como o quê?

— O que quer dizer?

— O que mais ficou entediante para você? O que mais parou de fazer porque parecia mais esforço do que valia a pena? — explicou ela.

— Sexo.

A resposta a espantou tanto, que Jackie se sentiu ruborizar.

— O gato comeu sua língua? — Vincent a provocou, quando ela continuou em silêncio.

— Não sei o que dizer — admitiu ela. — Acho que isso é tão surpreendente quanto se entediar com a comida.

— É. — Ele suspirou. — Eu também me surpreendi. Costumava gostar bastante de sexo. E era bom nisso.

Jackie *realmente* não sabia o que responder. Ele falara de um modo tão natural, não se gabando, apenas declarando um fato, como outra pessoa diria que era bom em palavras cruzadas. Difícil não acreditar na veracidade dele. Por outro ponto de vista, achava que todos os homens pensavam ser bons em sexo, fosse verdade ou não.

Cansando-se de bater os pés na água, Jackie saiu de seu lugar no meio da piscina e nadou até a borda, um pouco além de onde Vincent se encontrava. Segurou-se na lateral como ele fazia para descansar seus braços e pernas enquanto conversavam.

— Já chega de falar de mim — disse ele, subitamente. — Sei que seu pai fundou a agência de detetives. E sua mãe? O que ela fazia?

— Ela morreu quando eu tinha quatro anos — confessou Jackie. — Não me lembro muito dela. Era uma secretária na empresa de papai antes e depois de eu nascer.

— Então seu pai a criou? — Quando ela assentiu, Vincent indagou: — E você era um moleque, ou uma princesinha?

Jackie sorriu, divertida.

— Aposto que era um moleque!

— Por quê? — ela perguntou, cautelosamente. Ele encolheu os ombros.

— Você era a filha única, criada pelo pai e provavelmente faminta pela atenção dele. Isso geralmente leva a menina a tentar ser o filho que ele nunca teve para ganhar sua aprovação.

Jackie fez uma carranca. Ela de fato tinha tentado ser o filho que o pai jamais teria para ganhar sua atenção e aprovação. Talvez ainda estivesse fazendo isso, tentando ser o filho que ele gostaria de ter tido.

— Venha. — Vincent se impulsionou para fora da piscina. Ficando de pé, abaixou-se para lhe oferecer a mão: — Você está começando a ter calafrios. Está na hora de sair da água.

Jackie percebeu, surpresa, que ele tinha razão: estava mesmo tremendo. Quase recusou a mão que ele lhe estendia, mas por fim aceitou. Vincent pegou seus dedos, e de repente ela estava de pé, pingando água no piso do pátio. Ele a levantou com uma só

mão, sem esforço nenhum. E antes que ela notasse, ele já havia recolhido sua toalha e a envolvido nela.

— Venha, a noite está esfriando e você está gelada. — Vincent soltou a toalha dela e pegou seu braço para levá-la até a porta da cozinha. — Vamos entrar para nos aquecer.

Jackie concordou e liderou o caminho, dizendo a si mesma que estava aliviada por ele não ter tentado ler seus pensamentos ou dominar sua mente, forçando-a a fazer algo contra sua vontade. Talvez ela tivesse mesmo permitido que velhos temores a fizessem tratá-lo injustamente. Talvez ele fosse tão bom quanto Bastien. E talvez nem todos os imortais desprezassem os humanos, e estivessem determinados a usá-los como Cassius o fizera. Esta constatação abalava o sistema de crenças que ela havia seguido por anos.

Capítulo III

— Sincronia perfeita — anunciou Tiny, quando Jackie e Vincent entraram na cozinha iluminada e quente. — Estou tirando do forno a primeira forma de biscoitos. Quando tiverem colocado roupas secas, eles estarão frios o bastante para comer.

Jackie sorriu e balançou a cabeça.

— Tiny, você vai me fazer ganhar uns cinco quilos se continuar cozinhando desse jeito — reclamou, apertando a toalha ao redor de si.

— A culpa é sua — disse ele, dando de ombros. — Sua sensação estranha me deixou nervoso e...

— Sim, cozinhar relaxa você — terminou Jackie, se divertindo.

— Que sensação estranha é essa, querida? — indagou

Marguerite, chamando a atenção de Jackie para onde ela estava, folheando uma revista feminina.

— Jackie às vezes tem essas sensações — explicou Tiny, enquanto levava a forma até a pia. — Como se fosse uma tensão ou uma ansiedade, exatamente antes de algo acontecer em um caso. Ela sentiu isso hoje.

— Antes que algo aconteça? — Marguerite perguntou, interessada.

— Geralmente, algo ruim — resmungou Tiny, tirando os biscoitos com uma

espátula antes que começassem a grudar.

— Quão ruim? — Vincent perguntou, preocupado. Tiny fez uma careta. .

— Ela teve um na vez em que fui baleado.

— Baleado? — repetiu Marguerite, alarmada. O gigante assentiu.

— Estávamos trabalhando para Bastien. Ele suspeitava que alguém estivesse retirando relatórios e amostras de alguns dos remédios milagrosos em que seus cientistas estavam trabalhando.

Jackie lembrou-se da ocasião de que Tiny estava falando. As empresas Argeneau eram muito engajadas em pesquisa médica. Podia ser um campo muito lucrativo, especialmente se a pessoa economizasse nas despesas, roubando as idéias e a pesquisa de outra pessoa.

— Bem — continuou Tiny. — Tínhamos reduzido os suspeitos para dois, e estávamos seguindo um deles depois de sair do trabalho, quando Jackie teve uma sensação estranha. Ele havia estacionado em um local público e depois seguiu a pé, e nós estacionamos e o seguimos. Ele nos levou para um beco e Jackie começou a ficar realmente ansiosa, mas o homem estava bem à nossa frente, então eu tinha certeza que não haveria problema. — Balançou a cabeça. — Porém, de repente, dois sujeitos pularam de trás de umas latas que estavam por ali e dispararam em nós.

— Você ficou muito machucado? — perguntou Vincent, franzindo a testa, mas Jackie notou que o olhar dele estava agora sobre ela, procurando por possíveis ferimentos.

— Não, só fui lançado longe — ele asseverou. — Mas desde então, quando Jackie começa a ter essa impressão estranha, eu fico nervoso.

— Ela já se enganou alguma vez? — quis saber Marguerite.

— Nunca — respondeu Tiny, solenemente, enquanto terminava com os biscoitos e começava a colocar bolinhas de manteiga na forma, agora vazia.

— Ah... — Marguerite pensou a respeito daquilo e franziu a testa ao ver Jackie ter um calafrio. — Você está ficando azul, meu bem. É melhor se apressar e trocar de roupa.

— Ela está certa. — Vincent empurrou-a na direção da porta. — Vá se vestir.

Jackie não precisava de muito incentivo. Estava com frio, e pronta atirar seu maio molhado. Lançando um sorriso de gratidão para Vincent, apressou-se para o quarto.

Pensando nos biscoitos fresquinhos, trocou de roupa rapidamente e escovou os cabelos ainda molhados. Vincent estava no escritório quando ela voltou para o andar de baixo. Podia ouvi-lo falando ao telefone quando chegou ao térreo. A despeito da atração dos biscoitos, desviou-se para ver o que estava acontecendo. Ele estava desligando quando ela alcançou a porta.

— Era Bastien. — Ele se levantou e ela viu que, apesar de ter sido rápida, ele fora ainda mais, pois já estava com um jeans e uma camiseta justa.

Jackie meneou a cabeça.

— Está tudo bem?

— Tudo. Estava só conferindo como estão as coisas com a presença de tia Marguerite. — Vincent deu a volta na mesa, indo em sua direção. — Eu me ofereci para chamá-la ao telefone, mas ele estava indo dormir, então me pediu para mandar um "olá".

Jackie sorriu ao ver a expressão divertida no rosto dele, adivinhando sua suspeita de que o sono de Bastien era apenas uma desculpa para evitar a mãe. Bastien já tinha feito comentários ao longo dos anos, sugerindo que ela podia ser um pouco intrometida no tocante à vida de seus filhos.

Abriu a boca para perguntar se havia algum recado da agência que ela precisasse saber, mas parou ao reparar na mesa impecável.

— Que foi? — perguntou Vincent, notando sua súbita rigidez.

— Você tirou os papéis que estavam em cima da mesa? — ela quis saber, passando por ele.

— Não... Não havia nenhum papel na mesa quando eu entrei — ele assegurou.

— Tenho certeza que deixei a lista de funcionários aqui hoje de manhã. Eu planejava trabalhar nela amanhã... — Jackie congelou outra vez, o olhar pousando nas portas de vidro. Uma delas não estava bem fechada. Voltou-se para Vincent. — Você desligou o alarme quando veio para casa?

— Não, claro que não — ele foi logo dizendo. — Não estava ligado.

— O quê? — ela perguntou, espantada.

— Pensei que você tivesse desligado para ficar lá na piscina — disse Vincent, intrigado.

— Não. Eu só liberei a porta da cozinha. — Jackie voltou-se para o saguão para chamar Tiny, depois apressou-se para trancar as portas de vidro.

— O que aconteceu? — Tiny entrou correndo, com Marguerite logo atrás.

— As portas de vidro estavam abertas e a lista de funcionários sumiu — Jackie informou, tensa, enquanto começava a vasculhar a mesa, checando as gavetas para se certificar de que não colocara os papéis em alguma delas por engano. Sabia, enquanto procurava, que era uma perda de tempo. Lembrava-se claramente de ter colocado os papéis no centro da mesa, para que fossem a primeira coisa a ser vista pela manhã.

— Por que o alarme não disparou? — perguntou Tiny, franzindo a testa e parando ao lado de Vincent no canto oposto da mesa. Marguerite ainda estava na porta, com uma expressão preocupada no rosto.

— É o que eu quero saber. — Jackie se endireitou, abandonando a procura. — Vincent disse que o alarme estava desligado quando ele e Marguerite voltaram.

— Impossível — anunciou Tiny. — Estava ligado quando voltamos de nossa caminhada.

— Sim, estava — confirmou Jackie, amarga. — E aparentemente um de nós o desligou entre a hora em que voltamos e a que Vincent e Marguerite chegaram.

— Um de nós? — indagou Tiny, chocado. — Impossível. Nenhum de nós o desligaria.

— Não por nossa própria conta, claro — concordou ela. — Mas podemos ter sido controlados, e nossa lembrança disso, apagada.

Jackie estava consciente do efeito de suas palavras em todos. Os três congelaram. As sobrancelhas de Marguerite se arquearam de surpresa; Vincent parecia ter virado uma pedra; e Tiny parecia incrédulo.

Desistindo de encontrar a lista, ela contornou a mesa e saiu para o saguão, indo até o painel na porta da frente. Tiny a seguiu, olhando por sobre os ombros dela para o alarme.

— Não está simplesmente desligado, o sistema inteiro está inativo — notou ele, desgostoso.

— E o que isso quer dizer? — Vincent juntou-se a eles em frente ao painel.

— Quer dizer que precisa ser reiniciado — resmungou Jackie, e começou a reiniciá-lo.

Terminando com o alarme, Jackie voltou para o escritório.

— O que vai fazer agora? — Vincent perguntou, seguindo logo atrás.

— Chamar a empresa de segurança. Eles monitoram as câmeras. Nossa melhor chance é de que as câmeras com sensor de movimento tenham filmado o sabotador quando ele se aproximou da casa. — explicou ela, pegando o telefone.

Desligou dez minutos depois, as desculpas do gerente noturno, ainda ressoando nos ouvidos.

— Nenhuma gravação? — adivinhou Vincent, enquanto ela se sentava na cadeira, suspirando. Ele, Tiny e Marguerite tinham ouvido o fim da conversa, e conseguiram juntar informações suficientes para perceber este fato.

— Nenhuma — confirmou ela. — O gerente acha que eles, de algum jeito, esqueceram de colocar cd's nas máquinas.

Tiny fez uma carranca quanto à impossibilidade daquilo e perguntou:

— Seria o sabotador? Jackie assentiu.

— Fomos muito lentos. Depois de sair daqui, ele deve tê-los visitado, removido os discos com as gravações, além das cópias nos computadores, depois apagado as

memórias dos rapazes.

Ficaram todos em silêncio por um instante, e Jackie ficou de pé.

— Aqueles biscoitos já devem estar frios agora, Tiny. Tem café para combinar com eles?

Tiny assentiu, em seguida se endireitou, o rosto horrorizado.

— A segunda fornada! — gritou, e correu para a cozinha.

— E agora? — perguntou Tiny, quando finalmente se sentaram ao redor da mesa. Jackie, Vincent e ele tinham café e biscoitos à sua frente. Marguerite dispensara ambos, e estava bebendo sangue. Disse que a cafeína atingia mais intensamente os imortais do que os humanos, o que não deteve Vincent.

Jackie tomava um gole de café.

— Agora, Você e eu contamos o que aconteceu desde que voltamos de nossa caminhada ao redor do perímetro, até o momento em que Vincent saiu da piscina — anunciou Jackie.

— Por quê? — Tiny quis saber.

— Para ver se nossas lembranças combinam com os acontecimentos — disse Jackie. — Um de nós perdeu alguma coisa, ou talvez ambos perdemos, pelo tempo que o sabotador levou para entrar, pegar os papéis e sair.

Tiny balançou a cabeça, obviamente ainda sem acreditar que um deles podia ser controlado daquele jeito.

— Eu começo — ela se voluntariou, esperando facilitar as coisas. — Certo, o que me lembro é de que destranquei a porta e apertei a senha para impedir que o alarme disparasse enquanto você trancava a porta.

Tiny assentiu, mas Jackie simplesmente continuou repassando todos os detalhes de trocar de roupa, depois voltar para o térreo. Recontou cada minuto de que podia se lembrar, até parar de nadar e encontrar Vincent na piscina. Fez uma pausa e tomou um gole de café, pensando nas partes em que podia ter sumido algum tempo.

— Sua memória parece intacta — comentou Marguerite, mas Jackie balançou a cabeça.

— Há vários lugares em que minhas memórias podem ser falsas — falou, suspirando, e olhou para Tiny. — Sua vez.

— Minhas lembranças são bem parecidas com as suas — respondeu ele, franzindo a testa enquanto relatava o que havia feito.

Jackie se concentrou nas palavras dele, mas achava que era inútil. Podiam nunca descobrir qual deles tinha desligado o alarme, e isso não tinha muita importância. O fato é que isso fora feito, e agora a lista de funcionários tinha sumido.

— Espere um pouco — disse, subitamente, interrompendo o fluxo de Tiny. —

Repita a última parte.

Quando Tiny olhou para ela inseguro, Jackie incentivou:

— Você desceu as escadas...

— Eu desci as escadas e atravessei a cozinha, saindo, e você estava...

— Volte um pouco — ela o interrompeu novamente. — Quero que vá bem devagar, e diga exatamente o que se lembra. Você saiu do seu quarto, fechou a porta, desceu as escadas...

— Saí do meu quarto — repetiu Tiny, devagar. — Fechei a porta, depois virei e andei até a escada. Desci, atravessei a cozinha e fui para fora...

— Como você chegou até a cozinha? — perguntou Jackie. Tiny a encarou, sem entender.

— Você se lembra de ter andado da escada até a porta da cozinha? — falou ela, mais especificamente. — Essa parte sempre fica faltando.

O gigante se sentou lentamente, começando a franzir a testa.

— Eu me lembro de descer as escadas... — a voz dele sumiu, enquanto lutava para relembrar o que faltava.

Depois de um momento em que suas mãos se fecharam e a expressão mudou para tristeza, Jackie cobriu uma das mãos dele com a sua.

— Está tudo bem.

— Eu não me lembro de ir da escada até a porta — falou Tiny, chocado.

— Está tudo certo, Tiny — Jackie o consolou.

— Eu o deixei entrar — admitiu o gigante, horrorizado que, por alguns poucos minutos, não tivera controle sobre si mesmo ou suas ações.

— Nem notei que ele não mencionou ir da escada até a porta — disse Vincent, admirando-se.

— Eu também não — comentou Marguerite.

Jackie deu de ombros. A despeito de sua consternação, estivera imaginando o caminho de Tiny enquanto ele o descrevia, revivendo-o. Em sua mente, alcançara o pé da escada quando ele dissera que estava atravessando a cozinha. Foi como um filme que pulou uma cena.

— Eu o deixei entrar. Eu desliguei o alarme. — Tiny encarou Jackie. — Sinto muito. Não sei...

— Não tem nada de que se desculpar, Tiny — ela o consolou. — Acredite em mim, *eu sei*, — Enfatizou as últimas palavras, o olhar fixo no dele, depois acrescentou: — Cassius.

Tiny afundou-se na cadeira, lentamente meneando a cabeça. Ele compreendia.

Ela passara por aquilo. Suspirou.

— Então, acho que isso nos diz que o nome do sabotador deve estar na lista de funcionários.

Jackie estava quieta, seus pensamentos no possível significado do desaparecimento dos papéis.

— Não é? — perguntou Tiny, quando ela não concordou imediatamente.

— Talvez — ela concedeu.

Vincent franziu a testa, olhando de um para o outro.

— Sim. O nome *deve* estar na lista. Senão, por que haveriam de levá-la?

— Para nos colocar nessa trilha — Jackie murmurou, pensativa.

— O quê? — Marguerite, quis saber, sentando-se reta.

— Não entendi.

— A lista pode ser reposta facilmente — notou ela. — Só temos que pedir que Lily nos mande outra por fax, de manhã. Então, se o sabotador pegou a lista porque seu nome estava nela, foi uma perda de tempo, e mal vai nos atrasar. Mas tem outra coisa.

— Que outra coisa? — indagou Vincent.

— Como ele sabia que a lista estava aqui? Tiny ficou tenso em seu assento.

— E alguém do escritório.

— Como é? — indagou Vincent, franzindo o cenho.

— Só há duas possibilidades — enumerou Jackie. — As únicas pessoas que sabiam que Sharon e Lily trouxeram a lista de funcionários aqui hoje são do seu escritório. Ou o sabotador é alguém de lá, ou ele entrou por outro motivo e só viu a lista com seu nome por acaso, e aproveitou a oportunidade para roubá-la. — Ela comprimiu os lábios, depois continuou: — A segunda opção é possível, mas duvidosa. Seria muita coincidência e sorte para o sabotador.

— Acho que isso significa que devemos dar uma busca na casa, para ter certeza de que não há mais nada faltando ou fora do lugar — sugeriu Tiny.

— Sim — concordou Jackie, suspirando, o olhar se dirigindo para o relógio de parede. Era quase uma da manhã. Quando tivessem terminado de vasculhar a casa... Ela nem queria pensar que hora seria.

— Eu faço a vistoria — determinou Vincent, tendo visto para onde ela olhava. — Você e Tiny vasculhem apenas seus quartos, depois podem ir dormir. Eu olho o resto. Provavelmente sou o único que sabe onde as coisas ficam normalmente.

— Ele tem razão — disse Marguerite. — Está tarde para vocês. Posso ajudar na busca.

Vendo Jackie hesitar, Vincent lhe assegurou:

— Eu a acordarei se houver algo errado.

Jackie sentia-se fugindo de uma obrigação, mas assentiu e se levantou.

— Então vou olhar meu quarto e depois dormir.

Tiny vacilou, mas também fez o mesmo. Murmurando boa-noite, os dois saíram da cozinha e subiram.

— Jackie? — chamou o gigante, enquanto subiam as escadas.

— Humm? — atendeu ela.

— Sinto muito.

— Eu já falei, não é culpa sua, Tiny — ela reafirmou. — Eu sei, já passei por isso. Cassius me controlou desse mesmo jeito.

— Eu sei. Não estou pedindo desculpas por ter desligado o alarme. Bem, também por isso — corrigiu-se ele. — Mas quando pedi desculpas, não era disso que estava falando. Qualquer coisa podia ter acontecido entre minha lembrança de descer a escada e atravessar a cozinha. Nem sei quanto tempo eu perdi. É realmente assustador.

Jackie voltou-se para ele quando chegaram ao segundo andar.

— Sim, é apavorante. — Dando um passo à frente, ela o abraçou. — Eles têm habilidades e técnicas que nós não temos, e de certa forma isso nos deixa em desvantagem, se usarem isso contra nós. Mas só porque as possuem, não quer dizer que todos vão usá-las para o mal.

Tiny assentiu, pensativo.

— Então, está me prevenindo para não ficar com medo deles, como você sempre teve?

— Basicamente, sim. — Riu Jackie, e voltou-se para entrar em seu quarto. — Durma bem, Tiny, preciso de você descansado amanhã. Vamos para a empresa de Vincent pegar um sabotador.

— Onde está Jackie? — perguntou Vincent, entre mordidas no muffin de framboesa que Tiny havia lhe servido com café assim que entrara na cozinha. Passava um pouco das três, ainda cedo para ele estar de pé. Mas já acordara, e se sentia descansado e contente, apesar de não costumar se levantar àquela hora.

— Dormindo no sofá do escritório — respondeu Tiny, sentando-se em frente a ele com seu próprio café e bolinho.

Vincent parou de mastigar e o encarou, incrédulo. Aquilo soava tão contrário à mulher profissional e esforçada que conhecia que mal podia acreditar.

— Dormindo?

Tiny fez uma careta e admitiu:

— Também fiquei chocado, mas acho que ela não dormiu bem a noite passada. Acordou no horário de sempre esta manhã, mas estava com olheiras enormes e aquela cara rabugenta de quem não dormiu o suficiente que eu já aprendi a lidar com cuidado.

— Como você age quando ela está com essa cara? — Vincent quis saber, divertido.

— Coloco um muffin e um café na frente dela, e fico quieto até que descanse um pouco mais, ou acorde de vez. Que foi exatamente o que fiz. Depois avisei que você tinha deixado um recado no escritório, e ela foi para lá. — Tiny tomou um gole de café antes de continuar: — Jackie ficou ao telefone a maior parte da manhã. Almoçamos, e em seguida ela se ajeitou no sofá para vistoriar as últimas cartas, mas quando fui ver se precisava de alguma ajuda, tinha pegado no sono. Parecia estar precisando mesmo, então apaguei a luz e a deixei lá. Além do mais, não estamos fazendo nosso horário normal aqui, não é? Não vi motivo para perturbá-la.

Vincent concordou. Seu próprio horário, por si só, garantia que iriam trabalhar além do normal. Não via problema que Jackie dormisse, só ficou surpreso com o fato.

— Vou acordá-la, agora que já acabou com seu muffin e está pronto para começar — anunciou Tiny. — Nós três temos que ir até sua produtora hoje.

Vincent jogou o último pedaço na boca e se levantou.

— E eu vou tomar banho e me vestir, depois comer mais um bolinho enquanto você a desperta. — Saindo da cozinha, foi na direção das escadas, mas se viu desviando para o escritório no último momento. Tinha que ver com seus próprios olhos a srta. Morrissey, toda séria, cochilando no meio do dia.

Chegando lá, abriu a porta com cuidado e entrou, depois a fechou silenciosamente, enquanto olhava em volta procurando o sofá. As cortinas estavam fechadas, bloqueando o sol da tarde. Isso deixava a sala escura, mas com sua visão noturna excepcional não teve problemas para atravessar a sala sem tropeçar em nada.

Parou ao lado do sofá, olhando para a figura adormecida de Jackie. O rosto dela estava suave, indefeso. Estava de barriga para cima, um braço sobre a cabeça, o outro para fora do sofá. Sua blusa estendia-se, justa sobre os seios por causa da posição, fazendo com que um botão além do usual se abrisse, expondo uma generosa porção de pele alva. Ele podia até enxergar a renda do sutiã aparecendo sob a seda da blusa. Era uma visão de colocar ideias na cabeça de um homem, e ele começou a imaginar como seria traçar a borda da renda com a língua, mergulhando depois entre as curvas generosas dos seios dela. Podia adivinhar como a pele devia ser macia e quente, caso abrisse aquela camisa e deslizasse a renda para baixo, substituindo-a pelas próprias mãos. As palmas se fechariam sobre os seios cheios e firmes, os mamilos tesos, ansiosos para que ele os lambesse e sugasse.

Jackie suspirou e se revirou durante o sono, e Vincent forçou-se a afastar o

olhar daquela área tentadora, descendo um pouco mais. Uma das pernas estava reta sobre o sofá, a outra com o joelho dobrado. A saia tinha subido na altura das coxas, revelando o topo das meias e mais pele branca acima delas.

Vincent engoliu seco, fascinado com o que via. Sentiu um desejo súbito de cair de joelhos e inclinar-se ali, deslizar a língua sobre a pele lisa junto ao início da meia. Podia quase sentir o gosto, imaginar a ondulação que percorreria os músculos dela se lhe separasse as pernas, e passasse a língua mais para cima daquelas coxas...

Antes de se entediar com sexo, ele costumava gostar de se alimentar na veia das coxas de suas mulheres. Gostaria de fazer isso agora. Gostaria de beijar e acariciar Jackie. Apreciaria se ajoelhar, puxar-lhe a saia acima do quadril e enfiar a cabeça entre suas pernas. Ficaria feliz em lhe dar prazer enquanto o sangue cantava nas veias perto de seus ouvidos, apressando-se em direção ao local ao qual ele prodigalizava suas atenções. E, enquanto ela estivesse gritando de prazer, ele voltaria a cabeça para o lado e enterraria seus dentes bem fundo, mergulhando-os na veia, e derramando seu prazer na mente dela ao mesmo tempo em que ela o fornecia.

Jackie gemeu e se arqueou no sofá, e Vincent piscou para afastar suas fantasias e olhar para ela. A respiração vinha em pequenos arrancos excitados, o peito dela subindo e descendo rapidamente, as mãos agora agarradas ao tecido do sofá. Mais do que isso, suas pernas estavam abertas, como se ele tivesse de fato ajoelhado entre elas, fazendo-as se abrirem, e seu corpo se arqueava como se ele estivesse realmente fazendo tudo o que fantasiara.

Ele piscou, surpreso, e começou a se afastar do sofá, enquanto a respiração dela começava a se acalmar e o corpo a relaxar. Sabia exatamente o que havia acontecido. Diabos! A mente de Jackie estava aberta, adormecida, e os pensamentos dele de alguma forma tinham se intrometido em seu mundo dos sonhos. Ela sentira tudo, como se tivesse sido real. Inferno, até o corpo de Vincent estava reagindo como se fosse de verdade! Estava com o membro ereto distendendo a frente da calça do pijama. Era uma coisa que não acontecia havia muito tempo. Tudo aquilo era uma novidade para ele. Já tinha colocado pensamentos e memórias nas mentes das pessoas, claro, mas nunca sem querer, jamais se conectando com alguém durante o sono.

Perplexo e confuso, saiu do escritório e subiu a escada. Seu banho seria frio, decidiu.

— Não acho que Tiny vai ficar feliz em ser deixado para trás.

Jackie olhou para Vincent, seguindo a direção do olhar dele enquanto ligava a carro alugado. Tiny estava na porta da frente, cercado pela luz que vinha de dentro da casa na escuridão crescente. Com aquela iluminação que lançava sombras em seu rosto, era impossível ver sua expressão, mas não precisava ver para saber qual era. O jeito como estava parado, rígido, na porta demonstrava seu descontentamento.

Balançando a cabeça, ela engatou a marcha e desceu pelo caminho até o portão.

— É, eu sei, e a princípio até tinha planejado que ele viesse, mas percebi que Sharon e Lily já ouviram que ele é seu mordomo. Não há motivo para você levar seu mordomo para o escritório da produtora. Sua assistente de produção, sim. Marguerite, também. Mas não seu cozinheiro.

— Tenho que reconhecer que, é verdade — concordou Vincent. — Acho que ele também reconhece, mas não está contente com isso.

— Tiny se preocupa demais — disse ela. — Vai ficar assim até voltarmos. Sempre fica.

— Ele gosta de você — comentou Marguerite, do banco de trás.

— Sim. — Jackie sorriu, vagamente, enquanto parava o carro para esperar os portões se abrir.

Vincent se remexeu no assento perto dela, e Jackie deu uma olhadela para vê-lo relaxado e tranqüilo no banco do passageiro.

Deixou seu olhar se demorar um pouco sobre ele, depois, lembrando-se de que Marguerite estava atrás dela e podia vê-la, olhou para a frente outra vez.

Um pequeno silêncio envolveu os três quando saíram à rua, e Jackie ficou feliz em estendê-lo enquanto dirigia.

Como esperara, Vincent e Marguerite não tinham encontrado nada faltando ou fora do lugar na casa durante as buscas da noite anterior. Ele lhe deixara um recado na escrivaninha do escritório para relatar isso. Na verdade, Jackie tinha se esquecido completamente da busca até ler o recado. Tivera problemas para dormir na noite anterior. Sua mente estivera ocupada repassando tudo o que havia sido dito e feito desde que conhecera Vincent Argeneau. E não fizera isso com objetivos profissionais. Agora que reconhecia que ele era gentil, e diferente de Cassius, suas defesas estavam seriamente abaladas. Parecia não conseguir se concentrar em nada além do sujeito, e em como ele era lindo.

Ela não ficara surpresa que a busca revelasse não haver mais nada faltando na casa. Já esperava por isso. A lista dos funcionários tinha sido o alvo... ou se tornara, quando o sabotador a vira ali. Isso a deixara ansiosa para ir até a produtora e colocar as mãos em outra cópia.

Passara parte da manhã no telefone com o escritório em Nova Iorque, atualizando-se sobre os casos em andamento, depois se ajeitara no sofá com alguns papéis e prontamente caíra no sono. E como se dormir em serviço não fosse ruim o bastante, ainda tivera sonhos eróticos com Vincent Argeneau. Ficava arrepiada só de lembrar.

— Então, que desculpa vou dar a todos para aparecer no escritório hoje?

A pergunta de Vincent trouxe Jackie de volta ao presente, afastando-a da lembrança do sonho apaixonado que tivera à tarde. Advertindo-se para prestar atenção no trabalho, olhou para ele enquanto estacionava junto ao grande edifício

branco que abrigava a V. A. Produções.

— Como assim, que desculpa vai dar? — perguntou, surpresa. — E a sua empresa. Você deve vir aqui de vez em quando, não?

— Bem, venho, sim — confirmou ele, um tanto incerto. — Mas por que estou trazendo você e Marguerite?

— Sou sua assistente, e você quer me familiarizar com todos os aspectos de seus negócios — Jackie respondeu, prontamente, lembrando-o de seu disfarce no caso. — E Marguerite pediu para vir junto porque nunca visitou sua companhia. — Ela olhou a mulher nos olhos, pelo retrovisor. — Nunca veio aqui, não é?

— Não — Marguerite lhe reassegurou. — Essa vai ser minha primeira visita.

— Muito bom. — Jackie abriu a porta do carro e saiu, depois contornou o veículo para encontrar Vincent e a tia do outro lado. Entraram no edifício juntos.

O prédio inteiro abrigava a V. A. Produções e mais nada. A entrada levava a um grande saguão com dois recepcionistas e um guarda armado. Os três eram mortais, Jackie reparou, olhando de um para outro e concentrando-se nos olhos. E todos os olharam com uma polida curiosidade quando Vincent conduziu as mulheres pela porta da frente. Suas expressões passaram rapidamente para o choque, contudo, assim que reconheceram o V. A. que dava nome à produtora. A perplexidade ainda estava em seus rostos quando ele as levou para o elevador, passando pela mesa.

— Por que eu tenho a impressão de que você não vem aqui com frequência? — Jackie perguntou, enquanto Vincent apertava o botão para a cobertura, fechando a porta do elevador para os três rostos abismados.

— Eles me reconheceram, não foi? — indagou ele, sem se importar. Sua atenção estava fixa no painel do elevador acima das portas quando acrescentou: — Além disso, nunca estive aqui tão cedo, e os guardas são de outro turno. Eles trocam de turno às sete, em vez de às seis, como o restante do pessoal. A segurança sugeriu que fosse assim, para que não estivessem movimentando-se quando todos estão saindo ou chegando.

— Esperto — Jackie comentou, aprovando, depois deixou o assunto de lado quando soou uma campainha no elevador e as portas começaram a se abrir.

Este era obviamente o andar da diretoria, pensou, reparando o grosso carpete e a música abafada.

Como na entrada, os recepcionistas eram um casal, ambos humanos. E assim como os outros, estes também pareciam chocados em ver Vincent Argeneau ali, mas nenhum fez nada além de menear a cabeça em um cumprimento quando ele passou.

Jackie esperou até terem entrado em um longo corredor antes de se aproximar de Vincent para perguntar:

— A segurança noturna também é feita por humanos?

— Não, por imortais.

— Estou surpresa por imortais aceitarem este emprego — ela comentou.

— Pagamos muito bem — explicou Vincent. — Ainda assim, as vagas normalmente são preenchidas por vampiros jovens ou recém-transformados.

Jackie assentiu, mas perguntou:

— Então você tem três turnos para a segurança, das sete da noite até as três da manhã, das três às onze, e das onze às sete, correto?

— Sim.

— E os guardas são humanos das onze às sete, mas imortais no turno seguinte. E no terceiro turno, como funciona?

— Humanos.

Ela meneou a cabeça. Era como esperava.

— Vamos conversar com seu chefe de segurança. Teremos que mudar algumas coisas.

— Por quê? — indagou ele, surpreso.

— Porque embora seja esperto atrasar a troca de turnos de modo que a segurança esteja no lugar quando todos estão saindo, os turnos precisam ser reescalados — murmurou Jackie, pensando rapidamente em uma solução. — Eles precisam trocar de turnos uma hora antes de todos, não uma depois. Os turnos devem ser das cinco da tarde à uma da manhã, da uma às nove e das nove às cinco. E você precisa colocar imortais no primeiro e no segundo, ou dividir os funcionários para que cada grupo tenha um imortal e um humano. Do jeito que está, um imortal não teria problemas para penetrar sua segurança antes do turno dos imortais, das sete às três, e em qualquer momento depois de ele terminar.

— Tem razão. — Suspirou Vincent. — Nunca nos preocupamos com uma invasão de algum imortal por aqui. A segurança foi montada para manter os ladrões afastados, ou para conter algum humano exaltado por não ter conseguido um emprego ou um papel, evitando que causassem problemas. Não para nos defender de imortais. Nunca houve motivo para temer que algum deles nos causasse problemas.

— Agora há — notou Jackie.

Ele reconheceu a verdade na afirmação com outro suspiro de infelicidade.

— Vincent! — Sharon quase caiu da cadeira quando entraram no que era obviamente o escritório dela.

— Olá, Sharon. Você se lembra da Jackie, não? E esta é minha tia, Marguerite Argeneau — apresentou ele, parando em frente à mesa da secretária.

— Ah, olá, sra. Argeneau — engasgou-se Sharon, apressando-se a dar a volta na mesa para oferecer-lhe a mão. Jackie não pôde deixar de perceber que sua presença

foi totalmente ignorada.

Entretanto, Vincent também pareceu notar.

— Tem café por aqui? — ele perguntou, entrando, depois acrescentou: — Jackie gostaria de um café, e eu também. E você, tia Marguerite?

— Não, obrigada — ela murmurou, entrando no escritório.

Sharon não teve tempo de responder, pois ao terminar de dizer isso, Vincent já estava fechando a porta.

Jackie olhou ao redor para o escritório grande e luxuoso, enquanto o seguia, junto com Marguerite. Parando na frente das duas cadeiras em frente à mesa, virou-se lentamente, o olhar atento a cada canto da sala. Tudo o que podia pensar ao absorver a opulenta decoração, com a imensa mesa de mármore, era que o homem tinha um gosto realmente caro. O escritório era muito diferente de sua casa, onde as cores neutras eram complementadas pelos acessórios coloridos como tapetes, almofadas, velas e pinturas em cores vibrantes.

— Creio que não venha mesmo aqui muitas vezes? — Jackie perguntou, divertida, enquanto Vincent dava a volta na mesa para deixar-se cair na cadeira atrás dela.

— O que a faz pensar assim? — indagou ele, cauteloso.

— Talvez seja o choque no rosto do pessoal ao vê-lo por aqui... e a poeira na sua mesa.

— Ela tem razão, querido — comentou Marguerite. — Está bem empoeirado. Acho que precisa contratar outro serviço de limpeza.

Vincent só fez uma careta e disse:

— Temo que prefira atuar ao lado empresarial dos negócios... ou preferia. — Reconheceu o crescente tédio com o que costumava ser sua paixão pelos palcos com uma expressão infeliz. — Viajo muito com a carreira de ator, então tenho um vice-presidente que toma conta das coisas chatas.

— Humano ou imortal? — perguntou Jackie, curiosa.

— Os dois — respondeu Vincent. — De fato, tenho dois vice-presidentes. Um humano, para assuntos diurnos, e outro imortal, que toma conta de tudo à noite. Neil e Stephano Notte resolvem praticamente tudo entre eles, e só se reúnem comigo de vez em quando para se certificarem de que estou de acordo com as decisões.

— Ah, sim, os irmãos Notte — murmurou Marguerite, sentando-se na cadeira em frente a Jackie. — Bastien os mencionou. Disse que você fez bem ao contratá-los.

Jackie ergueu as sobrancelhas ao ouvir isso.

— Deixe-me adivinhar: Stephano é o imortal e Neil o humano.

— Por que diz isso? — questionou Vincent.

— Porque Neil é um nome normal, humano, e vocês imortais parecem ter todos nomes exóticos terminados em *ien*, *ius*.

— Nomes exóticos com... *ien*? — espantou-se Vincent.

— E, você sabe, como Bastien. Nomes exóticos em vez de nomes normais e comuns como todo mundo hoje em dia — explicou ela.

— Na verdade, era um nome bem comum quando eu o chamei assim — comentou Marguerite, achando graça.

— Sim, e o meu também era — acrescentou Vincent. Jackie fez uma careta.

— Sim, é exatamente o que estou dizendo. Vampiros mais antigos têm nomes antigos, que não são mais de uso comum. Como Stephano.

— Sabe, creio que Neil é o imortal e Stephano o humano — anunciou Marguerite, agora claramente divertida, levantando uma sobrancelha para Vincent. — Não é isso?

Vincent assentiu, e os olhos de Jackie se arregalaram de surpresa.

— Está brincando?

— Não.

Ela pensou naquilo rapidamente, depois suspirou e se sentou. Quando começava a achar que estava entendendo essa espécie, eles a surpreendiam.

— Então... — Vincent levantou uma sobrancelha. — O que fazemos primeiro? Conhecemos todos aqui, para dar uma conferida? Ou vamos atrás da lista de funcionários de *Drácula, um Musical*?

— As duas coisas — decidiu Jackie. — Sharon pode juntar a lista enquanto você me apresenta para o pessoal, depois levamos a lista conosco, para que Tiny possa nos ajudar.

Vincent concordou com a sugestão e começou a afastar a cadeira quando a porta do escritório se abriu de repente, fazendo todos olharem naquela direção. Sharon entrou carregando uma bandeja com dois cafés, creme e açúcar.

— Obrigado, Sharon — falou Vincent, se levantando. A secretária colocou a bandeja na mesa e explicou:

— Não sei fazer café. Por sorte, tinha sobrado um pouco do turno do dia.

— Tudo bem — Vincent assegurou, depois olhou para Jackie antes de acrescentar: — Trouxe a Jackie aqui hoje para conhecer todo mundo e se familiarizar com os negócios.

Sharon relaxou e sorriu, dizendo:

— Claro! Posso ajudar em alguma coisa?

— Pode, sim. Vamos precisar de outra cópia da lista de empregados que você e Lily levaram no outro dia.

— Outra? — Ela franziu a testa. — Claro. Vou juntar a papelada outra vez e tirar uma cópia.

— Obrigado — agradeceu Vincent quando ela saiu, em seguida serviu duas xícaras e ofereceu uma a Jackie. Contudo, o café estava velho e insuportavelmente forte. Sem dúvida, não dava para beber.

— Tem uma cafeteria no andar de baixo — avisou Vincent, devolvendo o açúcar. — Podemos parar lá e pegar uma xícara durante as apresentações.

— Boa idéia.

Seguiram até a porta e quando Vincent a abriu escutaram as vozes levemente alteradas vindo dos escritório de Sharon.

— Como assim, eram os originais? — a voz de Sharon parecia chocada.

— Eu a avisei disso quando você insistiu em me levar até lá — respondeu Lily, exasperada. — Devia ter enviado um fax, mas você quis levá-las pessoalmente! Eu disse que ia fazer cópias, mas você disse que não, que levaríamos aquelas mesmo... bom, aqueles eram os originais, as *nossas* cópias. Não temos outra.

— Bem, eu não percebi que eram os *originais* — a secretária falou, em seguida.

— Pois devia ter notado. Você as retirou da gaveta pessoalmente, insistindo que as levássemos. — Lily soava completamente espantada com as palavras da outra.

Jackie olhou para Vincent, ao vê-lo se aproximar da porta aberta.

— Algum problema, senhoras? — indagou ele, sendo seguido por Marguerite e Jackie, que espiavam por sobre os ombros dele para dentro da sala de arquivo.

— Temo que levamos os originais da lista de funcionários para vocês ontem — anunciou Sharon, olhando na direção da desafortunada Lily. — Não temos uma cópia de segurança.

O olhar de Jackie se concentrou na mulher. A secretária não parecia sentir muito pela perda. De fato, havia um brilho satisfeito em seus olhos ao encará-la.

— Ainda temos a lista no computador, Sharon. Podemos achar o arquivo e reimprimir — disse Lily.

— Ah... claro. — Sem parecer muito empolgada com a idéia, Sharon passou por eles e foi até sua mesa. Sentando-se, ligou o computador. A secretária levantou a cabeça para sorrir um tanto rigidamente para os quatro, enquanto eles se ajeitavam para esperar. Depois os ignorou, começando a clicar com o mouse quando o computador inicializou. Vários cliques depois, ela parou de repente, confusa.

— Algo errado? — perguntou Vincent, estreitando os olhos.

— Não parece estar onde eu pensava que estivesse. Devo tê-lo salvado em outra pasta.

Jackie sentiu a preocupação apertar seu estômago. Começava a suspeitar de que

os arquivos tinham sido removidos. Fazia sentido que o sabotador conseguisse entrar ali depois de pegar os papéis na casa. Isso devia ter ocorrido na noite anterior. Não ficou surpresa quando Sharon olhou para eles obviamente frustrada e admitiu que o arquivo parecia não estar lá.

Ela e Lily olharam para Vincent em busca de instrução, mas ele e Marguerite encaravam Jackie. Ela não respondeu nada a princípio; estava ocupada pensando as alternativas. Talvez outros departamentos tivessem aquela informação. Na área de figurinos deveria haver uma lista dos atores, junto com o número que vestiam. A segurança teria uma lista de pessoas autorizadas por eles. Cada departamento seria uma fonte para quem fazia parte daquela área, mas havia um lugar que teria a informação de todos na produção. Qualquer um que tivesse trabalhado na peça devia ter recebido um cheque pelo tempo em que participou, o que significava que a contabilidade devia ter uma lista de todos os indivíduos.

— A contabilidade deve ter uma cópia — soltou Lily, repentinamente. Adiantou-se, dizendo: — Vou pedir para Phillip se ele...

— Phillip está de férias — apontou Sharon.

— Ah... — Lily hesitou, prosseguindo: — Bem, a secretária dele, Meredith, deve conseguir isso para nós.

— Tem razão, Lily. — Vincent sorriu para a moça.

— Devo ir perguntar a ela se poderia...

— Não, não — disse Vincent. — Eu vou até lá e pedirei a Meredith. Mas foi uma boa idéia. Obrigado.

Quando Jackie somou seu sorriso de aprovação ao de Vincent e a garota sorriu timidamente em resposta, viu-se balançando a cabeça ao sair do escritório. Honestamente, a garota não parecia ter mais do que doze ou catorze anos quando sorria daquele jeito. Quase esperava ver aparelhos em seus dentes. Contudo, a mocinha era esperta e pelo menos tentava ajudar, ao contrário de Sharon.

— Quer ir direto para a contabilidade, ou conhecer todo mundo no caminho? — perguntou Vincent, levando-a pelo saguão.

— Tanto faz — respondeu. — Não tem muita diferença. Assentindo, ele parou na primeira porta e gesticulou para que ela e Marguerite entrassem.

— Sr. Argeneau! — A loira atrás da mesa escondeu sua surpresa com um sorriso de boas-vindas, enquanto se levantava. — O sr. Notte não me avisou que o senhor viria hoje.

— Stephano não sabia, Amélia — ele assegurou. — Ele está aí? Queria apresentá-lo à minha tia e a Jackie.

— Não, temo que não esteja.

Vincent parou a meio caminho da porta e virou-se para ela, surpreso.

— Não está? Mas ele sempre fica até mais tarde... para poder atualizar Neil quando ele entra.

— Bem, ele está aqui em algum lugar, mas saiu um minutinho — explicou a mulher. — Deve voltar logo. Na verdade, eu estava imaginando o porquê de sua demora quando vocês chegaram. Ele tem ingressos para um show hoje à noite, e planejava sair cedo.

— Ah... Logo estará aqui, então — comentou Vincent. — Diga a ele para não se preocupar. Nos veremos em outra hora.

— Se ele voltar, eu digo que o senhor esteve aqui.

— Obrigado — disse Vincent, já saindo.

Não foram muito longe, apenas até a próxima porta no corredor.

— Este é o escritório de Phillip — explicou, guiando-as para dentro.

— O contador que está de férias — lembrou-se Jackie, parando em frente à mesa vazia no escritório da secretária. — A secretária está fora enquanto ele aproveita as férias?

— Acho que não. Sharon teria mencionado isso se Meredith também estivesse de férias — respondeu ele, dando uma olhada no escritório do contador.

Seguindo seu olhar, Jackie divisou a porta entreaberta e ergueu as sobrancelhas.

— Talvez ela esteja ali.

Vincent foi até a porta e a abriu. Olhou para dentro, depois ficou terrivelmente rígido. Ela não foi a única a perceber isso.

— O que foi? — perguntou Marguerite, preocupada, enquanto Jackie juntava-se a ele na porta.

Ao primeiro olhar parecia tudo em ordem... até ela notar as pernas aparecendo por trás da mesa, masculinas, com calça social e sapatos chiques. E aquelas pernas estavam imóveis. Passando por Vincent, ela cruzou a sala e se aproximou, parando apenas quando pôde ver o homem por inteiro. Sabia que não era Phillip, o contador, pois ele estava de férias. Fosse quem fosse, entretanto, estava vestido como um contador, em terno completo, bela gravata e sapatos caros... A única coisa que depunha contra a imagem de executivo rico e bem-sucedido era a faca em seu peito.

— Suponho que este seja Stephano Notte, não é? — perguntou Jackie, incapaz de desviar o olhar do homem pálido e caído. O vice-presidente humano, que não estava em seu escritório.

— Sim. — A voz de Vincent era quase um sussurro, e Jackie olhou para ele. Seu rosto era uma máscara de fria indiferença, mas não chegava aos seus olhos. Eles faiscavam e mostravam uma mistura de dor, fúria e algo que ela pensou identificar como culpa. Achou que Vincent temia que o sabotador estivesse por trás disso, e

estava se culpando. Gostaria de lhe dizer que provavelmente não era o caso, mas o envelope liso aparecendo no bolso do casaco do homem a impediu. Apenas o endereço do remetente estava visível, mas bastava: era o de Vincent.

— Ele está vivo.

Jackie afastou os olhos da figura sem vida e olhou para Marguerite, surpresa.

— O quê?

— Ele está vivo — ela repetiu, ainda da porta. — Posso ouvir seu coração batendo.

Jackie voltou-se novamente para o homem e ajoelhou-se para procurar seu pulso. Tinha certeza de que não haveria, pois ele parecia ter sido apunhalado no coração.

— Devem ter errado o coração — disse Marguerite, aparentemente lendo seus pensamentos. — Posso ouvi-lo bater. Está lento e fraco, mas está batendo.

— Estou ouvindo também. — Vincent ajoelhou-se do outro lado, bem quando Jackie encontrou o pulso. Era muito tênue, mas estava ali, percebeu maravilhada. Stephano Notte não estava morto. Ainda.

— Precisamos chamar a ambulância — disse, endireitando-se e indo em direção da mesa.

— Ele não sobreviverá até lá — anunciou Vincent. — Está morrendo.

— Temos que tentar — disse ela, enquanto pegava o telefone.

— Vincent, o que está fazendo?

A pergunta de Marguerite fez Jackie parar e voltar-se para vê-lo dobrando a manga da camisa.

— Quando eu disser *agora*, você retira a faca — ordenou, abrindo a boca de Stephano.

— Não, você não pode! — protestou Marguerite, adiantando-se rapidamente. — Deixe que eu faço.

Jackie franziu a testa, a mão apertando o telefone, enquanto tentava descobrir o que estava acontecendo. Marguerite correu para o lado de Vincent, mas não foi rápida o suficiente para impedi-lo de morder o próprio pulso. Foi profundo e deve ter sido doloroso, mas ele nem piscou. Apenas passou a ferida que vazava para a boca aberta de Stephano e deixou o sangue cair lá dentro.

Marguerite o alcançou naquele instante, pegando-o pelo ombro como se tentasse fisicamente parar o que ele estava fazendo, mas encolheu-se, derrotada, ao seu lado.

Com a compreensão do que estava havendo, Jackie apoiou-se na mesa, o fone ainda apertado em sua mão. Observou fascinada Vincent deslizar a mão livre sob o pescoço do homem e levantá-lo um pouco, para facilitar a descida do líquido.

— Ah, Vincent... — Marguerite gemeu as, palavras, uma pesada tristeza no olhar enquanto olhava de Vincent para Jackie, e de novo para ele, balançando a cabeça.

Perturbada pela reação da mulher, mas sem compreendê-la, Jackie colocou o fone no gancho e foi, trêmula, postar-se ao lado de Stephano, quando Vincent o transformava. Pelo menos, era o que achava estar acontecendo.

— Puxe a faca — as palavras de Vincent saíram por entre os dentes.

Olhando para seu rosto pálido, Jackie automaticamente se ajoelhou para obedecer. Não chegou a pensar, apenas agiu, a mão se fechando sobre o punho de metal e puxando-o para cima. Um arrepio de repulsa a percorreu, seguido por uma onda de compaixão, quando a faca finalmente se soltou e saiu.

Assim que a arma estava fora da carne de Stephano, Vincent permitiu que um pouco de sangue do seu pulso caísse sobre a ferida aberta no peito dele.

— Vai funcionar? — ela perguntou, enquanto o machucado de Vincent parava de sangrar e ele deitava novamente Stephano no chão.

— Não sei. Podemos ter chegado tarde demais. Marguerite pegou um lenço em sua bolsa e entregou a ele, que rapidamente envolveu o pulso com o tecido. Prendeu a ponta por baixo para mantê-lo no lugar, depois se inclinou novamente para levantar as pálpebras de Stephano e olhar em seus olhos.

— Vai dar certo — afirmou Marguerite, e o pesar em sua voz fez Jackie voltar-se para ela, atenta.

Levou um momento para descobrir por que a mulher estava tão aborrecida com o rumo dos acontecimentos. Lembrou-se da regra sobre só transformar um humano na vida. A maioria dos imortais guardava esta transformação para seu verdadeiro parceiro eterno. Vincent tinha acabado de usá-lo para salvar seu vice-presidente. Se encontrasse sua verdadeira parceira eterna, não poderia transformá-la. Ela voltou-se lentamente, para Vincent. Sua expressão era de amargura, o rosto pálido enquanto vigiava o homem pelo qual sacrificara tanto, e ela sentiu lágrimas formarem em seus olhos. Chegara mesmo a pensar que todos os imortais fossem seres egoístas e arrogantes, que viam os humanos como jantares com pernas? Deus do céu, ele tinha acabado de abrir mão da oportunidade de ter alguém com quem dividir sua longa vida, para salvar a vida de um mortal.

— O que está feito, está feito — murmurou Marguerite, fatalista. — O que fazemos agora?

Jackie a fitava, sem nenhuma idéia em mente. Foi Vincent quem respondeu:

— Vamos precisar de sangue, e bastante. Mas precisamos tirá-lo daqui antes que alguém saiba que ele sobreviveu.

Piscando para afastar a inércia, Jackie levou um momento para perceber por que ele pensava que ninguém devia saber que Stephano tinha sobrevivido à tentativa de assassinato. Então notou que o homem havia sido apunhalado de frente. Por certo

tinha visto o agressor. Se o sabotador soubesse que ainda estava vivo, tentaria novamente, para impedi-lo de revelar sua identidade.

Estava impressionada que Vincent tivesse pensado nisso tão rápido. Os pensamentos dele estavam funcionando muito -melhor que os seus naquele momento. Contudo, agora que encarava um problema, seu cérebro recomeçava a funcionar.

— Por que o apunhalar? — perguntou, de repente. Quando Vincent a encarou inexpressivo, ela explicou: — Stephano é um mortal. Se o sabotador é um imortal, como presumimos, por que não apagar sua memória, simplesmente? Por que o apunhalar?

— A mãe de Stephano era mortal quando ele nasceu — explicou Vincent. — Assim como seu pai. Ela ficou viúva muito jovem, e virou a parceira eterna de um imortal. Claro, a sra. Notte também se tornou uma imortal, e teve seu filho Neil que também é imortal. Ela quis transformar Stephano, mas ele não permitiu.

— Stephano cresceu como o único mortal em uma família de imortais — percebeu Jackie.

— Nestas circunstâncias, o mortal geralmente aprende a bloquear algumas de nossas habilidades — disse Marguerite. — Como você aprendeu. É uma questão de autodefesa.

— Então o sabotador não pôde controlá-lo completamente?

— É possível. Ou talvez, não conseguiu apagar sua memória completamente — sugeriu Marguerite. — E em vez de correr o risco, o matou. Ou pensou tê-lo matado.

Assentindo, Jackie estendeu a mão para pegar a carta no bolso de Stephano, parando ao ver que ainda apertava a faca nas mãos. Era um abridor de cartas, não uma faca. Fazendo uma careta, colocou-o no tapete ao seu lado, depois puxou a carta e a abriu. Tudo o que esta continha era:

Um amigo seu? Temo que ele tenha ficado no caminho. O próximo será alguém que você escolheu.

— O que está escrito? — perguntou Vincent.

Jackie entregou-lhe a carta em silêncio, pensando no significado daquelas palavras. A primeira parte era óbvia. Stephano por certo tinha interrompido o sabotador enquanto ele estava ali fazendo alguma coisa, e só foi morto porque atrapalhou. A última frase era o que a incomodava.

— O próximo será alguém que você escolheu — Vincent leu em voz alta. — Que diabos significa isso?

— Acho que quer dizer que, agora que ele passou para o assassinato, pretende continuar nessa linha — murmurou Jackie, o olhar pousando no homem deitado no chão. Stephano Notte ainda poderia morrer, e mesmo que sobrevivesse, seria apenas por ter sido transformado.

— Sim, mas o que significa isso de que será alguém que eu escolher? — perguntou Vincent, perturbado.

— Escolheu. No passado — corrigiu Jackie, franzindo a testa e balançando a cabeça. — Não tenho certeza do que ele quis dizer.

Embora tivesse algum idéia, reconheceu Jackie para si mesma. Mas nenhuma delas era boa, e ela realmente preferia que não acontecessem.

— Em quanto tempo saberemos se ele sobreviverá à transformação? — perguntou.

— Ele vai sobreviver — assegurou-lhe Marguerite. — Já vi gente em condições piores conseguir.

— Tudo bem — respondeu Jackie, voltando a encarar o homem caído. Estava pálido e imóvel, e ela não acharia difícil de acreditar que já estivesse morto, exceto pelo ferimento no peito, que parecia menor do que, quando retirara a faca.

— Quanto tempo leva para completar uma transformação? — indagou. Aquela era uma área em que a agência tinha muito pouca informação nos arquivos.

— A pior parte geralmente são as primeiras vinte e quatro horas, embora possa demorar um pouco mais, dependendo da extensão dos ferimentos ou doenças que a pessoa tenha — respondeu Marguerite. — Depois disso ele desperta, mas a transformação não vai estar completa até algumas semanas depois disso.

Jackie meneou a cabeça. Era na parte do despertar que estava interessada. Assim que Stephano acordasse, ele poderia lhes dar o nome do sabotador e evitar que mais alguém se ferisse ou morresse. Mas ainda estava preocupada. Muita coisa podia acontecer em um ou dois dias.

— Certo. — Vincent levantou-se, de repente. — Precisamos tirá-lo daqui e levá-lo para casa para começar a lhe fornecer sangue.

— E temos que fazer isso sem que ninguém saiba que ele sobreviveu — completou Jackie, também se levantando.

— Uma ambulância é a melhor saída — anunciou Marguerite. Quando Jackie e Vincent a encararam, ela deu de ombros. — Stephano era humano. Seria normal chamar uma ambulância. E a polícia. Eles levariam o corpo.

Jackie concordou. Se eles simplesmente sumissem com o corpo, o sabotador poderia suspeitar que ele não havia morrido. Mas...

— E como vamos lidar com todo mundo?

— Eu ou tia Marguerite podemos controlar os paramédicos — sugeriu Vincent. — Iremos com eles e entregamos Stephano na minha casa, depois apagamos suas memórias.

— Eu faço isso — ofereceu Marguerite. — Assim, você pode ficar aqui e falar com a polícia quando eles chegarem, depois ver se o sabotador conseguiu pegar a

informação que procuramos ou não.

— Obrigado, tia Marguerite — murmurou Vincent, enquanto Jackie ia até o telefone a fim de ligar para a emergência. Ela deu uma informação vaga, dizendo apenas que precisava de uma ambulância e da polícia na V. A. Produções. Não queria dizer nada que pudesse ser questionado depois. Marguerite podia implantar na cabeça dos atendentes a idéia de que havia sido apenas um ferimento sem importância em um dos funcionários, e Vincent faria o mesmo com a polícia, mas não seria possível se ela ligasse dizendo que alguém tinha sido apunhalado.

— Estão a caminho — avisou ao desligar.

Vincent assentiu, depois olhou para sua tia.

— Quanto sangue você tem em casa?

— O bastante para durar um dia ou dois, no mínimo — anunciou Marguerite.

— Vou encomendar mais — murmurou ele, e os três voltaram-se para a porta que se abriu de repente, dando passagem a um homem alto, esguio, que sorriu ao cumprimentá-los.

— Achei ter ouvido vozes aqui dentro.

— Neil. — Vincent parecia perplexo, e Jackie supôs que, assim como ela, ele tinha se esquecido completamente do irmão de Stephano e de sua chegada iminente.

— Acabei de chegar — admitiu Neil, ainda sorrindo! — Amélia me disse que você estava aqui, com sua tia e outra senhorita. Falou que estavam procurando por Stephano. Encontraram...

Ele ficou boquiaberto quando seu olhar encontrou o homem caído no chão. Empalideceu, e seu rosto imediatamente se alarmou. Deu um passo à frente. Jackie adiantou-se em fechar a porta que ficara aberta, depois se voltou, vendo-o se ajoelhar ao lado de Stephano. Vincent ficou ao lado dele falando baixo, mas o rosto de Neil estava confuso e ele continuava a perguntar o que havia acontecido, fazendo com que Vincent repetisse suas informações. Jackie o observou em silêncio por um tempo, depois moveu-se, desconfortável, e virou-se para a porta.

— Vou esperar a ambulância e a polícia para trazê-los até aqui. Tentem não deixar ninguém entrar.

Sem esperar por uma resposta, ela saiu da sala e atravessou o outro escritório até o saguão.

Já era quase de manhã quando Jackie levou Vincent até a cozinha da casa. Tiny e Marguerite estavam sentados à mesa jogando pôquer, mas pararam e começaram a juntar as cartas assim que eles entraram. Aparentemente, estavam tentando passar o tempo até o retorno de ambos.

— Você demorou muito mais do que eu esperava — comentou Tiny, em sua voz profunda, enquanto se levantava. — Está com fome?

Jackie balançou a cabeça.

— Comi na cafeteria do escritório.

— Café, então?

— Sim, por favor — murmurou Jackie, enquanto Vincent puxava uma cadeira para ela.

— Vou fazer — falou o gigante, e foi até a pia preparar a bebida.

— Você também comeu, Vincent? — perguntou Marguerite, olhando o rosto pálido do sobrinho com preocupação.

— Fiz um lanchinho no escritório — respondeu ele, sentando-se ao lado de Jackie.

Jackie ignorou o olhar que ele lhe lançou e passou a mão pelos cabelos. Vincent não tivera a chance de sair e se alimentar antes de ir para a produtora, algo que ela não havia pensado antes de saírem de casa. Foi só no meio da noite que ela notou não apenas sua extrema palidez, como seu maxilar cerrado, e as linhas de dor em seu olhos.

Percebendo que ele tinha que comer, e sabendo que não queria sobrecarregar ninguém, foi ela quem sugeriu que se alimentasse de um dos funcionários. Não sabia qual dos dois ficara mais chocado com a sugestão, mas depois de fechar a boca que tinha se aberto de surpresa, Vincent recusou, lembrando-a de que não se alimentava de seus funcionários. Entretanto, uma vez que ela fizera a sugestão, pensou na praticidade da coisa. Precisava que Vincent estivesse saudável, forte e pensando com clareza naquele momento, o que significava que precisava se alimentar. Então, persistiu até ele aceitar. O que não queria dizer que estivesse feliz com o fato; pelos olhares que ele estava lhe lançando, parecia na verdade culpá-la pelo que havia feito.

— Você precisa de mais. — O tom de Marguerite não admitia réplicas. — As câimbras da desidratação já estão começando.

Jackie olhou para ele atentamente, e franziu a testa. Embora estivesse pálido, ela não via mais as linhas de dor que tinha notado mais cedo, mas Marguerite parecia tão certa do que estava falando, que ela não podia duvidar.

— Vou sair mais tarde. — Vincent tentou afastar a preocupação da tia e mudou de assunto: — Como está Stephano?

— Neil está com ele — respondeu Marguerite. — Eu disse várias vezes que ficaria com Stephano para que pudesse descansar, mas ele não vai sair do lado do irmão.

Vincent não ficou surpreso com isso.

— Teve algum problema com os paramédicos?

— Não, deu tudo certo. Neil cuidou de um, e eu, do outro.

— Bom, muito bom. — Vincent passou a mão pelo cabelo, cansado. — De resto, tudo bem por aqui? Nenhum problema?

Marguerite hesitou e deu um suspiro profundo, quando Tiny lhe lançou um olhar cheio de significados ao se virar da cafeteira e se aproximar da mesa. Sem dizer nada, a vampira estendeu a mão para o lado, pegou um jornal e o desdobrou sobre a mesa.

Vincent ergueu as sobrancelhas, mas olhou para a primeira página. A foto de uma mulher enchia um quarto da página, e ele franziu a testa olhando alguns instantes para a bela jovem loira, antes de finalmente dizer:

— Ela parece familiar — comentou, e Jackie se aproximou para ler a legenda sob a foto.

Corpo de bela atriz encontrado nas colinas.

— Estava no clube onde você me levou na noite em que cheguei — disse Marguerite.

Os olhos de Vincent se arregalaram, reconhecendo-a.

— Eu me alimentei dela. Marguerite assentiu.

Preocupada, Jackie pegou o jornal e leu rapidamente a matéria. A mulher tinha desaparecido na noite anterior, enquanto ela e Vincent estavam falando com a polícia na V A. Produções. Seu corpo, mutilado e drenado de sangue, havia sido encontrado nas colinas por volta das dez da noite. Jackie estava surpresa que a história tivesse chegado ao jornal da manhã. Eles deviam ter tropeçado na matéria, embora não houvesse muita informação de fato; apenas a foto e um parágrafo com o esqueleto da notícia.

— O próximo será alguém que você escolheu — murmurou Vincent, falando o que estava na cabeça de Jackie.

— Foi o que eu pensei também — admitiu Marguerite.

Ficaram todos em silêncio. Isso era ruim. Esta mulher representava alguém a quem Vincent tinha escolhido para se alimentar. Significava que o sabotador teria que estar o seguindo aquela noite... e talvez ainda estivesse. Agora que tinha passado para o assassinato, qualquer um de quem Vincent se alimentasse... podia estar sendo marcado para a morte.

Jackie o encarou. Viu no rosto dele o reconhecimento do mesmo horror, e franziu a testa. Parecia ainda mais pálido que antes. Naquele momento, ela teve a certeza de que ele se recusaria a sair e se alimentar de alguém até que isso fosse resolvido. Mas precisava se alimentar. Morreria terrível e dolorosamente se não o fizesse.

— Tiny, encomende uma pizza — falou, com firmeza.

— Pensei que não estivesse com fome — comentou o gigante, surpreso. — Posso

fazer um...

— Pizza — repetiu ela. — Peça que entreguem aqui. Assim que Tiny concordou e foi pegar o telefone, Jackie pegou o jornal da mão de Vincent e o colocou de lado.

— Não se preocupe com isso. Já foi. Não há nada que possamos fazer.

— Jackie tem razão — falou Tiny, terminando a ligação para a pizzeria e desligando. — Não tem nada que possa fazer a respeito agora, vamos nos concentrar no que é possível. O sabotador tirou a lista do escritório do contador?

— De lá, e de todos os outros escritórios do prédio. A peça inteira, assim como seus funcionários, foram apagados dos arquivos da companhia. De todos os departamentos. Assim como todas as cópias impressas — anunciou ela, sombria, enquanto observava o gigante pegar três xícaras de café e ir até a cafeteira enquanto ela cuspiu a última porção do líquido.

Depois de retirar Marguerite, Stephano e Neil com os paramédicos, Vincent cuidara dos policiais. Levara-os até o escritório de Phillip para controlar suas mentes e colocar a história mais inofensiva que pudesse ali antes de mandá-los de volta. Os dois tinham revistado completamente o prédio, parando no escritório de Vincent antes para avisar a Sharon de que Stephano tinha sido assassinado.

Deixando para ela a tarefa de espalhar a notícia, tinham checado cada sala de arquivo e computador no prédio por informações da peça *Drácula, um Musical*. De novo, nada encontraram. O sabotador tinha chegado na frente... outra vez.

Tiny apertava os lábios enquanto servia o café.

— Então, o sabotador realmente estava atrás dos papéis quando entrou aqui aquela noite... Ele é bastante detalhista.

— Sim — concordou Jackie, descontente. Os criminosos às vezes eram estúpidos, mas mesmo os mais inteligentes com frequência cometiam deslizes, deixando alguma trilha para ser seguida. Este sujeito não era estúpido, nem estava cometendo enganos. Pelo menos, nenhum que ela tivesse encontrado por enquanto.

— O que sabemos? — perguntou Vincent.

Jackie franziu a testa.

— Há a possibilidade de que Stephano não seja capaz de nos dizer quem o atacou. Pelo que Marguerite nos disse, ele pode ser difícil de ler ou apagar, mas o sabotador pode ter conseguido. Pode ser que só não tivesse certeza de ter apagado sua mente, por isso o apunhalou para ter certeza de não ser identificado.

Vincent se preocupou com aquela possibilidade.

— Então, nós deveríamos proceder como se ele não pudesse nos dizer.

— Como? O que vamos fazer?

Jackie abriu a boca, mas parou ao ouvir a campainha, anunciando alguém no

portão. Tiny se levantou e foi até o painel ao lado da porta que dava para a garagem. Ele ligou o monitor e Jackie viu o entregador da pizza. Observou o gigante apertar o botão para abrir o portão, depois colocou a mão no bolso, tirando de lá uma nota de vinte, que entregou para Vincent.

— Para que é isso? — ele perguntou.

— Para você pagar o rapaz da pizza — ela respondeu, calmamente.

— E por que sou eu quem tem que ir pagar o rapaz da pizza?

— Porque não é para mim, é para você — explicou Jackie, paciente. Quando ele a encarou, sem entender, ela suspirou e virou-se para comentar com Marguerite: — Bastien me disse uma vez que sua filha é hemafóbica.

— Sim, mas agora está curada — a outra lhe asseverou, obviamente feliz em poder dizer isso.

Jackie meneou a cabeça.

— Sim, ele também me contou. Mas pelo que entendi, ela só podia se alimentar de doadores vivos, então de vez em quando você encomendava uma pizza para que ela pudesse se alimentar do entregador, não é?

— Ah! — Marguerite sorriu, com uma agradável surpresa. — Espertinha, você!

Ambas se voltaram para Vincent, enquanto ele compreendia tudo. Por um momento, ele pareceu em conflito, por fim balançou a cabeça.

— Não posso me alimentar dele. Se o sabotador...

— Alguma vez você já encomendou pizza para se alimentar do entregador? — Jackie perguntou, pacientemente. Quando ele negou, ela pareceu satisfeita. Suspeitava que fosse assim. — Então o sabotador vai pensar que a pizza é para seus convidados humanos. O que deixa o garoto a salvo de ser marcado para a morte pelo seu sabotador. — *Espero*, acrescentou para si mesma, enquanto a campainha da porta da frente tocava.

O olhar de Vincent moveu-se para a porta da cozinha, mas ele não se levantou.

— Vincent, você precisa se alimentar. Esta é a refeição mais segura que podemos lhe oferecer. Por favor, vá buscar a pizza.

Quando ele continuou hesitante, Marguerite ficou de pé e começou a dirigir-se à porta.

— Eu vou colocar o rapaz para dentro e levá-lo até o escritório.

Jackie a viu sair, depois se voltou para Vincent.

— Vá. Alimente-se dele e lhe dê uma gorjeta grande, se isso o fizer se sentir melhor, mas faça. E faça rápido. Se ele entrar e sair rapidamente, há menos chance de que o sabotador considere a possibilidade de que você tenha feito isso.

Dispensando o dinheiro que ela lhe oferecia, Vincent pegou sua própria carteira

enquanto saía, apressado.

Jackie sentou-se de novo, aliviada. O problema de alimentá-lo fora resolvido... pelo menos por enquanto.

— Isso resolve por hoje, mas o que faremos amanhã? — indagou Tiny, em um resmungo descontente, pensando na mesma coisa que ela. — Não acho que ele vá sair para se alimentar, se achar que isso vai colocar alguém em risco. E ele precisa se alimentar.

— Eu sei — Jackie concordou, infeliz, passando a mão no cabelo, cansada. — Tenho que pensar em algo.

Tiny assentiu e mudou de assunto.

— Neil está grato por Vincent ter transformado Stephano, mas não acha que seu irmão vai ficar feliz com isso.

Jackie o encarou, surpresa.

— Por que não?

— Ele disse que quando sua mãe se casou e tornou-se imortal, ela se ofereceu para usar seu direito de transformar uma pessoa com Stephano, para que pudesse compartilhar o destino da família, mas ele recusou. Falou que aceitava o que a sorte tinha lhe reservado.

Jackie pensou naquilo, imaginando como se sentiria se fosse transformada sem autorização. Era considerado falta de educação transformar alguém sem seu consentimento, a menos que fosse uma emergência e não fosse possível pedir. Como fora o caso de Stephano.

— Sabe, agora que Vincent não poderá transformar sua parceira eterna — comentou Tiny, em voz baixa.

— E, foi muito generoso da parte dele transformar Stephano como ele fez. — Suspirou Jackie, enquanto Marguerite voltava. Vincent provavelmente ainda estaria com o entregador. — Teremos que torcer para que sua generosidade seja recompensada e sua parceira eterna, quando ele a encontrar, já seja imortal.

— Ele já a conheceu, e ela é humana — disse Marguerite, amarga, e Jackie a encarou, espantada.

— Conheceu? — perguntou, e por algum motivo essa notícia fez seu peito doer. Reconhecendo o sentimento como ciúme, ela o ignorou, dizendo a si mesma que era melhor assim. Agora não teria nenhuma ilusão, e não seria tola o bastante para se permitir gostar ainda mais de Vincent do que já gostava.

— Sim, já conheceu — anunciou Marguerite, mas antes que pudesse dizer mais alguma coisa, Vincent entrou na cozinha. Sua aparência estava melhor do que quando saíra. Não estava tão pálido, mas ainda parecia cansado e desgastado pelos eventos do dia.

— Você devia descansar um pouco — falou, preocupada. — Todos nós devíamos. Vamos começar a trabalhar nisso amanhã.

— Vou checar o estado de Stephano antes — murmurou Vincent. — Depois vou para a cama.

Murmurando boa-noite, ele saiu de novo da cozinha, e Jackie se viu franzindo a testa ao observá-lo sair, percebendo as implicações do que ele fizera ao salvar a vida de Stephano.

Vincent teria que ver sua parceira eterna envelhecer e morrer, e depois seguir a vida sem ela. Se chegasse a tanto, pensou. Sabia que, se fosse com ela, não iria querer isso. Não ia querer amar e estar com um homem que iria continuar com a aparência de vinte e cinco a trinta anos enquanto ela envelhecia e se enchia de rugas, o cabelo embranquecendo.

Seria bom por algum tempo, até que chegasse aos quarenta, e parecesse a velha com o garanhão. Aos cinquenta, mais ou menos, as pessoas iriam começar a confundi-la com a mãe dele, depois com a avó dele, aos setenta. Supôs que pudessem evitar sair em público com frequência, mas ainda restava o fato de que enquanto o corpo dele continuaria jovem e lindo, o dela envelheceria. Sabia que parceiros eternos tinham um vínculo, mas haveria ligação forte o bastante para que ele ainda a achasse atraente quando seu corpo começasse a decair e se enrugar? Ou a mulher teria coragem de deixá-lo vê-la neste estado? Jackie não achava que seria capaz. Mais provavelmente o deixaria livre, torcendo para que encontrasse outra. Não ia querer que visse seu corpo e sua saúde se desintegrarem, e o último suspiro deixar seu corpo. Ela não podia ser tão egoísta.

Capítulo IV

Jackie apertou o botão para abrir o portão, foi para a porta da frente, a abriu e esperou impacientemente. Fez uma carranca ao ver um carro branco subindo pela passagem, e sua irritação só aumentou quando ele parou em frente a casa.

— Está adiantado — falou, cravando os olhos no jovem com uniforme da farmácia que vinha calmamente ao seu encontro. — Eu falei para não enviar o pedido até as duas e meia da tarde. São só uma e meia.

O rapaz tinha vinte anos e um cabelo meio comprido, que agora afastava afetadamente enquanto lhe oferecia um sorriso encantador. Em seu crachá, lia-se

Darryl.

— Eu estava perto daqui, então pensei em passar e ver se já tinha alguém em casa. E tem: você. Então, aqui estou.

Darryl estendeu a pequena sacola da drogaria com uma expressão esperançosa, mas Jackie manteve a cara feia enquanto pensava rapidamente no que fazer. Passara boa parte da noite cogitando o melhor meio de trazer uma refeição para Vincent. Quando estava prestes a cair no sono, inventara essa.

Ela ainda tomava pílulas anticoncepcionais, mesmo depois de terminar com o último namorado. E já estava quase na hora de comprar mais. Decidiu pedir para a farmácia mais próxima uma entrega... exatamente às duas e meia da tarde.

Vincent normalmente acordava entre três e quatro da tarde, mas Jackie tencionava acordá-lo um pouco antes para se certificar de que comesse. Esperava que o sabotador o estivesse seguindo tempo suficiente para saber que às três era o mais cedo que ele acordava. Se assim fosse, talvez não visse essa entrega ser feita. E se já estivesse observando, ela torcia para que pensasse que era apenas um entrega normal para ela. Assim, podia alimentar Vincent e ao mesmo tempo poupar alguém de virar um alvo. Brilhante! Ou seria, se Darryl, o entregador, não tivesse resolvido chegar mais cedo. Agora, não tinha certeza de como proceder. Devia acordar Vincent? Ou dispensar o rapaz e encontrar outro jeito de alimentá-lo mais tarde?

Jackie pesou as opções rapidamente, mas não havia muitas. Se não despertasse Vincent, uma oportunidade perfeitamente boa teria se perdido.

— Entre. — Suspirou com irritação, virando-se para guiá-lo pelo saguão. — Preciso pegar minha bolsa. Siga-me.

Houve um instante de silêncio, depois ela ouviu o barulho de passos e a porta se fechou.

— Quer que eu espere aqui? — perguntou Darryl, vacilante, enquanto ela subia as escadas.

Jackie fez uma cara brava para ele por sobre o ombro.

— Eu falei siga-me, não falei? Então venha.

— Certo. — Darryl se apressou à frente, a sacolinha balançando nos dedos, enquanto corria para se juntar a ela.

Resmungando baixinho, Jackie balançou a cabeça e continuou subindo, sabendo que Tiny não sairia da cozinha para ver quem tinha chegado.

— Então, deixe-me adivinhar... Sua bolsa está no quarto, certo?

Jackie olhou de relance por sobre o ombro ao comentário espertinho de Darryl, e o pegou olhando-a maliciosamente enquanto a seguia para o andar de cima.

Ótimo, pensou, infeliz. Agora o sujeito tinha confundido tudo. Ainda assim, ela imaginou que isso facilitaria as coisas, então entrou no jogo dele. Forçou um sorriso

quando ele finalmente olhou para seu rosto, e disse:

— Para falar a verdade, está. Você não liga de ir até lá, não é?

Tentou instilar uma rouquidão sensual na voz, mas suspeitou de que tinha soado mais como um grunhido. Ela não era o tipo que fazia joguinhos, especialmente sem nenhuma intenção. Era uma falha de seu caráter que às vezes a atrapalhava no trabalho.

— Não, querida, não ligo — respondeu ele, lascivo. — Guie-me até o seu ninho de amor.

Ela conseguiu manter a pose, pelo menos até se voltar para prosseguir e, aí sim, arregalar os olhos de desgosto pela expressão ridícula. Homens, especialmente quando jovens, podiam ser os idiotas, mais egoístas do planeta se achassem que havia a possibilidade de sexo. Francamente!

Parando à porta do quarto de Vincent, Jackie virou-se para olhar para o entregador e congelou. Sua boca pendeu aberta ao ver que Darryl já tinha começado a se despir. O pacote da drogaria agora estava na mesa do saguão. A camisa dele, alguns metros depois, e ele já começava a abrir o zíper da calça jeans.

Fechando a boca enquanto via o zíper descer, ela virou-se abruptamente e abriu a porta de Vincent sem bater. Estava desesperada para entregar-lhe Darryl antes que o idiota ficasse completamente nu.

O quarto estava totalmente escuro, o que a pegou de surpresa. Não sabia bem o que esperava, mas certamente não era aquele breu completo. Movendo-se cuidadosamente, sibilou o nome de Vincent em um murmúrio rude, indo na direção onde, segundo se lembrava do dia em que procurara Allen Richmond, ficava a cama. Imediatamente parou onde estava quando a pouca luz proveniente do corredor desapareceu, coberta pela forma de Darryl no batente.

— Uau, você gosta mesmo de escuro, hein?

— Vincent? — chamou novamente, ignorando o homem, enquanto sentia o joelho bater na beirada da cama.

— Não, meu bem, meu nome é Darryl. Mas pode me chamar de Vincent, se quiser — completou ele, rapidamente, como medo de ela mudar de idéia se não aceitasse.

O raciocínio levemente apavorado de Jackie tinha acabado de registrar o fato de que a voz do sujeito tinha soado mais próxima quando ele subitamente deu um encontrão em suas costas, jogando os dois na cama logo à frente.

— Pronto, benzinho... Chegamos. — Darryl riu e se contorceu nas costas dela, enquanto Jackie lutava para sair de baixo do corpo dele. Conseguiu, rolar e se distanciar e ficando de barriga para cima. Mas assim que fez isso, sentiu o sujeito aterrissando em cima dela demovo, de modo que agora estavam se encarando.

Jackie gelou ao sentir as pernas nuas de Darryl roçando as suas. Estendeu a

mão para empurrá-lo na barriga, mas errou o alvo e se viu com a mão nas jóias da família. E nem pareciam valiosas.

— Deus do céu, mas você está completamente nu! — guinchou ela, imaginando como raios ele fora tão rápido. Jesus! Devia ser algum tipo de artista na troca de roupas.

Soltando as partes íntimas de Darryl, jogou a mão para o lado e começou a bater na cama.

— Diabos, Vincent! Acorda!

Para seu alívio, sua mão atingiu algo duro. Se tivesse que adivinhar, diria que havia sido joelho ou osso da virilha. Um grunhido soou da parte superior da cama.

— Acredite em mim, querida. Estou acordado.

Jackie chiava de frustração quando as mãos de Darryl começaram a passear pelo seu corpo. Esticando-se, bateu com o punho no montinho que tinha encontrado na cama momentos antes. Agora, em vez de um grunhido, ouviu um sonolento "Ei!", e então as luzes se acenderam.

Jackie piscou à súbita claridade e se viu encarando Vincent, agora sentado na cama e sustentando seu olhar. Ele olhou para Darryl sem entender nada, viu as mãos sobre os seios dela, depois voltou a encará-la ainda sem compreender. Jackie fechou os olhos, falando por entre os dentes:

— Você poderia controlá-lo, por favor?

— O quê? — Vincent perguntou, ainda perdido.

— Controle-o! — ordenou Jackie. E aproveitou a confusão de Darryl para empurrá-lo longe e rolar para perto de Vincent, sibilando: — Entre na mente dele e apague tudo.

— Ei, sabe, eu não gosto de outros homens — comentou o entregador, franzindo a testa. — Talvez se o cara aí fosse uma garota... a gente podia conversar, mas não gosto dessa coisa gay. Tenho...

Jackie afundou-se na cama quando o rapaz subitamente parou, o rosto inexpressivo.

— O que está havendo? — perguntou Vincent, confuso. — Por que ele está pelado?

— Ele pensou que eu o estava atraindo aqui em cima para fazer sexo, e tirou a roupa no caminho — explicou ela, cansada, enquanto se levantava ao lado da cama.

— E você estava?

Em sua defesa, Vincent obviamente ainda não estava realmente desperto. Apesar disso, Jackie se viu levemente ofendida. Virando-se, ela fixou-o com o olhar e rebateu:

— Coma.

— Comer? — Vincent pareceu ainda mais confuso com a instrução do que com o resto.

— Sim, coma — ela repetiu, sucinta. — Alimente-se; depois apague sua memória, faça-o se vestir e ir embora.

Ela foi em direção à porta, parou abruptamente e voltou.

— Quase esqueci. Aqui, tome.

— O que é isso? — ele questionou, enquanto pegava o dinheiro.

— É pelo remédio — explicou Jackie. — Com uma bela gorjeta. Entregue a ele quando tiver terminado.

Ela se afastou outra vez e passou por Darryl, pausando para dar-lhe um chute na canela.

— Isso é por me apalpar. Sei que deixei você pensar que era o que eu queria, e é só por isso que não vou machucá-lo de verdade — falou para o rapaz de rosto sem expressão. Em seguida saiu pisando duro, desviando-se de Marguerite, que aparecera na porta. .

Vincent ficou olhando a saída de Jackie, um lento sorriso se formando em seu rosto enquanto sua mente enevoada finalmente entendia o que tinha acontecido. Jackie o estava alimentando. Levara o entregador da farmácia até ali para que se alimentasse, da mesma forma que fizera com a pizza na noite anterior. Estava tomando conta dele, o que significava que devia se importar... ao menos um pouquinho. A idéia o aqueceu.

— Você levou um tempão para acordar.

Olhou para a tia que cruzava o quarto para colocar no pé da cama o que ele achou serem as roupas do jovem. Marguerite arqueou uma sobrancelha ao atordoamento no rosto de Vincent e levantou os ombros.

— Não acreditei que estivesse dormindo durante aquela algazarra. Eu acordei quando ainda estavam na metade das escadas. Estava começando a achar que teria que me meter, quando ela finalmente o acertou.

— Demorei para pegar no sono esta manhã — comentou Vincent, com uma careta. Era quase um eufemismo. Ela conversara com Neil sobre a situação do sabotador, depois tinha ido para a cama, mas permanecera acordado se preocupando com o ataque que ocorrera, e com o fato de que, se saísse e tentasse se alimentar, podia estar marcando alguém para a morte... algo que jamais faria.

Era mais de meio-dia quando finalmente conseguira dormir, e por isso estava tão difícil acordar.

— Depois do meio-dia — murmurou Marguerite, lendo sua mente. Balançou a cabeça. — O que explica por que parece tão grogue.

Ele assentiu.

— Coma — sugeriu ela. — Depois que terminar, eu apago a memória dele para você e cuido para que saia.

Vincent quase protestou, mas desistiu. Estava cansado, e embora devesse ter orgulho demais para permitir que duas mulheres tomassem conta dele, era tão gostoso que relutou em deixar a oportunidade passar. Ninguém cuidava dele desde, a morte da mãe, havia trezentos anos. E Jackie cuidando dele, era a glória. Aquilo o fez sentir-se bem, em vez de triste.

Ele saiu da cama e foi até o entregador. Alimentou-se rapidamente, depois deixou Darryl aos cuidados da tia e foi até o banheiro de sua suíte tomar uma ducha. Estava com um humor excelente, e até assobiou algumas músicas no chuveiro.

Se alguém lhe perguntasse por que estava tão contente, sua resposta teria apenas uma palavra: Jackie.

Na verdade, ele não devia estar tão feliz quanto estava. Um sabotador estava à solta para arruiná-lo, gente ao seu redor estava sendo ferida ou mesmo morta, e agora ele temia se alimentar e colocar em risco a pessoa de quem se alimentasse. De fato, deveria estar bastante triste. E provavelmente estaria, se não fosse por... Jackie.

Bastien acertara na mosca ao enviá-la. Vincent tinha muita confiança em sua habilidade para rapidamente resolver o problema das sabotagens. Mas não era por isso que estava sorrindo enquanto passava o xampu, cantando. Sorria pelo que Jackie | tinha acabado de fazer. E na noite anterior, pedira pizza com a intenção específica de alimentá-lo. Ele sabia que isso ia contra a natureza e as crenças dela. Esta era a mulher que tinha se ofendido ao pegá-lo fazendo um lanchinho com um dos trabalhadores, e apesar disso, quando sua tia comentou que ele precisava comer, ela imediatamente voltara-se para Tiny e ordenara que este pedisse uma pizza.

Depois do banho e de vestir um jeans e uma camiseta, trotou pelas escadas e para dentro da cozinha com o bom humor natural.

— Boa tarde! — disse, feliz, para o trio sentado à mesa enquanto ia até a cafeteira. Uma respiração bastou para saber que o café estava fresco, e ele suspirou de prazer. Suspeitava de que estivesse se viciando na bebida, e não ligava para isso. Levando o café de volta para a mesa, sentou-se em frente a Jackie, abrindo para ela um enorme sorriso, depois forçou uma expressão mais séria ao dizer:

— E então? Aconteceu algo enquanto eu dormia? E o que vamos fazer hoje?

Jackie abriu a boca, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, ele acrescentou:

— Aliás, obrigado pelo meu café da manhã. Ninguém nunca me trouxe uma refeição antes. Sempre tive que caçar. Bem, exceto quando era criança, claro,

tínhamos babás para isso, mas ninguém me trouxe uma refeição depois que comecei a caçar. E essa foi ainda mais especial, com você me levando o café na cama.

Jackie piscou ao ouvir isso, depois começou a corar e Vincent sorriu.

— Sinto muito tê-lo acordado. Pedi para a drogaria mandar a entrega para as duas e meia da tarde. O entregador chegou mais cedo. Eu não soube o que fazer quando ele apareceu, depois decidi que seria melhor se você aproveitasse para comer, já que ele estava aqui. Você poderia ter voltado a dormir depois.

— Chega de dormir. Estou acordado, e de pé. Já dormi o bastante — ele assegurou, obtendo uma fungadela da tia. Felizmente, Jackie pareceu não notar.

Sorrindo, e com um humor muito melhor do que estivera após a peleja com o entregador, ela assentiu.

— Bom.

— Então, o que vamos fazer agora? — Vincent perguntou, levantando-se ao ver os muffins no aparador da cozinha. Tiny tinha feito muffins de amora. Como ele adorava o grandalhão! Um cozinheiro excelente, sempre fazendo coisas deliciosas. Indo até o aparador, pegou um bolinho.

— O moleque não estava drogado, estava? — questionou Jackie, enquanto ele se sentava e começava a comer. Vincent piscou, surpreso.

— Não. Por que está dizendo isso?

— Você parece bastante... alegre — disse ela.

Ele abriu a boca para dizer que de fato estava, mas lembrou-se de que não devia estar. Tivera que cancelar peças. Pessoas estavam morrendo. Stephano, um bom amigo e excelente vice-presidente, tinha sido atacado. O fato de que gostava de Jackie e acreditava que talvez fosse correspondido não devia apagar aquilo, repreendeu-se. E não apagava, percebeu. Pensar sobre Stephano e na morte da pobre garota da qual se alimentara conseguiu estragar um pouco de seu bom humor.

Franzindo a testa, olhou em direção à porta e comentou:

— Eu devia ir conferir como está Stephano. O Neil ainda está por aqui?

— Sim. Está trabalhando do quarto do Stephano. Pediu que trouxessem seu notebook e pegou a impressora e o fax do seu escritório — anunciou Jackie. — Stephano ainda não acordou.

Vincent se preocupou ainda mais ao ouvir essa notícia, mas não ficou surpreso. Não tinham se passado nem vinte e quatro horas desde o começo da transformação, e Stephano fora gravemente ferido.

— Vá checar o estado dele e conversar com Neil — sugeriu Jackie. — Vou pegar um bloco de notas e uma caneta. Tive uma idéia enquanto esperava você descer.

Ele pensou em perguntar que idéia tinha sido, mas resolveu que descobriria logo,

e se levantou para sair.

Foi uma visita curta. Stephano ainda não estava desperto, e Neil não estava com humor para conversar. Sua voz estava brusca, e anunciou que não tinha conseguido entrar em contato com a mãe na Europa. Vincent sabia que sua preocupação era que ela fosse ouvir as notícias de que seu filho tinha morrido antes que ele pudesse lhe explicar a verdadeira situação. Entretanto, Neil não queria deixar essa notícia em uma secretária eletrônica, então simplesmente deixou um recado para que ela ligasse para a casa de Vincent.

Neil o surpreendeu, perguntando se não deveria estar preparando um funeral. Quando Vincent continuou olhando, confuso, ele disse que se Stephano estivesse realmente morto, eles estariam lhe dando um funeral, e como queriam que o sabotador pensasse que era essa a verdade, deviam preparar-lhe um funeral, mesmo que falso. Neil quase perdera seu irmão uma vez, não iria arriscá-lo novamente. Faria o que fosse necessário para impedir que o sabotador o caçasse e terminasse o serviço.

Concordaram que esta era uma boa idéia, mas primeiro Vincent queria conversar com Jackie a respeito. Se ela estivesse de acordo, começariam a fazer as ligações para arrumar tudo. Ele, claro, arcaria com todos os custos.

Foi quando ele já estava voltando para a cozinha que Neil subitamente deixou escapar:

— Obrigado, Vincent.

Surpreso, parou na porta que estava prestes a abrir e olhou para trás.

— Pelo quê?

— Por salvar Stephano. — A expressão em seu rosto era solene. — Sei do que abriu mão ao transformá-lo.

Vincent congelou enquanto a compreensão do que Neil dissera o invadia. *Sei do que abriu mão ao transformá-lo.* Foi só então que percebeu o que fizera. Tinha sido instintivo. Stephano estava morrendo, atacado por um sabotador que tentava atingi-lo. Era sua culpa. Fizera aquilo para salvá-lo... sem pensar nem por um instante nas consequências.

Podia transformar apenas um.

E transformara Stephano.

— Vincent? — Preocupado, Neil se aproximou, segurando-o pelo braço para lhe dar equilíbrio. — Você está bem?

— Sim — ele respondeu, debilmente. Mas não tinha certeza se estava falando a verdade. Não se arrependia do que fizera, e o faria novamente, mas ainda era terrivelmente doloroso aceitar o significado de suas ações para si mesmo... e seu futuro. Conseguindo ou não ler a mente de Jackie, fosse ela ou não sua parceira eterna, jamais poderia transformá-la. Talvez tivesse finalmente encontrado a mulher com

quem dividiria sua vida, e ela estava eternamente fora de seu alcance. Ou estaria presente, mas apenas por um momento, comparado aos vários séculos que sua vida, com certeza, duraria.

Abriu a porta.

— Eu... tenho que ir — resmungou, e saiu apressado do quarto, desesperado para ficar sozinho.

Neil não tentou impedi-lo, e Vincent tropeçou para fora, seguindo pelo corredor até as escadas, onde parou e fechou os olhos. Sua mente girava. Um nó imenso apertava sua garganta, seu peito doía, e ele se sentia enjoado.

Tudo o que sempre quisera, a vida toda, era encontrar sua parceira eterna, e agora jamais poderia ter uma.

— Vincent?

Piscando, ele abriu os olhos. Jackie já tinha voltado e o encontrara no topo da escada. Agora o observava, preocupada.

— Você está bem?

Forçando um sorriso, ele começou a descer.

— Estou. Estava só pensando.

— Então devia ser em alguma coisa bem ruim, porque parecia bem chateado — comentou ela, quando Vincent se aproximou. — Tudo bem com Stephano?

— Sim — ele respondeu, e se sentiu um pouco menos angustiado. Stephano estava vivo. Ele e Jackie também.

Esboçou um sorriso e tomou-a pelo braço para levá-la até a cozinha, onde Tiny e Marguerite esperavam. Rapidamente, contou a eles sobre a sugestão de Neil para o funeral e os anúncios para um vice-presidente substituto, e enquanto fazia isso, o nó em sua garganta começou a diminuir. Mas não a dor no peito. Suspeitava deque esta nunca diminuiria.

— Ele tem razão — disse Jackie, lentamente. — Neil deve pelo menos parecer que está arrumando o funeral até que Stephano acorde e nos diga quem o atacou. E você está certo quanto aos anúncios para um novo vice-presidente diurno. Ambas são coisas que seriam feitas se ele estivesse realmente morto.

Ela batucou com a caneta no bloco, e assentiu.

— Temos que pelo menos começar os arranjos para o funeral. Se Stephano não identificar seu agressor, pode até ser uma boa idéia levar isso até o fim. O agressor vai, certamente, ser uma das pessoas a comparecer.

— Por que tem tanta certeza? — perguntou Marguerite, curiosa.

— Por causa das cartas. Ele parece gostar de atormentar Vincent com seus atos. Acho que vai querer ver o quanto ele está aborrecido com a morte de Stephano.

Vincent se concentrou, novamente procurando em sua mente alguém, qualquer um, a quem pudesse ter magoado de alguma forma, mesmo sem intenção. Mas não havia ninguém de quem pudesse se lembrar que iria querer machucá-lo daquela maneira. Afastando esses pensamentos frustrantes, olhou para o bloco de anotações sobre a mesa.

— O que vamos fazer?

Jackie puxou o bloco para si e disse:

— Chamei o mago da computação que geralmente uso em Nova Iorque para tentar recuperar os arquivos que o sabotador apagou. Infelizmente, ele não pode vir até depois de amanhã. Mas eu estive pensando que, apesar de não podermos acessar os arquivos, ainda podemos começar a fazer nossa lista de outro jeito.

— A lista dos empregados na peça do Drácula? — perguntou Vincent.

— Sim.

Marguerite franziu a testa, confusa.

— Mas não vamos precisar da lista se Stephano puder nos dizer quem o atacou.

— Se ele puder — concordou Jackie. — Mas não há garantias de que conseguirá. E prefiro não esperar sentada que ele acorde, para depois descobrir que ele não se lembra..

Vincent assentiu, compreensivo. Também não queria esperar sentado. Ter algo para fazer faria o tempo, passar mais rápido.

— Como vamos poder trabalhar na lista?

— Você nomeia todos os participantes que conseguir se lembrar, depois iremos até eles e veremos de quem eles se lembram, e assim por diante. Talvez até consigamos ter a lista completa antes que o mago da computação chegue.

— Nesse caso, acho que você deve ligar e cancelar a vinda dele, então — sugeriu Tiny. — Pode sair bem caro.

— Não. Quero ter certeza de que todos estão na lista. Além disso, Vincent vai precisar dos arquivos para o trabalho, de qualquer maneira, então temos que recuperá-los.

— Tem razão — interveio Vincent. — Vamos precisar desses arquivos, mas a lista é uma boa idéia.

Jackie sorriu e apanhou a caneta, começando a fazer colunas na folha.

— Então, vejamos. Acho que podemos começar listando os departamentos. Segurança, produção, atores... — Parou de escrever e olhou para ele. — Começamos com a segurança?

Vincent assentiu.

— Max Kunstler chefiava a segurança.

— O chefe da segurança da VA. Produções? — perguntou Jackie, surpresa. Ela conhecera o homem no dia anterior, enquanto ia de um departamento para o outro com Vincent procurando arquivos que o sabotador pudesse ter esquecido.

Ele meneou a cabeça em concordância, de novo.

— Sim. A menos que haja algum problema, não há muito a fazer na produtora na maior parte do tempo. Max agenda os seguranças, e outras coisas, mas... — Deu de ombros. — Ele não gosta de ficar sentado cruzando os dedos, então com frequência supervisiona a organização da segurança para as peças. Ele vai ao teatro, decide o que é preciso fazer e quantos homens serão necessários no local, fica por ali algumas semanas para se certificar de que tudo esteja correndo bem, depois volta para a companhia para segurar as rédeas aqui outra vez.

Jackie anotou o nome.

— Então ele já sabia das sabotagens antes de conversar conosco?

— Sabia, mas não acreditava que fossem sabotagens. As sobrancelhas de Jackie se levantaram.

— Por que não?

— Pelos mesmos motivos que eu. O ator que quebrou a perna era um bêbado, a atriz ferida com a queda do cenário na época pareceu só azar, os incêndios pareceram acidentais...

— E quando a "anemia contagiosa" apareceu? — Jackie perguntou, arqueando uma sobrancelha. — Ele não imaginou que pudesse ser mais que um acidente?

— Ah, sim — respondeu Vincent, secamente. — Ele sabia que isso não era um acidente. Pensou que fosse eu.

— Bem, com certeza você explicou a ele que não era.

— Sim, claro que falei — ele assegurou. — Mas isso não quer dizer que ele tenha acreditado.

Jackie começou a esfregar os dedos na testa.

— Não gostei muito de Max. Até que você fosse firme, ele me pareceu...

— Arrogante? Condescendente? Desrespeitoso? — sugeriu Marguerite.

— Mais ou menos isso. — A voz de Jackie soou seca. — Já o conhecia?

— Não. Nunca tinha visto Max nem ninguém que trabalhe para Vincent. — Marguerite olhou para o sobrinho rapidamente, e quando ele não disse nada, explicou: — Mas já vi essa atitude em outros. Creio que as condições médicas do meu sobrinho fazem com que alguns de nossa espécie se sintam superiores a ele.

— Superiores? — questionou Jackie.

Marguerite assentiu.

— Imortais gostam de se imaginar perfeitos. Saúde perfeita, força máxima, habilidades intelectuais afiadas... — Ela deu de ombros. — E alguns acreditam erroneamente que a anomalia genética que impede Vincent de se alimentar com bolsas de sangue... como o resto de nós faz... sugere que ele não é tão perfeito assim.

Jackie meneou a cabeça.

— Mas essa anomalia não se apresentou até cerca de cinquenta anos atrás, mais ou menos, quando todos começaram a tomar bolsas de sangue.

Marguerite concordou.

— Então, até aí, todos o aceitavam como um imortal, um igual? — perguntou Jackie.

A outra assentiu novamente.

— E quando todos mudaram e ele e o pai descobriram que não podiam se alimentar assim, alguns dos outros...

— Começaram a desprezá-los, considerando-os inferiores — completou Marguerite.

Vincent percebeu a raiva na voz da tia, mas estava acostumado com isso. Ela se incomodava mais do que ele. Tinha autoconfiança suficiente para não se importar com o que pensassem a seu respeito.

Exceto Jackie, reconheceu. Estava muito interessado na reação dela. Se ela o olhasse com piedade, ficaria chateado. Em vez disso, estava simplesmente espantada quando se voltou para lhe perguntar:

— Por que mantém alguém assim trabalhando para você, então?

Vincent sorriu levemente e deu de ombros.

— Se eu me recusar a contratar alguém com essa atitude, não teria nenhum imortal trabalhando para mim. É bastante comum. Além disso, Max é bom no que faz, e nunca passou dos limites comigo.

Jackie meneou a cabeça em reconhecimento. Notara que embora Max tivesse mostrado uma pitada de arrogância, e parecido um pouco condescendente e levemente desrespeitoso, não havia sido tolo o bastante para tornar essas atitudes óbvias. Por outro lado, também percebera que um pouco do bom humor natural, de Vincent, de sua atitude tranqüila tinham desaparecido no escritório, trocados por um aço frio que não tinha visto nele antes.

— Tudo bem — disse ela. — Então, Max estava lá. Quem mais, na segurança?

— Havia Bob, Tony, John e Francis.

Jackie mordeu o lábio enquanto escrevia os nomes.

— Você por acaso não teria os sobrenomes deles?

— Não, desculpe. — Ele fez uma careta. — Não precisava saber os sobrenomes.

Jackie aceitou as desculpas e seguiu em frente.

— Podemos conseguir uma lista do pessoal da segurança com Max. Vamos pensar na produção. Creio que tenha levado Lily, ela...

— Não. — Vincent balançou a cabeça, negando.

— Não? — Jackie estava surpresa. — Mas ela é sua assistente!

— Sim, mas estava de férias naquele momento — ele explicou. — Então levei Sharon.

Jackie piscou.

— Mas Sharon é uma secretária! Por que você a levaria como assistente?

— Porque eu estava precisando de uma assistente pessoal, e Sharon podia dar conta disso tranquilamente.

— Entendi — murmurou ela, riscando o nome de Lily e colocando o de Sharon em seu lugar. — Por que você não começa a simplesmente dizer o nome de todos que consegue se lembrar, e eu vou escrevendo? Depois vamos cutucar os cérebros dessas pessoas para ver de quem elas se lembram.

A boate estava barulhenta, quente, escura e lotada.

Jackie brincava com o canudinho espetado em sua Diet Coke, o olhar se movendo lentamente sobre as pessoas sentadas, andando em círculos, e dançando ao redor deles. Tinha certeza de que o sabotador estava ali na multidão, observando-os... e esperando por uma oportunidade para fazer seu próximo movimento. Agora que ele tinha subido as apostas, passando para o assassinato, qualquer coisa que viesse a seguir não poderia ser boa.

— Relaxe, Jackie. Ele não vai atacar no meio de uma danceteria — Vincent murmurou perto do ouvido dela.

Forçando um sorriso, ela desistiu da análise dos arredores e olhou para a mesa, notando que, enquanto Tiny parecia tão tenso e alerta quanto ela, Vincent e Marguerite estavam relaxados. Isso só provava que a tia era tão boa atriz quanto ele.

Já fazia dois dias desde que Jackie despertara Vincent com o café da manhã Darryl. A partir dali tinham passado o tempo coletando a lista dos funcionários da peça *Drácula, um Musical*. Primeiro, anotaram todos de quem Vincent se lembrava, depois foram conversar com Max e Sharon, os únicos da lista que pertenciam à companhia, para ver do que eles se lembravam.

Max estivera ocupado, interrogando todos na VA. Produções sobre o que tinham visto ou ouvido no momento do ataque a Stephano... ou seu assassinato, como todos acreditavam. Apesar disso, arrumara tempo para ajudá-los na lista, e havia sido muito prestativo, lembrando-se inclusive de mais pessoas do que Vincent.

Sharon, em compensação, não ajudara muito. A secretária não fora abertamente hostil, apenas alegara ter uma péssima memória, pelo menos relativamente a mortais. Embora tivesse conseguido facilmente se lembrar dos imortais trabalhando na peça, no que tangia aos mortais, ela só se referia a eles como *uma mortal loirinha* ou *um mortazinho rude*.

Jackie a entrevistara sozinha, e suspeitava de que se Vincent estivesse junto, a outra estaria mais disposta a ajudar. Mas havia cerca de doze pessoas em pânico para falar com ele após os eventos do dia anterior, e ela sugerira que ele lidasse com isso enquanto questionava Sharon.

Algumas das pessoas listadas já tinham trabalhado para a produtora antes, ou estavam trabalhando atualmente, então seus arquivos já estavam lá. Jackie tinha juntado esses arquivos e feito cópias de tudo antes de voltarem à casa de Vincent. Deixando a investigação desse pessoal para Tiny, ela e Vincent seguiram juntando nomes, indo até cada um dos já identificados para conferir se podiam acrescentar mais alguém.

Aquilo consumiu a maior parte dos dois dias — e podia ter sido uma perda de tempo, já que o mago da computação devia chegar naquele dia. Mas aconteceu que ele teve uma crise de apendicite, e estava internado em um hospital em Nova Iorque, inútil portanto.

No instante em que recebera a notícia naquela manhã, Jackie imediatamente começou a colocar anúncios procurando um *expert* em computadores nas proximidades da Califórnia para ajudá-los. Enquanto isso, porém, tinham sua própria lista para começar os trabalhos. E foi o que fizeram naqueles dois dias, parando apenas para comer.

Na primeira noite, tiveram comida chinesa para o jantar, com Vincent se alimentando do entregador antes de mandá-lo embora, juntando-se a seguir com Jackie e Tiny a fim de se deliciar com a entrega. No dia seguinte, Jackie encomendou uma limpeza para a piscina, e o café da manhã dele, às quatro da tarde, tinha sido o limpador. À noite, pediram pizza. Todos estavam ocupados com a lista, e Tiny não tivera tempo para cozinhar. Além disso, alimentar-se dos entregadores era a maneira mais segura para Vincent agora.

Naquele dia, Jackie tinha chamado limpadores para as janelas. E Vincent tomara seu café. Ela estava tentando inventar outra maneira de alimentá-lo, quando Tiny apontou que logo o sabotador perceberia o que Vincent estava fazendo se ele não fosse logo a uma boate, seu lugar usual de caça.

Em pânico com a idéia de marcar alguém para morrer por tê-lo trazido para a casa, Jackie decidiu que iriam a uma boate. Uma resolução auxiliada pelo fato de que Stephano Notte ainda não despertara. Vincent e Marguerite estavam começando a se preocupar com o desenrolar dos acontecimentos. A transformação era normalmente um evento doloroso pelo qual a pessoa passava aos gritos, contorcendo-se, mas não era como Stephano estava se comportando. Ele estava deitado, silencioso e imóvel, e ainda

não acordara. Todos os três imortais estavam preocupados, e essa preocupação tinha se espalhado para Jackie e Tiny. A casa se tornara um lugar sombrio e depressivo para se ficar.

Desse modo, Vincent concordou facilmente com a sugestão de Jackie de visitar as boates, mas avisou-a de que não tinha a intenção de se alimentar. Ela compreendia. Estava até feliz de que não o fizesse. Entretanto, esperava que o sabotador simplesmente pensasse que ele já tinha se alimentado sem ser visto. Por isso, pularam de boate em boate nas últimas horas. Dirigiram até a primeira, ficaram lá por meia hora, saíram, entraram em um dos táxis na porta e deram o endereço da segunda, onde ficaram mais meia hora antes de pegar outro táxi.

Estavam agora no quarto local, e Jackie se pegou analisando os rostos ao redor deles, torcendo para reconhecer alguém de qualquer das outras boates que tinham visitado naquela noite, ou das pessoas na lista de funcionários da peça de Nova Iorque. Já tinham falado com quase todos. Ao menos, todos que moravam em Los Angeles. Mas até ali, tinham se concentrado apenas em compilar a lista, não em realmente interrogá-los sobre o que viram ou ouviram que pudesse ajudá-los a descobrir quem era o sabotador e assassino.

Ainda não tinha reconhecido ninguém, então começou a achar que o sabotador não conseguira acompanhá-los, e das duas, uma: ou os perdera em algum ponto do trajeto, ou acreditava que, enquanto lutava para alcançá-los, Vincent tinha conseguido se alimentar.

— Venha. Um pouco de dança vai ajudá-la a relaxar — gritou Vincent em seu ouvido, pegando sua mão e arrastando-a para a pista.

Jackie começou a protestar, mas desistiu, já que ele não podia ouvi-la. Além do mais, podia ver muito mais gente da pista de dança do que da mesa.

— Já disse que está adorável neste vestido?

Jackie tropeçou nos próprios pés ao ouvi-lo murmurar o elogio junto à sua orelha. Suas mãos imediatamente se enterraram nos ombros dele em busca de equilíbrio, e ela se voltou para fitá-lo nos olhos.

— Ah, não? — perguntou Vincent, divertido, ao notar sua expressão espantada. — Muito negligente de minha parte.

— Hum... — Jackie pigarreou, mas não achou nada melhor para dizer ao sentir a mão dele deslizando por suas costas, puxando-a mais para perto.

— Você fica incrível de vermelho — acrescentou ele, ainda com alguns elogios para gastar.

— Bem... — Ela engoliu em seco, terrivelmente cônica da mão que se movia mais para baixo em suas costas. Por onde ela passava, deixava uma trilha de fogo, sua pele formigando.

— Tenho que agradecê-la pelos últimos dias — disse ele, solenemente, inclinando

a cabeça para falar ao seu ouvido. — Sem você, eu estaria em um estado horrível. Não é divertido passar fome, mas para alguém da minha espécie, é a pior tortura.

— Bem, é o meu trabalho... — sussurrou ela, embaraçada.

Jackie tentou afastar o olhar do dele quando levantou a cabeça, mas Vincent a impediu com a mão em seu queixo. Forçando o rosto dela na direção de seu olhar sério, balançou a cabeça e disse, firme:

— Não, não é. Ambos sabemos disso. E também sei sobre sua atitude para com a minha espécie, o que torna tudo ainda mais especial. Obrigado.

Jackie conseguiu soltar seu rosto e desviar o olhar, mas apenas porque ele permitiu. Descobriu a razão quando sentiu os lábios dele roçarem suavemente sua orelha, enquanto murmurava:

— Obrigado.

E dali, finalmente adejaram sobre sua boca, enquanto Vincent repetia a palavra em voz baixa antes de finalmente beijá-la. Dessa vez, a sensação não tinha nada de suave ou esvoaçante. Os lábios dele mostraram o tamanho de sua gratidão.

Jackie, sempre uma profissional dedicada, imediatamente se afastou... ou teria se afastado, se seu corpo cooperasse. Infelizmente, ele tinha se rebelado contra as ordens da mente e, em vez disso, se derretia de encontro a Vincent como chocolate em um dia quente. Ela reconheceu a derrota dessa deserção em um pequeno suspiro, enquanto seus lábios se entreabriam para recebê-lo. Um gemido escapou de sua garganta, enquanto o desejo despertou em seu ventre, e Jackie deixou seus braços enlaçarem o pescoço de Vincent. Subitamente, tinha uma firme convicção no ditado "se não pode com eles, então junte-se a eles".

— Ah, desculpe.

Jackie e Vincent se separaram depois de esbarrarem em outro dançarino. Ela voltou-se, olhando ao redor para identificar quem tinha sido, mas a pessoa já havia se afastado e desaparecido na multidão.

Suspirando, olhou para Vincent novamente, negando quando ele fez menção de tomá-la novamente nos braços.

— Vou até o toalete — disse, como desculpa para a retirada, saindo rapidamente da pista de dança em direção aos banheiros. Olhou para trás quando chegou ao saguão fora da área principal, a fim de certificar-se de que ele tinha voltado à segurança da mesa. Ao vê-lo reclamar seu assento de volta, relaxou e seguiu seu caminho, repreendendo-se sobre a falta de ética.

— Não se pode sair por aí beijando os clientes — recriminou-se. — Um bom detetive particular nunca se permite envolver-se com o cliente, pois assim se distrai do objetivo principal de protegê-lo. Deus do céu, como ele beija bem!

Reconhecendo a última frase, precisou de um esforço de sua mente em desviá-

la de sua bronca bem intencionada, suspirou e entrou no banheiro.

Vincent era um vampiro, lembrou-se, tentando o que achava ser um golpe baixo. Infelizmente, isso já não a impressionava tanto, pois, mesmo sendo imortal, ele não se parecia em nada com Cassius, e talvez nem todos os vampiros fossem maus. Se houvesse essa opção, com certeza Vincent estava entre os vampiros bonzinhos.

O pensamento que finalmente a fez dominar alguns de seus desejos impensados foi a lembrança de Marguerite lhe dizendo que Vincent encontrara sua parceira eterna, e ela não era imortal.

Parando na frente da pia, Jackie encarou o espelho e viu a expressão confusa refletida ali. Se ele encontrara sua parceira eterna, por que a estava beijando? O reflexo não tinha uma resposta, mas sua mente começou a trabalhar naquilo.

Marguerite dissera que a parceira de Vincent não era uma imortal, então ela começou a listar todas as mortais que conhecia na vida dele. Havia Lily e... ela mesma.

Jackie piscou, espantada. Lily era jovem e doce, mas embora já tivesse visto os dois juntos, e não ficaria chocada se descobrisse que a moça se sentia atraída por ele, não acreditava que Vincent estivesse interessado na jovem. Pelo menos, nunca vira nenhum sinal de interesse da parte dele... não como o beijo que ele acabara de lhe dar. Olhou para o reflexo de sua boca. Seu batom tinha sumido, mas os lábios ainda estavam vermelhos e levemente inchados dos beijos dele. Embora já tivesse beijado muitas vezes antes, nunca fizera com o calor e o puro desejo que tinha explodido entre eles.

Mesmo os beijos de Cassius, com seu uso da habilidade telepática para instilar o desejo na mente dos outros, não tinham sido tão excitantes. Se não tivessem esbarrado em alguém, ela podia muito bem ter pulado em cima dele na pista de dança mesmo.

— Não — falou baixinho, negando a conclusão a que estava chegando. Não podia ser a parceira eterna de Vincent. O destino não podia ser tão cruel...

A porta de uma das cabines se abriu atrás dela, e Jackie rapidamente voltou-se para as torneiras da pia à sua frente, começando a jogar água no rosto na esperança de limpar a mente. Viu a morena alta e jovem sair e juntar-se a ela na fileira de pias, mas prestou pouca atenção além do fato de que era esbelta, com cabelo castanho e curto. Só quando fechou a torneira e a morena moveu-se para seu lado, estendendo-lhe toalhinhas de papel, notou o modo como a mulher estava olhando para ela.

Os olhos da morena se moviam lentamente sobre o corpo de Jackie no vestido curto vermelho que havia escolhido para vestir nesta noite. Ela murmurou um agradecimento ao aceitar a toalha, moveu-se desconfortável, fazendo o melhor para ignorar a mulher enquanto secava o rosto.

— Você tem um corpo incrível.

Jackie piscou, desconcertada, os olhos indo de seu próprio corpo para o da

jovem, mais alta e mais magra. De fato, não achava que houvesse nada incrível em seu corpo. Era baixinha, e a despeito de todos os seus esforços em academias e dietas, não conseguia se livrar dos sete ou oito quilos sem os quais tinha certeza de que ficaria muito melhor. Aos trinta anos, já chegara à conclusão de que podia se acostumar com eles. Provavelmente, eram permanentes.

Insegura quanto ao que dizer, ela murmurou:

— Obrigada. — Amassou o papel que usara para secar o rosto, mas a mulher ainda não tinha terminado a análise. Enquanto ela ia até o lixo jogar a toalha, a garota acrescentou:

— Gostaria de lamber cada milímetro dele.

Nada no mundo conseguiria impedi-la de olhar para a moça com uma expressão de horror e descrédito. Jackie quase deixou escapar um: *eu pareço gay?*, antes de se conter, mas foi seu primeiro impulso. Um bem estúpido, reconheceu. Não se pode adivinhar a preferência sexual de alguém pela sua aparência.

Abriu a boca para dizer polidamente à mulher que não jogava naquele time, mas parou, rígida, quando a morena se aproximou, deslizando a mão suavemente pelo seu braço.

— Por que não vamos para um lugar mais tranqüilo, nos conhecermos melhor?

Jackie abriu e fechou a boca algumas vezes, mas não sequer uma palavra dali. Seu cérebro parecia estar temporariamente desligado. Aquela era uma situação com a qual não tinha nenhuma experiência. Era a primeira vez que recebia uma cantada de uma mulher.

Aparentemente a garota tomou seu silêncio como um bom sinal, pois pegou sua mão e começou a levá-la em direção à porta.

— Sei de um lugar onde podemos...

O resto ficou indistinto para Jackie, quando a morena abriu a porta do banheiro. A música alta imediatamente soou em seus ouvidos, abafando a frase. O único motivo pelo qual não soltou a mão e mandou a morena de volta para o banheiro, onde poderia explicar que não estava interessada, foi porque a garota a pegou de surpresa, indo para os fundos do clube em vez de para a pista de dança.

O cérebro de Jackie voltou à vida, pensando em alternativas. Vincent precisava se alimentar. Tinha feito isso apenas uma vez naquela noite. Ele afirmara que ficaria bem ao perder uma refeição, e ela sabia que não morreria por isso, mas seria doloroso. E se não conseguisse uma maneira de alimentá-lo no dia seguinte?

A garota continuava falando o tempo todo em que arrastava Jackie para o interior do prédio. Tranqüilizada por aqueles olhos verdes bastante humanos, ela resolveu esperar para ver aonde estava sendo levada, torcendo para que pudesse usar aquela oportunidade para ajudar Vincent. Podia ser uma oportunidade útil. Torcia para que fosse.

A morena a conduziu por um saguão, depois por outro, para então passar por uma porta e uma cozinha. O aposento era grande, impecável e vazio naquele momento. Estava tão tarde que já não havia mais comida na boate.

— ...nunca fiz isso antes, na verdade. Sempre fantasiei a respeito, mas eu.... — A tagarelice nervosa da moça ficou subitamente audível quando a porta se fechou atrás delas, reduzindo a música ensurdecidora a um murmúrio quase imperceptível.

— Espera aí — disse Jackie, rapidamente. Agora que a garota podia ouvi-la, puxou a mão tentando se soltar, mas a outra era mais forte do que pensara e simplesmente a apertou mais, dizendo:

— É bem aqui. Depois dessa porta.

Jackie começou a puxar a mão de novo, mas parou quando passaram pela outra porta. Entraram em um pequeno estoque, com prateleiras cheias de latas de tamanho industrial e potes de comida: pickles, molhos, catchup, sopas... Jackie seguiu adiante e olhou para a porta que ficava para trás, espiando os arredores com surpresa, até chegar novamente na morena. A confiança com que a outra havia se apresentado sumira. Na verdade, ela parecia nervosa, e tomou fôlego como se quisesse juntar sua coragem. Uma expressão determinada encheu seu olhar, e ela deu um passo em direção a Jackie, estendendo a mão.

— Tudo bem, espere. — Jackie recuou um passo, com uma das mãos à frente para mantê-la distante, enquanto tentava pensar se podia usar isso ou não. Se o sabotador estivesse observando Vincent e ela o trouxesse para se alimentar da garota, depois fingisse trancar a porta pelo exterior, quando na verdade a garota a trancaria por dentro... Ela podia fazer com que ele instrísse a moça para trancá-la e esperar lá dentro por pelo menos meia hora, talvez até mais, antes de sair. Havia uma boa-chance de que o sabotador jamais descobrisse que a morena estava ali. Poderia até pensar que Vincent tinha se alimentado de Jackie, se entrassem sozinhos e saíssem sozinhos. E a garota estaria a salvo...

Fitou a morena, pesando a questão, depois sentiu uma pontada na consciência quando notou a expressão insegura da garota. Com a luz, pôde ver que ela era bem mais jovem do que pensara. Talvez dezenove ou vinte anos, quase uma criança. O que diabos aquela garota estava fazendo ao caçar mulheres no banheiro e arrastando-as a um estoque? Tinha ouvido as palavras dela sobre isso ser uma fantasia, e algo que nunca tinha feito antes, mas...

— Eu... — Jackie endireitou as costas e girou ao sentir uma mão roçar sua nuca. Viu-se encarando um homem alto, com cabelos cor de areia, na casa dos quarenta. Vestia um jeans justo e uma camisa aberta no peito, com uma corrente dourada no pescoço. E que a olhava lascivamente.

Cafajeste, identificou Jackie imediatamente. Um *cafajeste* tentando afastar a crise de meia-idade, vestindo-se como um jovem, ostentando ouro no pescoço, nos pulsos e nos dedos, e desfilando com uma namorada com idade para ser sua filha.

Entretanto... pensou Jackie. Acabava de ser beijada por um homem com quatrocentos anos. Quem era ela para criticar a escolha de alguém?

— Trevor! — A morena parecia angustiada. — Você devia esperar até que eu tivesse começado, para depois...

— Cala a boca, Shell! —disse ele, parecendo quase entediado. — Você não ia começar. Ela obviamente se arrependeu. Pensei em deixá-la saber que faço parte do pacote. Ver se estaria interessada, afinal.

A gentileza de Jackie morreu no instante em que ouviu como ele falava com Shell.

— De onde você veio? — perguntou, dando um passo cauteloso para longe de Trevor. Ele não estava ali na primeira vez em que analisara o local.

Trevor sorriu afetadamente, contornando a prateleira dos fundos, gesticulando para que ela o, seguisse. Foi o que Jackie fez, mantendo distância, observando-o ir até a parede. Era um painel rústico de madeira, e a princípio ela não soube o que era, até ele empurrar uma das tábuas e o painel se abriu. Uma porta estava escondida por trás do painel. Com a iluminação deficiente e o fato de que a porta era da mesma madeira que o painel, ela ficava invisível à primeira vista.

— Meu escritório — anunciou ele com um sorriso, indicando a sala. — Sou o gerente daqui.

Jackie esquadrinhou a decoração cara, pensando apressadamente. Era perfeito. Quase à prova de erros.

Ela virou-se e voltou, passando pela prateleira, para o estoque, alinhavando a estratégia. Seu olhar pousou sobre Shell, e sorriu para ela.

— Trevor estava errado, eu não me arrependi.

A moça não pareceu muito feliz, mas logo abriu um sorriso imenso, decididamente forçado. Uma espiada por sobre os ombros e Jackie viu que Trevor estava voltando, e entendeu tudo. Não era uma fantasia, pelo menos não de Shell. Aquilo era para manter Trevor feliz. Ele queria um *menage*, então Shell, desesperada para agradá-lo, concordou.

— Então você *está* interessada? — Trevor parou atrás dela, a mão deslizando por sua cintura e subindo em direção aos seios.

Jackie segurou aquela mão, impedindo o passeio. Ignorando-o, falou para Shell:

— Eu estava tentando parar você porque preciso dar uma desculpa pelo meu sumiço aos meus amigos, caso contrário eles ficarão apavorados. Aquela garota encontrada nas colinas era amiga nossa, e nos deixou assustados.

— Fiquei sabendo sobre isso — respondeu a moça, estremeando. — Era sua amiga?

— Era — mentiu Jackie, indo para a porta. — Dê-me cinco minutos para dizer a

eles que vou pegar uma carona para casa. Assim eles não se preocuparão. Depois teremos todo o tempo do mundo.

— Ela não vai voltar. — A voz de Trevor era arrogante e desagradável.

Jackie parou na porta e olhou para trás.

— Vou, sim.

Ele balançou a cabeça.

— Você está nos dispensando.

Jackie franziu a testa. Se ele acreditasse mesmo nisso, podia ir embora levando Shell assim que ela saísse. Hesitando, deu uma olhada em si mesma, pensando no que poderia deixar para convencê-lo. Sua bolsa estava na mesa, tudo o que tinha era o que estava vestindo. Respirando fundo, descalçou os sapatos e os chutou para o meio do pequeno cômodo, levantando uma sobancelha.

— Acredita em mim, agora?

Trevor assentiu, sua boca se abrindo em um sorriso satisfeito.

— Nos veremos em breve.

Jackie abriu a porta e saiu da sala. Conseguiu encontrar o caminho de volta ao saguão em frente ao banheiro feminino e seguiu para a mesa.

— Estava começando a ficar preocupado — Vincent disse em sua orelha, após se levantar ao vê-la chegando.

Ela viu surgir um vinco na testa dele ao levantar a cabeça, quando, provavelmente notando a diferença de altura, seu olhar foi até os pés dela.

— O que aconteceu com seus sapatos?

— Não tem importância — desconversou ela. Inclinando-se sobre a mesa, avisou Marguerite e Tiny: — Voltaremos já. Esperem aqui.

Os olhos de Marguerite se estreitaram, e Jackie percebeu que ela estava preocupada, tentando ler seus pensamentos. Não tentou bloqueá-la, deixando que visse o que estava acontecendo, percebendo que seria mais rápido do que tentar explicar verbalmente. Quando Marguerite relaxou e meneou a cabeça, Jackie se endireitou. Tiny ainda parecia preocupado, mas ela sabia que Marguerite logo explicaria tudo, então voltou-se para pegar a mão de Vincent e guiá-lo pelo mesmo caminho que tinha acabado de percorrer.

— Aonde estamos indo?

Jackie não respondeu e continuou a conduzi-lo. Parando no meio da pista de dança, envolveu-o nos braços, instando-o a dançar enquanto se inclinava para ele, dizendo:

— Leia meus pensamentos.

Vincent a encarou, e, por um momento, ela pensou ter visto uma tristeza em seu olhar. Depois se concentrou na testa dela. Os dois pararam, e Jackie esperou pela sensação que lhe diria que ele estava lendo sua mente, mas não aconteceu nada.

— Não consigo — ele disse tão baixinho, que ela mal conseguiu ouvir, apenas enxergou os lábios formando as duas palavras e a dor que elas causavam.

Jackie o fitou, impassível. Bastien lhe dissera uma vez que não conseguir ler a mente de alguém era o sinal de uma verdadeira parceira eterna. A confusão que experimentara no banheiro ameaçou engolfá-la, mas ela a afastou rudemente. Mais tarde, consideraria as implicações de tudo e a bagunça na qual aparentemente se encontravam, mas por enquanto, tinha que alimentá-lo.

— Enquanto eu estava no toalete, uma garota me passou uma cantada — disse de repente, e Vincent deu um pulo, surpreso.

— Não! Uma mulher? — Um sorriso de descrença curvou seus lábios, removendo um pouco da tristeza.

Jackie assentiu, chegando mais perto para continuar:

— Sim, e depois me arrastou para um depósito.

Ele emitiu um som estrangulado, e ela se afastou para fitá-lo. Vincent parecia ter engolido a própria língua.

— Não aconteceu nada! — ela foi logo dizendo, depois explicou o resto, acrescentando por fim: — Você pode se alimentar com segurança. Se o sabotador estiver observando, tudo o que verá vai ser nós dois, entrando e saindo. E depois, você pode entrar pela porta do escritório, fechá-la por dentro e sair pelo outro lado, de modo que mesmo que o sabotador confira o depósito, não vai encontrar ninguém por lá. — Ela parou, vendo Vincent abrir um sorriso. — Que foi?

— Gosto de como você pensa. Vê uma oportunidade e a aproveita. Definitivamente, é uma sobrevivente. Você se daria bem como uma de nossa espécie.

Os dois gelaram ao ouvir isso, e ela notou a dor que subitamente pulsou em seu peito, refletindo-se em seus olhos junto com a percepção de que jamais seria da espécie dele.

— Jackie, eu... — ele começou, arrependido, mas ela balançou a cabeça.

— Não. Não agora. — Saindo do abraço dele, pegou sua mão e o levou até o saguão que conduzia aos banheiros.

— Então, a garota realmente deu em cima de você? — Vincent perguntou junto à sua orelha, o peito esfregando em suas costas ao se aproximar. Aparentemente, ele estava querendo deixar o outro assunto para trás, fingindo que tudo estava bem. Ou tentando, pelo menos. Para um ator, ele tinha uma certa dificuldade de disfarçar a tristeza que sentia. Mas era uma bela tentativa. — O que ela fez?

— Disse que eu tinha um belo corpo — Jackie teve que parar para gritar em sua

orelha.

— E é verdade. Mas isso é só um elogio. Não quer dizer que estivesse can...

— E se ofereceu para lamber cada milímetro dele — ela acrescentou, secamente.

— Ahhh... — ele ficou em silêncio por um instante, depois gemeu em voz alta, atraindo o olhar dela de volta para seu rosto. Uma rápida espiada foi tudo o que precisou para que soubesse que ele estava imaginando a cena... e adorando.

— Homens — Jackie resmungou, desgostosa, enquanto prosseguia. Por que a idéia de duas mulheres juntas sempre parecia ser afrodisíaca para eles?

— Jackie, podemos ter um problema — Vincent gritou, o "peito esfregando nas costas dela outra vez.

Ela parou, conferiu se não estavam sendo seguidos, e perguntou:

— Que tipo de problema?

— Pode ser que eu tenha alguma dificuldade para controlar dois deles de uma vez só — admitiu ele, enquanto chegavam à cozinha.

— O quê? — Jackie parou de súbito, voltando-se para encará-lo. — Mas eu já vi Bastien controlar mais do que um humano de cada vez.

— Bem, sim, ele não teria dificuldades. Quanto mais velhos somos, melhor ficamos em tudo, e Bastien tem mais de quatro séculos.

— Assim como você — notou Jackie, baixando a voz de forma a não serem ouvidos pelo casal no depósito logo à frente.

— Sim, mas faz um tempo desde que tentei controlar mais do que um. É como qualquer habilidade, quanto mais você pratica, melhor fica, e eu não... — Ele parou, franzindo a testa frente à expressão alarmada dela, para depois acalmá-la. — Não estou dizendo que não *consigo* fazer, só que pode ser um pouco difícil. Será que você pode distrair um deles, enquanto controlo o outro? Quando um estiver dominado, entrarei na mente do outro também.

Jackie hesitou, incerta sobre como fazer aquilo, mas concordou.

— Sim, tudo bem. Vou distrair a garota. Trevor é um cretino, domine-o primeiro. Vamos. — E o guiou para o depósito.

O depósito estava vazio quando Jackie abriu a porta, e por um momento temeu que o casal tivesse saído. Então ouviu vozes e percebeu que eles tinham ido para o escritório.

Voltando-se, murmurou para Vincent trancar a porta do depósito. A última coisa de que precisavam era o sabotador tentando segui-los e descobrindo o que estavam fazendo. Apesar de não ter gostado de Trevor, não o queria morto.

Deixando o vampiro para trás, Jackie recolheu os sapatos de onde os deixara e

contornou a prateleira para entrar no escritório.

— Pensei que tivessem desistido de mim — disse ela. Trevor estava sentado na escrivaninha, à direita de Jackie, e Shell encontrava-se em um grande sofá de couro junto à parede da esquerda.

— Não, só pensamos que aqui seria mais confortável — anunciou Trevor, os olhos vagueando sobre Jackie.

Assentindo, Jackie passou por Shell e sentou-se no sofá, do lado mais afastado, para tirar sua atenção da área do depósito. Como ela esperava, a moça se acomodou no sofá, virando-se de modo a encará-la e ficando de costas para a porta.

— Bem... — Jackie forçou um sorriso, os olhos indo de Shell para a entrada. Vincent estava chegando, adiantando-se com cuidado, seus olhos averiguando todos no local.

Tentou pensar em algo para dizer que distraísse Shell quando Trevor se levantou, dizendo:

— Está esperando o que, Shell? Você...

Quando ele repentinamente se calou, Jackie olhou em sua direção, notando, aliviada, o rosto sem expressão. Percebeu que Shell, que não vira nada de estranho, tinha tomado a pergunta como uma instrução, ajoelhando-se e se inclinando na direção de Jackie como se fosse beijá-la. Aquilo era uma distração um pouco maior do que ela pretendia fornecer. Olhou apavorada para Vincent em busca de ajuda. Os olhos dele se arregalaram ao ver a situação, depois se concentraram na garota. Jackie voltou a olhar para Shell no mesmo instante em que ela caía contra seu peito.

Jackie expirou, lentamente, olhando de Trevor, congelado atrás da escrivaninha, para Shell, toda mole.

— O que fez com ela?

— Nada. Entrei na mente dela e a apaguei — respondeu Vincent, dando de ombros.

— E por que ela está tão... — Ela indicou a moça aparentemente inconsciente. — Trevor não ficou assim, nem aquele funcionário.

— Ela é fácil.

Jackie mordeu os lábios para suprimir uma risada.

— Eu avisei que já faz algum tempo que não... Acho que usei um pouco mais de força do que o necessário — explicou ele, entrando de vez no escritório. — Ela vai ficar bem.

— Ah, tudo bem... Vá em frente, morda ela.

Vincent pegou o braço relaxado de Shell e a retirou de cima de Jackie, encostando-a no sofá. Olhou para o rosto inexpressivo.

— Ela a cantou mesmo, então?

— Coma logo, Argeneau! — disse ela, mordaz.

— Humm... Quando me chama assim, sei que estou encrencado. — Ele parecia mais divertido que preocupado, mas hesitou um pouco e acabou dizendo: — Não consigo, com você aí olhando.

— O quê? — Jackie perguntou, surpresa.

— Não estou acostumado com audiência — explicou ele, envergonhado. — Vire de costas.

Jackie balançou a cabeça, mas levantou-se e foi em direção ao depósito. Apoiou-se na porta, de costas para o escritório, calçando os sapatos enquanto esperava. Depois de um instante de silêncio, Vincent disse:

— Faça barulho.

— Como é que é? — Ela olhou por sobre os ombros, espantada.

— Qualquer barulho. Não quero que você ouça.

— Ah, pelo amor de Deus! Você parece uma mocinha com vergonha de fazer xixi porque tem gente ouvindo. Francamente!

— Ela o encarou, mas não mudou nada. Ele esperava pacientemente. Suspirando, Jackie virou de costas e começou a cantarolar. Depois, sentindo-se tola, parou e disse: — Vou ver se tem alguém na cozinha. Vá até lá quando terminar.

Indo em direção ao depósito, deixou a porta quase encostada, depois desviou da prateleira e atravessou a porta que levava até a cozinha. Pressionou a orelha ali. Quando se certificou de não ouvir nenhum barulho vindo da cozinha, ela destrancou a porta e abriu uma fresta por onde espiar.

A cozinha parecia estar vazia, embora ela não enxergasse o cômodo por inteiro. Considerou sair e dar uma olhada, mas algo a conteve. Sua velha amiga, a sensação esquisita, subia e descia por sua coluna, fazendo os cabelos de sua nuca se arrepiar. Ela sempre obedecia quando a sensação surgia, então em vez de sair, prendeu o fôlego e tentou escutar qualquer ruído que pudesse acusar a presença de outra pessoa nas proximidades.

Quando não conseguiu mais prender a respiração, e ainda não tinha ouvido nada, fechou a porta novamente e respirou fundo. Apoiou a cabeça na porta e rezou silenciosamente para não ter cometido um erro. Tinha certeza de que Trevor e Shell estariam a salvo se Vincent os fizesse fechar a porta entre o escritório e o depósito, e sair pelo outro acesso, mas agora começava a se preocupar de novo. A sensação sempre dizia que algo estava para acontecer, e ela não queria que aqueles dois morressem por causa de uma idéia brilhante sua.

Suspirou infeliz com a possibilidade, e quase morreu de susto quando mãos a abraçaram, vindo de trás.

— Posso sentir sua preocupação — Vincent falou suavemente. — Vai dar tudo certo.

Jackie voltou-se para ele, perguntando em um sussurro:

— Terminou?

Ele assentiu, juntando as mãos nas costas dela.

— Apaguei a mente dos dois, instruí Trevor a trancar a porta depois que eu saísse, e levar Shell até a pista de dança pela outra porta do escritório. Vai ficar tudo bem.

Jackie deu um suspiro prolongado.

— Certo. Eles estarão bem.

— Sim, estarão — concordou Vincent, pressionando-a mais para perto, e roçando os lábios gentilmente nos dela. — Obrigado, de novo.

Jackie parou quando ele a beijou de verdade. Vincent podia ser tranqüilo, mas seus beijos não eram. Ele mostrava um lado dominador, a mão escorregando para o cabelo dela e inclinando a cabeça para onde queria, enquanto a língua deslizava para dentro, açoitando a dela. Jackie ofegou, gemendo, seus sentidos atordoados. Vincent cheirava bem, pegava bem, tinha um gosto bom e beijava como um sonho. Estava como uma massa trêmula e de olho arregalado quando o beijo terminou e ele a abraçou apertado.

— Diabos, Jackie! Não culpo Shell por querer lambar cada milímetro de você. Ficaria feliz em fazer o mesmo...

Ela fechou os olhos ante a invasão de imagens eróticas em sua mente, depois afastou-se, dizendo debilmente:

— Devíamos voltar para a mesa.

Virando-se antes que ele pudesse convencê-la do contrário, abriu a porta e saiu do depósito, com Vincent logo atrás.

— Alguém gostaria de um café? — perguntou Tiny quando retornaram à casa, uma hora depois.

— Parece bom. — Jackie entrou no saguão, seguida por Marguerite, Tiny e Vincent.

Tinham ido a mais duas boates antes de voltar, e já era tarde, mas ela relutava em terminar a noite. Não queria ficar sozinha. Os pensamentos que ameaçavam engolfá-la não eram felizes.

— Vou colocar algo mais confortável — avisou, enquanto Vincent trancava a porta. — Na volta, confiro a secretária eletrônica.

— Vou fazer café e talvez um petisco — falou Tiny, seguido de perto por

Marguerite. — Alguém se interessa?

— Eu quero — respondeu Jackie, prontamente.

— Eu também — disse Vincent, indo até o painel de segurança para digitar a senha e impedir que o alarme disparasse. — Também vou me trocar e dar uma olhada no Stephano, mas não demoro.

Jackie começou a subir as escadas, apressada, para evitar ficar sozinha com Vincent. Se ele recomeçasse a beijá-la... Estremeceu com a idéia, mas fechou a mente àquela possibilidade. Havia muitas complicações envolvidas em uma relação assim. Para começar, não seria profissional, já que estava trabalhando para ele. E ainda havia toda aquela história de parceira eterna, e transformar apenas um. Não queria pensar em nada daquilo, no momento.

Chutou longe os sapatos ao entrar no quarto, tirou as meias, e vestiu rapidamente um conjunto esportivo preto, saindo a seguir. Imaginou como estaria Stephano ao passar pela porta do quarto dele, mas não parou. Vincent lhe diria quando voltasse para a cozinha.

Já tinha descido as escadas quando se lembrou da secretária eletrônica. Neil tinha ficado em casa, mas qualquer um que quisesse falar com ele ligaria para o celular. Vincent lhe dissera para não se preocupar com o telefone, e deixar as ligações caírem na secretária eletrônica enquanto eles estivessem fora. Decidiu ver se havia algum recado antes de ir para a cozinha.

Pensando nisso, foi em direção ao escritório. Uma parte de sua mente ficou surpresa ao notar que a porta estava fechada. Nunca ficava assim, a não ser que tivesse alguém lá dentro. Quando sentiu uma brisa fria passar por seus pés ao parar na frente do painel de madeira, a mão dela congelou na maçaneta.

Lembrando-se da noite em que a lista dos funcionários tinha sumido, e do fato de que uma das portas de vidro estava aberta na ocasião, Jackie olhou para o painel de segurança, vendo que estava desativado. Vincent aparentemente tinha digitado a senha para impedir o alarme de disparar, mas não o havia religado. Um som abafado vindo do interior do aposento chamou sua atenção e Jackie instintivamente abriu a porta. Bem a tempo de ver um vulto saindo pela mesma porta de vidro que estivera aberta da última vez.

— Eil! — gritou, e correu atrás dele.

— Pronto — disse Tiny, ligando a cafeteira. — O café vai sair dentro de alguns minutos. Enquanto isso, vou colocar um moletom. Essa calça é muito justa.

— Tudo bem — assentiu Vincent, a cabeça meio enfiada na geladeira, examinando seu conteúdo. Já tinha se trocado, passado pelo quarto de Stephano, onde o ferido estava deitado imóvel, com Neil cabeceando de sono na cadeira ao lado da cama. Deixando-os em paz, desceu, e surpreendeu-se ao ver que chegara ali antes, de

Jackie.

— Pode pegar uma bolsa de sangue para mim, por favor, já que está aí? — pediu a tia.

— Claro. — Ele atendeu o pedido e se endireitou a tempo de ver Tiny saindo da cozinha. Voltou o olhar para a tia: — Quer em um copo, ou direto da embalagem?

— Na bolsa mesmo, obrigada — murmurou Marguerite.

Ele levou a bolsa até ela, em seguida sentou-se à mesa e balançou a cabeça.

— O que houve? — questionou Marguerite, que vira o gesto.

— Estava só pensando. Tenho esta casa há quase dez anos, e nunca tinha usado a cozinha até a semana passada. Agora, parece que passo o tempo todo aqui.

Marguerite deu um ligeiro sorriso.

— Não foi a única mudança desde que Jackie chegou.

Vincent concordou, o olhar inspecionando o aposento aconchegante. Sempre lhe parecera frio e utilitário, antes da chegada de Jackie e Tiny. Eles encheram o cômodo de som, calor e o delicioso cheiro de comida sendo feita. De algum jeito, fizeram da casa um lar.

— Tentou ler a mente de Jackie? — perguntou Marguerite, de repente.

— Sim, esta noite. E não consegui — admitiu, baixinho, olhando para as mãos sobre a mesa, a mente em confusão.

Gostava de Jackie, e apreciava sua companhia. Gostava até de seu jeito autoritário, às vezes. E quando tinham dançado... Vincent nunca se sentira tão em paz com a vida. Envolvendo-a em seus braços, sentia ter encontrado seu lar.

Mas quando a beijara... Deus, jamais havia sentido tal paixão! Sua falta de interesse em sexo até ali definitivamente tinha sumido. De fato, para ser honesto consigo mesmo, tinha que admitir que seu interesse tinha revivido mesmo antes disso. Desde o dia em que escorregara para dentro dos sonhos dela, no escritório, ele tinha perdido horas cada manhã, antes de dormir, só pensando em desnudá-la completamente, deitá-la em várias superfícies planas, e devorar cada milímetro daquele corpo.

Mas tudo parecia estar acontecendo depressa demais. Tinha adiado a tentativa de ler os pensamentos dela e descobrir se era mesmo sua parceira eterna. Imortais sabiam ter encontrado a parceira de sua vida quando encontravam alguém que não podiam ler. Aceitavam e conviviam com isso facilmente. Para os mortais, era um pouco diferente. Eles geralmente precisavam de um tempo para se ajustar. O desejo estava presente, e a ligação acontecia, mas a parte lógica da mente deles geralmente insistia em um namoro.

Infelizmente, seu atraso tinha feito com que perdesse a chance com Jackie. Jamais poderia transformá-la agora. Se não tivesse sido tão covarde, adiando, se a

tivesse transformado logo...

Balançou a cabeça. Se tivesse feito isso, Stephano agora estaria morto, embora não tivesse certeza de que ele iria mesmo escapar. Franziu a testa, pensando por que o homem ainda não tinha acordado. Estavam todos começando a ficar terrivelmente preocupados.

— Jackie não tem família, nada para segurá-la ao mundo mortal — falou Marguerite subitamente, jogando a mente dele de volta à realidade. — Vai se dar muito bem como uma de nós. Será uma ótima parceira para você. Complementa-o perfeitamente.

— Não seremos parceiros para a vida toda — respondeu Vincent, baixinho.

— Ela é sua parceira, Vincent. Sua outra metade.

Ele moveu-se, irritado, e lançou a verdade para a qual não queria olhar muito de perto até aquele momento:

— Não posso transformá-la.

— Mas eu posso.

— Você.... — Vincent parou abruptamente e olhou para a porta que se abria, não querendo que Jackie ouvisse sobre o que estavam falando. Entretanto, não era ela, nem Tiny. Ele olhou para o homem na entrada da cozinha. Da mesma altura de Vincent, talvez até maior, o homem tinha longos cabelos ruivos, presos em um rabo de cavalo. Estava todo vestido de preto, e os observava com olhos frios.

— Quem diabos é você? — perguntou Vincent, levantando-se.

O estranho continuou em silêncio, olhando Marguerite, voltando a observar Vincent apenas quando este ficou na frente dela, protetoramente.

— E então? — Vincent pressionou.

O homem arqueou uma sobrancelha, parecendo vagamente divertido, e finalmente respondeu:

— Christian Notte.

— O primo europeu de Neil e Stephano — lembrou-se Vincent, relaxando. Obviamente, Jackie o deixara entrar e o enviara para a cozinha. — Quando chegou?

— Hoje — o recém-chegado respondeu. — Ligamos ao chegar no aeroporto, mas ninguém atendeu.

— Fomos para as boates mais cedo, chegamos agora há pouco, cerca de quinze minutos atrás. Avisei Neil para que não se incomodasse com o telefone — explicou Vincent. Seu olhar foi em direção à porta, e imaginou onde estaria Jackie, mas supôs que ela ainda estivesse no escritório e logo desceria. Olhou ao redor, porém não sabia o que dizer nem o que fazer, e acabou pedindo desculpas.

— Sinto muito sobre Stephano. É um bom homem. Um amigo. Christian Notte

assentiu devagar, mas estava preocupado ao perguntar:

— Vocês saíram e acabaram de chegar?

— Sim. — As sobrancelhas de Vincent se juntaram ao ver a expressão do outro. Preocupado que ele se ofendesse ao vê-los se divertindo tão pouco tempo depois do ataque a Stephano, acrescentou, rapidamente: — Era necessário. Não estávamos só nos divertindo. Tenho que me alimentar de doadores vivos, por causa de um problema...

— Neil já nos falou sobre isso — interrompeu Christian. — Disse que o último doador de quem se alimentou foi assassinado depois do ataque a Stephano.

— Sim. Bem, estive evitando sair para comer nos últimos dias, me alimentando exclusivamente de entregadores, mas Tiny comentou hoje à noite que logo o sabotador vai perceber, se eu não fizer pelo menos parecer que estava indo novamente às boates. A última coisa que eu quero é que alguém seja morto, então fomos, e pulamos rapidamente de uma boate para a outra, na esperança de deixá-lo para trás por tempo suficiente para acreditar que eu tinha me alimentado sem que ele visse.

Christian assentiu.

— Provavelmente, é melhor assim. Se não achasse que estava se alimentando dos entregadores, provavelmente iria supor que fosse dos detetives, e os pegaria.

Vincent sentiu Marguerite ficar de pé atrás dele, tocando suas costas.

— Ele deve ter pensado isso quando você entrou no depósito com Jackie esta noite. Se estava observando pode ter imaginado que se alimentou dela.

Vincent ficou preocupado com a sugestão. Era algo em que não tinha pensado. Não queria tornar ninguém um alvo ao se alimentar, menos ainda Jackie... ou Tiny. Mas, na verdade, Jackie era sua preocupação principal.

— Vou ter que conversar com ela sobre isso — resmungou, passando a mão pelo cabelo e olhando para Christian. — Ela voltou para o escritório, depois de deixá-lo entrar?

— Ninguém me deixou entrar.

Vincent piscou.

— Não?

— O painel no fim da entrada para carros estava quebrado, então não pudemos tocar a campainha para entrar. Deixei meu primo no carro, e vim até a casa pedir que abrissem o portão para que ele dirija até aqui. Por isso me surpreendi quando você disse que tinha acabado de chegar. É impossível que tenha passado pelo painel estragado sem notar. Está todo amassado, com fios soltos para todo lado.

Vincent ficou rígido ao ouvir isso.

— O que Jackie disse quando você contou a ela? Christian inclinou a cabeça, perguntando:

— Jackie é uma dos detetives particulares que Bastien mandou de Nova Iorque para ajudá-lo com o sabotador?

Ele assentiu. Tinha contado tudo a Neil. Sentira que devia a ele honestidade em relação ao motivo pelo qual seu irmão fora atacado.

— Eu não... — começou Christian, mas parou ao ver a porta da cozinha se abrir novamente.

Todos olharam naquela direção, esperando ver Tiny ou Jackie entrar. Porém, não foi nenhum dos dois. Em vez disso, mais um desconhecido estava ali. Loiro, e também todo vestido de preto, ele olhava para as pessoas na cozinha. Seu olhar passou sobre Vincent, desinteressado, pareceu dar um leve sinal de reconhecimento ao ver Marguerite, antes de finalmente pousar sobre Christian. Ergueu uma sobrancelha interrogativa.

— Eu lhe disse para esperar no carro, Marcus — disse Christian, irritado.

— Você estava demorando demais. — Marcus deu de ombros. — Vim dar uma olhada e encontrei as portas de vidro abertas, então entrei e segui as vozes.

— As portas de vidro estão abertas? — perguntou Vincent, sentindo um calafrio.

Marcus assentiu.

— Foi como eu entrei — anunciou Christian. — Quando cheguei aqui, vi as portas de vidro abertas. Com isso, mais o painel quebrado, pensei que poderia estar havendo algum problema, então entrei e segui suas vozes até a cozinha.

Marguerite se virou, segurando o braço do sobrinho.

— Vincent, se o sabotador acha mesmo que você se alimentou de Jackie esta noite e ela for um alvo... Ela estava indo checar os recados na secretária eletrônica, no escritório.

Ele sentiu o sangue fugir do rosto. Jackie jamais deixaria as portas abertas.

— Vou verificar se ela está se trocando.

Vincent ouviu as palavras da tia e a viu sair apressada da cozinha, mas sua mente estava em pânico. Tudo se movia muito lentamente. Ele se deu um chacoalhão mental, olhou de um homem para o outro em sua cozinha, depois saiu no mesmo rumo de Marguerite, devagar. Ela já tinha sumido no primeiro andar, mas Tiny estava descendo e ele se espantou ao ver os dois homens que seguiam Vincent para fora da cozinha.

— Ela não está no quarto! — Marguerite não tentou disfarçar a preocupação ao reaparecer.

Tiny desviou os olhos dela para Vincent.

— Talvez ainda esteja conferindo os recados.

Voltando-se, Vincent foi seguir para o escritório. Abriu a porta, vasculhando rapidamente a sala vazia e os papéis esvoaçando de sua escrivaninha devido ao vento que entrava pelas portas de vidro ainda abertas.

— Estava assim quando entrei — avisou Marcus, alertando Vincent de que todos o tinham seguido.

Ele olhou para a escuridão além das portas. O coração pareceu parar em seu peito, enquanto sentia o terror dominá-lo. Em sua mente, flutuaram imagens de uma Jackie pálida, o corpo sem vida, contorcido e exangue. Tinha, sem querer, tornado-a um alvo. Não podia perdê-la agora. Ela era sua melhor chance de alguma felicidade futura. E ainda havia esperança para eles.

Vincent não tinha certeza se permitiria que a tia a transformasse e abrisse mão da esperança de um parceiro para si, se o encontrasse no futuro, mas aquilo o lembrara que a mãe de Stephano sempre quisera transformar o filho. O pai de Neil era seu parceiro eterno, então ela poderia fazer a transformação de Jackie. Mas mesmo que não aceitasse fazê-lo, cinquenta anos, ou coisa assim, de felicidade juntos seria melhor que nada.

Correu, saindo do escritório para a noite, rezando silenciosamente para encontrá-la a tempo.

Os pés de Jackie estavam gelados. Já era tarde o bastante para que o orvalho tivesse se formado na grama, e ela estava correndo descalça. Queria ter colocado ao menos as pantufas. Ou ter chamado ajuda antes de sair correndo em perseguição ao intruso que vira escapulir. Correr atrás dele havia sido puro instinto, mas um instinto ruim. Era uma mortal sozinha e desarmada, rasgando a escuridão atrás de um imortal forte e rápido. Que burrice era aquela?

Olhou para a lateral enquanto corria pelos fundos da casa. A luz se derramava das janelas da cozinha em um grande quadrado na área pavimentada entre a casa e a piscina. Naquele aposento iluminado, Vincent, Tiny e Marguerite a esperavam para tomar café.

Jackie pensou em gritar para eles, mas achou melhor não. O intruso já estava bastante longe, e provavelmente não o alcançaria. Sua melhor esperança no momento era segui-lo, descobrir por onde ele entrara na propriedade e talvez evitar que acontecesse novamente. E, com sorte, anotar a placa enquanto ele fugia.

Se chegasse a tempo de pelo menos ver o carro, pensou, amarga, enquanto o vulto à sua frente desaparecia por entre as árvores e arbustos que corriam paralelos ao muro alto que separava o gramado da praia. Esses imortais eram rápidos como o diabo! Cerrando os dentes, ela deu mais um pique de velocidade e foi para a margem da floresta que cercavam os fundos da propriedade.

Galhos se quebravam sob seus pés quando entrou na floresta, e Jackie se

encolheu, sabendo que o fator surpresa tinha desaparecido, se é que algum dia existira. O sabotador definitivamente sabia agora que estava sendo perseguido. Embora provavelmente já soubesse antes disso, ela reconheceu. A audição dos imortais era excepcional.

Parou ao alcançar o muro, e olhou para os dois lados. Nenhum sinal de alguém nos arredores. Ou o sabotador tinha pulado, ou então estava se escondendo.

Jackie hesitou, depois olhou atentamente para as árvores ao longo do muro quando um galho se quebrou. Mal conseguiu divisar o vulto nos galhos acima, antes que ele se balançasse para longe, por cima do muro. O impacto foi quase inaudível quando ele pousou no outro lado. Já estava subindo na árvore mais próxima.

Iria contratar alguém para cortar aqueles galhos na manhã seguinte, a fim de limpar a visão sobre todos os arbustos por toda a extensão do muro e impedir que houvesse onde se esconder, decidiu ela enquanto subia.

Infelizmente, Jackie era uma detetive urbana. Correr por vielas, subir escadas, disparar pelos metrô... Tudo isso ela conseguia, sem dificuldades. Entretanto, não havia muita necessidade de subir em árvores em Nova Iorque. Conseguiu escalar e abrir caminho pelo galho, mas sua sorte acabou. Ouviu um estalo, segundos antes de o galho subitamente ceder sob seu corpo.

Ela tentou desesperadamente se segurar em algum lugar durante a queda, mas foi inútil. Aterrissou sobre algo duro, e só percebeu que era o intruso quando ouviu um gemido ao atingirem o solo.

Seu pânico imediatamente aumentou.

Treinava artes marciais desde a infância, por insistência do pai, e mesmo assim não encararia um imortal desarmada. Um, dois, talvez até três mortais, sem problema. Mas imortais? De jeito nenhum! Não sozinha e sem algum tipo de arma para ajudar. Eles era mais fortes e mais rápidos. Também não pareciam sentir dor como os mortais, como se os nanos bloqueassem um pouco da dor quando necessário para lhes permitir continuar na batalha. E eles eram bem difíceis de derrubar. Matar, então, nem pensar. A menos que a pessoa tivesse algo para arrancar a cabeça deles, como uma espada ou uma granada, não venceria nunca.

De qualquer modo, tendo caído sobre o intruso, ela não tinha muita escolha. Estava na batalha agora, e reagiu automaticamente, seu corpo lutando para fazer o que fosse necessário para sobreviver. Foi um esforço curto e desesperado. Percebendo que não sobreviveria se persistisse, ela conseguiu pegar o intruso de surpresa e rolar para longe, ficando de pé com um só movimento.

Mal tinha consciência da areia fria entre os dedos dos pés quando foi puxada pelos cabelos e segura em um abraço sombrio. Jackie grunhiu ao sentir seu tórax bater contra o do intruso, depois ofegou enquanto ele forçava sua cabeça para trás e atacava como uma serpente, avançando com os dentes na direção do pescoço exposto.

Subitamente, tão paralisada quanto um gato seguro pela nuca, ela gemeu pela dor de ter sua garganta rasgada por presas invisíveis. Olhava cegamente para as estrelas acima enquanto o cheiro de sangue fluía ao seu redor e os ruídos de alguém bebendo enchiam seus ouvidos, e soube que sua vida estava sendo sugada.

Jackie não sabia se era por causa da perda de sangue, ou do horror, mas depois de instantes infindáveis, a dor e o som começaram a sumir, e até as estrelas estavam se apagando.

— Jackie!

Ela ouviu o grito em alguma tênue parte de sua mente, mas não entendeu o significado até o agressor parar de repente, afastando a cabeça de seu pescoço. Sua consciência lutava para se recobrar do desespero e do choque que a dominavam, com uma minúscula partícula de esperança reluzindo em sua alma.

— Jackie! — Desta vez, ela reconheceu a voz de Vincent. Também viu um borrão de movimento, e soube que era sua salvação chegando. Vislumbrou o brilho do metal, quando seu agressor subitamente a soltou. Uma parte dela estava alerta, extremamente atenta, e o instinto a fez apertar o braço que balançava a arma na direção de Vincent, agarrando-a com as duas mãos, mas estava fraca pela perda de sangue e não conseguiu segurar.

Foi o desespero e o instinto que fizeram com que ela enfiasse os dentes naquele braço. Se não pudesse evitar que seu algoz acertasse a faca em Vincent, tentaria fazê-lo largar a maldita arma. Foi a única coisa em que pensou. Tinha que salvar Vincent.

O sangue jorrou em sua boca quando Jackie abocanhou o pulso, mas ela apenas engoliu o líquido salgado para não sufocar e continuou agarrada como um buldogue, a ira e o terror dando-lhe a força necessária para isso.

Um praguejar chegou aos seus ouvidos, então seu agressor pressionou a mão contra sua testa e a empurrou. Jackie sentiu mais sangue vazar enquanto seus dentes rasgavam a carne, em seguida se soltou e tropeçou na areia. Gemeu quando suas costas bateram no chão, depois rolou debilmente para o lado e ficou quieta, observando indefesa enquanto seu agressor se voltava para Vincent.

Aliviada, percebeu que seus esforços tinham sido úteis. Vincent vira a arma que ela lutara para segurar, e agora dava um chute naquela mão. Jackie viu a faca voar pela escuridão quando os dois homens começaram a brigar.

Com o coração golpeando e as mãos apertando o ferimento no pescoço, Jackie se encolheu na areia fria e observou as formas se movendo na escuridão. Mas era difícil enxergar qualquer coisa, e ela estava tão fraca e cansada...

— Argeneau!

Os olhos que Jackie não notou ter fechado se abriram com o grito. Não identificou a voz masculina. Entretanto, reconheceu Marguerite e Tiny que chamavam

por Vincent e ela, e o alívio a invadiu ao ouvi-los se aproximar. Não foi a única a escutá-los, notou. O intruso repentinamente desistiu da briga e saiu correndo.

Vincent nem hesitou, ignorando o vulto que rapidamente desaparecia, apressou-se para juntar-se a ela.

— Jackie? — Sua voz estava rouca de preocupação quando a colocava deitada de costas para examiná-la.

— Argeneau?

Jackie viu duas formas passarem pelo portão atrás de Vincent. Piscou e tentou se concentrar nos dois homens. Ambos eram tão grandes quanto Tiny, mas percebeu que nenhum dos dois era ele. Vincent nem olhou na direção deles, totalmente concentrado em levá-la nos braços.

— Ele foi por aquele lado. — Meneou a cabeça na direção em que o agressor tinha seguido. Deixando que os dois se encarregassem de ir atrás do intruso, ele andou rapidamente na direção da casa.

— Vincent? — Marguerite correu para ele, junto com Tiny, enquanto Vincent corria pelo gramado. — Ela vai ficar bem? Encontrou-a a tempo?

— Não sei. — Sua voz era tensa, notou Jackie, flutuando à beira da inconsciência.

— O pescoço dela. — A voz de Tiny era um fraco som de desespero.

— Abra a porta, Tiny — pediu Vincent, soando terrivelmente preocupado, e a mente de Jackie, delirante, pensou que era a coisa mais doce do mundo. Ele realmente gostava dela, pensou, depois soltou um pequeno suspiro e tudo escureceu à sua volta.

Capítulo V

— Deite-a sobre a mesa. Vincent suspirou ao ouvir a ordem de Christian, que passou à sua frente para dentro da cozinha e tirou os copos que estavam sobre a mesa, entregando-os para Tiny.

— Por que não está perseguindo o agressor? — perguntou Vincent, subitamente furioso.

— Marcus foi atrás dele. Fiquei para ver se podia ajudar — ele respondeu, sucinto. — Coloque-a na mesa.

Vincent hesitou, depois aproximou-se da mesa e fez como o outro pedia. Preferia levá-la para cima e colocá-la na cama, mas era melhor que a limpassem antes. Parecia haver uma quantidade enorme de sangue. Ao pensar nisso, ficou apavorado. Muito sangue mesmo, notou ao deixá-la sobre a superfície lisa, o coração dolorido.

— Deus do céu — murmurou Tiny, a voz se partindo e o rosto empalidecendo quando Christian gentilmente segurou o queixo de Jackie e virou a cabeça para examinar o machucado. Não era uma mordida, era um rasgo. Sua garganta fora aberta com a maligna intenção de matar. Era impossível adivinhar a quantidade de sangue que ela havia perdido.

Vincent afastou-se, indo para a pia pegar um dos panos de prato que tinham comprado. Depois de umedecê-lo, apressou-se em voltar para o lado dela e começar a limpar, ou tentar limpar o sangue. Estava espalhado pelo pescoço dela, descendo pelo peito, ensopando a camiseta branca que ela vestira por baixo do conjunto esportivo.

O som profundo da voz de Tiny o fez olhar em volta. O mortal falava ao telefone.

— Preciso de uma ambulância!

Vincent tornou a olhar para o ferimento de Jackie. Uma ambulância nunca chegaria a tempo de salvá-la.

— Desligue, Tiny.

O gigante voltou-se para ele, surpreso.

— Mas...

— Olhe para ela. Eles não podem salvá-la — disse, amargo.

— O que está fazendo? — inquiriu Christian, ao vê-lo desabotoar a manga da camisa.

— Vincent? — disse Tiny, inseguro, mas não se mexeu para impedi-lo, e desligou o telefone.

Vincent supôs que aquilo fosse uma concordância tácita, e ficou feliz. Não queria discutir com o grandalhão, nem ter que dominar sua mente para impedi-lo de atrapalhar no que teria que fazer para salvar Jackie.

— Neil disse que você salvou a vida de Stephano ao transformá-lo — falou Christian, lentamente.

Vincent deu de ombros, indiferente. Não se importava com leis e regras. Tudo o que importava naquele momento era Jackie.

— O sangramento diminuiu bastante — informou Marguerite, inclinada sobre Jackie, observando-lhe o ferimento, enquanto a outra gemia e se mexia sobre a mesa.

— Saia, tia Marguerite. Tenho que transformá-la. — Vincent começou a dobrar a manga.

Ela o ignorou, ainda olhando a ferida de Jackie por um instante, depois para seu rosto. Perguntou, espantada:

— Por que o rosto dela está coberto de sangue?

Vincent fitou Jackie, reparando no sangue ao redor da boca, mas repetiu:

— Saia, tia.

— Você não vai transformá-la, Vincent — disse ela, duramente. — Se alguém vai fazê-lo, que seja eu. Agora, me responda... Por que a boca de Jackie está cheia de sangue?

Vincent se agitou, impaciente.

— Ela estava tentando me ajudar, e o mordeu.

O olhar de Marguerite ficou mais atento.

— Ela o mordeu?

Vincent incomodou-se ao ter que responder àquelas questões em uma hora tão imprópria.

— Ele tinha uma faca. Ela o mordeu no pulso para impedi-lo de me atacar quando o alcancei.

Todos se voltaram para Jackie quando ela gemeu outra vez, agora mais alto, para subitamente ter uma convulsão.

— O que está acontecendo? — Vincent perguntou, em pânico. Aproximou-se da mesa novamente, segurando os ombros de Jackie para impedi-la de cair por causa dos tremores.

— Será possível que ela tenha, durante a mordida, tomado sangue suficiente para estar se transformando? — sugeriu Christian.

— É possível — disse Marguerite, lentamente. — Mas nunca vi ninguém convulsionar dessa maneira durante a mudança. Não tão cedo. — Franziu a testa. — Mas ela perdeu mesmo bastante sangue. Pode ser por isso...

— O que podemos fazer? — Vincent questionou, ansioso. Marguerite hesitou, depois ordenou que Tiny pegasse uma bolsa de sangue.

O gigante imediatamente disparou para o refrigerador, voltando com a bolsa. Marguerite abriu-a, segurando sobre a boca de Jackie. Vincent se aproximou, sustentando-lhe a cabeça para facilitar o caminho do líquido.

— Você tem sangue suficiente na casa para ajudá-la durante a transformação?

Vincent olhou por sobre o ombro para Christian ao ouvir isso. Não estava prevenido para uma coisa assim, e já sabia qual seria a resposta antes de a tia dizê-la em voz alta.

— Não.

Para seu alívio, o outro meneou a cabeça e disse:

— Trouxemos um pouco conosco. Pedimos para que entregassem adiantado no hotel. Vou mandar Marcus buscá-lo, quando estiver de volta.

— Vou ligar para Bastien e pedir que envie mais sangue amanhã para repor o seu estoque — murmurou Marguerite. — E vamos precisar de um suporte intravenoso também, se puder conseguir um.

— Porquê? — perguntou Christian, surpreso.

— Já usamos em outras transformações. Ajuda bastante — ela explicou.

— Quantas vezes supervisionou uma transformação? — quis saber Christian.

— Quatro vezes nos últimos três anos — informou Marguerite, dando de ombros.

— Quatro?!

— Os parceiros de meus filhos — ela explicou. — E houve mais algumas durante os meus setecentos anos de vida. Podemos fazer isso, mas precisamos de sangue.

— Vamos conseguir também a suporte intravenoso — assegurou Christian, depois ficou em silêncio enquanto Marguerite removia a bolsa, agora vazia, e Vincent deitava Jackie novamente na mesa. Todos se aproximaram um pouco mais, observando seu rosto pálido e imóvel.

— As convulsões pararam — notou Tiny, esperançoso.

Vincent assentiu, devagar, depois desviou o olhar de Jackie para sua tia quando ela se moveu para a cabeceira da mesa e abriu as pálpebras de Jackie com os dedos a fim de verificar, suas pupilas. Ele não viu nada diferente, mas ela por certo tinha visto, pois assentiu, satisfeita, e endireitou-se.

— Está começando. E melhor levá-la para cima, Vincent. Você tem corda?

— Corda? — repetiu ele, confuso.

— Vamos precisar amarrá-la por um tempo, para que não se machuque.

— Vamos pegar isso também. Eu... — Christian parou quando a porta que levava à piscina se abriu, e Marcus entrou, com expressão raivosa. Quando o primo levantou uma sobrancelha questionadora, ele balançou a cabeça negativamente.

Vincent sabia o que isso queria dizer. O sabotador conseguira fugir. Sentiu um momento de fúria amarga, porém deixou passar, mais preocupado com Jackie.

— Leve-a para cima, Argeneau — falou Christian, tenso. Ele gesticulou para que Marcus se aproximasse: — Preciso que busque algumas coisas e...

Vincent não ouviu o restante. Em vez disso, tomou Jackie em seus braços e a carregou para fora da cozinha. Na saída, ainda viu Tiny tentar segui-lo, mas Marguerite o impediu. Ouviu-a murmurar palavras de consolo para o gigante, quando já estava na escada, subindo.

Jackie estava imóvel em seus braços, e ele se desesperava imaginando se ela estaria mesmo se transformando. Tia Marguerite podia ter se enganado. Talvez ela não tivesse tomado sangue suficiente do agressor para completar a mudança.

Entretanto, mal a havia colocado na cama e ela começou a gemer. Em pouco tempo, estava rolando, inquieta. Estranhamente, isso o tranqüilizou. Foi como Marguerite tinha-lhe descrito a transformação. E o motivo pelo qual a imobilidade de Stephano a preocupara. A mudança era um processo doloroso, não algo pelo qual se podia passar calmamente, a não ser sob efeito de tranqüilizantes.

Quando a tia se juntou a ele no quarto, Jackie já gemia de modo alto e contínuo, e se remexia na cama.

Marguerite franziu a testa ao se aproximar.

— Isso foi rápido. Será que ela bebeu mais sangue do que imaginávamos?

— Como assim?

— Não é nada, esqueça — ela disfarçou, olhando preocupada para a porta. — Espero que Christian venha logo.

— Ele foi com Marcus?

— Não. Achou mais aconselhável não nos deixar sozinhos, com o sabotador ainda à solta e Jackie nesse estado. Está na garagem, procurando uma corda.

Vincent franziu a testa, desconfortável com a idéia de amarrar Jackie. Mudou de idéia momentos depois, quando ela começou a se debater, seu corpo dobrando e virando para os lados, braços e pernas agitando-se freneticamente, enquanto ela gritava de dor. Ele e Marguerite lutavam para tentar mantê-la imóvel, impedindo que se machucasse, quando Tiny entrou correndo.

— O que está havendo? Por que ela está gritando? — indagou, alarmado, apressando-se na direção da cama.

— É a transformação — informou Marguerite, tentando acalmá-lo, olhando para a porta com alívio ao ver Christian entrar rapidamente.

— Achei a corda — anunciou ele, enquanto também chegava perto da cama..

Foi preciso o esforço conjunto dos quatro para amarrá-la. Quando conseguiram, Marguerite tirou Tiny do quarto, ainda o acalmando. Christian foi logo atrás, quieto e taciturno, e Vincent divagou se ele já teria visto uma transformação antes. Ele mesmo esperava nunca mais tornar a ver. Jackie parecia estar sofrendo. Tentava se acalmar repetindo o mantra de que, quando terminasse, ela seria imortal como ele, e poderiam ser parceiros verdadeiramente eternos, mas isso não estava ajudando muito. Odiava vê-la sofrer daquele jeito.

Subitamente cansado, ele puxou uma poltrona para a lateral da cama e se sentou. Não havia nada que pudesse fazer para ajudá-la, mas suportaria tudo ao seu lado. Jackie agora era sua. Para sempre. Desde que ela concordasse, pensou. Ela era

sua verdadeira parceira eterna. Ele só tinha que fazê-la enxergar este fato.

Passou o restante da noite e toda a manhã seguinte buscando maneiras para conseguir isso, enquanto continuava cuidando de Jackie. Marguerite ficou a maior parte do tempo ao seu lado, deixando o quarto de vez em quando para pegar outra bolsa de sangue na cozinha. Eles se revezaram na troca das bolsas, até que ela se recolheu ao próprio quarto para dormir um pouco no meio da manhã. Vincent dormitava na poltrona quando ela voltou, à tarde, com outra bolsa de sangue cheia nas mãos.

— Como ela está? — perguntou, sentando-se na beirada da cama e estudando Jackie.

— Está bem. Tranqüila, agora — disse ele, enquanto ela removia a bolsa vazia no suporte intravenoso e a substituía pela cheia.

— Graças a Deus ela parou de espernear e gritar — murmurou Marguerite, terminando a substituição e dispensando a bolsa vazia. — Acho que Tiny não agüentaria muito mais. O pobrezinho está terrivelmente abalado. Ele ama Jackie como uma irmã, e se preocupa com tudo o que aconteceu e como ela vai aceitar a transformação.

Vincent assentiu.

— Eu sei. Obrigado por mantê-lo lá fora e ocupado.

— Foi melhor assim. Ele está cozinhando e devorando tudo assim que fica pronto. Acho que é um pouco compulsivo...

— Você gosta dele — concluiu Vincent.

— Ah, sim. Tê-lo por perto é como ter uma segunda filha. Ele piscou de surpresa com a afirmação, depois riu. Tiny, com mais de um metro e oitenta de altura e cento e vinte quilos... uma segunda filha? Balançou a cabeça.

Marguerite franziu a testa ao deslizar um dedo sobre a testa de Jackie.

— Ela está muito mais pacífica agora. O pior já deve ter passado.

— Vamos torcer por isso — respondeu ele, baixinho. — Em quanto tempo ela deve acordar?

A tia meneou a cabeça.

— Difícil dizer. Pela minha experiência, normalmente leva um ou dois dias, mas com Stephano foram três.

— Quatro — corrigiu Vincent.

— O quê? — Marguerite olhou para ele, sem entender. — Faz quatro dias, e ele ainda não acordou... Ou acordou? — acrescentou, ao ver a expressão de constrangimento no rosto dela.

— Oh, meu querido, desculpe-me — pediu ela, suspirando.

— Ele acordou pouco depois do ataque da noite passada. Eu ia lhe contar, mas

quando voltei aqui Jackie estava gritando e se debatendo, e esqueci.

— Ele despertou? — perguntou. Vincent, sentando-se espantado.

Marguerite assentiu.

— E disse quem o atacou? Ela balançou a cabeça.

— Sua mente foi apagada. Ele não se lembra de nada sobre ter sido esfaqueado. Embora haja fragmentos do episódio em sua mente, nenhum deles revela o intruso. Suspeito que seja por causa desses fragmentos que o sabotador achou necessário matá-lo. Provavelmente, temia que ele conseguisse juntar os pedaços. E é o que ele vai fazer — acrescentou ela, confiante.

— Já está vasculhando suas memórias.

Vincent afundou na poltrona, voltando a olhar para Jackie. Por um breve instante, esperara que Stephano fosse capaz de lhes dizer quem era seu agressor, e terminar com todo aquele sofrimento. Estava desapontado pelo problema continuar a existir. E estava faminto, mas não ousava se alimentar.

— E eu encomendei pizza. Já chegou — Marguerite acrescentou.

— Por quê? — perguntou ele, sem entender. — Você mesma disse que Tiny está cozinhando montanhas de comida;

— Encomendei para você. Tiny pode até jogar as pizzas no lixo, eu não ligo. Mas o entregador está no escritório, esperando por você.

— Eu não... — Ele estava prestes a negar que estivesse com fome, mas seria uma mentira. Seu corpo continuava precisando de sangue, quisesse ou não. — Obrigado, tia Marguerite, mas eu... não posso. E se o sabotador...

— Não acho que seja motivo para se preocupar, Vincent. Estamos no meio do dia. O sabotador está em casa, dormindo e sonhando com o que acha ter feito. Este é provavelmente o melhor momento para se alimentar.

Ele concordou, vendo que a tia tinha razão. Suspirando, levantou-se e foi para a porta.

— Não vou me demorar.

— Eu já o paguei, mas talvez queira lhe dar uma gorjeta — disse ela, ao vê-lo sair.

Vincent não encontrou ninguém no caminho até o escritório. Depois de terminar com o entregador, deslizou uma nota de vinte dólares em seu bolso e cuidou para que fosse embora. Após fechar a porta, voltou-se, e encontrou Tiny no saguão.

— Como está Jackie? — perguntou o gigante, preocupado. Estava com uma aparência terrível: pálido, exausto, com a ansiedade transparecendo em seu semblante de buldogue.

Vincent forçou um sorriso.

— Parou de se remexer e de gritar. Está descansando muito mais pacificamente, agora. Acho que o pior já passou. Esperamos que acorde logo.

Os ombros de Tiny se afrouxaram de alívio.

— Obrigado. Estava preocupado.

Vincent deu-lhe tapinhas no ombro como consolo.

— Ela vai ficar bem — assegurou, e estava aliviado de poder dizer isso. Por um tempo, não estivera certo de que ela fosse sobreviver à transformação. Afinal, havia perdido tanto sangue no ataque... Mas ela sobrevivera ao pior, e ficaria bem. Esperava que sim, pelo menos.

— Posso vê-la? — perguntou Tiny. — Eu queria subir antes, mas os italianos não me deixaram.

— Italianos? — indagou Vincent, depois percebeu que ele devia estar falando de Christian e Marcus. Marguerite tinha lhe contado que eles estavam na cozinha, interrogando Tiny sobre tudo o que acontecera na esperança de descobrir coisas e impedir o sabotador antes que mais alguém se ferisse.

Como se atraídos pela conversa em torno deles, a porta da cozinha se abriu para deixá-los entrar. Seus passos ficaram mais lentos ao divisarem Vincent.

— Como ela está? — Christian questionou.

— O pior já passou — informou Vincent. — Jackie vai sobreviver.

— Bom. Marguerite disse que você não reconheceu o agressor, é verdade?

— É. — Ele sentiu os ombros se afundando com a sensação de derrota ao admitir aquilo. Estava tão escuro, e tudo acontecera tão rápido... Além disso, o sujeito vestia-se todo de preto e usava uma máscara no rosto, cobrindo do nariz para cima, deixando apenas a boca livre para morder o pescoço de Jackie. — Tive uma impressão vaga de seu tamanho, pequeno e rijo. Mas foi só...

Christian meneou a cabeça, ao perceber a voz de Vincent sumindo. Seu olhar desviou para Tiny e de volta para o outro, antes de informar:

— Estivemos acordados o dia inteiro, vamos dormir algumas horinhas. Dante e Tommaso vão vigiar a casa até nos levantarmos.

— Dante e... — Vincent não teve tempo de terminar a pergunta quando a campainha recém-consertada soou, anunciando alguém no portão. Erguendo as sobrancelhas, foi até o painel perguntar quem era. Não se surpreendeu ao ouvir os nomes de Dante e Tommaso. Pressionou o botão para abrir a passagem, e voltou-se, flagrando Tiny espiando cautelosamente os dois imortais. Voltou-se para encarar Christian e Marcus.

— E quem são Dante e Tommaso?

— Meus primos. Gêmeos — explicou Christian. — Pode confiar neles.

Como Vincent ainda não estava certo se podia confiar nele, essa afirmação não teve o efeito tranquilizador desejado, mas aceitou mesmo assim.

— Prefere que a gente use que quartos? — Christian perguntou.

— Os dois primeiros à direita ainda estão vazios — anunciou Vincent. — Se todos vocês vão ficar, terão que dormir dois em cada quarto.

O outro aceitou, e a porta ressoou com uma batida. Vincent atendeu, revelando ali um homem vestido de couro, ainda maior que Tiny. Cumprimentou-o, abrindo caminho para sua entrada, notando que o segundo homem, gêmeo do primeiro, também era enorme e coberto em couro negro. Ambos tinham cabelo preto e comprido.

Fechou a porta, enquanto Christian tagarelava algumas frases em italiano. Depois completou, em inglês:

— Vincent está no comando até eu acordar.

Christian não fazia idéia do que dizer, nem que ordens dar.

— Este é Tiny — falou, finalmente. Depois perguntou: — Vocês consomem comida?

— Comemos — disse Dante.

— Tem pizza na cozinha.

Quando os dois o fitaram, Vincent percebeu que eles não sabiam onde era a cozinha. Impaciente, indicou-lhes o caminho, dizendo por sobre o ombro:

— Pode subir e visitar Jackie, se quiser, Tiny. Marguerite está lá.

Tiny já estava na metade da escada antes que Vincent terminasse de falar. Levou os gêmeos até a cozinha e os olhou, incerto. Não os conhecia. Provavelmente se alimentavam de sangue embalado, como a maioria dos imortais, mas em todo caso, avisou:

— Tiny é mortal. Sem mordidas.

Dante e Tommaso trocaram um olhar que sugeria insulto ao ter que ouvir aquilo, mas assentiram, indo para a mesa. Dante arrastou a caixa da pizza mais para perto e abriu-a para inspecionar o conteúdo.

— Sem anchovas? — indagou.

— Desculpe — disse Vincent. Observou Tommaso rasgar a tampa da caixa, levantar metade da pizza e depositá-la na tampa, usando-a como um prato. Dante aproximou a metade de baixo da caixa em frente a si, aparentemente reclamando a outra metade da pizza.

— Talvez eu deva pedir mais — resmungou Vincent, virando-se para sair da cozinha.

— Com anchovas em duas delas — pediu Dante.

Vincent foi até o escritório para pedir mais quatro pizzas, duas completas com anchovas. Depois voltou, colocando só a cabeça para dentro da cozinha para avisar:

— Quando as pizzas chegarem, me chamem, e eu pagarei por elas — instruiu, pensando em também ter outra refeição enquanto podia. — Vou estar lá em cima se precisarem de mim.

Dante e Tommaso grunhiram em resposta, concentrados na pizza que enfiavam na boca.

Balançando a cabeça, Vincent voltou a subir. Não tinha dormido desde o ataque e estava cansado, mas não pretendia dormir até ter certeza de que Jackie estivesse bem. Marguerite parecia pensar que já estava, mas ele não teria certeza até ela abrir aqueles lindos olhos e falar.

Jackie se sentia no inferno. Foi seu primeiro pensamento consciente, acompanhado por um gemido enquanto se virava na cama. Seu corpo estava fraco e dolorido. Obviamente, ou tinha sido espancada e largada para se recuperar, ou então estava acordando de uma gripe daquelas.

Mal tinha pensado nisso quando se recordou de tudo, e os eventos da noite anterior passaram por sua mente, duros e cruéis. Puxando o fôlego, pôs a mão no pescoço, quase esperando encontrá-lo ainda com uma crosta de sangue. Mas não era assim que estava. Sua pele parecia um pouco inchada, mas não havia sangue, e surpreendentemente, nem dor ou bandagens.

Olhou ao redor e viu o homem adormecido na poltrona próxima. Vincent. Ele era apenas uma sombra na luz débil. Já era noite, e seu quarto devia estar completamente escuro, mas a lâmpada do banheiro fora deixada acesa, e a porta levemente aberta, para espalhar a luminosidade. A luz esparsa, ela podia ver que os olhos dele estavam fechados, a cabeça apoiada no peito.

Observou-o dormir, relembrando sua chegada para resgatá-la na praia. Ele partira para o ataque, corajosamente, se arriscando por ela. Sorriu ternamente à memória, e seus dedos passaram pelo pescoço novamente. Onde estava a ferida? Preocupada pela ausência do ferimento, afastou as cobertas e sentou-se, chocada com a dificuldade para fazer isso. Estava tão fraca quanto um bebê.

Colocando as pernas para fora da cama, conseguiu se levantar, mas suas pernas tremeram quando ficou de pé e ela se desequilibrou um pouco. Apoiando-se na parede, foi até o banheiro, olhando duas vezes para trás para se certificar de que Vincent não havia acordado e notado sua ausência.

Deslizou pela porta entreaberta, quase fechando-a em seguida, movendo-se para a frente do espelho. Olhou para si mesma assombrada, a ferida no pescoço brevemente esquecida. Sua aparência estava quase tão ruim quanto se sentia, pálida, os cabelos em grumos ao redor da cabeça, o rosto certo por uma camada de suor. -:

Um pequeno gemido escapou de seus lábios ao pensar que Vincent a observara naquele estado, mas deixou isso de lado com um suspiro e voltou sua atenção para o pescoço. Estava curada, embora não completamente. Tinha uma grande cicatriz, mas parecia com um machucado de meses atrás, e Jackie tinha certeza de que a agressão não acontecera há meses. Não podia ter ficado naquele quarto por meses. Então, o que realmente ocorrera?

Você foi transformada, uma parte de sua mente sussurrou em resposta, mas Jackie balançou a cabeça.

Não. Impossível! Com certeza não, não é?

Não mesmo, pensou com firmeza. Se fosse o caso, estaria esbelta e bonita como Marguerite, mas seu corpo estava igualzinho ao que era antes, com aqueles sete ou oito quilos a mais do que era considerado bonito em Hollywood.

Pensar em seu peso a fez perceber que estava com fome, faminta na verdade, e com uma sede terrível. Abrindo a torneira, inclinou-se sobre a pia e juntou um pouco do líquido com as mãos, levando-o à boca e bebendo tanto quanto podia antes que escorregasse entre seus dedos. Fez isso várias vezes, mas não conseguiu tomar muita coisa; certamente, não o bastante para aplacar sua sede furiosa.

Desistindo da tentativa de beber da torneira, jogou a água no rosto e na cabeça, correndo os dedos pelo cabelo a seguir, tentando colocar ali alguma ordem antes de fechar a torneira. Endireitou-se e foi até a porta.

Vincent ainda estava dormindo na poltrona. Preferia que ele não a visse daquele jeito. Sedenta demais para perder tempo se vestindo, decidiu que a camiseta grande e comprida seria o suficiente para descer e pegar um copo d'água... ou dez. Estava ressequida, sua boca seca e pastosa.

Atravessou o quarto com pernas trêmulas e abriu suavemente a porta. Por sorte, o saguão estava vazio. Seguiu lentamente até as escadas e desceu, determinada. Essa resolução desapareceu antes que tivesse percorrido metade do caminho, deixando-a agarrada fracamente ao corrimão, desejando que tivesse acordado Vincent, no final das contas.

Suspirando, descansou um momento, depois se forçou a continuar. Ficou incrivelmente feliz ao finalmente chegar no piso térreo. Pelo menos, se as pernas não agüentassem, não cairia muito longe.

— Jackie! O que está fazendo de pé? — Tiny se apressou a sair da cozinha para ajudá-la, fazendo-a sorrir de alívio.

— Eu estava com sede — admitiu, ao ser alcançada.

— E com fome, sem dúvida — trovejou ele, deslizando um braço ao redor dela para suportar seu peso.

Jackie abriu a boca para responder, mas em vez disso parou e inspirou profundamente, enquanto ele a puxou para seu lado.

— Você cheira bem — murmurou ela, surpresa.

Tiny a espiou com atenção, obviamente tão espantado pelo comentário quanto ela estava por tê-lo dito. Ele franziu a testa.

— Você está bem? Suas pupilas estão dilatando.

Jackie se viu inclinando-se na direção dele, inalando profundamente. Ele cheirava tão bem... era até apetitoso. Dava vontade de mordê-lo.

Assustada pela idéia, ela se afastou, quase tropeçando. Tiny rapidamente a segurou, mantendo-a de pé. Os dois congelaram no lugar, olhando para a porta da cozinha quando um homem imenso saiu de lá. Invadida pelo medo, Jackie imediatamente aproximou-se do amigo.

— Está tudo bem. — Tiny dava tapinhas tranquilizadores em seu braço. — Este é Dante, um dos homens de Christian.

— Christian? — perguntou Jackie, confusa, depois esqueceu a pergunta quando olhou para o pescoço dele. Com a cabeça voltada para o grandão, a veia de Tiny retesava-se sob a pele, e era tudo o que ela enxergava, a pulsação do sangue quente, vivificante.

— Christian é primo de Neil e Stephano. Está aqui para ajudar, e trouxe seus homens para vigiar as coisas e auxiliar também — explicou ele.

Tudo soava como "blá, blá, blá, sangue" para ela. Ele tinha falado algo sobre sangue? Ou era o seu pensamento que sussurrava isso em sua cabeça, imaginou Jackie enquanto inalava profundamente outra vez, respirando aquele cheiro. Era a coisa mais estranha. O cheiro de Tiny estava fazendo sua boca salivar tão eficientemente quanto o cheiro de pizza recém-assada. Olhou para a veia bombeando na base do pescoço dele, e sentiu uma estranha sensação de mudança e pressão na mandíbula superior.

— Menina má!

Jackie olhou para o lado e viu Dante, alto e moreno, logo ali. Ofegou de surpresa quando ele subitamente a levantou nos braços, virando-a para a cozinha.

— Sem mordidas — disse ele, com firmeza, enquanto a carregava.

— Mas estou com fome — reclamou Jackie, depois piscou, pasmada pelo que acabara de dizer. Ela estava faminta, e sedenta também, mas seu amigo não tinha relação nenhuma com isso. Talvez fosse porque ele cozinhava o tempo todo, raciocinou, confusa.

— Sangue, Tommaso — pediu Dante, carregando Jackie para a cozinha, com Tiny em seus calcanhares.

Jackie observou, espantada, o segundo homem ficar de pé e ir até o refrigerador. Ele era uma réplica exata daquele que a levava. Alto, musculoso, e com uma beleza italiana e morena.

— Vocês são...

— Gêmeos. — Dante a sentou na mesa, e Jackie espiou seu rosto quando ele se endireitou, prestando atenção especial aos olhos. Não eram azul-metálicos como os de Marguerite e Vincent. Eram negros, com riscas prateadas. Definitivamente vampiros, concluiu.

— Abra a boca.

Ela olhou para o lado de repente, e encontrou Tommaso de pé, esperando pacientemente com uma bolsa de sangue em cada mão.

— O que vai fazer com isso? — perguntou.

— Abra — insistiu ele, colocando uma das bolsas sobre a mesa.

Jackie hesitou, depois fez como ele pedia.

— Presas para fora.

— Ela ainda não tem controle sobre eles, Tommaso — notou Dante, e, para espanto de Jackie, puxou um canivete e o usou para espetar a ponta de seu dedo. Ela assistiu em um horror fascinado enquanto uma gota de sangue surgiu, e ele aproximava o dedo sob seu nariz. Começou a se encolher, mas parou e inalou profundamente quando o cheiro de sangue atingiu suas narinas.

— Ah — deixou escapar, impressionada em como era agradável o odor; depois piscou, surpresa, e levou a mão até sua boca, sentindo novamente aquela pressão na mandíbula.

— Abra — Tommaso repetiu.

Jackie franziu a testa e abriu a boca para perguntar por que, apenas para descobrir a bolsa rapidamente colocada no caminho. Pior, parecia de alguma forma ter se prendido aos seus dentes.

— Relaxe. Você precisa disso — instruiu Tommaso.

Jackie tentou fazer cara feia para ele por cima da bolsa, mas distraiu-se ao perceber que a bolsa estava encolhendo, assim como suas dores e câimbras. Dentro de instantes, a bolsa estava vazia, e foi substituída pela segunda. Quando aquela também acabou, ele a retirou e olhou para ela, esperando.

— Mais?

Jackie tinha o olhar fixo, a mente em turbilhão, enquanto passava a língua sobre os dentes. Algo afiado espetou sua língua, e ela repentinamente estava fora do assento, apressando-se em direção da única superfície espelhada do recinto: a torradeira.

Olhou para o reflexo, vendo olhos verde-prateados a encarando. Piscou, surpresa por não ter notado aquilo ao se olhar no espelho do primeiro andar. Relutante, abriu a boca para conferir os dentes. Ali estavam eles. Seus dentes... mas com uma diferença. Um par de caninos afiados agora estavam salientes ao lado dos incisivos.

Foi um grito agudo que despertou Vincent. Ele se sentou, confuso, na poltrona ao lado da cama, procurando por Jackie. Seu coração pareceu parar ao vê-la vazia. Subitamente, estava acordado e de pé.

Tinha certeza de que o grito longo e tenso que ouviu era dela, e vinha do andar térreo.

Ouviu portas se abrindo atrás de si, enquanto se apressava pelo corredor, mas nem se incomodou em olhar para trás. O grito já tinha se calado quando chegou às escadas, mas isso não diminuiu seu passo. Praticamente voou sobre os degraus, os pés mal os tocando. Depois, correu pelo saguão.

Viu Dante e Tommaso de pé, os braços fortes cruzados sobre os amplos peitos, enquanto bloqueavam a porta da cozinha, mas ele não acreditou de fato que fossem impedi-lo de chegar até Jackie... até alcançá-los e eles não se moverem.

— Saíam — grunhiu, tentando se espremer e passar, mas não havia espaço por onde deslizar entre eles.

— Dante? Tommaso? O que está havendo? — A voz de Christian fez Vincent olhar para trás, para ver que ele e Marcus o haviam seguido. Aparentemente, o grito os havia acordado também.

— Tiny e Marguerite estão conversando com Jackie — respondeu Dante.

— Marguerite disse para manter todos à distância — acrescentou Tommaso, fungando para Vincent, que tentava mais uma vez passar por eles.

Christian hesitou, depois segurou o dono da casa pelo ombro.

— Diga a eles para saírem — exigiu Vincent.

Antes que o outro pudesse responder, Marguerite abriu a porta, olhou por sobre os ombros dos dois grandões em frente à cozinha e disse:

— Vincent, vá esperar na sala. Eu o chamarei quando você puder entrar.

Ele abriu a boca para protestar, mas Marguerite já fechava a porta. Com uma careta, mudou o peso do corpo de um pé para o outro, depois se voltou e foi, pisando duro, para a sala, ciente de que Marcus e Christian o seguiam. Dante e Tommaso pareciam ter resolvido ficar vigiando como gárgulas, percebeu, ao ver que eles não tinham vindo.

— O que acha que aconteceu? — perguntou Marcus, quando os três começaram a andar de um lado para o outro na sala.

— Acho que ela não aceitou bem a idéia de ser uma de nós — Christian respondeu, de modo seco.

Vincent preocupou-se com a sugestão. Não imaginara como ela se sentiria a respeito. Sua preocupação principal tinha sido que sobrevivesse à agressão, que não morresse. Mas esquecera um detalhe: a despeito de como estivesse se dando bem nos últimos dias, Jackie tinha odiado imortais desde sua experiência com Cassius, aos

dezenove anos.

— Cassius — murmurou Christian, e Vincent virou a cabeça em sua direção, encontrando os olhos do outro fixos sobre si. Enquanto abria a boca para dizer a ele que cuidasse dos próprios pensamentos, Christian afirmou, surpreso:

— Ela odeia imortais.

— Você não odeia imortais — disse Tiny, com firmeza, pela terceira vez.

— Odeio, sim! — bufou Jackie. Ele estava sendo irritantemente calmo e tranqüilo sobre tudo aquilo. — Como pôde deixar que fizessem isso comigo?

— Por que amo você e não queria que morresse — respondeu ele, amargo.

Jackie piscou ao notar a expressão dolorida no rosto do amigo, e, de súbito, percebeu como parecia desgastado e exausto. Era óbvio que não dormira desde o ataque.

— E não odeia imortais, Jackie — reafirmou, baixinho. — Você os teme. Há uma diferença.

Ela fechou a boca e sentou-se, reconhecendo uma verdade naquilo. Temia os imortais desde Cassius, com medo das habilidades de controle deles. Mas agora também era uma imortal. Isso significava que não tinha mais por que ter medo.

Tiny esfregava os olhos, cansado, e Jackie ficou preocupada.

— Você devia ir para a cama, Tiny. Aposto que não dormiu nem um minuto, de noite ou de dia.

— Não — admitiu ele. — Não dormi. Jackie meneou a cabeça.

— Vá se deitar. Ele hesitou:

— Você vai ficar bem?

— Agora sou imortal, Tiny! Vou ficar ótima — ela disse, rindo.

— Eu fico com ela — murmurou Marguerite, lembrando-os de sua presença. A tia de Vincent tinha estado tão quieta e imóvel, que Jackie se esquecera totalmente dela.

O gigante assentiu, depois se levantou e foi para o lado de Jackie. Dobrando-se, deu-lhe um abraço rápido e apertado.

— Você é minha melhor amiga, e pensei que a tivesse perdido na noite passada. Sinto muito se não está feliz por ser uma vampira, mas eu estou contente por você estar viva, seja como for.

Endireitando-se ele se virou e saiu. Jackie o observou se afastar, depois suspirou e afundou na cadeira. Ela e Marguerite ficaram em silêncio alguns instantes, então Jackie perguntou:

— Foi o Vincent?

Marguerite levou tanto tempo para responder, que Jackie finalmente a olhou nos olhos. Quando o fez, a outra perguntou:

— Você se lembra de ter mordido o agressor? Vincent disse que estava tentando evitar uma ataque com uma faca.

— Eu estava fraca demais para segurá-lo com minhas mãos, então tentei morder, querendo forçá-lo a largar a faca.

— Você engoliu sangue.

— Dois goles grandes, no mínimo — confirmou com uma careta, depois parou. — Você está dizendo que foi isso que me transformou?

Marguerite assentiu.

Jackie fixou o olhar nas próprias mãos, insegura sobre como devia se sentir a respeito.

— Você transformou a si mesma, Jackie — disse Marguerite, baixinho. — E eu estou feliz. Verdadeiros parceiros eternos são coisas raras e maravilhosas. Vincent ficaria muito triste sem você.

Jackie levantou a cabeça devagar.

— Como é?

A outra inclinou a cabeça, e a examinou, pensativa, antes de perguntar:

— Você sabe sobre os verdadeiros parceiros eternos?

Jackie meneou a cabeça. Imortais tinham verdadeiros parceiros eternos, um parceiro que não podiam ler, nem controlar, mas que era perfeito. Ou era no que acreditavam.

Encontrara imortais com verdadeiros parceiros eternos, e sem. Também conhecera imortais que haviam forjado uma parceria com a pessoa errada por alguma razão, como Marguerite e seu marido, Jean Claude. E havia uma vasta diferença entre os três tipos de imortais.

Imortais sem parceiros tendiam a ser duros, arrogantes, e geralmente frios. Às vezes, até autodestrutivos. Os que ficavam com o parceiro errado eram inclinados a ser ainda piores: amargos, controladores, mesmo cruéis. Jean Claude Argeneau fora um desses. Seu pai lhe contara uma vez que Jean se casara com Marguerite pelo motivo errado, e que a queria porque ela lembrava sua esposa anterior, que morreria séculos antes. Porém Marguerite não era uma parceira eterna apropriada para Jean Claude. Ele podia ler e controlar a mente dela, e com os séculos se tornou um tirano amargo e cruel.

Em comparação, os imortais que conhecera que haviam encontrado seus verdadeiros parceiros eternos pareciam mais em paz, mais suaves, de certo modo, e

muito mais felizes.

— Eu não sou... — Jackie começou a protestar, mas Marguerite a interrompeu.

— Ele não pode ler sua mente, Jackie — falou, com firmeza. — E eu posso ler os sentimentos e pensamentos *dele* com relação a você. Você *é, sim*, a verdadeira parceira eterna dele.

Jackie meneou a cabeça, devagar, incapaz de aceitar essa informação. Estava atraída por Vincent... certo, seu beijo a incendiara. Também gostava dele e o respeitava, mas ser uma verdadeira parceira eterna... Destinada a viver com um imortal... Era difícil aceitar aquilo.

Por outro lado, também era difícil entender que agora era uma deles. Viveria centenas de anos, nunca envelheceria, nunca ficaria doente, nunca...

— Ei! — Jackie inclinou a cabeça, fazendo cara feia: — Por que não fiquei magra?

Marguerite piscou com a repentina mudança de assunto.

— Hein?

— Pensei que os nanos nos deixassem perfeitos, em plena forma física, e tudo mais — notou Jackie, gesticulando para si mesma. — Ainda visto o mesmo número que vestia antes. Não devia estar mais magra?

Marguerite mordeu o lábio para conter um sorriso, depois negou com a cabeça.

— Os nanos *realmente* cuidam para que você esteja em plena forma. Então, se não perdeu peso, este é o seu peso ideal. E o peso mais saudável para você. — Inclinou a cabeça. — E parece mesmo perfeito para mim, querida. Temo que sua crença no que seja atraente esteja maculada pelo tipo de beleza esquelética hollywoodiana. Não é um peso natural para a maioria das mulheres... inclusive para você.

— Você é mais magra que eu — apontou Jackie.

— Na verdade, não. — Marguerite deu de ombros. — Temo que você apenas se veja maior do que é.

Quando Jackie começou a balançar a cabeça ante aquela possibilidade, Marguerite foi para a mesa, dizendo:

— De acordo com minha filha Lissiana, a maioria das mulheres se vê maior do que é. Em um dos cursos de psicologia que ela frequentou na universidade, fizeram um estudo onde colocavam pessoas de ambos os sexos para olhar para uma tabela de corpos em vários tamanhos e formatos. Eles deviam circular aquele que melhor representasse o seu corpo. Nos resultados, as mulheres tendiam a circular um desenho um ou dois tamanhos maiores do que o seu, enquanto os homens marcavam figuras um ou dois tamanhos menores do que os deles. Acho que as mulheres tenham uma visão muito ruim de si mesmas, e isso inclui você.

Jackie se sentiu relaxar um pouco ao compreender o que Marguerite dissera. Se

os nanos se asseguravam de que a pessoa estivesse em perfeita forma física, e ela estava do mesmo tamanho que estava antes da transformação, então provavelmente isso significava que essa era sua forma perfeita. Isso explicava por que não conseguia nunca perder aqueles sete ou oito quilos, a despeito de seus maiores esforços.

Suspirando, balançou a cabeça. Marguerite estava dizendo que Vincent era seu verdadeiro parceiro eterno, e sobre o que ela resolvia se preocupar? Seu peso. Deus do céu! O que havia de errado com ela?

— Marguerite — falou, baixinho. — Não tenho certeza de muita coisa no momento, mas...

— Eu sei — a outra a interrompeu, sossegada. — E não espero que saia correndo e vá jurar amor eterno a Vincent neste minuto. Precisa de tempo para se adaptar. Sei disso. Mas depois de assistir aos meus três filhos e seus parceiros, cheguei à conclusão de que talvez seja melhor simplesmente deixar esse assunto claro logo de uma vez. Assim, você pode ao menos pensar a respeito, enquanto aceita o que aconteceu.

Jackie soltou o ar, lentamente.

— Está certo. Vou ter isso em mente.

Marguerite assentiu, aparentemente satisfeita.

— A boa notícia é que você sabe mais sobre nós do que qualquer uma das minhas noras, ou meu genro, sabiam quando foram transformados, então não teremos de explicar que não somos demônios desalmados ou algo assim.

— Não será necessário, de fato — concordou Jackie, de modo seco. Respirou fundo e perguntou: — O que fizeram com o sabotador?

O silêncio durou tanto, que ela logo soube que as novidades não eram boas. Ainda assim, foi um choque quando Marguerite suspirou e admitiu: — Ele escapou.

— Droga! — Jackie praguejou, desapontada, e considerou o que aquilo podia significar. O sabotador voltaria para completar o serviço? Isso não seria ruim. Ela poderia ser a isca. Ele talvez não percebesse que ela se transformara. E ela era uma deles agora, então seria mais rápida, mais forte, e a salvo de ser controlada. Não seria?

Não sabia. Preocupada, mordeu o lábio e perguntou:

— Ser uma de vocês não quer dizer que eu esteja a salvo de ter minha mente controlada, não é?

Marguerite tomou as mãos de Jackie nas suas, tranquilizando-a.

— Não tão facilmente como quando era humana. Mas sim, até ficar mais forte e mais hábil para controlar sua própria mente e seus pensamentos, ainda é vulnerável. Mesmo depois que aprender a usar as novas habilidades que terá, ainda será vulnerável a imortais mais velhos. Os verdadeiramente antigos.

— Como você foi, com seu marido — murmurou Jackie, e Marguerite se enrijeceu.

— Não tão ruim assim. Meu marido gostava de conseguir me controlar, então fez o melhor que pôde para me impedir de encontrar com outros de nossa espécie que poderiam ensinar a me proteger de suas habilidades. Não vou deixar que isso aconteça com você. Vou ensinar tudo o que sei a você, Jackie. O que levei várias centenas de anos para aprender, você já vai começar sabendo.

— Obrigada, Marguerite — sussurrou Jackie, apertando sua mão.

Ela correspondeu ao gesto, depois se levantou de repente.

— É melhor deixar os homens entrarem. Provavelmente estão morrendo de curiosidade. Além do mais, eles podem ajudar.

— Segure-as, segure-as, segure-as — Dante entoava, encorajador, observando a boca de Jackie com atenção enquanto Tommaso continuava a ondular um copo de sangue sob seu nariz.

Ela cerrava as mãos em punho, afundando os dedos na palma da mão, determinada, concentrando-se em combater a resposta automática de seu corpo ao cheiro de sangue. Suas presas queriam deslizar para fora em busca da nutrição que seu nariz podia farejar, mas ela as forçava de volta, mantendo-as no lugar pelo que parecia uma eternidade, enquanto Dante e Tommaso gritavam em encorajamento, e Marcus olhava para o relógio de pulso.

Os três homens tinham passado a tarde toda tentando treiná-la a controlar suas presas. Neste período, Vincent, Christian e Marguerite estavam ajudando Tiny com o caso em que ela devia estar trabalhando. Tinham ido entrevistar as pessoas que trabalharam na peça de Nova Iorque. Jackie tentou insistir que era ela quem devia fazer isso, mas rapidamente recebeu a resposta de que não podiam se arriscar a tê-la em público até que pudesse controlar seus dentes. Poderia ser muito ruim se suas presas resolvessem aparecer enquanto estivesse conversando com um dos humanos.

Percebendo que isso era bastante razoável, Jackie desistira. Sabia que Tiny podia dar conta do trabalho, e que a presença dos outros não atrapalharia em nada. Também reconhecia que estavam certos sobre seus dentes.

— Cinco minutos! — anunciou Marcus, arrancando Jackie de seus pensamentos.
— Você conseguiu!

— Mas que garota! — comemorou Dante, levantando-a da cadeira para girá-la pela cozinha.

Jackie gritou de surpresa, depois ofegou quando Dante a passou para Tommaso, que fez o mesmo.

— Precisamos celebrar — decidiu Dante, e Jackie olhou por sobre o ombro a

tempo de vê-o trocar um olhar com seu irmão, depois indicar a porta. Espiou Tommaso outra vez e pegou seu sorriso aberto e malicioso antes que ele corresse para a porta que levava ao pátio dos fundos.

— Não! — gritou Jackie, começando a lutar, mas era tarde demais: antes que terminasse de dizer a palavra, Dante já havia escancarado a porta. O alarme disparou enquanto Tommaso corria pela porta. Não que isso o tivesse impedido. Ela não podia ouvir a risada dele acima do barulho, mas sentia o peito dele vibrando contra sua lateral, carregando-a para a piscina, e lançando-a no ar.

A água estava gelada ao seu redor, mas também tinha o benefício de abafar brevemente o som dos alarmes. Jackie deixou-se cair até o fundo, depois empurrou os pés contra o piso, voltando novamente à superfície. Dante, Tommaso e Marcus estavam de pé na borda, rindo.

Fazendo uma cara feia, ela chacoalhou a cabeça e foi em direção, às escadas para sair da piscina. Dante e Tommaso imediatamente a seguiram e lhe ofereceram uma mãozinha. Jackie ergueu-se até o meio do caminho com o apoio das mãos de ambos, depois parou de repente e olhou para a casa quando o alarme foi silenciado. Seus olhos se arregalaram ao perceber Vincent na porta, olhando na direção da piscina, com as mãos no quadril e uma expressão aborrecida no rosto.

Jackie sorriu debilmente, depois se segurou nas mãos dos rapazes enquanto subia mais um degrau. Parou de novo e deu um puxão. Pegos de surpresa, os dois voaram para a frente e caíram na piscina, enquanto ela tornava a mergulhar. Atingiram a água atrás dela.

Voltando à superfície, rapidamente foi em direção à escada, saindo enquanto os homens boiavam de volta, cuspidos e praguejando. Rindo do ultraje deles, Jackie passou por Marcus e foi em direção à casa. Marcus estava tão ocupado rindo dos gêmeos, que não percebeu quando ela veio por trás dele e lhe deu um empurrão.

Ela não olhou para trás, mas o ouviu dizer uma imprecisão um instante antes de cair na água.

Portando agora um imenso sorriso, correu para Vincent.

— Eu consegui! Contive minhas presas por cinco minutos — anunciou, orgulhosa, enquanto passava por ele.

— Maravilha! — parabenizou Tiny, chamando a atenção dela para a cozinha, onde estavam também Marguerite e Christian.

Jackie sorriu de volta rapidamente, antes de seu olhar se voltar para Vincent. Franziu a testa ao ver sua expressão raivosa.

— Qual é o problema?

— Eu estava destrancando a porta da frente quando o alarme disparou de repente — disse ele, em voz baixa.

Jackie piscou, surpresa, depois pediu desculpas.

— Ah, sim... Bem, Dante e Tommaso acharam que deviam comemorar me jogando na piscina.

— Fiquei com medo que tivesse acontecido alguma coisa — ele explicou, forçando um sorriso. — Estou feliz que esteja bem.

Jackie estendeu a mão, deslizando-a na dele, apertando gentilmente. Ele parecia mesmo meio pálido. Claramente, o alarme o havia estressado.

— Cinco minutos? — indagou Christian, enquanto Dante, Tommaso e Marcus entravam na casa. A água escorria de suas roupas, formando poças a cada passo que davam.

Jackie os observou chegar, divertida. Estava pingando também, mas enquanto ela vestia um conjunto esportivo, eles estavam vestidos em couro, que rangia com cada movimento. Todos os três assentiram à pergunta de Christian, nenhum parecendo tão feliz quanto tinham ficado depois de jogá-la na piscina.

— Obrigada por me ajudarem a aprender a controlar meus dentes, rapazes — Jackie sorriu docemente para eles, voltando-se para abrir caminho para seu quarto, e completou: — Vou me secar e trocar de roupa. — Passou por Christian e pelos outros, mas parou na porta da cozinha, virando-se para espiar Tiny. — Como foram as entrevistas?

— Acho que eliminamos mais algumas pessoas, mas ninguém parecia culpado.

Ela assentiu.

— Não me demoro, e então você poderá me contar tudo.

— Vou fazer café — anunciou Tiny, e Jackie sorriu ao sair da cozinha. O gigante estava sempre fazendo café e assando alguma coisa. Era como ter sua avó por perto.

Ela vestiu rapidamente uma calça esportiva seca e uma camiseta, e foi a primeira a voltar à cozinha. Assim que chegou, Tiny lhe entregou uma xícara de café, e os cinco se sentaram ao redor da mesa enquanto ela era atualizada sobre as entrevistas. Christian, Marguerite e Vincent acrescentavam comentários aqui e ali, mas Tiny foi quem comandou a conversa.

Marcus se juntou a eles durante a reunião e pegou o último assento. Sem lugar à mesa, os gêmeos se apoiaram na parede ao chegarem, os braços cruzados sobre os braços enquanto escutavam.

Os ataques a Stephano e a ela mesma apontavam para um imortal, assim como a disseminação da "anemia contagiosa" no elenco da peça, então eles insistiram em falar apenas com os imortais. Aparentemente tinham mudado de idéia durante a noite, e conversado com alguns humanos. Mas seu principal objetivo tinha sido alimentar Vincent nessas paradas sob o disfarce das entrevistas, e fizeram poucos avanços nas perguntas de fato.

Jackie achava que estavam errados em negligenciá-los, mas, vendo-se derrotada, deu de ombros e deixou que eles fizessem como achavam melhor. Esperava que estivessem certos e voltassem com pelo menos algum suspeito. Não foi o caso. Marguerite tinha setecentos anos, e Christian, quinhentos. Os dois foram capazes de ler as mentes dos imortais, enquanto Tiny e Vincent os distraíam com perguntas. Ainda assim, não conseguiram tirar nem metade dos imortais da lista. Os outros, ou tinham um bom controle sobre suas mentes, ou os pensamentos eram uma confusão tão grande que nem Marguerite nem Christian conseguiram tirar algum sentido dali.

— Bem — disse Christian, quando a reunião terminou —, se vocês tiverem acabado, os rapazes e eu temos que ir. Tia Elaine e tio Roberto nos esperam para o jantar.

— Os rapazes mencionaram isso enquanto vocês não estavam — comentou Jackie.

Christian estava falando de Elaine e Roberto Notte. Elaine era a mãe de Stephano e Neil. Roberto era pai de um, e padrasto do outro. O casal tinha voado da Itália para Los Angeles assim que ouviram a notícia do ferimento e da transformação de Stephano, quando voltavam de uma viagem de negócios.

Christian olhou de Jackie para Vincent e levantou uma sobrancelha.

— Agora que os rapazes lhe ensinaram como manter suas presas para dentro, talvez, enquanto estivermos longe, Vincent possa lhe ensinar como colocá-las para fora.

— Colocá-las para fora? — perguntou ela, surpresa. — Elas saem sozinhas. Ou tentam — acrescentou, já que aprendera a forçá-las para dentro, impedindo-as de sair.

— Só quando você está extremamente faminta ou sente o cheiro de sangue — completou Christian. — Você deve se alimentar quando necessário. Precisa ser capaz de expor suas presas quando quiser, para que possa programar a alimentação de acordo com sua vida, em vez de programar sua agenda de acordo com a alimentação. — E explicou: — Por exemplo, você acorda faminta, como os mortais, e nesses momentos, provavelmente só a visão do sangue embalado será suficiente para expor suas presas. Mas e se tiver que ficar de tocaia, ou algo assim? Vai querer se alimentar antes de sair, para não ter que levar sangue com você. Mas e se não estiver com fome? Suas presas não vão deslizar para fora sob essas condições. Vão? — perguntou, levantando uma sobrancelha. — Tente colocá-las para fora agora.

Jackie hesitou, depois passou sua língua pelos dentes e se concentrou em expor as presas. Nada aconteceu, e ela franziu a testa.

—Como você...

— Eventualmente, será capaz de colocá-las para fora ou para dentro quando quiser — Marguerite lhe assegurou. — Assim como escondê-las, as expor é uma

habilidade aprendida.

— Até lá — falou Christian —, existem três coisas que vão expor suas presas. A visão, ou às vezes até o mero pensamento, do sangue, quando estiver extremamente faminta.

— Como a vez em que me encontrei com Tiny, logo após a mudança — resmungou Jackie, lançando na direção dele. um olhar embaraçado de desculpas.

Christian concordou.

— Há também o cheiro de sangue, que funciona mesmo quando não estiver faminta.

— E qual a terceira coisa? — perguntou Jackie.

— Sexo.

— Sexo? — repetiu ela, em dúvida.

Christian sorriu, levantou-se e deu a volta na mesa. Parando ao lado dela, estendeu-lhe a mão.

Jackie hesitou, mas por fim aceitou a mão estendida e permitiu que ele a levantasse. O olhar dela pousou em Vincent quando o fez. Ele estava rígido e impassível, observando tudo com olhos estreitados. Parecia saber o que Christian faria, e não estava nada feliz com isso. Jackie não teve chance de analisar mais do que isso, já que Christian subitamente a tomou nos braços e a beijou.

Ele beijava bem, com muita técnica e uma língua exploradora. Infelizmente, Jackie estava consciente da platéia que os cercava. Ficou rígida e imóvel em seu abraço, sentindo o olhar de Vincent perfurando sua nuca. Achou até ter ouvido um rosnado vindo dele; mas naquele momento Christian interrompeu o beijo e se afastou, franzindo a testa.

— Suas presas não estão para fora — comentou, intrigado. Tinha acabado de examinar os dentes de Jackie de maneira a orgulhar um dentista, embora o fizesse com a língua. — Relaxe — instruiu ele, a voz tentando tranquilizá-la, e voltando ao beijo.

Dessa vez, brincou brevemente com os lábios dela, mordiscando antes de aprofundar o beijo. Jackie estava convencida de que era o segundo melhor beijo que já experimentara. Infelizmente, Vincent era o melhor, e estava bem ali, a menos de um metro de distância. Agora ela tinha certeza de que o som baixo e constante que estava ouvindo era ele rosnando. Era muito desconcertante, e não permitia que relaxasse como Christian queria.

— Isso não está funcionando — Christian interrompeu o beijo.

— Talvez Vincent devesse tentar — sugeriu Marguerite, brandamente.

Ele já estava de pé e tinha tirado Jackie dos braços de Christian, tomando-a nos seus tão rápido, que ela ofegou com o choque de sentir o corpo subitamente

comprimido contra o dele. Mais uma vez provava que, embora fosse bastante sossegado na maioria das coisas, com o beijo era diferente.

Vincent a olhou por um momento, os olhos intensos. Jackie não sabia qual era sua expressão, provavelmente apenas perplexidade, mas fosse o que fosse que ele enxergou, o fez relaxar e suavizou sua expressão. Inclinou a cabeça, permitindo que seus lábios vagassem primeiro sobre os olhos dela, beijando as pálpebras, depois a ponta de seu nariz, de leve, antes de pressionar os lábios contra os dela.

O roçar foi suave a princípio, ficando em seguida mais firme, enquanto deslizava a mão para dentro do cabelo de Jackie, inclinando-lhe a cabeça no ângulo que queria.

Jackie ofegou e gemeu quando ele a encorajou a abrir a boca, mergulhando em suas profundezas úmidas. Dessa vez, ela esqueceu completamente da audiência, corpo e mente concentrados na excitação e no desejo que Vincent gerava. Pressionando-se mais para perto do abraço dele, deslizou seus braços para enlaçar-lhe o pescoço, puxando-o para si de modo tão exigente quanto ele a segurava. Só quando ela roçou a língua em uma das presas e pulou de surpresa foi que ambos voltaram à realidade e às pessoas que os observavam.

— Você está bem? — Vincent perguntou, preocupado, ao interromper o beijo. Obviamente, havia provado o sangue tirado pelo pequeno acidente.

Jackie respirava pesadamente, mas assentiu.

— Bem — disse Christian, de modo seco. — Parece que Vincent seria a melhor pessoa pra ensinar essa lição.

Jackie sentiu-se corar. Quase se desculpou por sua presa não ter se exposto quando o beijara.

— É melhor assim. Temos que ir ver Elaine — prosseguiu Christian, olhando para Marcus e os gêmeos. Os três imediatamente se levantaram para sair, e Christian os seguiu, dizendo: — Voltaremos assim que pudermos. Se houver algum problema, me liguem.

Marguerite foi a próxima a se mover. Levantando-se, anunciou:

— Toda a leitura de mente desta noite me deixou com um pouco de dor de cabeça. Acho que vou me deitar para ver se melhora.

— Eu também estou pronto para ir dormir — avisou Tiny, ficando de pé.

Jackie olhava de um para outro, com um toque de pânico. Estava subitamente tímida em ficar sozinha com Vincent, depois do que acabara de acontecer. Tomando uma saída fácil, deslizou para fora dos braços dele e seguiu para a porta.

— Vou ligar para o escritório, e ver se algo precisa da minha atenção.

Apressou-se em sair da cozinha, antes mesmo de Marguerite e Tiny. Só quando chegou ao escritório percebeu que tinha dado a desculpa mais estúpida que podia. Era meia-noite na Califórnia. Em Nova Iorque, seriam três da manhã. O escritório ainda

estava fechado.

— Covarde — murmurou para si mesma, parando na escrivaninha e soprando o cabelo para longe do rosto. E sabia que era isso mesmo, mas Deus do céu, ela estava prontinha para pular em cima de Vincent como uma cadela no cio quando suas presas fizeram sua entrada triunfal, arruinando tudo. Tinha se esquecido completamente da audiência. E agora se via embaraçada pelo próprio comportamento.

Apoiando-se contra a escrivaninha, olhou com desinteresse para os papéis e mensagens na superfície ampla e imaginou se Marguerite tinha mencionado sua teoria de ser a parceira eterna de Vincent. E se tinha feito isso, o que ele pensaria a respeito, imaginou.

O som da porta do escritório se abrindo interrompeu suas divagações, e ela se voltou, encontrando Vincent de pé, com uma bolsa de sangue em cada mão.

— Achei que pudesse estar com fome — disse Vincent, fechando a porta.

— E estou — admitiu Jackie.

— Está com fome suficiente para que as presas saiam só com a visão do sangue ou precisa de ajuda? — perguntou ele, parando em frente a ela.

Jackie deslizou a língua pelos dentes. Suas presas tinham recuado durante o embaraço depois do beijo, e, a despeito de sua fome, não pareciam dispostas a sair só por ver algum sangue embalado.

— Desculpe — começou ela, envergonhada —, mas acho que vou precisar de ajuda...

Um lento sorriso curvou os lábios de Vincent, enquanto depositava a bolsa de sangue sobre a escrivaninha e a envolvia em seus braços.

— Acredite em mim, não há *nada* para se desculpar. Certamente você pode perceber que fico muito feliz em ajudá-la.

Jackie piscou ao senti-lo pressionar a parte inferior do corpo contra ela e notar a prova da felicidade dele. Claramente, não era a única afetada pelos beijos. Embora suas presas tivessem retrocedido no momento de embaraço que se seguiu, com a ereção dele não aconteceu o mesmo. Saber disso enviou uma onda de excitação entre suas pernas, e ela sentiu a pressão no maxilar. Sem nem pensar a respeito, usou a habilidade que tinha acabado de dominar e forçou as presas de volta. Foi um ato subconsciente, mas um ato que seu corpo todo aprovou, pois significava que poderia aproveitar melhor os beijos de Vincent.

— Mais que feliz, na verdade — disse ele, suavemente, enquanto baixava sua boca até a dela.

Dessa vez, não houve nenhum beijo preliminar nos olhos e no nariz, nenhum aquecimento para o beijo em si. Vincent a tomou como um vitorioso. Jackie gemeu e arqueou-se contra ele, os braços ao redor do pescoço, as mãos enterrando nos cabelos

dele, enquanto se abria para o beijo, exigindo também em troca.

Até conhecer Vincent, ninguém havia sido capaz de competir com Cassius em excitá-la. Embora soubesse que isso se devia ao controle de sua mente, e que ele plantara essa excitação dentro dela, ainda parecia paixão de verdade, e ela decidira havia muito tempo que a coisa real jamais conseguiria vencer aquela sensação. Mas Vincent pôde, e o fez, e venceu facilmente, além de ela ter certeza de que ele não estava colocando aqueles pensamentos ou sentimentos em sua cabeça. Seu corpo simplesmente se incendiava com o toque dele, enviando ondas de excitação para certos locais de seu corpo como se tentasse apagar o fogo, conseguindo apenas torná-lo mais forte.

Cada milímetro de seu corpo doía para sentir o dele, mas as roupas estavam no caminho, atrapalhando. Felizmente, Vincent parecia se sentir do mesmo modo, pois começou a puxar as roupas dela. Jackie murmurava encorajamentos contra sua boca, e estremeceu ao senti-lo puxar sua camiseta para cima. Os dedos dele se espalharam sobre a pele de seu abdômen, curvando-se sobre os seios através da seda do sutiã. Mas ainda não era o bastante, e ela interrompeu o beijo para ajudá-lo a retirar a camiseta por completo.

No momento em que esta saiu voando para um canto do escritório, Vincent voltou a cobrir sua boca com a dele enquanto começava a lidar com o sutiã. Para alívio dela, este sumiu em segundos. Jackie se arrepiou, ofegante, quando as mãos quentes se fecharam sobre seus mamilos rijos e doloridos.

Ela sussurrava junto à boca dele, os beijos se tornando cada vez mais desesperados enquanto ele acariciava seus seios, massageando-os. Em instantes, estava ofegante, sem fôlego, o desejo a percorrê-la como eletricidade. Quando a excitação ficou insuportável, ela tirou as mãos dos cabelos dele, descendo-as para tentar sabotar-lhe a camisa.

Jackie queria sentir a pele nua contra a sua, queria senti-lo completamente. Quando se atrapalhou com os botões, Vincent parou de acariciá-la para ajudar; logo a camisa estava aberta e ela a afastava dos ombros largos.

— Meu Deus, Jackie. — Vincent ofegou contra os lábios dela, os pelos do peito roçando seus mamilos eretos. Beijou-a outra vez, exigente, depois se afastou para desatar o laço do cordão que prendia a calça esportiva dela, murmurando: — Lembra quando eu falei que sexo era uma das coisas que tinham me entediado com o passar do tempo?

— Sim — ela respondeu, começando a abrir-lhe o cinto.

— Bem, não me entedia mais, nem um pouco — informou ele, finalmente desfazendo o nó e baixando-lhe a calça.

— Graças a Deus... — Suspirou Jackie.

Vincent levou-lhe a calça até os joelhos, depois pareceu ficar impaciente com a

tarrafa e, agarrando-a pela cintura, colocou-a sobre a escrivaninha. Ela mal tinha sentado ali quando teve sua calça arrancada, e ele se enfiou entre suas pernas para beijá-la novamente.

Jackie suspirou e mordeu-lhe o lábio, enquanto pressionava o corpo contra o dele e sentia sua rigidez através do jeans. As presas já tinham saído outra vez, mas ambos as ignoraram até que ela, desabituada a lidar com isso, se mordeu de novo, e o sabor de sangue permeou o beijo.

Vincent imediatamente parou, e Jackie quase gemeu alto de decepção. Não queria parar o que estava fazendo. Ele também não, pois apenas estendeu a mão para pegar a bolsa de sangue, encaixando-a nos dentes dela.

— Segure a bolsa — instruiu, e ela seguiu a recomendação.

Assim que o fez, foi levantada da escrivaninha e carregada até o sofá. Quando chegou lá, a bolsa já estava vazia. Vincent a retirou e jogou na escrivaninha, enquanto se ajoelhava entre suas pernas.

Jackie arregalou os olhos com incredulidade ao vê-lo segurá-la por baixo dos joelhos. Puxando-a por ali, arrastou-a para a beira do sofá, abrindo suas pernas durante o movimento, e começou a fazer uma trilha de beijos por uma das coxas. Vincent alcançou o centro de seu prazer e começou a acariciá-la, levando-a a loucura. Ciente de que não estavam sozinhos na casa, Jackie tentou se controlar para não fazer muito barulho, mas no final teve que agarrar uma almofada e pressioná-la contra a boca para abafar seus gritos de prazer, enquanto Vincent provava sem sombra de dúvidas que a paixão verdadeira podia ser melhor que o falso prazer que Cassius tinha plantado em sua mente tantos anos atrás. Jackie se remexia e soluçava, ofegava e ficava tensa, para então gritar de encontro à almofada, enquanto seu corpo se arqueava com o orgasmo.

Estava trêmula quando Vincent se levantou de entre suas pernas. E embora ela tivesse conseguido tirar as calças dele apenas pela metade, estas tinham sido completamente retiradas agora.

E ele a penetrou em um só movimento.

Por um momento, Jackie estivera certa de que ele não conseguiria despertar nenhum interesse pelo prato principal, depois de um aperitivo tão satisfatório, mas estava errada. Em apenas duas investidas, seu corpo já estava desperto e totalmente interessado, e ela segurou-o pelos ombros, agarrando-se pela própria vida, enquanto era levada aos píncaros novamente. Dessa vez, explodiram juntos, em um grito de êxtase, nenhum deles pensando em abafar os sons. Em seguida desabaram sobre o sofá.

— Deus do céu! — Suspirou Vincent, após um tempo.

— Humm — gemeu Jackie. Todos os músculos do seu corpo estavam trêmulos, e ela não tinha energia para dizer mais do que aquilo em concordância.

Vincent começou a se endireitar, e Jackie, ainda agarrada ao redor dele como um polvo, foi junto. Isso o fez rir e beijar-lhe o rosto antes de deitar-se no sofá, com Jackie sobre ele. Depois estendeu a mão para pegar a manta que ficava por ali e os cobriu.

Jackie se aninhou contra ele, a cabeça descansando em seu ombro e um sorriso curvando seus lábios, enquanto pegava no sono em seus braços.

Não dormiu por muito tempo. Abriu seus olhos pouco depois, e se viu encarando o peito de Vincent. Ficou parada alguns minutos, depois deixou o olhar passear mais para baixo, para aquele corpo que tinha lhe dado tanto prazer pouco antes. Vincent era um amante inacreditável, apaixonado e generoso, tudo o que uma mulher podia querer. A ideia de passar a eternidade — ou o tempo de que os imortais dispunham, que devia ser próximo a isso — com ele não era desagradável.

Ele era charmoso, bonito e incrivelmente sensual. Também era inteligente, divertido e muito interessante. Mas era muito diferente dela, de várias maneiras. Jackie tendia a levar tudo muito a sério, enquanto Vincent parecia encarar tudo com leveza. E mesmo assim, pensou que isso poderia ser bom. Talvez formassem uma boa equipe. Ele poderia ajudá-la a se divertir mais e ela... bem, ela não queria dizer que iria ajudá-lo a se divertir menos, mas indicaria quando houvesse a necessidade de mais cautela e mais consciência sobre segurança.

Ainda com a cabeça apoiada no peito dele, Jackie deslizou o olhar pelo corpo de Vincent. Ele havia lhe dado um imenso prazer. No mínimo, queria dar a ele o mesmo que recebera.

Segurando a respiração, saiu do sofá, contente por ele tê-la colocado do lado mais fácil para isso, depois ajoelhou-se e olhou para a extensão do corpo dele. Era alto, esguio e belíssimo de se olhar. Poderia devorá-lo inteiro, mas por onde começar?

Sorrindo ligeiramente dos próprios pensamentos, inclinou-se para a frente e começou a depositar beijos descendo pelo seu peito e ao longo do abdômen. Seu sorriso aumentou quando os músculos ondularam sob suas carícias e ele gemeu, sonolento, movendo as pernas de modo inquieto. Só foi acordar quando os lábios dela alcançaram seu quadril, e Jackie o ouviu sussurrar seu nome, confuso.

Ergueu a cabeça para fitá-lo, e o encontrou com os olhos fixos nela.

— O que você está...

A pergunta morreu em um gemido, enquanto ela o tomava na boca. A ereção de Vincent ainda não estava completamente rígida quando ela o tomou, mas crescia enquanto os lábios se fechavam ao redor de seu membro! Seu quadril se retesou com a carícia íntima, e um grunhido escapou de sua boca, enquanto sua mão a segurava pelo cabelo e tentava afastá-la dali. Jackie o ignorou e continuou a deslizar a boca ao longo de sua ereção, enquanto as mãos passeavam pela barriga e coxas.

— Ah, meu Deus... — murmurou.

Jackie olhou para os pés dele, e quase sorriu ao ver os dedos se encolherem. Isso com certeza era um bom sinal. Mal completara o pensamento quando Vincent subitamente desistiu de puxar seus cabelos. Pensou que iria deixá-la terminar sem distrações, mas em vez disso ele se ergueu no sofá, pegou-a pelos braços e a arrastou para cima dele, enquanto tornava a se deitar.

— Mas eu não tinha terminado... — ela começou a protestar, apenas para ser silenciada pela boca de Vincent invadindo a sua. Ele a segurava com uma das mãos, enquanto a outra vagueava pelo seu corpo, afagando-lhe as costas, segurando suas nádegas e apertando, de leve, antes de permitir que a mão chegasse entre as pernas dela e começasse a acariciá-la. Ele deslizou os dedos pela pele sensível ao mesmo tempo em que enfiava a língua em sua boca, e Jackie gemeu em resposta, as pernas instintivamente agarrando-se à mão dele.

Vincent afastou-lhe a perna um pouco para o lado, até que descansasse sobre o sofá. Com a outra mão, fez o mesmo do outro lado, para que Jackie ficasse montada sobre ele. Depois segurou-lhe a cabeça com uma das mãos para impedir que ela se levantasse, enquanto deslizava a outra entre eles e começava a afagá-la de novo.

Jackie gemeu quando seus dedos encontraram a carne quente e trêmula, depois mergulhou na carícia quando ele a penetrou com o dedo. Não era isso que ela pretendia, queria lhe dar prazer, mas ele não estava cooperando. Colocando a própria mão entre eles, tomou-o nas mãos e começou a guiá-lo para dentro de si, porém ele a impediu outra vez. Movendo-se rapidamente, ele se virou, sentou-se e levou-a consigo.

Jackie desistiu do que estava tentando fazer, e agarrou-se aos ombros fortes para evitar cair quando ele subitamente ficou de pé.

— O que você... — murmurou, confusa, as pernas instintivamente enlaçando-o pela cintura. Vincent novamente a silenciou, beijando-a enquanto cruzava o escritório. Com uma das mãos segurou-a pelas nádegas, enquanto usava a outra para abrir a porta, carregando-a pelo saguão e subindo as escadas, sem interromper o beijo.

Só quando já estavam no meio das escadas foi que Jackie se lembrou de que não estavam sozinhos na casa. Aquela altura, já era tarde para se preocupar com isso, mas ela fechou os olhos com força e rezou para que Christian e os rapazes não voltassem de repente, ou que Marguerite e Tiny não saíssem de seus quartos. Ficou aliviada quando chegaram ao quarto de Vincent sem serem descobertos. Ele abriu a porta, entrou e a fechou novamente com o pé, o que os deixou na escuridão completa. Isso não pareceu incomodá-lo; atravessou o aposento sem tropeçar em nada, para colocá-la na cama e deitar-se por cima dela.

— Humm... — Suspirou Jackie, e se arqueou ao sentir a boca dele fechando-se sobre um mamilo, sugando-o gentilmente. Depois gemeu quando ele começou a acariciar o outro com os dedos. Enfiando as mãos nos cabelos de Vincent, remexia-se sob ele no mesmo ritmo em que era sugada. Abriu as pernas, enlaçando-o, de modo a poder puxá-lo para si com os calcanhares, levantando o quadril de encontro ao dele.

— Quero você dentro de mim — sussurrou ela. — Por favor, Vincent... Quero você dentro de mim.

Erguendo-se, Vincent silenciou o pedido com um beijo. Segurou-lhe as mãos, levantando-as sobre a cabeça dela enquanto a penetrava.

Jackie gritou e prendeu as pernas ao redor dele enquanto era levada às alturas novamente.

Jackie estava faminta quando acordou. Supôs que não era nenhuma surpresa. Mesmo quando era mortal, acordava sempre com fome, e Marguerite lhe avisara que precisaria de bastante sangue no começo, enquanto seu corpo continuava a se transformar. Parecia que a transformação não era algo rápido, e embora agora tivesse presas, tudo o mais que iria mudar ainda continuava o mesmo. De acordo com Marguerite, sua visão noturna aumentaria dentro de pouco tempo, junto com sua audição, força física, velocidade e muitas outras coisas.

Esfregando os olhos sonolentos, olhou ao redor. Ainda estava no quarto de Vincent, na cama dele. Ambos tinham pegado no sono novamente após fazerem amor pela segunda vez. Ela acordara pouco tempo depois com os beijos e carícias dele. Tinham feito amor várias vezes mais durante as últimas horas da noite e durante a manhã, até desabarem de exaustão.

Seu olhar passou pelo relógio digital no criado-mudo, e ela sorriu. Já passava das três da tarde. Não muito tarde, considerando-se a hora em que tinham ido dormir, mas bastante mais depois do horário que costumava acordar. Sua consciência ainda não se adaptara às mudanças na situação, e sentia-se culpada por dormir até tão tarde. Provavelmente levaria um tempo para se ajustar.

Olhou para o homem adormecido ao seu lado. Vincent tinha acendido a luz do banheiro e deixado a porta entreaberta, para que o quarto não ficasse totalmente às escuras. Jackie ficou grata; a luz era o bastante para que pudesse enxergar o rosto dele. Ainda dormia, e ela sorriu: estava adorável. Seu cabelo estava bagunçado, suas feições esculpidas suavizadas pelo sono, e seu sorriso habitual fora substituído por uma expressão pacífica e neutra.

Jackie se viu estendendo a mão e deslizando um dedo de leve por aquele rosto, tocando-o, sem, no entanto, despertá-lo. Ele tivera uma longa noite, e merecia descansar. Vincent tinha lhe provado na noite anterior, repetidas vezes, que não estava se gabando quando dissera que era bom no sexo. Não era bom, era *impressionante*. Incrível. Avassalador. E era todo dela... Talvez.

Mordendo o lábio, retirou a mão e olhou para o teto. Não tinham conversado muito na noite anterior, nem sobre seu status nem se ele concordava com Marguerite, sobre ela ser sua verdadeira parceira eterna. Ela não fazia idéia se ele aceitava isso, ou se a queria como parceira. Aliás, Jackie não tinha certeza se estava pronta a aceitá-lo dessa forma também, embora a noite anterior tivesse sido mais um passo nessa direção. Nunca provara tanta paixão em todos os seus trinta anos, mas tudo

parecia estar indo rápido demais, e temia cometer um engano.

Uma câimbra começou em seu estômago, distraíndo-a de suas reflexões e instando-a a levantar-se e se alimentar. Movendo-se cuidadosamente, saiu da cama e lembrou-se de que suas roupas ainda estavam no escritório, onde ele as jogara.

Apertando os lábios, olhou ao redor no quarto escuro e divisou um robe sobre uma cadeira perto da cama. Pegou-o e o vestiu, sorrindo ao ser envolvida pelo cheiro de Vincent. Levantou várias vezes a lapela e pressionou o nariz no algodão macio, inalando, enquanto saía do quarto e descia as escadas.

Sendo meio da tarde, esperava encontrar Tiny na cozinha, mas o recinto estava vazio. Imaginando onde ele estaria, foi até o refrigerador e pegou uma bolsa de sangue, mas percebeu que estava com um probleminha.

Apesar da declaração de Christian, de que só a visão do sangue ao despertar seria suficiente para expor suas presas, não era este o caso. Ficou ali por vários minutos, olhando para a bolsa de sangue em sua mão, e tentando imaginar o que fazer.

Pensou em abrir uma bolsa para colocar as presas para fora, mas não achou que pudesse agüentar beber sangue em um copo. Uma coisa era deixar que as presas sugassem direto para seu corpo, mas tomar goles daquilo, como se fosse suco de laranja, não a atraía nem um pouco. Na verdade, só de pensar nisso já ficava enjoada, o que queria dizer que, se abrisse uma bolsa apenas para expor as presas, iria desperdiçar todo seu conteúdo. Tudo o que conseguiria seria fazer uma tremenda bagunça, com certeza.

Fazendo uma careta, passou o peso de um pé para o outro, depois foi até a gaveta de facas, suspirando. Não parecia ter outra opção além de espetar seu dedo, como Dante fizera no primeiro dia. Aquela gotinha de sangue tinha sido o suficiente para atrair suas presas, e deviam funcionar agora também. Esperava que sim.

Jackie escolheu uma faquinha, fechando a seguir a gaveta com o quadril, e deixou a bolsa de sangue na pia. Inclinou a cabeça para a esquerda, e se preparou mentalmente para se espetar... depois se preparou mais um pouco... e mais um pouquinho.

— Vamos lá, coragem — resmungou. — É só uma espetadinha. Você consegue.

— Mas por que se incomodar, se não precisa disso?

Jackie pulou de susto quando Vincent subitamente a envolveu em seus braços, vindo por trás. Estava tão concentrada em se convencer a cumprir sua tarefa que não o ouvira entrar.

— Ah, olá. — Ela suspirou, quando ele deslizou as mãos para dentro do robe.

— Bom dia — murmurou Vincent. Afastando o cabelo do pescoço dela com o queixo, aproveitou para lhe dar um beijinho ali. — Você não precisa se cortar. Eu ajudo a expor suas presas.

— Ah, é? — Jackie inclinou-se contra ele, fechando os olhos ao sentir os lábios dele trilhando seu pescoço e seus dedos afagando-lhe os seios

— E. — Vincent retirou uma das mãos dos seios dela, e Jackie estremeceu ao senti-la escorregando por seu ventre, depois gemeu e pressionou as costas de encontro ao corpo dele quando a mão se dirigiu mais para baixo. Quando escorregou por entre suas pernas, ofegou e a cabeça foi ainda mais para trás, o corpo se arqueando. Estava tão distraída que nem sentiu as presas saírem. De fato, só percebeu isso quando Vincent tirou a outra mão de seu seio, agarrou a bolsa de sangue sobre a pia e a encaixou nos dentes dela.

Espantada, Jackie quase fechou a boca de tanta surpresa, mas depois se conteve, e levantou as mãos para controlar a bolsa. Assim que o fez, Vincent a virou de frente para si e fechou seu robe, amarrando o cinto apertado.

— Temos companhia chegando.

Com a bolsa ainda nos lábios, Jackie se voltou para a porta que se abria para Tiny.

— Olá — cumprimentou o gigante com um sorriso, e Jackie sorriu coma bolsa já quase vazia em sua boca.

— Bom dia, Tiny — respondeu Vincent pelos dois. — O café está fresco?

— Está. Eu estava vindo checar se estava pronto — admitiu ele, olhando para Jackie antes de acrescentar: — Estava no telefone com Nova Iorque. Achei que devia ligar e conferir como estão as coisas. Está tudo bem por lá.

— Ótimo, obrigada — respondeu Jackie ainda agarrada a bolsa. Era muito difícil pronunciar algumas consoantes com uma bolsa na boca. Saindo do caminho para não atrapalhar, observou Vincent pegar as xícaras e colocá-las para Tiny encher. Quando cada um estava com a sua, Jackie jogou fora a bolsa vazia. Sentaram-se em silêncio por um momento, apreciando a bebida, depois começaram a falar sobre o sabotador. Ainda faziam isso quando Christian entrou na cozinha e se juntou a eles.

— Então, hoje vocês vão trabalhar em expor suas presas — comentou, olhando em seguida para Tiny antes de completar — Também deveria aprender a entrar nos pensamentos de mortais e os controlar. Precisa fazer as duas coisas para se alimentar de um deles.

— Mas alimentar-se de mortais é proibido — disse Jackie, confusa. — Só pessoas com problemas médicos, como Vincent, têm permissão de se alimentar de doadores vivos.

— E quaisquer imortais que estejam em uma emergência — corrigiu Christian. — Tem que aprender agora, caso se encontre alguma emergência e tenha sua vida ameaçada se não se alimentar.

— Prefiro morrer a me alimentar de... — começou Jackie.

— Pode pensar assim agora — interrompeu Christian —, mas quando sua vida estiver em perigo a coisa será diferente. Além disso, não é só pelo nosso próprio bem que devemos sobreviver.

Jackie franziu a testa.

— E o que isso quer dizer?

— Digamos que tenha sofrido, um acidente automobilístico — sugeriu Christian. — Está ferida o suficiente para perder bastante sangue e ficar fraca, tão fraca que não conseguirá sair de cena sem se alimentar. O motorista do outro carro está vivo, sem nenhum ferimento.

Jackie estava desgostosa, já sabendo para onde aquela conversa estava indo.

— Se não se alimentar do outro motorista, estará lá quando a polícia e a ambulância chegarem. A ambulância iria levá-la ao hospital, e eles fariam todo tipo de testes, de forma que você se tornaria uma ameaça para o restante de nós. Uma ameaça fácil de evitar, se você simplesmente se alimentar do outro motorista.

Jackie soltou um suspiro, reconhecendo a derrota, sabendo que era verdade.

— Então — continuou Christian —, você pode praticar com Tiny, e...

— Ah, não! — disse ela, enfática. — Tudo bem, reconheço a necessidade de aprender a ler pensamentos e controlar as pessoas, e até admito que em algum momento posso vir a morder um mortal, mas não vou usar Tiny para isso.

— Está tudo certo, Jackie — disse Tiny, tranquilo. — Eu não me importo.

— Bem, mas eu sim — afirmou, amarga. — Somos amigos há muito tempo para que eu me intrometa assim em seus pensamentos, ou usá-lo como cobaia.

— Então com quem gostaria de treinar? — perguntou Christian, sério. — Tiny é o único mortal por perto. Além disso, pelo menos ele deu sua permissão para que leia a mente dele, então não estará se intrometendo nos pensamentos de algum desavisado.

Jackie franziu a testa frente ao argumento. Era uma das coisas que menos gostava nos imortais, quando eles tentavam, de modo grosseiro, ler os pensamentos de alguém. Mas Tiny tinha autorizado. Se praticasse com outra pessoa, provavelmente seria sem permissão.

Suspirando, infeliz, acabou assentindo.

— Tudo bem, vou treinar ler pensamentos e controlar mentes e expor minhas presas, mas tudo a seu tempo. Agora temos um sabotador para capturar.

— Na verdade, agora temos um funeral para comparecer — disse Vincent. Quando Jackie se virou para ele, sem entender, explicou: — O funeral falso de Stephano. Você achou que seria uma boa idéia.

— Ah, sim — murmurou ela. Tinham começado as preparações ainda pensando que Stephano podia se lembrar de quem o agredira quando despertasse. Entretanto,

acordara incapaz de se recordar, então ela havia decidido que seria bom ir até o fim com o falso funeral. Esperava que o sabotador aparecesse no funeral e fizesse algo que o delatasse.

— Venha. — Vincent se levantou e puxou-a pela mão para ajudá-la a ficar de pé. — A cerimônia será às seis da tarde. Ainda temos umas duas horas. Pode usar minha banheira... eu esfrego suas costas.

Jackie sorriu, apesar do rubor que invadiu seu rosto ao ouvir a oferta, e permitiu que ele a levasse para a porta.

Capítulo VI

— Neil deve ter fechado o escritório para que todos pudessem vir — constatou Jackie ao ver a multidão que havia comparecido.

— Fechou, sim — confirmou Vincent. — Ele queria ter certeza de que o sabotador pudesse vir. Tem tanta esperança quanto nós de que o sujeito apareça e faça algo que o entregue.

Jackie assentiu, embora, com tanta gente reunida, achasse que teriam problemas em reparar nas atitudes de todos.

— De fato, está até *mais* esperançoso que nós — comentou Christian. — Stephano o está enlouquecendo. Ele já está bem, e está bastante irritado de ter que ficar escondido no hotel.

— Irritado não é bem a palavra que eu usaria — afirmou Neil, juntando-se a eles no canto onde se posicionaram para poder observar o recinto. — Meu irmão está rabugento que é um inferno. Está louco para voltar ao trabalho.

— E compreensível — disse Vincent.

Neil só levantou uma sobrancelha e acrescentou:

— E quer que eu tire fotos. Jackie piscou, surpresa.

— Fotos?

— Sim. Stephano quer saber quem compareceu, e quem estava triste, e se o funeral está *bonito*.

Enquanto os outros tentavam manter as expressões solenes ao ouvir isso, Jackie mordeu o lábio para não rir e disse:

— Na verdade, Tiny está tirando fotos. Podemos dar cópias para Stephano.

Todos olharam para ele após essa informação, sem dúvida em busca da câmera.

— Não notaram que está de óculos? — perguntou ela, divertida. — Não é para enxergar melhor, a visão dele é perfeita. A câmera está na ponte, acima do nariz.

Os homens estavam obviamente impressionados.

— Isso é legal — falou Dante, surpreso.

— Eu quero um desses — decidiu Tommaso. Tiny apenas sorriu. Adorava aquela câmera.

Meninos e seus brinquedos, pensou Jackie, trocando um olhar divertido com Marguerite. Balançando a cabeça, analisou o salão novamente, o olhar pousando sobre Elaine e Roberto Notte. Era a primeira vez que ela via, de fato, o casal.

Observou Elaine Notte. Era delgada, cabelos loiros e curtos e, a julgar pela altura, não era muito mais alta que Jackie. Roberto era maior apenas por alguns centímetros, e mais corpulento. Não gordo. Imortais simplesmente não engordavam, mas ele tinha o corpo largo e forte de um trabalhador braçal. E, claro, nenhum dos dois parecia ter idade suficiente para ter um filho adulto.

— Acho que deveríamos dar nossas condolências — sugeriu Marguerite.

Jackie concordou.

— Pareceria estranho se não déssemos.

— Vamos — chamou Neil. — Eu apresento vocês.

Vincent deu o braço a Jackie, e seguiu Neil que os levava na direção dos pais. Tiny imediatamente tomou o braço de Marguerite para acompanhá-la, deixando que os outros os seguissem. Duas pessoas que Jackie reconheceu da V. A. Produções estavam oferecendo suas condolências quando se aproximaram do casal. Os dois homens menearam a cabeça respeitosamente para Neil e Vincent, depois se aproximaram do caixão lacrado. Ela não fazia idéia de qual fora a explicação fornecida para isso, mas não havia outra opção. Não se podia esperar que Stephano pudesse se deitar imóvel por horas, enquanto as pessoas passassem para o olhar.

— Mãe, pai, este é Vincent Argeneau, sua assistente, Jackie Morrissey, a tia dele, Marguerite, e este é Tiny McGraw.

— Vincent! — Os olhos da senhora Notte se arregalaram, depois se encheram de lágrimas enquanto ela segurava as mãos dele. Sua voz tremia de emoção quando disse: — Obrigada pela vida de meu filho. Você...

— Mamãe — advertiu Neil, a voz em tom de aviso, lembrando-a da situação, e de que Stephano supostamente não estava vivo.

Jackie forçou um sorriso quando os pais de Neil voltaram sua atenção para ela e os outros.

— Srta. Morrissey — disse Roberto, cheio de sotaque. Sua ascendência italiana era bastante óbvia. — É um prazer conhecê-la. Vai encontrar o homem que fez isso, não é?

— Farei o meu melhor — Jackie murmurou.

Vincent falou algo polido de que ela não ouviu uma palavra, e instantes depois se viu sendo afastada deles.

— Acho que ninguém ouviu — assegurou ele, enquanto a levava para o outro lado da sala.

Jackie meneou a cabeça, mas seus pensamentos estavam na promessa que acabara de fazer ao pai de Neil. Faria seu melhor para apanhar o sabotador, mas não parecia ter avançado muito, e isso a incomodava. Estivera tão distraída com sua atração por Vincent que não tinha feito tudo o que podia para rastrear o criminoso. Não tinha nenhuma pista, nenhuma ideia. Normalmente, quando pegavam um caso, havia um rastro para seguir, ou tinham alguma ideia de qual seria o motivo. Neste, porém, sentia como se estivesse tropeçando às cegas. Vincent não se lembrava de ninguém que pudesse querer lhe causar sofrimento, e a única trilha que o sabotador estava deixando era feita de sangue.

Como se estivesse lendo seus pensamentos, ele apertou seu braço e disse, de modo firme:

— Você está fazendo tudo o que pode. Eu sei disso.

Mas não era suficiente, pensou Jackie, e ficou grata pela distração proporcionada pela chegada de Neil e dos outros. Ouvia distraidamente os homens conversarem, enquanto seu olhar vagueava pelo salão, passando de rosto para rosto, analisando cada expressão em busca de algo que se destacasse. Infelizmente, ninguém tinha a palavra *assassino* ou *sabotador* escrita na testa.

Suspirando, Jackie voltou a olhar para os pais de Neil. Como se percebesse seu interesse, Elaine Notte subitamente olhou para ela. Esboçou um sorriso, depois seu rosto foi obscurecido pela nuca de um homem que vinha oferecer suas condolências.

Jackie estava prestes a continuar seu exame dos presentes quando o homem se virou para falar com Roberto Notte, e ela teve um relance de seu perfil. Imediatamente, inalou o ar em um sibilo, depois meneou a cabeça. Não. Não podia ser...

— Jackie? — chamou Tiny em voz baixa, e ela notou vagamente que ele se aproximara dela, mas não respondeu. Sua atenção estava totalmente concentrada no homem do outro lado do salão, à espera de uma visão melhor daquele rosto. Quando o homem se voltou para olhar ao redor, ela se sentiu estremecer de horror.

— Cassius. — O nome saiu quase em um soluço, mas Tiny, Vincent e os outros o ouviram e se viraram, todos a encarando.

— Cassius — ecoou Tiny, rosnando seu desprazer. — Aqui?

— Onde? — indagou Vincent, rígido.

Jackie surpreendeu-se com a dureza na voz dele, e o fitou, confusa. Não contara a ele sobre Cassius, mas mesmo assim a expressão de Vincent era tensa.

— Eu sei sobre ele. Li na mente de Tiny — ele disse, percebendo a confusão no olhar dela.

Jackie congelou, tomada pela raiva diante dessa informação. Antes que pudesse responder, Tiny apertou-lhe o braço:

— Não fique brava com ele. Deixei que lesse minha, mente, porque achei que ele devia saber.

— E eu li a mente de Vincent — anunciou Christian, tirando Tiny do alvo. E acrescentou: — Sem a permissão dele.

— Eu também — avisou Marcus.

Jackie estava furiosa com os dois, quando Dante disse:

— Nós não lemos ninguém.

Quando ela olhou para os gêmeos, Tommaso completou:

— Mas ouvimos a conversa na cozinha enquanto estávamos de guarda na porta, e sabemos que ele a magoou de algum jeito e a fez ficar com medo de imortais.

Os ombros de Jackie se caíram, e ela soltou um pequeno suspiro. Parecia que todos sabiam que Cassius tinha feito algo, mesmo que não soubessem o exatamente quê. Exceto Neil.

— Tem algum problema? — perguntou ele, franzindo a testa. — Cassius trabalha para Vincent.

— Ele o quê? — Ele ficou chocada com a notícia.

— Nós o consultamos sobre detalhes contratuais de vez em quando — explicou Neil. — Na verdade, ele trabalha para o departamento legal das Corporações V. A., não para a produtora.

— E não por muito tempo — disse Vincent, raivoso. Jackie apertou-lhe a mão.

— Você não pode despedi-lo por algo que ele fez há tantos anos.

— O diabo que não posso! Posso demitir quem eu quiser — afirmou, arrogante. — São *minhas* companhias.

— Sim, mas temos leis trabalhistas — lembrou ela. — Além disso, por que se incomodar?

— Ele magoou você — constatou ele, simplesmente. — E mortais têm leis trabalhistas, imortais, não. Não quero alguém desse tipo trabalhando para mim.

— Sr. Notte?

Jackie olhou em volta, reconhecendo a voz da secretária de Vincent, Sharon.

Entretanto, não podia vê-la, pois os homens estavam na frente.

— Só queria dizer que sinto muito sobre Stephano. Ele... Ah, Vincent! — Sharon piscou ao ver o chefe depois de Neil abrir caminho para ele; em seguida, seu olhar pousou em Jackie e o espanto invadiu seu rosto. — Jackie.

A mulher estava obviamente surpresa ao vê-la ali. Não foi a única. Lily estava de pé ao lado dela, parecendo tão chocada quanto a outra.

— Tem algo errado, Sharon? — perguntou Jackie, calmamente. Quando a secretária apenas a encarou com os olhos arregalados, Lily forçou um sorriso e disse, delicada:

— Ela só está surpresa. Não achávamos que você tivesse conhecido Stephano Notte.

Jackie estava quieta, analisando as duas. Suspeitava que havia algo mais. Afinal, da última vez que a tinham visto, era uma mortal. Uma olhada em seus olhos agora, e ambas saberiam que tinha se transformado.

— Não conheci — respondeu, finalmente. — Não cheguei a ter o prazer enquanto ele estava vivo. Estou aqui em respeito a Neil e sua família.

— Sim, claro — murmurou Lily, para em seguida dar as condolências ao vice-presidente da V. A. Produções.

Uma vez que as atenções não estavam mais nela, Jackie deu uma olhada para Elaine e Roberto Notte. Cassius tinha sido substituído por Max Kunstler, que falava muito sério com o casal. Jackie começou a procurar por ele, depois respirou fundo ao vê-lo indo na direção de seu grupo, os olhos fixos em Neil. Ela não tinha dúvida de que ele vinha oferecer suas condolências, e de repente quis estar em qualquer outro lugar que não ali.

Sentiu Vincent chegar mais perto, o braço deslizando em sua cintura. No mesmo instante, Tiny se aproximou pelo outro lado; depois os outros rapazes também a rodearam, empinando os peitos como galos de briga. Aparentemente, também estavam atentos ao que Cassius estava fazendo. Todo o grupo estava, subitamente, rígido e tenso.

Você não tem mais dezenove anos. As palavras flutuaram em sua mente, e ela se voltou para fitar Marguerite. A mulher estava logo atrás, observando os homens com divertimento. Quando seu olhar chegou a Jackie, sua expressão ficou séria, e ela meneou a cabeça.

E agora, também é uma imortal.

Endireitando os ombros, Jackie voltou-se para Cassius, enquanto este parava ao lado de Neil.

Terminando sua obrigação, Cassius olhou ansioso para o grupo, obviamente esperando uma apresentação.

Neil começou as apresentações com Christian, Marcus, Dante e Tommaso. Os quatro italianos encararam Cassius com olhos frios, nenhum deles aceitando a mão que ele estendia em cumprimento. Neil ergueu uma sobrancelha curiosa à grosseria deles, e apresentou Vincent.

— E este é Vincent Argeneau. O V. A. nas Corporações V. A. e V. A. Produções.

A atitude de Cassius imediatamente ficou irritantemente obsequiosa. O fato de se comportar assim com Vincent e não com Neil significava que ele se considerava no mesmo nível do vice-presidente das V. A. Produções. Mas também havia o detalhe de que ele não se sentia ameaçado por Neil, ou achava que não valia a pena se esforçar para impressioná-lo. Neil era o vice-presidente da V. A. Produções, não das Corporações V. A., onde ele trabalhava. Vincent, por outro lado, era dono das duas, e Cassius se pôs a dizer como estava honrado em conhecê-lo, e quanto o admirava.

Vincent encarava o homem com franco desprezo e, assim como Christian e os outros, não aceitou a mão que ele estendeu. Em vez disso, assumiu o papel de anfitrião, apresentando primeiro Tiny, que reagiu exatamente como os outros rapazes, olhando para Cassius de cima para baixo com olhos frios.

— E esta é Jackie Morrissey — disse Vincent, mas nem o nome o fez se lembrar.

Jackie sentiu seu estômago se encolher de desgosto. Passara os últimos dez anos assombrada por aquele homem, sofrendo pelo que havia feito com ela e ele nem se lembrava do seu nome. Parecia ter se esquecido dela assim que saíra de sua vida, enquanto seus atos a haviam torturado todos esses anos. *Ela* estivera se torturando.

Sentiu Vincent apertar sua cintura de leve, e ofereceu-lhe um sorriso rígido para mostrar que estava tudo bem. Ele apertou mais uma vez, depois se voltou para Cassius.

— O pai dela era Ted Morrissey. Pode ser que o tenha conhecido. Ele fez muitos trabalhos para meu primo Bastien, em Nova Iorque. Você morava lá, não é?

Cassius ficou tenso e voltou-se para olhar Jackie novamente. Aquele olhar dizia que estava se lembrando de como ela era por baixo das roupas, tanto tempo atrás. Um sorriso pequeno e lascivo imediatamente repuxou seus lábios, e seus olhos cintilaram.

— Olá, Cassius — cumprimentou ela, com um sorriso nos lábios. Depois inclinou a cabeça, comentando: — Você não é nem de longe tão alto quanto eu me lembrava. Não teria usado um pouco do tal controle de mentes imortal em mim há tantos anos atrás, teria?

— Eu... — Cassius olhou para Vincent, nervoso.

— Aposto que usou — ela concluiu, fingindo diversão. — Isso me faz imaginar se mais alguma coisa é menor.

Jackie ouviu um pigarreio de divertimento vindo da direção da turma italiana, e sabia que o repentino ataque de tosse que Tiny estava tendo era um disfarce para o riso. Sua atenção, entretanto, estava em Vincent. Ele não estava rindo. Havia tensão

em cada linha de seu rosto enquanto encarava Cassius. Ainda assim, ela foi tomada de surpresa quando ele anunciou:

— Jackie é minha parceira eterna, Cassius.

Jackie congelou ante a declaração. Virou-se abruptamente para Vincent, que baixou os olhos para ela, a raiva em sua expressão imediatamente dando lugar a um sorriso gentil. Ele levou a mão ao rosto dela, acariciando-a suavemente. Seus olhos emanavam confiança e, talvez, amor. Ela torcia para que fosse amor.

A boca de Jackie se abriu em um sorriso e ela se aproximou de Vincent, depois voltou-se para Cassius. Contudo, ele ainda não tinha superado seu espanto ao anúncio.

Por fim, ele se recompôs e olhou para ela. Chegou a abrir a boca, mas as palavras morreram ali quando ela sorriu, mostrando as presas. Finalmente tinha dominado essa habilidade, meia hora antes de saírem para o funeral, e estava feliz por ter conseguido.

Cassius fechou a boca, murmurou uma desculpa e rapidamente se afastou, desaparecendo na multidão. Jackie sentiu como se um capítulo de sua vida tivesse finalmente se fechado quando o viu indo embora... e ficou grata que fosse assim. Relaxou ao lado de Vincent, enquanto ele a abraçava.

— Você não nos contou que já conseguia expor suas presas — comentou Christian, quando todos se tranquilizaram. — Muito bem!

Jackie sorriu, aceitando o cumprimento.

— Vocês Vão ter que me contar o que foi tudo isso. Acho que sou a única pessoa aqui que não faz idéia do que acabou de acontecer — disse Neil.

— Não a *única* — murmurou Sharon, lembrando Jackie de sua presença. Ela e Lily haviam permanecido tão imóveis e silenciosas, que foram esquecidas.

— Vamos explicar — afirmou Christian, olhando ao redor do salão. — Mais tarde. Parece que a cerimônia vai começar.

Ele tinha razão, e todos foram se sentar. Jackie, Vincent, Tiny e Marguerite se sentaram próximos ao fundo, de onde podiam ver todo mundo. Sharon e Lily ficaram perto deles, e Neil e os outros foram para a frente, na área reservada para a família.

O restante do funeral transcorreu sem novidades, mas Vincent ficou ao lado dela até o fim. Ele passou a maior parte do tempo olhando para a nuca de Cassius. Jackie pensou em dizer que a demissão não era necessária, mas não falou nada. Cassius tinha atraído isso para si, que colhesse o que havia plantado. Talvez precisasse de um lembrete de que toda ação tinha uma consequência. Até mortais, com suas vidas tão curtas, esqueciam essa lição.

A cerimônia foi muito similar às humanas, mas o enterro foi diferente. Dentro da casa funerária muito iluminada, era fácil se esquecer que já era noite, mas no cemitério isso era impossível de ignorar. Ali a noite se fechava em torno deles ao

seguirem silenciosos para a cova. Jackie estava levemente surpresa por não terem pensado em alguma iluminação para o caminho, mas a maioria dos presentes não parecia precisar de luz. Lembrou-se de que imortais eram caçadores noturnos, e que seus olhos metálicos eram mais do que bonitos: eram o que lhes permitia enxergar no escuro. Havia poucas pessoas ali tendo dificuldades com o caminho. Ela mesma, embora só um pouquinho. Sua visão noturna já parecia estar melhorando. Tiny, por outro lado, estava tropeçando bastante.

Jackie sabia que não estava enxergando tão bem quanto os imortais ao seu redor. Marguerite já lhe explicara que as novas habilidades ainda estavam no começo, e que melhorariam com o passar do tempo. Visão noturna era apenas uma delas, e continuaria a se aprimorar, mas ainda era um pouco frustrante. Durante o enterro ela examinou os que ali estavam, procurando expressões ou sinais de satisfação denunciadores, e desejando que sua visão já estivesse cem por cento.

Neil tinha combinado uma reunião em sua casa após o funeral, e Jackie imaginou se todas as cerimônias imortais eram tão semelhantes às humanas. Ou se era por Stephano ser mortal e ter sido criado com essa cultura, mas foi Tiny quem acabou perguntando a respeito quando estavam no carro, indo para a casa de Neil.

— Todos os funerais imortais são assim, ou isso foi porque Stephano é mortal?
— Sua voz grave soou na escuridão do banco traseiro.

Houve um silêncio breve, então Vincent respondeu:

— Não sei. Nunca fui a um funeral de imortal. Jackie piscou, surpresa.

— Nunca? Ele assentiu, prestando atenção no tráfego.

— Mas você já conheceu outros que morreram, não é? — perguntou ela, espantada. — E sua mãe?

— Ela foi queimada. Não sobrou nada para ser enterrado. Meu pai procurou pelas cinzas, mas não havia nada.

Jackie o encarou, incapaz de acreditar que nos tempos medievais alguém conseguisse um fogo tão forte a ponto de destruir até os ossos. Certamente tinha que sobrar alguma coisa...

— E Jean Claude? — indagou Tiny, e Jackie olhou para o banco traseiro, enquanto aguardava a resposta de Marguerite.

— Outra fogueira — apontou ela. — Também não restou nada de Jean Claude.

— Mas isso é... Digo, é raro um fogo queimar tão forte que incinere até os ossos. Mesmo na cremação, fica um pouquinho... acho — acrescentou Jackie, sem muita certeza de que fosse assim.

— Bastien acha que os nanos alimentam o fogo de alguma forma, deixando-o mais forte. Pelo que sabemos, somos bastante inflamáveis — concluiu Marguerite, de modo calmo.

— Então como sabe que Jean Claude está realmente morto? — questionou Tiny, e Jackie se enrijeceu. Aquela idéia não lhe havia ocorrido.

— O anel dele estava nas cinzas da fogueira — respondeu Vincent.

— E eu o senti morrer — completou Marguerite. Ao sentir o olhar atento de Jackie sobre si, acrescentou: — Ele era meu senhor. Compartilhou seus nanos comigo. Tínhamos uma conexão. Eu percebi sua morte e soube que foi pelo fogo.

Jackie virou-se lentamente em seu assento, e olhou para Vincent. Ele não a transformara, mas na excitação do sexo, haviam se mordido uma ou duas vezes e compartilhado seus nanos. Se um dia ele morresse, ela sentiria?

Como se percebesse seu olhar solene e os pensamentos por trás dele, Vincent tirou uma das mãos do volante e tomou a sua, apertando-as de modo tranquilizador.

Fizeram o restante do caminho até a casa de Neil em silêncio, e uma vez lá dentro, continuaram assim. Jackie tomou vinho e ouviu as vozes abafadas ao redor deles, enquanto continuava a analisar todos com atenção, mas sua mente estava ponderando o que descobrira sobre a conexão com um senhor. Imaginou quanto estaria conectada com Vincent agora. E o que exatamente teria causado essa conexão. Teria sido compartilhar o sangue e os nanos? Se fosse por isso, era possível que tivesse alguma conexão com o sabotador também. Tinha engolido o sangue dele.

A idéia não era nem um pouco atraente. Precisava conversar com Marguerite ou com Vincent sobre isso. Tinha que saber o que mais vinha junto com essa ligação, como ela a afetaria... e se Marguerite achava que ela tinha tomado sangue suficiente dele para ter uma conexão.

Com todas essas preocupações, Jackie ficou mais do que aliviada quando Vincent resolveu que estava na hora de irem embora. Ele os deixou para falar com Christian e Marcus, depois voltou, avisando de que os outros ficariam mais um pouco, mas iriam em seguida.

— Vou ligar para minha filha e me certificar que está tudo bem em casa — anunciou Marguerite, ao entrarem na casa. Ficou claro que o funeral, embora falso, a deixara aborrecida. A todos eles, suspeitava Jackie. Não ficou terrivelmente surpresa quando Tiny se arrastou para o segundo andar, dizendo:

— Vou para a cama. Funerais me deixam muito cansado.

— Bom, acho que só sobramos nós dois — murmurou Vincent, deslizando seus braços em volta dela, enquanto ficavam sozinhos no saguão.

— Humm... — Jackie se aninhou no abraço dele e o beijou de leve. — Sua tia pode sair a qualquer minuto.

— Não mesmo — negou Vincent. — Se ela estivesse ligando para Bastien, até poderia ser, mas quando é para Lissiana, quer dizer que ela está com vontade de conversar. Vai levar uma hora, no mínimo.

— Ah, é? — perguntou Jackie, se divertindo.

— É, sim — confirmou ele, beijando-a na ponta do nariz, para em seguida, conduzi-la para as escadas, apressado.

— Mais devagar. — Riu Jackie, enquanto Vincent corria escada acima. Não sabia se já estava mais rápida ou forte do que era, mas ele definitivamente ainda tinha a vantagem. Não conseguia manter o passo dele, e temia tropeçar nos degraus ao tentar.

Vincent não apenas foi mais devagar: parou, virando-se para levantá-la em seus braços.

Jackie conseguiu sufocar um arquejo de surpresa. Agarrou-se aos seus ombros e simplesmente se segurou durante a corrida que ele fez das escadas até o quarto. Colocou-a no chão para poder abrir a porta, mas a guiou à frente com o braço ainda em sua cintura.

A porta mal havia se fechado quando Vincent a enlaçou novamente, beijando, ao mesmo tempo em que a levava de costas até a cama na escuridão. Jackie ria junto aos lábios dele, que a instou a abrir-se para mais um beijo; depois ofegou, a risada morrendo, quando a mão dele alcançou-lhe um seio.

Ela não sabia se era algum efeito pós-funeral, mas estava subitamente desesperada para tê-lo dentro de si, para sentir-se viva. Colocando a mão entre eles, abriu-lhe o cinto, seguido pelo botão e o zíper. A calça se abriu facilmente, caindo no chão.

Vincent chutou a peça para longe, impaciente, suas mãos já ocupadas em remover as roupas dela, enquanto continuava a guiá-la para a cama. O vestido preto, que usara para a cerimônia foi tirado assim que o zíper se abriu. O sutiã o seguiu rapidamente. Jackie estava só de meias, calcinha e sapatos de salto alto quando tropeçou na cama, caindo nela com uma risada.

Não enxergava nada, mas obviamente Vincent não tinha o mesmo problema. Ele se abaixou para segurar-lhe um pé, levantando-o para abrir a fivela do sapato.

— Meu Deus, você é a mulher mais incrivelmente sexy que eu já conheci — murmurou, e subitamente, parou de tentar abrir o sapato. Deixando-a calçada, abaixou-se e agarrou a calcinha dela. Com um movimento rápido, arrancou-a, depois deitou-se sobre Jackie e, segurando-a pelo cabelo, beijou-a novamente.

Esse beijo era tão frenético quanto tinha sido o primeiro, e ela correspondeu imediatamente. Pequenos gemidos escaparam de seus lábios enquanto se arqueava sob ele.

— Preciso de você — sussurrou Vincent, interrompendo o beijo.

— Sim... — Ofegou Jackie, e foi tudo o que conseguiu dizer. Precisava dele dentro de si, precisava se sentir viva como só ele conseguia fazê-la se sentir. Precisava dele. Incapaz de verbalizar tudo isso, colocou a mão entre os dois, segurando sua masculinidade na mão e guiando-o para dentro.

Assim que Vincent percebeu o que ela estava fazendo, assumiu o controle, penetrando-a com um gemido que terminou com um suspiro.

Jackie se moveu sob ele, instando-o a prosseguir com pequenos gemidos e murmúrios. Momentos depois, ambos estavam gritando de prazer. Vincent a preencheu com uma última investida, depois ficou imóvel, derramando-se dentro dela.

Vincent estava roncando.

Jackie ouviu o som e o reconheceu antes de estar completamente acordada. Piscando, olhou para o perfil dele no restinho de luz que passava pela porta entreaberta do banheiro, e sorriu levemente. Nunca o escutara roncar antes, mas bom Deus, era alto!

Tinham feito amor naquela noite com um traço de desespero. Era como se a idéia e o assunto da morte, trazidos pelo funeral e o enterro, tivessem suscitado em ambos uma vontade de reafirmar a vida. Houvera pouquíssimas preliminares, os dois desesperados para estarem unidos, e terminou com o colapso de ambos, suados, na cama.

Aparentemente, entretanto, tinham se separado durante o sono. Jackie estava agora ao lado dele, com a mão sobre seu peito. Vincent estava deitado de costas, um braço sobre a cabeça, o outro em cima da barriga, quase levantando o teto com seus roncamentos. O que a fez rir sozinha. Sem dúvida, dentro de uma centena de anos o som a deixaria enfurecida, faria com que o cutucasse e dissesse para virar de lado para silenciar o barulho, mas por enquanto, só a fazia sorrir e querer beijá-lo.

Levantando-se sobre um cotovelo, concentrou-se em seu rosto adormecido, e afastou uma mecha perdida de cabelo de sua testa, depois ficou preocupada ao ver como ele estava pálido. A pele de Vincent estava tão branca que quase brilhava no escuro. Agora que notara isso, ela começou a reparar em outras coisas, como a mão sobre a barriga, apertada mesmo durante o sono, e movendo-se levemente, como se tentasse afastar a dor.

Olhou mais atentamente para o rosto dele, desejando que o quarto estivesse um pouco mais iluminado para poder ver sua expressão. Pelo que podia enxergar, parecia que estava um tanto tenso.

Foi só então que percebeu que Vincent não tinha se alimentado ainda naquele dia. Haviam se levantado tarde, ele se juntara a ela na banheira e tinham feito amor, depois dividiram o pouco tempo restante antes do funeral entre aprender a expor as presas e tentar eliminar mais gente da lista de funcionários da peça de Nova Iorque. Ela se alimentara duas vezes, pegando uma bolsa do refrigerador e encaixando-a nos dentes quando conseguiu dominar a técnica, depois novamente antes de sair para o funeral, mas Vincent não comera nenhuma vez. E ela nem tinha notado, pensou, sentindo-se culpada. Agora entendia o que significava para ele ficar com fome. Experimentara a sensação, e até mesmo tivera um pouco de câimbras, mas sabia que o que ele estava sentindo era muito pior, já que perturbava mesmo durante o sono.

Vincent gemeu e se revirou na cama, deitando-se de lado e encolhendo as pernas até chegar quase a uma posição fetal. Ele tinha que se alimentar, resolveu Jackie. Só ficaria pior com o passar do tempo.

Saindo da cama, juntou suas roupas de onde tinham caído no chão e foi pé ante pé até o banheiro. Ele ainda dormia quando ela saiu de lá, vários minutos depois. Parou ao lado da cama para observá-lo por um minuto, depois saiu do quarto e foi para o térreo.

Tinha acabado de descer as escadas quando ouviu o murmúrio de vozes vindo da cozinha. Sabendo que Marguerite era a única ainda de pé, Jackie encaminhou-se para a cozinha e abriu a porta. Levantou as sobrancelhas ao ver Tiny e ela sentados à mesa.

— Pensei que tinha ido para a cama — disse para o amigo, surpresa, e ele deu de ombros.

— Não consegui dormir.

— Ah... — Ela hesitou, depois falou: — Vincent não comeu hoje ainda. Vou pedir comida. Está com fome?

Tiny pensou um pouco, e acabou concordando.

— Alguma preferência? Ele balançou a cabeça.

— Qualquer coisa. A esta hora, acho que só vai ter pizza, mesmo.

Franzindo a testa, Jackie espiou o relógio e viu que eram três da manhã. Ele tinha razão, as opções eram limitadas naquele horário. Ela fechou a porta suavemente e foi para o escritório. Pegando a lista telefônica, procurou uma pizzaria que estivesse aberta.

Terminando de fazer o pedido, desligou e ficou na cadeira da escrivaninha, o olhar passando pelo sofá. Ao vê-lo, lembrou-se da primeira vez que Vincent tinha feito amor com ela... e realmente sentia como se fosse amor o que haviam feito. Como se ele a estivesse acarinhando com seu corpo, algo que ela nunca tinha sentido antes. E nesta noite, a apresentara a Cassius como sua parceira eterna.

— Parceira eterna — murmurou ela. Seus sentimentos sobre isso tinham se alterado ao longo dos dias desde que acordara da transformação.

Uma parceira verdadeiramente eterna, destinada a estar com ele, significava viver o equivalente a várias vidas como sua parceira, amante e companheira. Quem não gostaria disso? Parceiros eternos não se divorciavam, e Vincent afirmara que ela era a sua esta noite. Tinha falado sério? Ou só a apresentara assim a Cassius para assustá-lo? Jackie pensava que talvez fosse a sério, e seus olhos de fato pareciam estar cheios de amor quando ele havia olhado para ela naquela hora, mas ele não dissera nada depois, quando ficaram sozinhos. Vincent não dissera que a amava.

Ela havia ficado com vontade de levantar o assunto e perguntar a ele, mas não tivera coragem. Depois, havia se distraído com a paixão, e esquecera. Queria ter tido

a coragem. Queria também ter ousado dizer a ele que o amava, que ele era o bálsamo perfeito para sua alma ferida. Ela o amava.

— Jackie?

Ela ergueu os olhos ao ver Tiny entrando no escritório.

— Você não voltou, eu comecei a ficar preocupado — afirmou ele, enquanto se sentava na escrivaninha para observá-la melhor.

Jackie sorriu, depois deu de ombros.

— Estava só pensando.

— Quer dizer, se preocupando, não é? Com Vincent, o caso, e... — Ele parou ao ver a expressão dela se alterar, e questionou: — Qual o problema?

Ela o encarou por um instante, cheia de culpa, depois admitiu:

— Eu não estava pensando sobre o caso. Devia estar. É por isso que estamos aqui... Em vez disso, estava aqui sentada pensando que amo Vincent e imaginando se sou correspondida.

Tiny hesitou, obviamente pesando qual assunto abordar primeiro, depois respondeu:

— Sim, ele a ama. Eu sabia que ele tinha começado a gostar de você logo no início, mas na noite em que foi agredida ficou óbvio que ele a amava. Vincent estava tão perturbado, e tão resolvido a salvá-la... E esta noite ele a apresentou como sua parceira eterna. Vincent ama você, Jackie.

Ela sentiu sua boca se abrir em um sorriso. Conhecia Tiny havia dez anos. O homem era um ótimo juiz de caráter, tanto de mortais quanto de imortais. Ficou mais segura ao ver que ele tinha certeza de que Vincent a amava.

— Quanto a não pensar no caso — prosseguiu ele, e Jackie sentiu-se enrijecer ao perceber com que rapidez sua preocupação tinha ido da culpa por não pensar no trabalho, ao alívio por Vincent a amar. Qual era o problema com ela?

— Acho que você devia se dar um desconto aqui, Jackie. Você foi atacada e quase morreu há apenas alguns dias. Seu corpo passou por imensas mudanças, e ainda está passando. E está se apaixonando, pela primeira vez na vida.

— Mas Bastien me pediu para vir aqui ajudar a pegar o sabotador. Esta é a minha prioridade. Essas distrações são apenas...

— Sua vida — completou Tiny, de modo seco. — Vamos pegar o sabotador, mas sua vida também é importante.

Jackie abriu a boca para responder, mas calou-se e olhou para a porta quando a campainha tocou.

— Acho que é a pizza.

Tiny começou a se levantar, mas ela pediu para que ficasse ali enquanto se

levantava e ia para a porta.

— Eu atendo.

Jackie foi até o painel e ligou o monitor para ver quem estava estacionado no portão. Quando viu o nome da pizzaria no carro, apertou o botão para abrir a porta e disse:

— Pode entrar.

Voltou e apoiou-se na porta do escritório enquanto esperava.

— Só temos mais dois ou três imortais na lista.

Tiny a olhou, sério, e por um minuto ela temeu que ele não fosse aceitar a mudança de assunto, mas acabou assentindo.

Relaxando um pouco, Jackie suspirou e passou a mão pelo cabelo.

— Não acho que algum deles seja o sabotador. Estou começando a achar que o roubo da lista foi só uma distração.

— Você chegou a mencionar essa possibilidade na época — murmurou Tiny, franzindo a testa. — Mas com certeza o sabotador não se daria ao trabalho de roubá-la do escritório e atacar Stephano só para nos colocar na pista errada, não acha?

— E por que não? — perguntou ela. — Isso nos impediu de olhar em outras direções e ainda teve o benefício de perturbar Vincent, ao mesmo tempo.

Tiny pareceu preocupado com essa possibilidade, mas nada disse quando soou uma batida na porta. Endireitando-se, Jackie se virou e foi atender.

Vincent estava tendo um pesadelo. Estava deitado no piso frio ao lado da piscina e pequenas criaturas demoníacas com dentes muito afiados empoleiravam-se sobre seu peito. Tinham rasgado sua barriga e estavam devorando seu interior. Era um sonho muito desagradável e terrivelmente doloroso, e mesmo assim, não era ele quem gritava, e sim Jackie. Podia ouvir seus gritos apavorados, mas não a via. Tentou levantar o braço para tirar as criaturinhas do peito, na intenção de se levantar e procurar por Jackie, mas não conseguia mover nem um dedo.

— Vincent! Vincent!

Ele piscou, encarando a figura abaixada sobre si. Saindo do pesadelo, quase bateu na pessoa, mas ficou feliz por não ter feito isso ao reconhecer a voz de Tiny.

— Acorde! Eles levaram Jackie!

— O quê? — Ele se sentou ligeiro, totalmente acordado. Seu olhar automaticamente foi para o lado da cama onde Jackie deveria estar, mas podia ver à luz que vinha do banheiro e da porta do quarto que ela não estava lá.

— Onde ela está? — perguntou, preocupado.

— É o que estou tentando lhe dizer — gemeu Tiny, infeliz. — Ela encomendou uma pizza. Acho que queria alimentar você. O entregador tocou a campainha e ela abriu o portão, depois houve uma batida na porta e ela foi atender, então... — Ele balançou a cabeça. — Eu estava na escrivaninha do escritório. Não houve um grito, nenhum aviso, nada. Só o silêncio, mas eu comecei a ter aquela sensação esquisita da Jackie. Estava tudo muito quieto, acho. Fui até o saguão ver o que estava acontecendo, porém estava vazio. Abri a porta da frente e ela estava indo para o carro de entrega. Havia um jovem no volante, olhando diretamente à frente, como se estivesse em transe, e Jackie estava indo para o carro com uma mulher.

— Uma mulher — Vincent afastou os cobertores e se levantou, começando a se vestir. — Por quê? O que fizeram quando chegaram ao carro? O que aconteceu?

Tiny balançou a cabeça, chateado.

— Eu não sabia o que estava acontecendo. Não *fiz nada* — resmungou, culpado. — Pensei que o sabotador fosse um homem. Não foi um homem que a atacou na praia, na noite em que teve que transformá-la?

— Sim... — Vincent começou a dizer, e parou. Tudo tinha acontecido tão rápido naquela noite, e estivera tão assustado... — Pode ter sido uma mulher — admitiu, sentindo como se tivesse levado um soco no estômago. Franzindo a testa, rosnou: — O que houve? Você disse que alguém a levou?

— Ela entrou no banco do carona, mas estava andando de um jeito estranho, quase como um robô, toda dura e sem expressão. A mulher sentou-se no banco traseiro e o entregador ligou o carro e saiu.

— Jesus! — Vincent já tinha vestido a calça, e, pegando a camisa, saiu do quarto. Enfiou-a rapidamente enquanto descia correndo.

Marguerite estava no saguão, espiando para dentro do escritório quando ele chegou ao pé da escada.

— Você viu Jackie e Tiny? — indagou ela, ao vê-lo. — Jackie foi pedir pizza e ele a seguiu para dizer alguma coisa, e não voltaram mais... ah, aí está — ela se interrompeu ao divisá-lo seguindo Vincent. Franziu a testa ao notar suas expressões preocupadas. — O que está havendo?

— Alguém levou Jackie — disse Vincent, amargo.

— Quem? — questionou ela, alarmada.

Vincent parou no meio do caminho e se voltou para encarar o gigante.

— Como era a mulher?

— Era uma das duas mulheres que vieram falar com a gente antes do Cassius, no funeral — lembrou-se Tiny. — A menor, que parece muito jovem.

Vincent o encarou, incrédulo.

— Lily? A loirinha magrinha, que parece ter catorze anos? Tiny assentiu, depois

franziu a testa, dizendo:

— Mas Lily tinha os olhos normais... Não eram metálicos, como o restante de vocês, imortais. Não podia controlar Jackie e fazê-la entrar no carro. Não pode ser o agressor... — A confusão cobriu seu rosto, e ele acrescentou: — Mas Jackie não iria simplesmente sair daquele jeito. Talvez tivesse mais alguém no carro.

— Lily é uma imortal — revelou Vincent, suspirando e entrando no escritório.

— E por que ela faria isso tudo? — perguntou Marguerite ao segui-lo.

— Não tenho certeza. — Ele remexeu em sua agenda, procurando pelo endereço de Lily.

— O que você está fazendo? — quis saber a tia. — Dificilmente ela vai levar Jackie para sua casa.

— Mas pode ser que a leve. — argumentou Vincent, torcendo desesperadamente para que fosse o caso. Era o único lugar onde poderia procurá-la.

— Marguerite está certa — afirmou Tiny. — Não é o padrão dela. Atacou Stephano no escritório, matou aquela mulher nas colinas, e agrediu Jackie na praia. Não vai levá-la para sua casa.

Vincent olhou para eles, sentindo-se completamente indefeso. Sua mente girava, o pânico roubando sua habilidade de pensar. Para onde Lily a levaria? Por que faria isso? Onde estava Jackie? Seu intelecto parecia travado e estúpido, como um hamster correndo em círculos sem chegar a lugar algum... e então o telefone tocou.

— Talvez seja Jackie — disse Tiny, esperançoso, enquanto Vincent tirava o fone do bolso e atendia.

— Vincent?

— Sim. — Sua voz soou desanimada ao reconhecer Christian.

— Estamos parados no farol da esquina a duas quadras da sua casa. Tem um carro de entrega de pizza no lado contrário ao nosso, e Jackie está no banco da frente com um garoto espinhento dirigindo. O que está acontecendo?

— Tem mais alguém no carro? — perguntou Vincent, atento, saindo do escritório para o saguão.

— Tem. Parece que há uma loira no banco de trás. Só consigo ver a cabeça dela... Parece sua assistente de produção.

Vincent fez uma careta, e sua mão apertou mais o telefone. Não que não tivesse acreditado em Tiny, mas era muito difícil aceitar que era a pequena Lily quem estava por trás de toda aquela loucura. Trabalhava para ele havia seis meses, e nem mesmo estivera na peça em Nova Iorque. Estava de férias na época. Ainda assim, como bem notara Tiny, Jackie não iria simplesmente sair. Alguém devia estar controlando-a, e parecia que este alguém era Lily. Mas estaria fazendo tudo sozinha, ou havia mais alguém?

— Paramos o carro? — indagou Christian.

Vincent hesitou, incerto sobre o que dizer. Se Lily estivesse trabalhando com mais alguém, Jackie poderia ser salva se Christian e os rapazes parassem o carro agora. Mas se ela fosse o sabotador que estava fazendo da sua vida um inferno, parar o carro poderia fazer com que Jackie fosse morta na mesma hora. Queria pegar Lily para saber se ela era, de fato, o criminoso, mas estava mais preocupado com a vida de Jackie do que com isso.

— O farol ficou verde, eles estão passando por nós — anunciou Christian. — O que está havendo, Argeneau? O que fazemos agora?

— Ou Lily é a assassina, ou a está levando até ele — informou Vincent, amargo. — Você tem que segui-los, sem ser visto.

— Dê a volta, Marcus! — rosnou Christian do outro lado da linha, depois voltou a falar no telefone. — O que vocês vão fazer?

— Vamos seguir você — anunciou Vincent, com firmeza.

— Tudo bem. Ligue para mim quando estiverem na estrada, e eu lhe digo onde estamos — instruiu Christian.

Vincent comprimiu os lábios quando o fone foi desligado. Fechando o celular, seguiu para a garagem.

— O que está havendo? O que ele disse? — Marguerite estava nos seus calcanhares quando pegou as chaves no gancho perto da porta e se apressou para a garagem.

— Christian vai segui-los. Vamos ligar para ele quando estivermos na estrada — avisou Vincent já entrando no carro. Foi para o banco da frente, abriu a porta com o controle-remoto ao mesmo tempo em que Marguerite deslizou para o banco do passageiro. Entregou a ela seu celular, e ligou o motor enquanto Tiny sentava no banco traseiro.

— Ligue para Christian e veja o que está acontecendo,

— Como eu acho o número dele? — perguntou Marguerite, olhando insegura para o fone, enquanto Vincent saía da garagem.

— Dê-me o telefone, Marguerite. Eu ligo para ele — falou Tiny.

Vincent percebeu a tia passando o fone para Tiny, mas estava concentrado na direção, acelerando para a estrada. O portão estava fechado, e ele tamborilava os dedos, impaciente, no volante enquanto esperava que abrisse. Seu olhar foi para o retrovisor quando Tiny achou o número de Christian entre as chamadas recebidas e ligou de volta.

Tiny colocou o telefone no ouvido no momento em que o portão terminava de abrir. Vincent passou por ele e parou na rua, sem saber para que lado virar.

— Christian? — A voz ecoou.

— Pergunte a ele para onde devemos ir ao sair da casa — ordenou Vincent.

Tiny assentiu e fez a pergunta. Ouviu o que Christian tinha a dizer e passou a instrução adiante:

— À direita.

Vincent virou o volante à direita e saiu com uma cantada dos pneus.

— Eles já alcançaram o carro? Não a perderam, não é?

— Estão na perseguição — respondeu Tiny, após uma pausa durante a qual ouviu Christian falar.

— Diga para não os perderem de vista — sibilou Vincent.

— Vire à esquerda aqui — mandou Tiny depois de um momento. — Christian disse que estão na rodovia.

Cerrando os dentes, Vincent assentiu e seguiu as instruções que continuou a receber. Ele acelerava, e o medo fazia o suor correr por suas costas. Não podia acreditar que era Lily, a doce e sorridente Lily. Mataria a vadiazinha se ela machucasse Jackie, pensou friamente.

— Vincent? — Tiny chamou, subitamente, e ele olhou pelo retrovisor para encontrar sua expressão preocupada. — Se Lily é uma imortal, por que ela não tem os olhos metálicos?

Se Lily é imortal, por que tem olhos castanhos? Aquela pergunta ficava girando na cabeça de Jackie enquanto passavam pela rodovia. Não era a coisa mais importante que poderia perguntar, mas era a que mais a incomodava. O dia em que Sharon e Lily tinham ido até a casa de Vincent com a lista e vira os olhos castanhos normais da garota, ela presumira que fosse uma mortal. Minha nossa, como tinha errado!

Jackie tentara se libertar do controle que Lily exercia sobre sua mente, mas não se surpreendeu por não conseguir. Eles tinham se concentrado em lhe ensinar a manter as presas escondidas, a expor as presas, e até tinha tentado ler a mente de Tiny uma ou duas vezes. Mas era só isso; ainda não tinha aprendido nenhuma das técnicas de Marguerite queria lhe ensinar, e que poderiam salvá-la nesta noite. Seria a próxima coisa a aprender. Infelizmente, parecia que a lição tinha sido adiada por tempo demais. Percebera isso assim que tinha aberto a porta e sentira Lily sorrateiramente tomar o controle de seus pensamentos.

Não tivera nem a oportunidade de gritar por ajuda para Tiny ou Marguerite. Abrira a porta da frente ao ver a moça, e em seguida foi transformada em marionete. Todo o controle de seu corpo tinha sumido, e ela se viu saindo da casa, fechando a porta com cuidado, e andando calmamente para um carro de entrega de pizza na calçada.

Jackie tinha tentado lutar contra o súbito controle de sua mente por Lily, mas

fora inútil.

Deus, tomara que sobrevivesse... Não queria morrer. Havia mil coisas que ainda queria fazer antes de morrer.

Incapaz de fazer outra coisa, Jackie olhava para a frente, rezando em silêncio para que Tiny tivesse acordado Vincent quando percebeu que algo estava errado. Imaginou quanto tempo ele teria levado para notar que havia de fato algo errado. Provavelmente apenas alguns instantes, pensou. Com sorte, ainda a tempo de vê-la entrando no carro.

Instintivamente tentou olhar à esquerda para espiar o motorista, e conseguiu. Lily devia ter relaxado seu controle, pensou. Mas devia mesmo ser necessário mais esforço para controlar duas pessoas de uma vez só. Vincent afirmara isso. Isso devia lhe dar alguma chance, percebeu, e imaginou por que Lily se arriscara a ter que controlar dois em vez de um.

Em seguida lembrou-se do dia em que as duas tinham levado a lista. Sharon tinha dito que ela não dirigia. Jackie supunha que isso significava que não tinha opção, era obrigada a envolver outra pessoa. Embora pudesse tê-la forçado a dirigir até onde planejava levá-la, provavelmente não tinha a intenção trazê-la de volta. Alguém tinha que levá-la até lá, para poder voltar. Imaginou se ela teria seqüestrado a mente de alguém para levar a mulher de quem Vincent se alimentara até as colinas. E se tinha, esperava que a garota não estivesse consciente e apavorada naquele momento.

Olhou pela janela, e não sabia se era uma boa ou má notícia o fato de não estar sendo levada para as colinas. Estavam indo em outra direção.

— Você pode falar, agora.

Jackie voltou a cabeça, surpresa, com o comentário de Lily, depois piscou ao perceber que podia movê-la, assim como os olhos. Ela tinha relaxado o controle consideravelmente. Jackie tentou mover outras partes do corpo, mas parecia que só tinha recebido de volta o controle sobre a cabeça e a boca.

— Você é uma imortal — falou, de repente.

— Uau! Posso ver por que Vincent a contratou. Seus poderes de dedução são brilhantes — comentou Lily, ácida.

Jackie ignorou o sarcasmo e disse:

— Seus olhos não têm o brilho metálico dos outros imortais. Pensei que fosse uma humana.

Lily riu. Foi um riso desagradável, galhofeiro.

— Meus olhos são verde-prateados.

— São castanhos — discordou Jackie. — Olhe para mim.

Jackie obedeceu, encarando Lily enquanto ela abaixava a cabeça e levava um dedo a cada olho. Espantou-se ao vê-la remover algo, depois levantar a cabeça para

expor belos olhos prateados.

— Lentes coloridas. — Ofegou Jackie, sentindo-se incrivelmente estúpida. Uma das secretárias de sua própria empresa usava lentes coloridas. Alguns dias chegava com olhos verdes, em outros, azuis. Ainda assim, ela nunca tinha pensado nisso. Deus! Para uma detetive, era bem idiota. Mas nunca lhe ocorrera que um imortal poderia querer esconder aqueles lindos olhos atrás de lentes.

— Por quê?

— Vários de nós usamos. Ter olhos prateados tende a chamar a atenção.

— Nunca encontrei nenhum imortal que usasse — argumentou Jackie.

— E você saberia que eram imortais sem os olhos metálicos? — contrapôs Lily, astuta, depois riu novamente. — Provavelmente encontrou muitos imortais e não os reconheceu, por não poder ver olhos com manchas prata ou bronze.

Jackie soltou o ar lentamente, sabendo que podia ser verdade.

— Imortais que não têm que interagir muito com humanos não costumam se incomodar, mas qualquer um que queira se misturar faz o melhor para disfarçar.

— Eu não sabia — murmurou Jackie.

— Tanto esforço mental só pela cor do meu olho — disse Lily, balançando a cabeça, deixando óbvio que estava lendo os pensamentos de Jackie. — Pensei que fosse me perguntar algo mais importante:

— Por que roubou a lista dos funcionários da peça de Nova Iorque, se nem estava entre eles? — perguntou Jackie, e a questão trouxe outro sorriso ao rosto de Lily.

— Não, eu não estava na lista — ela admitiu, se divertindo. — De fato, estava de férias, primeiro no Canadá, depois em Nova Iorque.

— O incêndio no teatro do Canadá — murmurou Jackie.

— Foi preciso ir até lá para atear-lo. E de lá seguiu Vincent até Nova Iorque para sabotar aquela peça também.

— Sim — confirmou a assistente. — Planejei tudo adiantado, e não queria arriscar ficar sob suspeita pelo surto de anemia que se espalhou em Nova Iorque. Então solicitei férias. Voei para o Canadá, causei um probleminha, depois voei para Nova Iorque na frente de Vincent e arrumei um emprego na limpeza como um rapaz chamado Bob. Colocava um macacão e um boné, e ficava irreconhecível. Foi incrivelmente fácil — Ela sorriu. — Mas, respondendo à sua questão, roubei a lista para levá-los para o caminho no jardim. — O sorriso ampliou-se. — E vocês caíram como patinhos.

Jackie pensou sobre a noite em que os papéis tinham sumido, mas tinham que investigar os nomes da lista de qualquer jeito. Claro, havia motivo suficiente para fazer isso depois que a lista sumiu do escritório e da quase morte de Stephano.

— Foi bastante esforço para nos tirar da pista; remover a lista de todos os escritórios e depois atacar Stephano.

— Foi, mas valeu a pena — assegurou Lily, acrescentando:

— Embora eu nunca tenha planejado matá-lo. Até ali, tudo tinha sido muito fácil. Simplesmente entrei mais cedo, enquanto todos os mortais ainda estavam trabalhando, e fiz com que apagassem os arquivos dos computadores, enquanto eu pegava as cópias impressas. A Contabilidade foi o último departamento, já tinha passado em todos os outros. A secretária humana diurna ainda estava lá quando cheguei, mas estava ficando tarde. Meredith, a moça da noite, logo chegaria. Como tinha feito nas outras salas, fiz a garota apagar os arquivos do computador, então a dispensei e fui até o arquivo para recolher pessoalmente as cópias impressas. Estava saindo de lá com elas quando Stephano Notte entrou.

— E você o matou — concluiu Jackie.

— Não imediatamente — discordou Lily. — Ele estava com pressa. Parece que tinha algum encontro naquela noite, mas precisava de alguma informação dos arquivos de Phillip antes de sair. Perguntou o que eu fazia ali, claro, e eu respondi que precisava de um arquivo para Vincent, mas Meredith estava saindo quando cheguei, e me deixou à vontade para pegar o que precisava. — Franziu a testa. — Eu sabia que provavelmente teria que matá-lo, mas não podia fazer isso ali no escritório, à vista de quem passasse.

— Então você o atraiu para o escritório interno — falou Jackie.

Lily mostrou-se aborrecida.

— Não me apresse, eu estou falando.

Jackie mordeu o lábio e esperou que ela continuasse.

Irritada, Lily levou um tempo para recomeçar, os olhos fixos na janela enquanto a fazia esperar. Jackie aproveitou a chance para olhar o interior do carro. Precisava de uma arma, algo com que se defender quando chegassem onde estavam indo. Não tinha dúvidas de que a assistente pretendia terminar o que começara na outra noite, e embora fosse mais difícil matá-la agora, isso ainda era possível.

— Enfim, perguntei se havia algo em que eu pudesse ajudá-lo... ou se ele preferia esperar pela secretária da noite. — Ela fez uma cara feia. — Ele hesitou, mas foi vencido pela impaciência. Homens sempre são impacientes, humanos ou imortais. Então, me sentei na mesa da secretária e fingi procurar o arquivo que ele queria imprimir, mas estava na verdade me assegurando de que aquele que pedi para ser removido tinha mesmo sumido. Coloquei um pé contra a extensão sob a mesa e, com o outro, tirei o plugue da tomada. Stephano viu o computador desligar e perguntou o que tinha acontecido. Eu disse que tinha sido por isso que Meredith havia saído. Tinha ido procurar por Sharon porque estava tendo problemas com o computador e queria saber quem deveria chamar para resolver. Depois fingi ter tido uma idéia e disse que o

computador de Phillip devia estar funcionando e perguntei se ele queria tentar, ou preferia esperar por Meredith. Mais uma vez, a impaciência selou seu destino. Stephano se virou, entrando no escritório de Phillip na minha frente. Foi até a mesa, parou e olhou para mim, gesticulando para que eu fosse até lá fazer o serviço para ele.

Lily fungou.

— Deus sabe que o vice-presidente não se rebaixaria a fazer o serviço sujo de uma secretária. Então, ele polidamente parou e gesticulou para que me adiantasse, mas eu tinha pegado o abridor de cartas na escrivaninha de Meredith, e assim que ele se voltou para mim no escritório interno, enfiei o abridor no coração dele. — Ela sorriu. — Até tentei entrar em sua mente e apagar a memória antes — anunciou ela, subitamente, como se isso fizesse alguma diferença. — Quando estávamos entrando, entrei em seus pensamentos e tentei eliminá-los, mas como disse, ele tinha alguma habilidade em nos bloquear, e não tive certeza se havia conseguido. Não podia me arriscar que se lembrasse de ter me visto ali. Você poderia somar dois mais dois. — Ela deu de ombros. — Então ele tinha que morrer.

Jackie conseguiu se impedir de demonstrar qualquer emoção ao modo impassível como a Lily confessou, como se anunciasse que uma unha tinha se quebrado, então a arrancara. Entretanto, foi difícil. Em sua mente, estava vendo Stephano Notte pálido e aparentemente morto no piso do escritório.

Controlar sua expressão não adiantou muito, entretanto, já que Lily podia ler seu pensamento. O rosto dela estava subitamente crispado de raiva:

— Ele está vivo!

Jackie se encolheu ao ouvi-la cuspir as palavras. Todo seu esforço para manter Stephano a salvo tinham sido jogados pela janela.

— Eu devia ter cortado a cabeça dele — rugiu ela. — Se fosse um imortal, eu teria feito isso, mas ele era humano, achei que... — Ela parou de repente, franzindo a testa. — Se está vivo, por que você não veio atrás de mim assim que ele contou quem o atacou?

Jackie tentou não pensar em nada, mas soube que tinha falhado quando Lily estourou em um riso.

— Ah, essa é, boa! Ele não se lembrava... No fim, deu certo! — Ela riu, suavemente, depois disse: — Talvez eu deva deixá-lo viver, afinal.

Jackie sentiu sua boca se cerrar. Olhou para a mulher que tinha falado tão displicentemente sobre tirar a vida de um bom homem como se não fosse nada. E imaginou que, para ela, não fosse mesmo. Nenhum deles significava nada para ela, exceto um meio para aborrecer Vincent. Mas por quê? Antes que pudesse fazer essa pergunta, o carro começou a diminuir a velocidade, e ela olhou ao redor ansiosamente para ver onde estavam.

Não estavam mais na rodovia. Pelo visto, tinham saído enquanto estava distraída

ouvindo Lily. Pareciam ter saído da cidade, e estavam agora em uma estrada com tráfego escasso. Havia uma casa ocasional, mas na maioria eram apenas árvores e um vislumbre do oceano pelos retalhos de vegetação. Era uma estrada costeira, notou, e imaginou o que estavam fazendo ali.

Jackie duvidava de que fizesse alguma diferença não estarem nas colinas. Lily aparentemente tinha decidido alterar seu padrão e matá-la ali na praia.

Adequado, pensou, já que o primeiro ataque também tinha sido na praia.

Lily estava em silêncio. Jackie deu uma olhadela, vendo que estava concentrada no acostamento, parecendo estar procurando por algo. Quando ela se endireitou e seus olhos foram para a nuca do motorista, Jackie se virou para olhar para a estrada, o coração acelerando ao ver que se aproximavam de uma estradinha de terra. Voltou a olhar para o motorista, agora que realmente podia vê-lo, e focalizou seu rosto inexpressivo. Era jovem, talvez dezoito anos, com cabelo castanho curto e um rosto longo.

— Ele a leva para todos os seus assassinatos? — A pergunta seca tinha escapado da boca de Jackie antes que percebesse.

Lily olhou-a, duramente, depois abriu um sorriso lento.

— Não. Para o outro, controlei um motorista de táxi. Nunca tinha visto este jovem antes desta noite, quando ele estacionou para tocar a campainha. Entrei no carro enquanto ele esperava abrirem o portão.

— Como sabia que seria eu a abrir a porta, e não Marguerite ou Vincent?

— Porque foi sua voz que respondeu no interfone quando ele tocou a campainha. Além disso, sabia que seria ou você ou Tiny que atenderia. Nem Marguerite nem Vincent encomendariam uma pizza.

Jackie supôs que isso queria dizer que ela ainda não tinha descoberto que Vincent estava se alimentando dos entregadores, em um esforço para não marcar ninguém para a morte. Pelo menos uma coisa ela tinha feito certo, pensou, depois viu que não devia pensar nisso. Lily podia ler seu pensamento, e partir para os entregadores em seguida. Felizmente, ela parecia estar distraída controlando o motorista.

Para tirar essas idéias da cabeça, Jackie indagou:

— E se Tiny tivesse atendido?

— Então seria ele a estar sentado aqui, e eu teria guardado você para outro momento — disse ela, calmamente.

Jackie sentiu o estômago se embrulhar ao ouvir isso. Tiny também era um alvo, e se fosse morta esta noite, os dias dele estavam contados. Se fosse esse o caso, havia pouca esperança para ele, especialmente porque Lily não estava na lista de funcionários da peça de Nova Iorque, e eles estariam concentrando seus esforços

neste rumo.

A menos que Tiny a tivesse visto entrando no carro com ela, lembrou-se. Se ele a vira... Franziu a testa, preocupada. E era possível que não tivesse visto.

— O que você estava fazendo na casa, na noite em que a peguei no escritório? — perguntou, subitamente.

Lily olhou para ela, divertida.

— Você não me pegou no escritório. Você me seguiu para fora e caiu em cima de mim, pulando da cerca.

Como Jackie não esboçou nenhuma reação ao comentário, Lily prosseguiu:

— Segui você aquela noite, mas a perdi depois do seu momento íntimo no depósito com Vincent. — Ela inclinou a cabeça e perguntou: — Ele é um bom amante? Presumo que os dois se esconderam ali para aprontar um pouquinho...

Jackie começou a recitar "lá vem o pato" na cabeça. Não ia revelar nada tão pessoal... nem colocar ninguém em perigo.

A boca de Lily se comprimiu em uma linha, desgostosa, quando Jackie aparentemente conseguiu bloqueá-la.

— Depois de perder vocês, fui para a casa esperar sua volta. Quando encostaram o carro, tentei segui-los a pé. Tinha pegado o controle-remoto de Sharon na bolsa dela aquela noite, e planejava abrir o portão e entrar, mas o controle não funcionou.

— Mudamos o sensor e o código — disse Jackie, satisfeita. — Mas por que quebrou o painel? Isso não abriu o portão.

— Eu estava irritada — respondeu Lily, nervosa. Franziu a testa e continuou: — Se não tivesse me seguido, eu nunca a teria atacado naquela noite. Estava apenas tentando entrar e deixar uma mensagem, para que Vincent soubesse que não estava tão protegido quanto imaginava. Mas você foi até o escritório antes que eu pudesse fazer qualquer coisa. Tentei sair quando a ouvi chegar, mas você estava descalça, e quando vi, já não tinha como sair rápido o bastante.

Jackie suspeitava de que ela estivesse falando a verdade. Não havia motivo para mentir àquela altura do campeonato.

Seus pensamentos fugiram quando o motorista entrou na estrada de terra que ela havia notado momentos atrás. O carro chacoalhou e pulou na terra comprimida, movendo-se por um caminho entre árvores, e Jackie sentiu seu coração palpitar. Parecia que tinham chegado.

Capítulo VII

— Pode parar de fingir. Sei que já enxerga o caminho — disse Lilly, quando Jackie tropeçou pela segunda vez, caindo de joelhos na trilha esburacada.

Jackie cerrou os dentes e se forçou a levantar. Estivera fingindo a cegueira noturna desde que saíram do carro, em um esforço para tornar seu progresso mais lento e se dar uma chance de inventar alguma coisa para escapar. Infelizmente, Lily estava dentro de sua cabeça e sabia exatamente o que estava pensando. Era incrivelmente frustrante. Mesmo que tivesse alguma idéia, a outra saberia no momento em que surgisse.

Jackie olhou para trás, na direção de onde tinham vindo, quando começou a andar novamente. Tinha deixado o carro de entrega, e o motorista, no limite da floresta, fora das vistas da estrada. Lily tinha feito com que o jovem desmaiasse, e ele estava largado no banco quando saíram. Jackie não tinha dúvidas de que a assistente desfaria o que havia feito a ele quando voltasse ao carro. Só esperava que o liberasse em seguida. Ele era só uma criança, jovem demais para morrer.

— Não falta muito — Lily anunciou, e Jackie notou o som do oceano. Ficava mais nítido a cada passo.

— Por que a praia? — questionou, para se distrair do que a aguardava.

— Sua morte será simbólica — afirmou Lily.

— Como assim? Por que está fazendo tudo isso? O que Vincent fez para você? — disparou, frustrada.

— Nada.

A resposta fez Jackie parar e voltar-se para encarar a mulher.

— O quê?

Lily riu da expressão em seu rosto.

— Vire-se e ande, ou eu vou tomar o controle de novo.

Jackie hesitou, mas acabou fazendo conforme a outra havia ordenado. Não lhe ocorreu que Lily devia ter relaxado um pouco o controle para que ela tivesse conseguido tropeçar e cair algumas vezes. O fato de que parecia estar controlando seu corpo novamente a fez imaginar o que Lily faria se ela de repente partisse para a floresta.

— Tomaria controle total e isso seria o fim de tantas perguntas — respondeu Lily, como se Jackie tivesse feito a questão em voz alta, lembrando-a de que estava dentro da sua cabeça. — Tenho certeza de que gostaria de saber por que tudo isso

está acontecendo, não é? Quer saber por que vai morrer?

— Sim — resmungou Jackie, desgostosa.

O chão sob seus pés começou a se mover a cada passo, o que queria dizer que tinham alcançado a areia. Logo estariam fora da floresta. Nem um pouco ansiosa para pensar o que aconteceria em seguida, incentivou Lily a continuar:

— Então, o que vai fazer comigo e por quê?

— Vou prendê-la na areia e deixá-la ali o dia inteiro. Depois vou voltar e decapitá-la ao pôr do sol.

Jackie olhou para o céu ao ouvir isso. As árvores tinham ficado mais esparsas quando se aproximaram da praia, e agora já podia enxergar o céu através dos galhos. Não era mais noite fechada, e o amanhecer não estava longe. Ela diria que era quatro ou cinco da manhã. A luz do sol estaria se espalhando em menos de uma hora.

Preso na areia pelo dia inteiro, depois decapitado, pensou, infeliz. Era como o conselho punia imortais que quebravam suas leis mais sérias. Pelo que ouvira, era um jeito bem desagradável de partir. Seu corpo se desidrataria, os nanos começariam a comer seus órgãos em seu desespero por sangue... sofreria horrivelmente antes de o sol se pôr.

— Por quê? — perguntou, parando abruptamente quando alcançaram o fim das árvores, e a praia se estendia à frente delas.

— Por meu William. — Lily retomou o controle e de repente Jackie viu-se andando para longe das árvores antes que seu corpo parasse e ela se voltasse para encarar a louca.

— William? — indagou, ainda capaz de falar.

Lily olhou para o mar, sua voz soando distante ao dizer:

— Eles o mataram. Prenderam-no ao sol e depois o decapitaram ao anoitecer.

— Quem?

— Lucian Argeneau, Michael Moreau, e o pai de Vincent, Victor.

— Tudo bem — falou Jackie, devagar. — Então, o pai de Vincent e dois outros homens mataram seu William. Por que está perseguindo Vincent por isso? Ele não teve nada a ver com o ato.

— Eu sei. — Suspirou Lily, infeliz. — Quando decidi me vingar por William, fui atrás de Michael Moreau primeiro. Eu o persegui, o peguei, depois o prendi ao sol e o deixei lá o dia inteiro, apreciando seus gritos perto dali. Ao anoitecer eu o decapitei. — Ela franziu a testa, — Mas não senti nenhuma satisfação. Esperava ganhar alguma paz com o ato, mas não foi assim. Então percebi que ele não sofreu de verdade como eu tinha sofrido. Claro, passou pela mesma dor que meu William passou, mas foi só por um dia. Eu sofri por cem anos pelo que aconteceu. Foi assim que percebi que, para me satisfazer de verdade, teria que fazê-los sofrer como eu havia sofrido. Não podia

simplesmente matá-los, tinha que atormentá-los com a tortura e o assassinato de alguém que amavam.

— Por isso acha que Vincent tem que sofrer, eventualmente até morrer, para que seu pai, Victor, sofra pelo que fez com seu William — resumiu Jackie, tentando seguir o raciocínio de Lily. Depois balançou a cabeça. — Se é Victor quem você está tentando fazer sofrer, por que está atormentando o filho? Por que simplesmente não prende Vincent ao sol e corta sua cabeça?

— Porque o pai dele não está aqui — respondeu Lily, irritada. — Pensei que se começasse a sabotar o trabalho de Vincent, ele chamaria o pai. *Ele* está no conselho e devia ser chamado para resolver esse tipo de coisa, especialmente quando eu comecei a ferir humanos. Em vez disso, o idiota chamou você. E arruinou tudo.

Jackie ergueu as sobrancelhas ao ver tanta frustração.

— Pelo que entendi, Victor está recluso desde que sua parceira eterna foi queimada na fogueira na Inglaterra. Vincent raramente o vê. Não acho que o chamaria, se é o que você está esperando que aconteça.

A boca de Lily era uma linha de fúria quando respondeu:

— Cheguei a essa conclusão sozinha. Então, em vez de morrer, ele vai passar pelo mesmo sofrimento que eu passei, no lugar de seu pai. Você vai morrer como meu William, e ele vai agonizar pensando nisso por séculos.

Jackie pensou naquilo e imaginou se isso significava que ela deixaria Vincent em paz e seguiria em frente depois disso. Estariam ele e Tiny a salvo depois que ela morresse?

— Tiny é um mortal, apenas um amigo de Vincent. Eu não me incomodaria com ele — disse Lily, obviamente lendo seus pensamentos. — Mas estou pensando em partir para Marguerite em seguida. Dizem que Lucian Argeneau é bastante ligado à sua cunhada. Assim, sua morte marcaria ambos, ele e Vincent. Claro, eu preferiria um parceiro eterno ou um filho no caso de Lucian, mas ele não tem nenhum dos dois. Vou ter que me contentar com Marguerite por enquanto, e, se um dia ele arranjar uma parceira ou um filho, eu voltarei. Enquanto isso, tenho você.

— Certo. — Suspirou Jackie.

— Obviamente, se você fosse mortal, prendê-la seria uma perda de tempo, mas agora que Vincent a transformou, fica perfeito.

— Ele não me transformou — comunicou Jackie.

— O quê? — perguntou ela, divertida. — Vai querer me convencer agora de que não é uma imortal? Vi seus olhos, e, ao contrário de mim, você não usa lentes. Além disso, posso ler sua mente, Jackie. Você é imortal.

— Sou, mas não foi Vincent quem me transformou. Foi você — afirmou, solene.

— Você não acha que eu vou acreditar neste absurdo! — disse Lily, mas seu

rosto estava inseguro enquanto se concentrava no de Jackie. Pareceu se perturbar por algo que enxergou ali.

— Eu saberia se a tivesse transformado.

— Sim, bem, talvez eu deva dizer que eu me transformei sozinha, então — falou Jackie, calmamente. — Quando mordi você, engoli um pouco de sangue, o bastante para começar a transformação. Por isso não sangrei até a morte antes que eles me levassem de volta para casa.

Lily olhou para seu próprio pulso, e Jackie viu que ele já estava perfeito. Não havia nenhuma cicatriz da outra noite.

— Doeu muito na hora — murmurou Lily, depois riu. — Isso é perfeito. Você se transformou. Tenho que tomar cuidado no futuro. — Balançando a cabeça, continuou: — Não importa quem a transformou. Ele a declarou sua verdadeira parceira eterna.

— Só para irritar Cassius — Jackie asseverou. — Nós tivemos um caso no passado. Vincent e os outros sabiam. Por isso foram todos tão frios com ele quando veio até nós na cerimônia esta noite. E também foi por isso que Vincent me declarou sua parceira eterna. Queria assustar Cassius.

Os olhos de Lily se estreitaram, e Jackie deixou transparecer seus sentimentos por Vincent, junto com seus medos de que ele realmente não pensasse nela como uma parceira eterna. Era o melhor que podia fazer com ela lendo seus pensamentos, mas Lily balançou a cabeça.

— Boa tentativa, mas eu o vi com você. Ele a devora com os olhos desde que chegou. E sorrindo o tempo todo, alegre...

— De acordo com os arquivos da agência, Vincent é bem humorado e está sempre sorrindo — interrompeu Jackie, surpresa. — Dificilmente isso seria uma prova de que ele pense que eu sou sua parceira eterna.

Lily fungou.

— Só perto da família. Ao redor deles, ele é o senhor sorriso, mas no restante do tempo... — Ela deu de ombros. — Não acho que ele seja um vampiro muito feliz. De fato, antes que você aparecesse, pensei que estava se encaminhando para aquele estado autodestrutivo de alguns vampiros. Mas aí você chegou, e ele começou a sorrir. Era como se tivesse encontrado uma razão para viver. Na verdade, eu devia agradecer você. Antes de você aparecer, atacar os negócios dele, depois as pessoas ao redor, o deixava extremamente aborrecido, mas não tanto como eu pretendia. Com sua chegada ele reviveu, e tudo passou a importar, especialmente você.

Jackie permaneceu quieta, porém torcia para que o que Lily dizia fosse verdade. Esperava que tivesse feito Vincent feliz, sorridente e encontrando prazer na vida. Ele certamente tinha lhe mostrado como aproveitar a vida, algo que ela parecia ter perdido aos dezenove anos. O tempo desde então tinha sido sem graça, até chegar à Califórnia e conhecer Vincent. Mas ainda havia tanto que queria fazer com ele...

Queria ter lhe dito que o amava na noite anterior, quando teve a chance. Queria poder fazer amor com ele mais uma vez, dar um mergulho à noite com ele, rir, afagar, e o beijar.

Supôs que devia ser grata por tê-lo conhecido, e conhecido a felicidade que podiam ter tido juntos. Mas não era o bastante, queria mais, e Lily que mais parecia uma criança planejava se assegurar de que não acontecesse. Jackie franziu a testa.

— Por que você parece tão jovem?

— O quê? — Lily estranhou a pergunta.

— Nanos deixam a pessoa em sua melhor forma física, melhor velocidade, força... — ela enumerou. — Mas você parece uma criança, e é incrivelmente magra. Toda essa magreza não pode ser sua melhor forma física.

Uma fúria súbita cobriu o rosto de Lily quando ela respondeu:

— Não tive ninguém para cuidar de mim depois que mataram meu William. Ninguém para me ensinar. Não sabia o que eu podia ou não fazer. Pensei que ser uma vampira significava que eu não podia mais comer, então abandonei a comida. Mas sem ninguém para me trazer doadores vivos, quase morri de fome. Sofri com as câimbras da desidratação cada minuto de cada dia pelos primeiros vinte anos. Nunca tomava sangue suficiente naquela época. Não sabia caçar. Vivia nas ruas, mordendo ratos e, às vezes, crianças, quando tinha a chance, deslizando de escuridão para escuridão, e me escondendo do sol durante o dia. Não tinha idéia do que era permitido ou não fazer.

Os olhos de Jackie se arregalaram. Era óbvio que Lily tinha sido transformada antes dos bancos de sangue, mas isso não explicava por que William não lhe dissera que podia comer. Será que ele havia morrido logo em seguida à transformação? Nada do que ela dizia fazia sentido.

— Lily tinha só doze anos quando foi transformada.

Ela e Jackie se voltaram rapidamente ao ouvir aquilo, vendo Marguerite no final do caminho da floresta. Estava sozinha, uma expressão de piedade no rosto, enquanto olhava para a moça.

Rosnando, Lily imediatamente agarrou sua refém, segurando-a à sua frente e encarando Marguerite.

— O que está dizendo? — indagou Jackie. — Pensei que vocês não podiam transformar alguém tão jovem.

— William era um pedófilo — informou Marguerite, baixinho. — Não se importava com nenhuma lei. Gostava de mulheres bem jovens. Crianças, na verdade. Transformava-as a partir dos dez anos, as mantinha como seus brinquedinhos, servindo-lhes apenas sangue, e muito pouco, para certificar-se de que não se desenvolvessem corretamente. Sempre se pode identificar quem não foi alimentado adequadamente, porque isso confunde os nanos e a pessoa fica com aparência jovem, como Lily.

Jackie olhou de volta para a garota, aterrorizada de que alguém tivesse feito isso a ela. Parecia uma adolescente... e sempre iria se parecer.

— Ele as mantinha até se cansar, depois as matava e transformava outra — acrescentou Marguerite, enojada.

— Por que ninguém o impediu? — perguntou Jackie, chocada.

— Ninguém podia provar o que ele estava fazendo — respondeu Marguerite, encolhendo os ombros. — Como eu disse, ele as mantinha como brinquedinhos. Até Lily, nenhuma delas viu a luz do dia depois de transformada. Eram mantidas na propriedade dele, na Inglaterra. Dormiam em uma cripta com ele durante o dia, e ficavam lá escondidas durante a noite. Então ele cometeu um erro, e transformou Lily. Ela era a neta da sua governanta. A mulher trabalhou para ele por cinquenta anos e o vira fazer isso a duas crianças. Quando ele transformou Lily, ela ficou furiosa o bastante para se aproximar de alguém no conselho europeu. Eles foram fazer uma busca, mas William foi avisado da visita, matou a família dela e fugiram em um barco para a América.

— Está mentindo! — grunhiu Lily, e Jackie podia sentir o tremor de raiva na mão dela. — Ele não matou minha família, E eu fui a primeira que ele transformou tão jovem. Só fez isso porque me amava demais.

Marguerite a encarou com dó.

— Ele matou sua avó, sua mãe, e suas duas irmãs mais novas. Eliminou sua família inteira antes de levá-la para o navio, Lily. Não me espanta que não tenha lhe contado.

— Como você sabe? — disparou a assistente.

— Lucian — informou Marguerite, sossegada. — Eu ouvi uma conversa dele com meu marido, Jean Claude, na época.

— Então estavam todos mentindo! — disse a outra, furiosa. — Todos mentiram! Ele não teria feito isso, e eu fui a única que ele transformou tão jovem. Ele me amava!

— Você não foi a primeira, nem de longe — uma voz profunda comentou.

Jackie se encolheu ao sentir os dedos da captora afundarem em seu braço, quando a outra as virou para encarar Marguerite e a segunda pessoa.

Christian estava a três metros à esquerda de Marguerite, constatou, surpresa. Ele e os outros rapazes ainda estavam na cerimônia quando Lily a havia levado. Ou era o que ela imaginava, embora já estivesse tarde o bastante para que estivessem de volta e nos quartos. Onde estariam os demais?

— Eu fui um dos membros do conselho enviados para avaliar a questão — afirmou Christian, chamando a atenção de Jackie de volta para a conversa.

— Eu também — anunciou Marcus, surgindo subitamente a três metros à esquerda dele. Ficou em silêncio enquanto Lily recuava, desajeitada, arrastando Jackie consigo em um esforço para conseguir vigiar os três de uma vez. O trio formava um crescente à frente delas. A seqüestradora estava ficando ansiosa e entrando em

pânico.

— Nós dois estávamos lá quando os corpos foram descobertos na cripta — explicou Marcus. — Havia um caixão grande e vazio, que suspeitamos que William dividia com você durante o dia, e outros quatro menores, cada um com três ou quatro corpos. No total, havia dez garotas decapitadas entre dez e doze anos, julgando pelo tamanho. Se sua avó não o tivesse denunciado, o seu seria o décimo primeiro, quando ele se cansasse de você.

— Mentiroso! — gritou Lily.

— Em vez disso, ele matou sua família e fugiu para a América com você — Christian retornou a explanação. — E isso estava fora de nossa jurisdição. Não o seguimos, mas enviamos informações para a América por outro navio, avisando o conselho daqui sobre o que ele havia feito, e eles começaram a caçá-lo.

— E o fato de termos o caçado e matado provavelmente salvou sua vida — falou Dante, de repente, expondo sua presença.

— Mentira, tudo mentira! — berrou Lily, virando-se outra vez para incluí-lo sob sua vista.

— A história do que William fez é bastante conhecida na Europa.

Jackie não ficou nem um pouco surpresa quando Tommaso falou. Nunca vira um gêmeo longe do outro. Estavam agora formando um círculo quase completo em volta delas. Era impossível para a moça observá-los todos ao mesmo tempo.

— Vocês dois conseguiram se esconder aqui por quase um ano antes de serem encontrados. Não é verdade? — perguntou Tommaso.

Lily não negou nem confirmou. Jackie tomou isso como um sim.

— E mesmo assim, durante esse tempo ele não se incomodou em ensiná-la a se alimentar — notou Tommaso. — Manteve-a dependente dele, afastou-a da comida, quando isso teria lhe permitido se desenvolver normalmente, e não lhe ensinou nenhuma das habilidades de que precisaria para sobreviver.

— Ele me amava! Ele cuidava de mim! — protestou ela.

— Ele a manteve completamente dependente — falou Vincent calmamente de trás delas, e Lily voltou-se rapidamente, arrastando Jackie. Ele cruzou seu olhar como de Jackie, tranquilizando-a, depois voltou a encarar Lily, dizendo: — E se certificou que continuasse assim. Olhe para você. Já viu outro imortal parecido, nos cem anos desde que foi transformada?

— Cala a boca! — disparou ela. — Não sabe nada sobre mim.

— Ah, sei sim — contrapôs Vincent. — Conheço você desde o dia em que a contratei. Só imaginei que não queria falar sobre isso, e que era assunto seu.

Quando Jackie o olhou, questionando por que não tinha mencionado isso quando perguntara quem podia ter raiva dele.

— Nunca imaginei que você estivesse com raiva de mim e de qualquer um relacionado com os homens que a salvaram dele.

— Me salvaram! — rosnou Lily, furiosa. — Eles mataram meu senhor, e me deixaram para me virar sozinha!

— Ouvi falar que você fugiu — comentou Vincent, e ela fungou.

— Claro que fugi! Eles mataram meu amante brutalmente... Não tinha idéia do que fariam comigo.

— Teriam lhe ensinado como se virar sozinha — disse Marguerite, suavemente, e Jackie voltou-se para ver que ela tinha se aproximado.

— Claro que teriam — ironizou Lily. — Logo depois de me prenderem ao sol o dia inteiro e me deixarem torrar também. William me disse que era o que eles fariam.

Vincent deu um passo à frente, e dessa vez a moça pareceu notar. Subitamente, desembainhou uma espada de baixo do grosso suéter que vestia e colocou-a no pescoço de Jackie.

Todos ficaram imóveis.

— Solte-a — disse Vincent, de modo calmo. — Jackie não fez nada a você.

— Não — concordou Lily. — Mas você a ama, e ficará magoado se eu a matar.

— Mate a mim, então — sugeriu ele.

— Não quero matá-lo — ela vociferou. — Quero que sofra como eu sofri, por séculos, com sua verdadeira parceira eterna morta e você sozinho para seguir, do melhor jeito que conseguir.

Jackie rolou os olhos à repetição do mesmo refrão e disparou:

— Você está começando a ficar chata.

Lily deu um pulo, chocada, a lâmina fez uma linha fina ao longo do pescoço de Jackie.

— Como é? — perguntou, incrédula.

— Você me ouviu. Está ficando chata — repetiu ela, já sem se importar com a espada em seu pescoço. — Todo esse absurdo, por nada!

— Nada? — ecoou a assistente. — Eles mataram meu William! Eu fiquei sem ninguém! Ninguém para me alimentar, ninguém para...

— Lily, há cem anos não havia bancos de sangue. Ninguém alimentava ninguém — afirmou Jackie, ácida. — Todos tinham que caçar.

— William costumava me alimentar. Ele me levava homens, e controlava a mente deles enquanto me alimentava, ele...

— Então é com ele que você devia estar furiosa — disparou Jackie, impaciente — Ele teve um ano para ensinar você a sobreviver antes que o conselho os pegasse. Um

ano! Vincent e os outros me ensinaram a tomar conta de mim em dias. Seu William deliberadamente a deixou dependente e indefesa. Ele queria uma criança dependente e indefesa que pudesse controlar e abusar, porque era um pedófilo doente e perverso...

— Cala a boca! William me amava!

Lily estava enlouquecida agora, e Jackie percebeu que tinha ido longe demais. Por outro lado, já que estava ali, não havia sentido em voltar atrás. Bufou com franco desprezo à afirmação da agressora, depois disse:

— Cresça! William não a amava. Se amasse, teria lhe ensinado o que precisava saber, como Vincent me ensinou. Teria querido se certificar que seria capaz de se cuidar... Vincent não tenta me controlar ou me fazer dependente dele. Isso é amor — repetiu, e no momento em que proferiu as palavras, sabia que era verdade. Vincent a amava. E ela o amava. E diabos, não ia morrer naquela noite! Estava cheia de ser a vítima.

Lily ainda estava em sua mente, e percebeu sua intenção, mas já era tarde. Seguindo seu instinto, Jackie segurou a lâmina com a mão, ignorando o modo como ela entrou na pele enquanto a afastava do pescoço. Seus dedos se curariam, tudo podia ser curado, menos decapitação. Ciente disso, segurou a lâmina com firmeza e deu uma cotovelada no peito da outra.

Lily caiu para trás, tropeçando, mas ainda segurando a espada. Jackie se encolheu quando a lâmina cortou mais fundo, antes de largar e pular para longe.

No momento em que ficou livre, Vincent juntou-se a ela, arrastando-a a uma distância segura, enquanto Christian e os outros convergiam para Lily. Em segundos, ela estava desarmada e firmemente segura entre Dante e Tommaso. Lily gritava e esperneava furiosamente, mas era inútil.

— O que vão fazer com ela? — perguntou Jackie, observando os gêmeos conduzi-la pela trilha que levava pelas árvores até a rua.

— Será levada perante o conselho. Eles decidirão seu destino — respondeu Christian.

Jackie franziu a testa, sabendo que isso não era auspicioso para Lily. Entretanto, a garota era como um cão raivoso. Matara inocentes, e teria matado muitos mais. O tempo que passara com William obviamente tinha desvirtuado sua mente. Além disso, lembrou-se, embora ela parecesse muito jovem, já tinha mais de cem anos, e tinha dito pessoalmente que tinha se alimentado de crianças quando tivera a chance.

— Dê-me sua mão,

Jackie olhou para o lado surpresa quando Tiny apareceu com uma caixa de primeiros socorros.

— Eles me fizeram esperar na floresta — contou, desgostoso, enquanto

começava a cuidar da mão dela. — Disseram que estaria a salvo lá.

Jackie sorriu e deu-lhe tapinhas reconfortantes no braço. Em seguida olhou para Vincent. Ele observava o trabalho de Tiny, preocupado.

— Eu te amo — disse ela. Vincent piscou, depois murmurou:

— Também te amo.

— Pronto, isso deve ser suficiente — anunciou Tiny, terminando o curativo. Levantou a cabeça e a olhou, sério: — Estou feliz que vocês estejam bem.

— Assim como eu — falou Marguerite, juntando-se a eles. Sorriu e acrescentou: — Bem-vinda à família, querida.

— Obrigada — Jackie murmurou, timidamente. — Bem... — Marguerite levantou uma sobrancelha para Vincent. — Acho que agora já pode reabrir suas peças. Ele deu de ombros.

— Stephano e Neil podem resolver isso, eu não ligo. Não estou mais interessado em teatro. Quatrocentos anos é tempo demais para uma carreira. Acho que é hora de mudar de ramo.

Jackie o encarou.

— E o que você vai fazer?

— Na verdade, fiquei bastante interessado no que você faz. Ser um detetive parece interessante.

Jackie o encarou, surpresa, mas antes que pudesse comentar, Marguerite concordou com ele.

— Eu também! Achei bastante desafiador, como um quebra-cabeça. Com Jean Claude morto e as crianças todas casadas e começando suas famílias, estive tentando me decidir por uma carreira, e agora acho que já sei qual vai ser. — Sorriu para Jackie. — Eu poderia ajudar Tiny.

— Ajudar Tiny? — Piscou Jackie, espantada. — Por que ele precisaria de ajuda?

— Bom, você tem muita coisa a aprender nos próximos tempos, querida, técnicas de sobrevivência como controle de mentes e coisas assim. Quanto mais rápido aprender, melhor. Devia se concentrar nisso — apontou Marguerite, gentil. — Além disso, se vocês dois vão se casar, vão querer uma lua de mel. O que vai deixar Tiny sem um parceiro. Eu ficaria feliz em ser parceira dele, e ajudá-lo a administrar a companhia. Isso me daria um propósito.

— Você aceita trabalhos na Europa? — perguntou Christian, subitamente, enquanto Jackie ainda estava de boca aberta olhando para Marguerite.

Ela o encarou, confusa.

— Europa?

— Sim. Se aceitar, tenho um caso para você.

— Que tipo de caso? — perguntou Marguerite, curiosa.

Christian hesitou e acabou dizendo:

— Descobrir quem é minha mãe.

— Sua mãe? — ecoou Jackie. Ele tinha mais de quinhentos anos de idade.

Christian assentiu.

— Ah, eu posso fazer isso! — Marguerite pareceu empolgada ao olhar para Tiny. E acrescentou: — Nós podemos, não é, Tiny?

Ela não esperou por uma resposta dele; em vez disso, encaixou seu braço no de Christian e começou a levá-lo para a trilha através da floresta.

— Tem que me contar tudo o que sabe — ela instruiu. Olhou para trás e chamou: — Venha, Tiny, você tem mais experiência nisso do que eu. Sabe melhor o tipo de pergunta que devemos fazer.

Tiny hesitou um pouquinho, olhando para Jackie. Quando ela apenas deu de ombros, indefesa, ele suspirou e se apressou atrás dos dois.

Jackie os observou sair e balançou a cabeça.

— Como alguém pode resolver esse mistério? Não é como se houvesse um arquivo decente há quinhentos anos. Certamente, o pai dele poderia lhe dizer quem foi ela, não?

— Julius tem se recusado a falar sobre isso por cinco séculos — anunciou Marcus. — Marguerite é a melhor pessoa para o trabalho.

— Por quê? — perguntou ela, curiosa.

Marcus simplesmente sorriu, depois foi para a trilha também. Jackie olhou para Vincent, questionadora, mas ele não pareceu entender mais do que ela o que estava havendo.

— Amo você — sussurrou.

Jackie sorriu enquanto se entregava ao abraço.

— Eu também te amo.

— Então, minha verdadeira parceira eterna — Vincent deslizou os braços ao redor dela.

— Tem certeza sobre isso? — Jackie o fitou, insegura. Sabia como se sentia, mas tinha medo de estar cometendo um engano.

— Você não tem? — perguntou ele, baixinho.

— Tenho — respondeu. — Te amo mais do que achei ser possível amar alguém. Mas... — hesitou, depois falou, tropeçando nas palavras —, eu conheço a história de Marguerite e como pode ser horrível se você escolher o parceiro eterno errado, e eu nunca iria querer que fosse infeliz por minha causa.

Vincent sorriu e roçou o dedo de leve sobre sua testa, afastando dali a preocupação que a franzia.

— Jackie, estou vivo há mais de quatrocentos anos. Conheci milhões de mulheres e dormi com centenas delas. Tive bastante tempo para descobrir que tipo de mulher pode me fazer feliz, e com quem eu gostaria de passar a eternidade. — Encaixou o rosto dela em suas mãos e encarou-a solenemente, enquanto completava: — E essa mulher é você.

Jackie sentiu seus olhos se encherem de lágrimas, enquanto seu coração dava um salto no peito. Agora entendia a frase *amar tanto alguém que até doía*. Aproximando-se, pressionou seus lábios nos dele e o beijou com todo o amor que sentia.